



ESTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO  
NAS OFICINAS DA EMPRESA GRÁFICA DA  
"REVISTA DOS TRIBUNAIS" LTDA., A RUA  
CONDE DE SARZEDAS, 38, SÃO PAULO,

PARA A  
COMPANHIA EDITORA NACIONAL  
EM 1959.



FOLCLORE GOLANO

981  
13223  
4.306

BRASILIANA

*Volume 306*

---



GOVERNADOR PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA

JOSÉ A. TEIXEIRA

# FOLCLORE GOIANO

Cancioneiro - Lendas  
Superstições

*2.<sup>a</sup> edição,  
revista e ampliada*

981  
B823  
v. 306

COMPANHIA EDITORA NACIONAL  
SÃO PAULO

Direitos desta edição reservados à  
COMPANHIA EDITORA NACIONAL  
Rua dos Gusmões, 639 — São Paulo

n.º Mist. 333826  
cod barras: 333826-30

Exemplar n.º 222

BIBLIOTECA CENTRAL	UNIVERSIDADE DO BRASIL
	SEÇÃO REGISTRO
	ANO 1959 N 189

Impresso nos Estados Unidos do Brasil  
*Printed in the United States of Brazil*

A MINHA ESPÔSA

E FILHOS,

a MÁRIO DE ANDRADE.

## INDICE

PREFÁCIO .....	XI
Prefácio à 2. <sup>a</sup> edição .....	XIX
CAPÍTULO I — A poesia popular goiana e suas fontes	1
CAPÍTULO II — Os cantadores .....	3
CAPÍTULO III — Métrica cabocla .....	18

### I PARTE

#### CANCIONEIRO

##### *Poesia Religiosa*

CICLO DO NATAL .....	31
CICLO DO DIVINO .....	50
CICLO DO ROSÁRIO .....	62

#### POESIA SOCIAL

Ciclos revolucionários .....	79
Ciclo eleitoral .....	109
Temas econômicos .....	114
Ciclo heróico .....	140
Temas antropomórficos .....	176
Temas moralistas .....	198
Desobediência, irreligiosidade, namoros escanda- losos .....	205
Temas filosóficos .....	212
Romances e xácaras .....	217



Humorismo, inteligência, sensibilidade .....	240
Feira dos namorados .....	263
Quadras infantis .....	281

## II PARTE

### LENDAS E CONTOŞ

Ciclo do Romãozinho .....	289
Pé-de-garrafa .....	300
Mitos das águas .....	308

## III PARTE

### SUPERSTIÇÕES E MAGIA

I — Temas mágicos rituais .....	322
II — Temas mágicos cristãos .....	327
III — Temas puramente mágicos .....	333
Índice bibliográfico .....	341

## PREFACIO

Quando em viagem de estudos de Folclore pelo Estado de Goiás, há uns 2 anos, um apresentado, de certa cidade perguntou-me: — “Doutô”, que é isto de Folclore? A pergunta era justa. Folclore nome esquisito ainda para muita gente. Comecei a lhe explicar, e mal enunciara — estudo de histórias, superstições, — ah! essas besteiras do povo, seu doutô”, me atalhou meio desapontado.

Como êste, haverá muitos outros brasileiros, que ao deparar com o título desta obrinha nas vitrinas, repetirão com seus botões: Bobagens de tabaréus. Que Brasil atrasado, ainda se publicam coisas assim! Outros, mais benévolos talvez, pensarão: Coisas engraçadas para passar o tempo.

No entanto estas coletâneas engraçadas escondem, debaixo de suas brejeirices, um sentido profundo, que escapa ao comum da gente. E não foi à-toa, que os estudos das histórias, credices e outras bobagens do povo, começados com os contos de Perrault e continuados com os irmãos Grimm, se multiplicaram rapidamente em todos os países, interessando nomes como Max Müller, De Gubernatis, E. B. Taylor, A. Lang, Cox, Bréal, Clod, Gedeão Huet, Gastão de Paris, Benfey, R. Kohler, Cosquim, Comparetti, A. Bastian. Evoluindo do mitologismo astronômico de Max Müller ao orientalismo de Gastão de Paris, deste ao antropologismo de A. Lang, ao ritualismo de Santyves, ao método histórico-cultural da escola de Colônia, com Grabner, e norte-americana, com F. Boas. A escola psicanalítica está representada nos trabalhos de F. Riklin, Karl Abraham e sobretudo de Otto Rank. E' que a “produção literária dita popular, afirma-o Von Gennep, é uma atividade útil, necessária à manutenção, ao funcionamento da organização social, por sua ligação com outras atividades materiais. Sobretudo em relação à sua finalidade, ela é

um elemento orgânico, e não como se cria, uma atividade estética supérflua".\*

*El, à página 41, releva ainda o autor este caráter orgânico: De même que chaque tribu se considère elle-même comme la seule humanité vraie, traitant tous les autres hommes barbares, sauvages, gens sans noms, revenants, montres, etc., de même que chaque tribu possède sa théorie de la formation du monde en sa faveur seulement, "de même elle interprète d'abord chaque partie de son territoire et chaque élément de sa civilisation, au moyen de recits et de rites destinés à maintenir la cohésion de cette civilisation et l'intégrité de cet territoire".*

*Eis, a essência e a finalidade das produções populares. Elementos interpretativos de cada pedaço do território, de cada fato duma civilização, são por isto mesmo poderosos laços de coesão desta civilização e da integridade deste território. Noutras palavras, a tradição popular secreção natural e necessária duma sociedade, é o poderoso elo que lhe garante a unidade. Portanto o maior fator de coesão nacional. Compreendendo isto foi que a Alemanha do século passado, influenciada pela literatura francesa da era de Luís XIV, com Voltaire à frente, reagiu contra esta absorção de sua própria personalidade, buscando nas tradições germânicas, a fonte de inspiração de seus temas literários e artísticos. A necessidade de fundar solidamente as nacionalidades, determinou ainda o florescimento dos estudos folclóricos em toda Europa, no século XIX. É que a tradição é a seiva de que se alimenta a alma dos povos. E o Folclore o instrumento científico de estudo e análise da alma popular. Não é demais, insistir neste caráter do Folclore, já por outros salientado. Pois, que o momento nacional, de formação de nossa personalidade política, de nossa independência econômica, de uma expressão cultural e artística própria, que nos darão foros de nação adulta, exige que multipliquemos trabalhos desta natureza. Até agora, temos sido nação-adolescente, mais ou menos tutelada política, econômica e culturalmente, pelo influxo de nações mais velhas.*

---

\* *La Formation des Légendes.*

*Em março de 38, no meu trabalho de dialetologia O Falar Mineiro, editado pelo Departamento de Cultura de São Paulo, pouco depois da revolução branca de 10 de novembro, eu afirmava que com o Estado Novo, encerrávamos o ciclo de vida semicolonial. O ciclo de dependência entravadora de nosso progresso. E efetivamente a nova política do café, as pesquisas reais do petróleo culminando no jacto vitorioso de Lobato, a solução honestamente procurada do importante problema da siderurgia nacional, a proteção à lavoura, o fomento geral da produção, são dados concretos de nosso reerguimento econômico, base de uma verdadeira independência política. Paralelo a este ressurgimento econômico-político, acentua-se um movimento cultural genuinamente nacional. O espírito de brasilidade, reaceso na derrocada econômica a que nos conduzira a situação de país complemento da economia de outros, afirmando-se pouco a pouco através de movimentos revolucionários, até se instalar no poder com o golpe de novembro, agita-se agora fortemente no terreno cultural, procurando criar uma expressão lidimamente brasileira. E' verdade que este espírito já aflorara em 1922, na Semana de Arte Moderna. Representado então nos esforços de uma pequena elite de inteligências brilhantes e patriotas; e que, embora apaixonasse muitos, não conseguiu impor-se a todos.*

*Hoje, porém, o movimento cultural tem caráter oficial. E' o governo, quem, através de Departamentos especiais, alimenta e incentiva a produção literária e artística de caráter nitidamente nacional, no esforço de cunhar a feição brasileira. Não faço pessimismo afirmando que nossas letras e atividades artísticas se resentem em geral deste caráter próprio, desta fisionomia nossa. Até estrangeiros, nos advertem disto. Ainda há pouco, em mensagem dirigida aos escritores brasileiros, seus colegas franceses recomendavam: \**

*"Não nos imiteis mais; sede apenas fraternais para conosco". E um jovem crítico francês, comentando Jubiabá de Jorge Amado, exaltava na Baía de Todos os Santos seu capítulo justamente mais nosso, mais brasi-*

---

\* Conferência sobre Castro Alves proferida na Academia de Letras, por Cassiano Ricardo.

leiro. E declarava — “se há algumas imperfeições do romance, essas são européias, refletem atitudes aprendidas na técnica romanesca do velho mundo. No entanto — é ainda Roger Breuil quem fala — seria admirável que os brasileiros tivessem menos acanhamento em aparecer como são, em revelar as fontes autênticas de sua sensibilidade poética. Que nossos escritores devessem menos repetir ritmos e enredos gastos pela literatura européia, do que, por exemplo, convidar os leitores de lá a ouvirem nos cais enluarados da Baía, uma toada triste vinda do mar”. \* Certo que temos livros, em cujas páginas se espelham os encantos de nossa natureza e ressoam os ruídos vários de nossas matas e as harmonias de nossos rios e cachoeiras, como as toadas de nossos campos e de nossas cidades. Esses, contudo, ainda são poucos em relação aos que repetem “os enredos gastos da literatura européia”. E onde buscar nossa originalidade? Nosso modo próprio de ser? As fontes autênticas de nossa sensibilidade estética? Somente nas milionárias minas da tradição popular. As mesmas em que garimparam grandes artistas da antiguidade, como Ésquilo, Sófocles, Homero; um Dante, na Idade Média; Shakespeare, Goethe, Byron, Rabelais, na moderna. Prometeu, a grandiosa tragédia que granjeou o gosto universal, não era originariamente senão um conto repetido junto às lareiras pelas velhas gregas. A Odisséia, A Divina Comédia, O Fausto, O Gargântua; entre nós, Iracema, de Alencar, Y Juca-Pirama, de Gonçalves Dias, e em nossos dias, Macunaíma, de Mário de Andrade, este livro clássico de nosso renascimento, todos têm tecido seus enredos com os fios verdes da tradição.

Elas, nossas tradições, nos mostrarão, nós mesmos, e com isso teremos feito obras admiráveis e originais para os outros. Teófilo Braga já previra o esplendor desta nova literatura:

“A nacionalidade brasileira está neste período de transição; os vestígios tradicionais de seus elementos constitutivos acham-se em contato, penetram-se, confun-

---

\* Conferência de Cassiano Ricardo, sobre Castro Alves.

dem-se entre si, para virem a formar a poesia de um povo jovem e o tema fecundo de belas criações literárias e artísticas de uma civilização original".\*

\* \* \*

Repisada assim a finalidade do Folclore, é doloroso constatar que neste assunto de pesquisas de nossas tradições, estamos na infância.

A longa enumeração de trabalhos folclóricos nacionais, que encontramos na bem informada obra de Basílio de Magalhães, "O Folclore no Brasil", é realmente insignificante em relação à produção assombrosa de outros países.

Basta abrir o livro de François Bladé, Contes populaires de la Gascogne, 1.º vol. pág. XIII, onde o autor precede uma lista de 38 trabalhos diferentes, não poucos de 2 a 3 volumes, versando só o cancionero gaulês, desta declaração:

"Je ne prétends pas signaler ici tous les romanceros provinciaux publiés en France, depuis 1832 jusqu'à nos jours. Voici du moins les principaux, suivant l'ordre chronologique". Isto nos mostra quanto de caminho temos que percorrer para possuímos algum cabedal num único ramo de estudo folclórico. O campo é vastíssimo e imensa a seara. Operarii autem pauci.

Em Goiás, então, mais do que em outras partes. O pouco que possuímos, devemos à dedicação de meia dúzia de nomes. Americano do Brasil principalmente, que, além do Cancioneiro de Trovas do Brasil Central, obra folclórica de grande merecimento, publicou vários contos e lendas na revista Informação Goiana. Todos trabalhos de relêvo, pela erudição.

Ainda há pouco seu filho A. Americano do Brasil Júnior publicou uma coletânea sob o título "Lendas e Encantamentos do Sertão". Outros livros valiosos de Informação dos costumes goianos são "Na Cidade e na Roça", do prof. Alfredo Gomes, rico em cenas e tipos

---

\* Contos Populares do Brasil. Sílvio Romero. Introdução.

característicos, vasado em estilo ameno e de uma simplicidade machadeana, e *Tropas e Boiadas*, de Hugo Carvalho Ramos, o maravilhoso escritor goiano possuidor de primoroso estilo.

Páginas do *Meu Sertão*, de Derval de Castro, constitui ainda boa fonte de informação da natureza e da vida rural (\*).

Goias, entretanto, é talvez o Estado mais rico em tradições verdadeiramente nacionais. Ainda não deturpadas pela onda europeizante do litoral. Neste grande Estado central, o mais brasileiro pelos elementos concorrentes na formação de seu povo, permanece escondida uma matriz fecunda de energias raciais, de haurição ideal e estética. Este livrinho coxo tem a pretensão de revelar algumas amostras desta riqueza de tradições brasileiras, como contribuição a um lastro de imagens e sentimentos e temas, de que se utilizem a literatura e as artes, na interpretação de nosso meio, de nossas coisas, e de nossa civilização. Robustecendo assim o sentimento de nacionalidade, imperativo nesta etapa da história pátria. E servindo para libertação dos figurinos europeus, como convém a uma nação, não mais adolescente, se não adulta. Ao apêlo do eminente chefe da nação — Dr. Getúlio Vargas — “de marcha para o Oeste”, este claudicante trabalho apresenta em resposta o alforge cheio de chibrios, garimpados na tradição daquelas longínquas paragens brasileiras.

\* \* \*

O estudo, que sob amparo do governo do Estado de Goias, levei a efeito em várias zonas do mesmo, compreende materiais dos seguintes ramos do Folclore: Contos e Lendas, Cancioneiro, Superstições, Festas, Coreografia e Linguística.

No presente trabalho só versei os três primeiros ramos, que denominam as partes em que se divide o livro: Cancioneiro, Contos e Lendas, Superstições.

---

\* Vila Boa, livro de Regina Lacerda, é excelente repositório das tradições da velha capital.

O tempo não me permitiu enfeixar nesta obra — Festas, Coreografia e Linguística, que aguardarão, mais adiante, outra oportunidade de aparecer.

No coletamento do Cancioneiro tive presente as recomendações feitas pelos professores Comparetti e d'Anconna aos coletores da poesia popular italiana: "Il suo carattere generale vogliamo sia seriamente scientifico. Perciò non acceteremo testi rifatti litterariamente o conunque ritocati, ma solo quelli che conservano schietta ed intatta l'originaria loro forma popolare".\*

Isto quando acontecia aceitar modas não colhidas diretamente por mim. Pois que, do total do Cancioneiro que apresento, 95% foram anotadas por mim mesmo sob ditado dos caboclos, com a pronúncia mais exata possível. Não poucas vêzes usava do seguinte artifício para me certificar da prolação de tal fonema, se fôra acaso ou se era habitual. Dizia ao cantador que não ouvira bem e pedia que repetisse, por que escutava mal daquele ouvido. E assim, sob repetição, conseguia certeza da pronúncia desejada sem melindre do sertanejo. Quem já empreendeu pesquisas desta natureza sabe quanto nosso homem do campo é desconfiado. Pergunta-se-lhe por uma moda, um conto, uma crendice, e êle logo nega que saiba. E' preciso ir familiarizando, contar alguma coisa também, puxar-lhe pela língua com perguntas discretas, até que êle se anime e entusiasma a solte.

\* \* \*

Dou a seguir as localidades do Estado visitadas, segundo as regiões: Zona Central — Itaberá, Jaraguá, Trindade, Pirenópolis; Zona Sul: Bela-Vista, Pouso-Alto, Morrinhos, Bananeiras, Atolador; Zona Sudeste: Urutá, Ipameri, Goiandira, Catalão; Zona Leste: Santa Luzia, Planaltina, Formosa.

\* \* \*

---

\* Conti e Reconti del Popolo Italiano. Roma, 1870, Vol. I, pag. VI.



*Terminando, consigno meu profundo agradecimento ao Exmo. Governador do Estado, dr. Pedro Ludovico Teixeira, animador e protetor das letras e artes em Goiás, a quem devo tôda assistência financeira a esta obra; bem como à cooperação eficaz do sr. Abel de Castro, ex-diretor do Departamento das Municipalidades, do dr. Câmara Filho, diretor de "O Popular", dos srs. prefeitos e amigos meus.*

*A todos, meu agradecimento.*

Goiânia, maio de 1940.

**JOSÉ A. TEIXEIRA.**

## PREFÁCIO A 2.<sup>a</sup> EDIÇÃO

*Mais de três lustres são já decorridos, da primeira edição de Folclore Goiano à presente. E a distância no tempo, se por uma parte nos permite avaliar, com mais justeza, a pequenez de nossa contribuição exegetica, possivelmente, a pobreza de erudição com que cercamos nossas pesquisas folclóricas, por outra, realça e torna mais esplêndidas, mais belas, mais preciosas as pepitas que compõem o rico mostruário que é Folclore Goiano, garimpadas nas tradições orais das populações bem brasileiras do Brasil central. Por singular contraste com a literatura escrita, o tempo para assuntos de literatura oral tem a mesma virtude que para os vinhos: quanto mais velhos, melhores. E assim este documentário de usos e costumes, tradições, aspectos culturais e artísticos de uma civilização que viveu isolada até há pouco, e que conserva ciosamente valores espirituais de uma brasilidade genuína, se nos afigura tanto mais valioso quanto maior é a ameaça de submersão pela maré alta de Brasília, carregando em seu bojo, ao lado dos benefícios materiais do progresso, os vícios e deturpações da decadente civilização burguesa.*

*Eis porque urge preservar e perpetuar este documentário. Eis a razão desta segunda edição, confiada à mesma Cia. Editora Nacional, paladina dos empreendimentos culturais impregnados de autêntico sentido nacional.*

*Folclore Goiano é dado a lume corrigido, ampliado, ilustrado. Novos fatos folclóricos, mais algumas danças regionais, exegeses teóricas.*

*Nossa única pretensão é preservar para a posteridade um documento do modo de ser de uma das civilizações sertanejas que melhor espelha e conserva a fisionomia nacional.*

*Ribeirão Preto, dezembro de 1958*

**JOSÉ A. TEIXEIRA**

## CAPÍTULO I

### A POESIA POPULAR GOIANA E SUAS FONTES

Na Idade Média, quando ler e escrever era privilégio de monges e de poucos nobres, os fatos e acontecimentos mais importantes da vida social perpetuavam-se pela poesia popular.

E então eram os castelos sombrios dos senhores feudais o palco comum em que se cantavam os feltos, a bravura e o amor dos cavaleiros da sociedade medieval.

“Quando o jogral aparecia no solar deserto, escreve Teófilo Braga, era como a andorinha que anunciava verão; pagavam-lhe o canto com a hospitalidade, escutavam-no religiosamente. Quando narrava as velhas e heróicas tradições do solar, enchiam-no de presentes; outras vêzes, apresentavam-se nas festas dos casamentos dos príncipes, ou quando eram armados cavaleiros, para tornar mais esplêndido o aparato, corriam de todos os países e formavam certame com as suas melhores cantigas”. \*

As festas religiosas eram outra fonte de inspiração da poesia popular. A princípio o povo participava dos cantos eclesiásticos. Aos poucos, aristocratizando-se a Igreja, somente nos intervalos se permitiam êstes cantos vulgares. Os “Natais” nêles têm origem.

E eis aí a fonte principal da nossa poesia popular — as tradições cristãs, herdadas da civilização portuguesa. Como na Idade Média, as festas religiosas, nos vilarejos e nos campos, continuam constituindo a espinha dorsal da vida social das populações campestres. \*\*

“O ideal religioso, já o notara Melo Moraes, é a atmosfera fisiológica da razão popular”.

Isto mais nos aparece, quando, pesquisando os fatores da vida social rural, encontramos, quase sempre como

\* História da poesia popular portuguesa.

\*\* *Festas Populares do Brasil*, pág. 68.

centro, a devoção de um Santo, da Virgem do Rosário, o culto do Divino, a celebração dos Reis e outros motivos religiosos. As celebrações cristãs trazidas de Portugal católico, são motivo da maior parte das reuniões festivas nas fazendas e nas vilas do interior, reuniões que atraem moradores de 6, 8, e mais léguas em derredor. Elas, pois, são principalmente o caldo de cultura de nossa poesia popular. Porque não só inspiram a numerosa poesia religiosa corrente, senão que a maneira particular de celebração destas festividades entre nós, torna-as também fontes da poesia profana.

Com efeito, as folias de Reis e do Divino, com seus banquetes e pagodes, os congos e moçambiques e a dança dos tapuas, com sua coreografia afra ou coloridamente indígena por que celebram negros e mamelucos a festa do Rosário ou de São Benedito não são meros complementos, mas elementos essenciais da celebração religiosa. Naquele todo é que consiste a festa. Dêle resultando a feição nacional de nossas celebrações. E' verdade que, constituindo maioria, não são elas as únicas fontes. Pois que ainda há o pagode e o mutirão, de sentido puramente profano.

O pagode que se realiza por motivo de um aniversário, de um casamento, de uma vitória eleitoral, etc. O mutirão,\* que é uma reunião de trabalho, tal como os "Filolaus", "Les Erusseries de Chanvres", "les Sessives de Nuit", dos Bretões e doutros povos. Entretanto é forçoso reconhecer que as tradições religiosas formam o eixo da vida social rural em Goiás. E que, das três fontes mencionadas, elas são principalmente as que inspiram sua poesia popular.

---

\* No Brasil o mutirão recebe as seguintes denominações: *Ajuri* e *putrum*, no Amazonas; *mutirom*, *muttrum*, *putirão*, *putirom*, *puttrum*, no Pará, *mutirão*, *estalada*, no Maranhão; *adjutório* no Piauí; *adjunto*, no Ceará; *adjunto*, *ajuda*, *arrelha*, *fazina*, no Rio Grande do Norte; *arrelha*, *bandetra*, *batalhão*, na Paraíba, *adjunto*, *corte*, em Pernambuco; *adjunto*, em Alagoas; *adjutório*, em Sergipe; *adjutório*, *batalhão*, *bot-de-cova*, na Bahia; *mutirão*, no Espírito Santo; *mutirão*, *putirão*, no Rio de Janeiro; *mutirão*, em São Paulo; *mutirão*, *pixirum*, no Paraná; *mutirão*, *pixirum*, em Santa Catarina; *adjutório*, *pixirum*, no Rio Grande do Sul; *batalhão*, *mutirão* *pixirão*, em Minas; *mutirão*, *sua*, *tração*, em Goiás; *mutirão*, *tração*, em Mato Grosso; (cf. *Dicionário Folclórico Brasileiro* de Câmara Cascudo, págs. 418-419).

## CAPÍTULO II

### OS CANTADORES

Chegamos à figura central das festas e pagodes dos campos: o cantador. Este novo menestrel, que com sua inspiração, alegre e anima as reuniões enluaradas do sertão, enchendo-as de uma graça e de um enlêvo que têm a fragrância e o frescor da natureza!

O cantador, freqüentemente, é um analfabeto. Poucas vêzes, semi-alfabeto. Rarissimamente sabe ler e escrever. E no entanto, que poesia esplêndida a dêstes homens rústicos. Revelando na expressividade das imagens uma sensibilidade extraordinária.

E sua prodigiosa memória! Horas inteiras ditando modas, de cor, antigas umas, outras recentes, respigadas no vasto repertório que possuíam sômente na memória. Parece incrível, mas é real.

E que dizer então da agilidade mental dos cantadores de desafios, mais alto grau de um menestrel? Artur Neiva tinha razão de duvidar da possibilidade de tais desafios. Entretanto assisti a mais de um. E a história da poesia grega ou latina comprova quer nos Idílios de Teócrito, quer nas Éclogas de Virgílio, que, na antiguidade, êste gênero já era cultivado. A mesma Tensó dos trovadores provençais com seus jocs-partiz e jocs-enamoratss, ou ainda os jogos-partidos da literatura da língua d'oïl, eram uma modalidade desta disputa poética, praticada também pelos pastôres do Tirol, da Sicília, da Toscana, da Escandinávia; na Itália Meridional se apellida "*contrasti*", na Germânia "*Wettgiginge*", na Espanha "*preguntas y respuestas*". Assinala-se ainda a prática do desafio em tôda a América do Sul. Esta tradição poética tem origem européa, chegando-nos através dos colonos portugueses e não provém dos árabes, segundo afirmou Teófilo Braga. Em Goiás, o desafio é acompanhado de viola. A êste respeito, me recordei da noitada magnífica de Ipameri. Em que o grande cari-

tador Adolfo Mariano, de Goiandira, desafiou com outro cantador, soldado do 6.º batalhão de caçadores, com sede naquela cidade. Eu já tinha ouvido Adolfo Mariano e conhecia o valor do bardo. Tendo de visitar Ipameri, onde o prefeito Dr. Frota com o comandante da Unidade Militar, Coronel Santana Medeiros, haviam concertado uma festa regional com elementos recrutas do 6.º, levei Adolfo para se exhibir. E lá, às tantas, promovemos um desafio entre êle e um cantador do batalhão. O desafio acalorado, naquela toada rápida, furiosa, ia se prolongando sem fim, sob aplausos e risadas dos espectadores. Se deixássemos, varava a noite tôda. Como havia outros números, tivemos que pedir têrmo aos contadores. Auxiliado pelo secretário da Prefeitura, consegui anotar algumas estrofes. Eu escrevia os dois primeiros versos da quadra, e êle os dois últimos. Mesmo assim a toada era tão rápida que a maior parte ficou no ar.

Nas excelentes qualidades de memória, de inteligência, de sensibilidade, de nossos cantadores, se desmente assim o velho preconceito da incapacidade ou inferioridade intelectual do caboclo. As modas, os desafios, as quadras chistosas, afirmam pelo contrário a excelência dos atributos intelectuais e estéticos, de que é dotado. É que repontam, em todo esplendor, nos cantadores, suas mais cintilantes polarizações.

\* \* \*

O cantador se distingue pelo gênero de moda ou dança. Assim, em Goiás, há os catireiros, os de côco, os de ligeira, etc. No Congo e Moçambique compete ao "alferes" êste officio de poetar.

Terminando estas ligeiras notas sôbre os cantadores, devo referir ainda o prestígio de que gozam e sua importante função no meio social.

O cantador é uma figura de proa no meio rural em que vive. Ser cantador, é gozar de consideração, tanto maior quanto mais afamado. Daí em geral êle não curtir uma vida laboriosa como os demais de sua condição social. Agregado de um fazendeiro, quase sempre, a fama de "bom cantador" lhe granjeia logo a simpatia do patrão, que vê nêle um instrumento útil de projeção própria no meio rural. Efetivamente, o cantador é quem

encabeça e anima os pagodes na fazenda, que, além de poderosos fatores de aproximação da população campestre, são excelentes ocasiões de projeção do fazendeiro, amiudadamente cumprimentado no decurso da "festa de arromba". Em épocas de eleições então, é que este valor sobe ao extremo, pois, amigo e admirado de todos, influente e prestigioso, o cantador é um excelente cabo eleitoral. Por estes motivos, ele leva um vidão distribuído entre pagodes e follas, em que geralmente absorve cachaça como esponja.

Transcendendo este imediatismo utilitário com que o menestrel é olhado dos fazendeiros, está sua importante função social. A poesia popular, além de registro dos fatos políticos, econômicos e sociais de uma época, dos usos e costumes de um povo, é também a cristalizadora dos ideais, aspirações e sentimentos coletivos. Por isso os cantadores, não são somente as abelhas que constroem caprichosamente com modas, desafios e quadras, os saborosos favos da história não escrita de um povo. Mas nas trovas desses menestrels, acompanhada das toadas melancólicas da viola, dos sapateados e palmeados catireiros ou requebros ritmados de outra dança cabocla, respira-se o ar rico de oxigênio das nossas campinas e matas, serras e vales, que elas a cada passo celebram. Vive-se o drama da vida brasileira em seus aspectos banais e heróicos, dolorosos e alegres, apaixonados e moralistas. Arrepiam-se ao contato de sons e de ritmos esquisitos, sons e ritmos que bolem em nós de maneira estranha, despertando ecos adormecidos em nossa sensibilidade.

E os cantadores são assim os divinos artistas que, com os fios de ouro das modas e toadas, tecem também o velo augusto da nacionalidade.

Von Gennep recomendou: "Aujourd'hui tout collecteur de matériaux populaires vraiment conscient des exigences scientifiques donne des indications précises sur chacun de ses informateurs: sexe, âge, localité, habitude et localité d'origine, biographie rapide, instruction, psychologie générale".

Seguindo este conselho é que reuni no presente parágrafo as notas bibliográficas que seguem. Dou-as na mesma ordem das visitas empreendidas aos vários municípios golanos.

## BELA VISTA

A 7 léguas de Goiânia, fica este próspero município, o primeiro que visitei. É a terra do célebre fumo goiano. Graças à cooperação do prefeito Sebastião Lôbo pude abordar numerosos cantadores. Aliás este é um dos municípios que possuem maior número de menestrais. E alguns excelentes. Começemos por

### *Camilo Gomes da Silva:*

De 45 anos de idade, moreno, lavrador, semi-alfabeto. Foi fazendeiro, tendo perdido os bens na crise de 929, e trabalha atualmente de agregado. É autor de duas modas exaradas nesta obra; "Conselho aos namorados" em que revela a velha têmpera da moral camponesa em conflito com os costumes modernos que começam a contagiar o campo. E "Vida Triste", feita em 1930, logo após ao desastre financeiro. Nela se reflete bem o estado de espírito do poeta, eco por certo do sofrimento também de centenas de outros pequenos fazendeiros que naquela ocasião se arruinaram.

### *Anicondes Antônio de Sousa:*

De 32 anos de idade, natural do município e filho de pais goianos. Cór morena, bem queimado. Analfabeto. Agregado. Anicondes é um brincador de fama. Dos melhores que ouvi no Estado.

Recordo-me ainda de seu semblante sempre alegre, sempre franqueado por um sorriso.

Na pagode, à noite, deu-se um fato interessante com Anicondes. Como cantador de nome puxou várias catiradas. Morenas e roxas comprimiam-se na sala para ouvi-lo. Em dado momento, após o fim do recortado de



uma moda sua, Anicondes que flertava com uma roxa dobrada, aproximou-se rápido e segredou-lhe, não porém tão baixo, que eu que estava perto pude perceber: — Fica firme agora, e sossega, senão eu te estripo. Achei graça naquela fórmula totalitária de flertar.

— Boêmias de Anicondes, explicaram-me.

E' dono de muitas modas que rodam o município. Dêle anotei — “Moda sôbre a morte”, “O Boiadeiro”, “O Amôr”, “Sôbre a Pagodeira”, “Sôbre a Sorte Ingrata”, “Uma Perdida”, “O Grilo e o Rato”, e vários recortados.

E' dotado de um fino espírito motejador, palpável nas modas “Sôbre a Morte” e “Sôbre a Pagodeira”.

*Randolfo Antônio de Sousa:*

Natural do município, de 50 anos de idade, filho de pai mineiro e mãe goiana. Branco. Lê e escreve. Foi fazendeiro, tendo quebrado na crise de 29, e hoje é agregado. E' um velho catireiro e possui enorme bagagem de modas dêste gênero. Eis algumas: “A Moda da Roqueira”, “Gado Zebu”, “O Boiadeiro”, “Crítica de um vestido”, “Sôbre namoração”, “O Automóvel”, “O Engenho”, “O Namôro”, etc.

As melhores a meu ver são as do “O Engenho” e da “A Moda da Roqueira”. A primeira, é um documento precioso da vida na fazenda, revelando certos fatos passados na intimidade entre camaradas e filhas de fazendeiros. No decurso de uma vida de trabalho em comum, não raro surge uma afeição entre o camarada e a filha do fazendeiro. O casamento é quase sempre impossível, pela diferença de condição social.

— U casamento qui é bão.  
U vêi não qué me falá.

A última estrofe, então, é informativa da solução:

Chamei as conta u véi  
As quatu hora da tardi  
As moça véi lá di dentu  
Pidinu pur caridadi,  
— Omentu mais u seu ganhu  
Qu'issu é qui é sua vontadi  
Pru meu pai ocê fais farta,  
Pra nois ocê fais sôdadi.

Intimidades às escondidas, atrás de tossas do canavial, e não raro Saci ou Romãozinho entra em cena, assumindo a paternidade do guri, ou raptando a donzela. As obras de Randolpho se distinguem pela naturalidade de versos e harmonia.

#### *Otávio Miquelino:*

Pardo, natural do município, filho de pais pretos, de 27 anos de idade. Sitiante.

De Otávio só consegui 3 modas: "O Boiadeiro", "Sôbre a Religião" e "O Arraial da Gameleira". A escassez do tempo, êle morava longe, não lhe permitiu ficar mais, para me fornecer outras. E foi pena, porque é bom poeta, melancólico e sentimental como todo genuíno poeta brasileiro.

Sua moda do "Boiadeiro" reputo a melhor no gênero que encontrei, e talvez igualável às de nosso grande Catulo. Ressalta nela, além da descrição da natureza maravilha do sertanejo, da narração fiel da vida de um pião em viagem, o apêgo profundamente caboclo à gleba de terra em que se criou, à família, que deixa para trás; gerando êstes sentimentos nêle um estado mórbido e doentio. O goiano, sobretudo, é afetado dêste mal — o saudosismo — que o ataca quando distante de seu meio natal. A segunda moda "Sôbre a Religião" é uma crítica severa à irreverência e desrespeito que já se observa também nas igrejas das vilas. Irreverência e desrespeito que chocam tanto o temperamento religioso duma porção de campônios, velha guarda da Igreja.

*Edécio de Araújo Melo:*

Natural do município, moreno, semi-alfabeto, agregado, 34 anos de idade. Edécio é brincador de viola. Canta obras próprias e alheias. De sua autoria é "A Moda do Namôro".

De Edécio recolhi "O Comêço do Mundo", de autoria de Antônio Simplício, residente em Bom Sucesso; e ainda "Moda de Namôro", de Bicudo, residente em Bom Jardim. Edécio é um cantador estreante e ainda tímido.

*Ernestino Gomes dos Santos:*

Natural do município, de 24 anos de idade, analfabeto, agregado. É o mais novo dos cantadores que abordei. Cheio de lirismo, próprio desta fase da existência. Dêle possuo sômente "Despedida", que todavia tem estrofes reveladoras das mais altas qualidades poéticas, como esta:

Oh! — minha roxa dobrada  
Dessa terra arritirô!  
Deu u ventu na rosêra  
Qui a rosa dismaiô.  
Quantu a rosa dispídiu  
A rosêra desfoiô  
Di paxão i sentimento  
Us passarim tamen chorô

\* \* \*

**MORRINHOS**

Neste município encontrei uma figura interessante de cantador:

*Pascoal Baer Guimarães:*

De 32 anos de idade, branco, natural do município, pais goianos, fazendeiro.

Pascóale, assim enunciava seu nome acabando com um — “seu criado” —, não é um brincador acanhado, mas desenvolvido, conversador e, sobretudo, cômico do próprio valor. Também viajado, pois já esteve uma ocasião em Ribeirão Preto. À nossa apresentação, admirei do sobrenome Baer, e indagando-lhe a origem, me replicou prontamente: — “Ah! isso é fácil, seu dotô. Senhor, conhece o carro de cafiaspirina da Bayer, num conhece? É um carro bonito que toca altu tôda musga. Tabão.

Lá diz: Se é Bayer é bom. Depois, eu sô hão logo sô Bayer. I pur issu omentei êle no meu nomi.” Pascoal, aliás, é de uma família de cantadores: irmãos, tios todos cantam modas. Dêle recolhi — “Lindra Morêna”, “Moda da Charqueada”, “Dança do Picapáu”, e “Moda dos Canarinhos”.

“Lindra Morêna” e a dos “Canarinhos” são de um lirismo fino. A “Moda da Charqueada” é um depoimento único, que encontrei sobre os bandidos célebres que infestaram o sul de Goiás — Vicente Inácio, o LÊ, Ilidinho, Galdininho, Zé Pimenta, e Caterva. Compreende-se, modas destes gêneros são perigosas, e por isso mesmo raras. Este romance é bastante cantado pelos brincadores de viola em numerosas localidades, ignorando-se o autor. Os versos de Pascoal são harmoniosos e bem “atrovados”.

*Pedro Pio da Silva:*

Outro cantador que me impressionou agradavelmente em Morrinhos. É preto. Filho do município. E trabalha de agregado. Dêle são “Moda de Amôr”, “Sobre a Quexada”, “Moda do Boi Preto Mascarado”.

\* \* \*

De Morrinhos me dirigi ao antigo Atolador, hoje Serrania, para ouvir dois cantadores de fama naquela zona — José Brás e Antônio Vicentino. Depois de penosíssima viagem alcancei Serrania. Lá em companhia do velho amigo Dr. Elpenor de Oliveira, fui à fazendinha dos irmãos Brás, retirada 12 quilômetros do vilarejo. Com satisfação apertei a mão de dois autênticos descendentes lusitanos: brancos, olhos azuis, pequenos. José Brás do Amaral é um homem de seus 40 anos, semi-alfabeto. Foi catireiro bravo e é ainda hoje um puritano e acérrimo defensor dos velhos pagodes do campo. Dos velhos disse, em que havia respeito pelas famílias, e se dançava só catira. Hoje tudo está “dimudando” muito. Os moços não querem saber mais de catiras nem doutras danças sérias; só gostam de dancinhas indecentes. Este é um grande traço do caráter de José Brás. Foi lá, entre as paredes humildes de pau-a-pique da pequena casa, que colhi a primeira moda da revolução do Prestes, estupendo depoimento popular da jornada de 22. A “Moda do Arame Farpado” é outro magnífico depoimento da evolução econômica de Goiás, de terras sem dono para terras de latifúndios. Pela descrição de usos e costumes é notável ainda a “Moda da Bicharada” de gênero antropomórfico.

A “Dos Moços Felos” e “Do Despeltado”, pertencem ao gênero humorista, e revelam apuro deste dom tão freqüente em nosso povo. Enfim, as modas colhidas dos irmãos Brás me compensaram bem das fadigas da dura viagem por atoladores e subidas íngremes em que o carro só andava a braço.

## ITABERAÍ

Cheguei a este município a 3 de janeiro.

Por ocasião das folias de Reis nos campos.

Com a intenção de conhecer de perto uma folia. Lá travei conhecimento com Manuel Vitorino de Faria, 52 anos, natural do lugar, prêto, semi-alfabeto. Vitorino é bom brincador. Tem entretanto a memória muito cansada pelos anos e pelo álcool. Contudo, é chamado

para todo lado a fim de tirar folias, no que é mestre. Foi meu companheiro de excursões pelo município, atrás das folias. Forneceu-me as modas: "Rio Cheio", "Do Trovão", e "Moda de Amôr". Seus versos primam pela harmonia.

### *João Bernardo Leite:*

Um brincador que encontrei na folia, e que ao lhe pedir ditasse alguma moda, foi logo dizendo antes de iniciar: "A gente fica lerdo com essa sonera que fica uma porquêra". De fato, desde o dia 23 de dezembro que a folia corria pousos, e o homem estava mesmo cansado. Mesmo assim forneceu "Moda do Pagóde", "Sôbre a Religião" e romance "Ramilo", de autoria desconhecida e muito popular na região.

## JARAGUA'

A velha cidade toma o nome do Capim Jaraguá existente em abundância nos campos que a rodeiam. Serpeando entre verdejantes pastagens e baixadas ubérrimas, enroscando-se à lombada dos montes, a estrada avança, vencendo a distância de 10 léguas que separa esta cidade da de Itaberá.

A solicitude do senhor Prefeito Antônio de Castro devo ter assistido à mais interessante dança presenciada em tôda excursão. Trata-se da "Dança dos Tapuias" outrora levada em numerosas cidades goianas, e parece mesmo que do Triângulo. Hoje todavia sobrevive em Jaraguá, e forma uma das curiosidades atraentes da festa do Rosário, no município. Sôbre a "Dança dos Tapuias" farei referências descritivas mais adiante. Agora mencionarei alguns nomes dos numerosos bardos jaraguenses: Antônio Alves da Costa, José Alves da Costa, Pedro Nolasco Ribeiro, Manuel Cardoso, José Moreira da Silva, Cândido Dias dos Santos, João Francisco de Bessa, Joaquim Alves de Oliveira. Dêstes, os

melhores são — José Alves da Costa, fazendeiro em Boa Vista, no município. E' um rapaz novo, folião, semi-alfabeto e branco.

Dêle recolhi as composições: "Futebol da Bicharada" — humorista; "Sôbre a Pagodeira" — moralista; "Moda da Crise", precioso documento dos efeitos tremendos da crise de 29 no sertão; "Moda do Boiadeiro" — registro de costumes; e "Cavalo Prêto" — exaltação do melhor amigo do camponês. "Futebol da Bicharada" e "Moda da Crise" são de autoria anônima.

— José Moreira da Silva, de 29 anos, filho de pais goianos, branco, alfabeto. E' autor de "Os Tempos de Hoje", excelente crítica dos costumes modernos; "Sôbre a Folia" — moralista; "O Recortado das Velhas", de humorismo transbordante; no gênero lírico, tem os recortados "Qui Moça Bunita, Dilicadinha"; "Ai! Moreninha", etc.

— Cândido Dias dos Santos, completa o trio de ouro de Jaraguá. Mestiço, analfabeto, sitiante. Em "Moda do Ciúme" critica a vida de certos casados. Na "Moda dos Feios", com muito humor debica dos moços, cuja feiura os obriga a ficar de môlho nas festas. Em "Moda da Crise", há ainda outro depoimento do flagelo de 29. "Moda da Pagodeira", talvez a melhor, é seguro testemunho dos hábitos nos pagodes. Seus recortados são de uma graça extraordinária, revelando o espírito de nossa gente. São também anônimas — "Moda da Crise" e "Moda da Pagodeira".

Vejam êste — "as casadinhas ciumentas":

Mulé vamu fazê um negoçu  
Nois havemu di combiná,  
Di eu í nu pagodi  
I ocê ficá  
Dessa veis eu fui  
Ocê ficô  
Quanu fô dôtra  
Ocê fica eu vô.

E ainda êste as "filhas românticas":

A moça foi nu pagodi  
Panhô quebrantu i mall oladu  
Quebrantu de moça eu sei benzê  
Cum laçu dobradu.  
Batu incruzadu, di cumpridu,  
Atravessadu,  
Si num sará eu tornu batê,  
Quebrantu de moça eu sei benzê.

Este último é gozadíssimo:

Passa véa e passa moça  
Pertu di mim podi passá  
Pra mim cunhecê, num pricisa olá.  
Pisadu di véa tô cienti  
Pisadu di moça é deferenti.

## GOIANDIRA

Descemos para Catalão. Digo descemos, porque desta vez levei uma secretária, que me auxiliou muito no coletamento do material folclórico — minha senhora. Em Catalão, porém, nada pude fazer, devido à chuva incessante que caía. Demais o prefeito Público, ignorando minha viagem ao município, nada preparara. Entretanto lá tive notícia de um grande cantador, Adolfo Mariano de Jesus, residente em Goiandira. Seguimos para aquela localidade. Graças à solicitude do prefeito Cel. Absal Teixeira, pude ver no mesmo dia Adolfo Mariano. É de meia estatura, moreno, magro. Filho de pais mineiros. Lê e escreve. Adolfo trazia sua inseparável viola. Tôda enfeitada de fitas. A produção poética de Adolfo é enorme.

Grande parte teve publicação nos pequenos jornais de vários municípios do Estado. Sua fama pois corria longe. É um tipo inteligente e observador. Além disto canta desde moço, o que lhe dá uma bagagem volumosa e preciosa. Basta dizer que foi o cantor que erigiu em versos sonoros monumentos imperecíveis na memória popular, à coluna Prestes e à revolução de 30. Estes



fatos políticos tão relevantes ele não só narrava, como os interpretava de acôrdo com o meio social, de que se tornara verdadeiro eco. Estas modas fornecem, pois, preciosos dados para estudo das reações psicológicas das populações sertanejas ante os dois grandes acontecimentos da História Nacional. Os velhos processos políticos e eleitorais, em que imperava a fraude, tudo sua poesia registrou.

Outro aspecto importante da poesia de Adolfo é o registro das condições de vida miserável das populações rurais. Adolfo torna-se aí o cantor das massas sofredoras. A "Dificuldade do Pobre", "ABC da Crise" são a êsse respeito poderosos brados. Poeta prestigioso suas modas são conhecidas em todo sul e centro de Estado e cantadas nos pagodes das fazendas, incorporando-se assim ao patrimônio da tradição oral. Mas, Adolfo não é só um poeta inspirado que verseja fãcilmente sôbre qualquer assunto. E' um repentista admirável, como já tive ocasião de contar atrás.

Temas políticos, sociais, líricos, tal é o numeroso inventário que conseguí da poesia de Mariano.

## URUTAÍ

O prefeito de Ipameri, Dr. Frota Aguiar, havia mandado preparar uma festinha regional em Urutaí, distrito de Ipameri, 1/2 hora de viagem acima. O subprefeito daquela localidade se pusera a campo, convocando os cordões do Congo e Moçambique, que nas festas do Rosário, de São Benedito, e de Reis, alegam as ruas da pequena vila. Aí, colhi mais poesia religiosa, de que dou notícia no Cancioneiro.

## PIRENÓPOLIS

Quem conhece Golás, a velha capital, diz que se parece muito com ela. E' uma cidade interessantíssima e sobretudo poética. Casario muito alvo e limpo, de

estilo colonial, com suas portas e janelões azuis, calçada em algumas ruas de enormes lajes, alvejando na assentada de uma pequena colina com um rio banhando o sopé, cheio de remansos preguiçosos e sombreados, tudo — natureza e obra humana — convida à meditação, fala ao sentimento. Lá encontrei excelentes cantadores. Merecem relêvo — Henrique Pedro Silva, de 26 anos, moreno, pais goianos, semi-alfabeto. De seu numeroso repertório colhi — “Casamento dos Bichos”, gênero antropomórfico; “Moda da Cachaça”, “Moda de Amôr”, “Romance do Vaqueiro”, e “Moda da Revolução”. — José Marques Ferreira, morador em Santa Rita, distrito de Pirenópolis, fazendeiro. São dêle “Moda da Eleição” e “Moda de Amôr”.

## FORMOSA

Foi outra viagem penosa, pois levamos 3 dias para alcançar a pequena cidade leste, chave do Nordeste. Formosa é como a capital de tôda a vasta e curiosíssima região nordeste goiana. Dos primeiros centros mineradores do Estado, a velha cidade já teve movimento intenso.

Hoje vive do intercâmbio com as regiões limítrofes de Minas, Bahia e Nordeste goiano, para as quais se torna ponto obrigatório de passagem. Por essa situação estratégica, se torna excelente ponto de observação dos costumes, usos, crenças e superstições das populações do nordeste do Estado. Lá se encontram facilmente homens viajados, conhecedores de Posse, Flôres, Natividade e outras localidades goianas do Norte. Em bastante atraso, pela falta de comunicação com os centros civilizados, levando uma vida econômica vegetativa, aquela região é povoada de lendas interessantes. A superstição e práticas medicinais primitivas abundam na população.

De tudo colhi excelente material, fornecido pelo culto Juiz de Direito da Comarca de Formosa, Dr. J. Décio, grande conhecedor de tôda aquela zona. Assoberrado pela colheita abundante desta outra sorte de material folclórico, não tive tempo de me dedicar às

“modas”. Razão porque só apresento neste livro, a letra da “Curraleira”, alguns cantos da folia do Divino e uma moda denominada “Impôsto do Casamento”, referente ao recente projeto de lei, regulando êste assunto. O caboclo, logo que teve notícia dêle, glosou-o com muito espírito, e a moda corre campo a fora naquele vasto sertão. E’ de autoria de Quintino Borges de Sousa, mestiço de índio por parte da avó.

### SANTA LUZIA

Santa Luzia fica no caminho de Formosa.

Bem à margem da estrada de ferro. Cidade de mineração que foi, até hoje a terra, tôda desbeijada, mostra a garganta ressequida, rasgões em que se exploravam os filões de ouro. Lá ouvi José Dias Vieira, em “A Moda do Pião do Boladeiro” e numa versão do mutirão dos bichos.

Colhi também de uma nortista, de Natividade, a letra da “Dança de São Gonçalo”, dança executada anualmente naquela cidade goiana do norte.

## CAPÍTULO III

### MÉTRICA CABOCLA

Os poetas urbanos controlam suas composições tamborilando nas escrivatinhas. O poeta caboclo metrifica “repinicando” a viola. Pois a poesia é gêmea da música.

Foi em Bela Vista, com o Anicondes. Risonho, êle ia ditando a moda. Depois do sexto verso parou e disse:

— Agora é outro verso.

Eu que já havia escrito seis, hesitei...

Logo porém entendi. Verso era estrofe.

— Esta moda é de “pegada e meia”, explicou Anicondes. Afoitei então uma pergunta:

— Como é que você compõe a moda?

— A gente inventa ca viola. Repinica nela e vai cantanu, siguinu a musga, consoante o assunto dá. O dispois, repete até firmá.

Eis a beleza da poesia popular! Poesia e música têm um só berço. A primeira forma de expressão da poesia foi o canto. Desde os hinos sagrados de Rig-Veda, na Índia, os salmos bíblicos, entre os Hebreus, os Himeneus entre os Gregos, ou as Laudes Romanas e Nênicas ibéricas. E estava intimamente associada à música. Os poemas homéricos, a mais antiga poesia helênica, não eram primitivamente cantados pelos rapsodos nas reuniões festivas? A própria poesia lírica, cultivada no berço da civilização ocidental, que deu tão esplêndidos florões na literatura latina e nas literaturas ocidentais, não deriva seu nome da lira, com que eram acompanhadas aquelas poesias? O mesmo quadro nos oferece a matriz das modernas literaturas, a Escola Provençal, com suas “cantigas de amor” que os jograis e trovadores levaram aos mais longínquos recantos da Europa. As “cantigas de amigo” da velha lusitânia,

bem como os “romances” da vizinha Espanha, também estavam associados ao canto e à música. E vários eram os instrumentos que acompanhavam os trovadores medievais — “violars”, “joglars” e os “musars”. E frequentemente a cantiga se associava à dança, como na “Dança-Prima” das Astúrias, na “Muinêra” da Galiza, em Espanha, ou nas “Ballias” lusas, para só citarmos as de casa. Só depois, é que a poesia se desgarra, tornando-se autônoma.

Anicondes definiu bem êste estágio primário de nossa poesia popular “esta moda é de pegada e meia de viola”. E eu o havia compreendido. Não me atrapalhei mais, quando no casebre de Antônio Brás, em Atolador, “debitava” uma moda, e êle foi logo dizendo:

— A moda é de duas pegadas. E começou:

Ajuntaro a bicharada  
Fizéro combinação  
Pra fazê festa de fama  
Lá no centro do sertão.  
O urso tinha uma fia  
Dilicada de felção  
Pra num separá da raça  
Feis casá cum primo irmão.

\* \* \*

A estrofe, além de verso, é chamada também “obra”. Rima tem o nome de “atrôvo”. Moda bem atrovada é, portanto, moda bem rimada.

A obra pode ser:

de 4 pés,  
de 5 pés,  
de 6 pés,  
de 7 pés,  
de 8 pés,  
de 9 pés,  
décima,  
de 12 pés,  
de 18 pés.

Em Jaraguá ouvi ao velhinho Pedro Nolasco dizer:  
— tenho uma décima sôbre a vaca.

Quadra, sextilha, etc. nunca ouvi. A quadra equivale a uma pegada de viola. A sextilha à pegada e meia. E assim por diante.

Strubí é o nome de estribilho.

A medieval redondilha maior é o verso preferido pelo caboclo quer em suas expansões amorosas, quer nas narrativas de façanhas, de pequenos romances de sua vida pastoril, celebrando bravuras de bois e de cavalos ou fatos sociais e políticos do meio rural. Quanto às “obras” ou estrofes, a quadra — uma pegada de viola — tem a preferência da poesia popular goiana. Das 63 composições insertas neste cancionero por mim coligidas, 20 são quadras, 18 oitavas, 12 sextilhas, 7 décimas, duas quintilhas, 1 sétilha, e uma obra de nove pés. Conforme se observa, a ela se segue a oitava, depois a sextilha e finalmente a décima. Registro dois desafios em quadras e um ABC. A quadra, setessilábica, possui as seguintes estruturas de rima: abcb-freqüente; abab, abba, aabb, raras.

Exemplos:

Eu queru mi expandi  
Premeru peçu licença  
Prá cantá in Ipameri  
Mi achu sem competência

U povu di hoji in dia  
Todu usu qué fazê  
Agora já tão usanu  
Pegá genti prá vendê

Camarada num sô não,  
Num queru sê camarada,  
Aminhã tô na ribada  
Sô mandadu dum meu patrão

Meu patrão falô prá mim:  
— Meu boi peto tem di vim,  
Meu boi peto é mascaradu  
Cabecêra du meu gadu.

Os estilos das poesias, o assunto, a rusticidade dos cantadores, a linguagem popular, não autorizam a supôr colaboração erudita nestas estrofes. As quadras veiculam os temas tradicionais da poesia religiosa — folia de Reis, folia do Divino, celebrações do Rosário, letra da dança de São Gonçalo bem como as letras das danças tradicionais dos tapuias, congo, moçambique, etc.

As sextilhas — na sua maioria, se compõem de versos de rimas pares — abcdbd; encontram-se ainda ababcb, ababab, abbcbb, abcbab.

**Exemplos:**

A mão a pena toquel  
Fazendo esta poesia,  
De uma eleição que trabalhei  
Assujeitando arrilia,  
Partido de fraco elemento  
Foi que teve maioria.

U sapu e u papa ventu  
Já fizerú u seus contratu,  
Di fazê a cantarola  
Nu mutirão du macacu,  
Mutirão dí fazê roça  
La nu matu du ressacu.

Creio que vai melhorar  
Segundo vejo os projeto,  
Precisa vigorar  
Um govêrno mais correto,  
Se assim continuar  
Meus desejo estão completo.

A respeltú a pagodera  
Vô dá méa opinião,  
U pagodi é muntu bão  
Havenu boas concorrência,  
U povo tudu em lôvação  
U pagodi é munto bão.

Quantu êles vão nas função .  
Já vão di causu pensadu,  
Leva pinga, põe na moita  
Tôda hora bebe um mucadu,  
Em quarque repartição  
Já fica adiantadu.

A sextilha parece ser preferida para as composições poéticas dos ABC. Registrei quatro neste cancionero e ainda um desafio, neste gênero de estrofe.

A obra de oito pés ou oitava, apresenta as seguintes composições de rimas abcbdfef, abcdcded, abcbdede, sendo a primeira e última as mais habituais.

Exemplos:

Agora u lobu foi pra viola  
A onça foi prorela,  
U cuei ficô na porta  
Botanu sintidu nela;  
Uma mão tava na chavi,  
I a ôtra na tramela:  
— Us bichu ganharu u matu  
Quantu o lobu abriu a guela.

Quantu eu cheguei lá na festa,  
Us bichu tudu mi sôdô;  
Vei di lá tamanduá vélu  
Disse adeus, mi abraçô.

Eu entrei nu salão  
E peguei prestá assunto;  
Cavaiêru tinha bem  
I dama tamém era muntu.

Registrei um ABC em oitavas — ABC do amor.

Em quarto lugar vem a décima, da qual sete registradas, com as disposições de rimas: abcbdbefb habitual, e abcbdefege, pouco encontrada. Repare-se que difere tanto das décimas portuguesas — abbaeccdde, quanto das brasílicas — abbacdde — citadas como gerais no Brasil sertanejo por Câmara Cascudo.

Exemplos:



Sinhoris mi dê licença  
Minha moda eu vô contá,  
Eu inventei esta moda  
Foi memo prá consiá.  
Tantu moçu cumu moça  
Qui deseja sí casá,  
Faça bom proclimento  
Prá não dá u qui falá;  
Deve namorá seguru  
Pru povo não defamá.

Coração qui é amoroso  
Quanu chega a querê bem,  
Passa u tempu que passá  
Lialdade sempre tem;  
Moça si vols mi ama  
Eu queru ficá ciente,  
Mi dá sintoma di amô  
Queru sabê perfeitamente,  
Quem ama recrama e chora  
Suspira e sente.

As quintilhas que encontrei compõem — Moda da  
Revolução de trinta, de A. Mariano. São de rimas ricas  
e excelentes, que assim se dispõem: abaab.

Enflns todos que governam  
O nosso grande Brasil,  
Só arranja dívida externa  
Mi come por uma perna,  
Não me dá nem um ceutil.

Destoando da uniformidade do setissilábico da  
poesia popular, encontrei e vão registradas duas "obras"  
de oito pés, de versos pentassílabos. A moda é de  
autoria de Pascoal Guimarães, de Morrinhos, e se inti-  
tula "Lindra Morena"; compõe-se de cinco estrofes,  
sendo as duas primeiras, oitavas e as três últimas sex-  
tilhas. Vejamos as oitavas de versos pentassílabos:

Qui lindra morena  
Qui lindra facera,  
Essi seu geitim  
É di enganadera,  
É patrística mia,  
Ela é brasileira,  
Essas cô morena  
É matadera.

Eu pru vois padeço  
Desta manera,  
Eu tem qui ti amá  
Inquantu fô sortera,  
Qui lindra morena,  
Qui lindru oiá,  
Fais um cabrinha  
Passá má.

A disposição das rimas da primeira estrofe é a mais comum — abcdbbeb e da segunda — abcdbefe.

Na poesia popular goiana, como em todo país, gozam de grande prestígio as modas em ABC em que se celebram fatos ocorridos na vida rural. Dos seis abc recolhidos do cancionero, dois registam o episódio importantíssimo da revolução de vinte e quatro chefiada por Luís Carlos Prestes e Siqueira Campos, enquanto o terceiro celebra o regime revolucionário instalado pela vitória da revolução de 1930, que na expressão do caboclo — “acabou com a exploração política e trouxe a paz”. A moda da revolução de trinta de Adolfo Mariano, com a moda de revolução, de Henrique Pedro da Silva e mais as primeiras citadas, formam o que denominei o “ciclo revolucionário”, cuja importância soube apreciar o ilustre professor Roger Bastide, na carta que vai em apêndice. Voltando aos ABC, outros três dos registrados no Cancioneiro são líricos, sendo que um amoroso — “ABC do amor”. Esta forma de poesia popular veio-nos de Portugal, onde foi largamente cultivada na época do Renascimento, embora suas raízes se insiram em fases românicas. A estrofe preferida para esta espécie da poesia popular é a sextilha, ainda que se encontrem quadras e oitavas.

Na sextilha as rimas têm a seguinte disposição —  
ababab.

Recortado, aquêles versos alegres que seguem a moda, ouvi chamar de “alto”, em Jaraguá. Foi com Joaquim Alves de Oliveira, que depois de ditar a moda disse: “agora é o “alto””.

O recortado, aliás, é uma composição poética que merece reparos. Como complemento da moda, sua finalidade é provocar hilaridade. A toada também difere do tom melancólico da moda. E’ alegre e ligeira. Por isso quase sempre o recortado é uma colcha de retalhos costurada no momento. Vejam por exemplo êste caso: Estamos ouvindo a moda do “Boiadeiro” que descreve a vida trabalhosa do pião, tocando a boiada. Cantada naquele tom dolente das toadas catireiras, e ouvida em silêncio religioso por todos.

Finda, vem o recortado:

Al dona, hoji num cumf nada.  
Eu cumf uma vaca assada  
Dels caxa de marmelada  
Vinti garrafa de vim,  
Dels lata de côcada,  
Dona, eu hoji num cumf nada.

Há, entretanto, alguns, feitos a capricho pelos autores, para complemento do sentido da moda. São verdadeiros apêndices. Mesmo neste caso, a expressão é chocarreira. O recortado da Moda da Revolução, recolhida de José Brás, obedece êsse plano proposital, conservando todavia o tom zombeiro. Díz:

U povu de hoje in dia  
Todu usu qué fazê  
Agora já tão usanu  
Pegá genti prá vendê

Viéru peganu genti  
Cumo vem peganu gadu  
Foi peganu i riuninu  
Pra levá pru Totó Caiado.

Nesti Istadu di Golais  
U Inaçu é diferenti  
Us ôtro fais boiada é di bol  
Éli fais bolada é di genti

Eu façu a cumparação  
Nem assim eu digu beim  
U Inaçu só pága i vendi  
Mas num compra di ningueim.

Dos "versos" usados, parece que os preferidos dos cantadores são: quadras, sextilhas, oitavas e décimas, em nossa linguagem.

Alguns de perfeita forma. Vejam esta oitava:

Na mata bêra das carda  
Eu tem lá uma roquêra,  
Quanu chega a dá um tiro  
Estremece a mata intêra.  
Tiro zôa mata abaxu  
Zôa até nas cabicêra.  
Atiranu nu dumingu  
Zôa até sigunda-fêra.

O "atrôvo" é estético: 2, 4, 6, 8.

Allás, noto que as rimas dos nossos menestréis se fazem comumente nos versos pares. Foge a êste uso a "obra" de 5 pés do grande Adolfo Mariano, verdadeira jóia da poesia popular:

Disculpe franquezas minhas  
licênça, caro leitor,  
Vou rabíscar éstas linhas  
Com certas frases mesquinhas  
de mau improvisador.

De minha livre vontade  
Vô fazer uma pequena crítica  
Não tenho capacidade  
Mas estou na liberdade  
Vamos falar na política.

O ponto que me desgosto  
No Estado de Goiais  
Em vez de abaixar os imposto  
Como agora eu amostro  
Estô pagando muito mais.

E seguem cêrca de 15 estrofes nessa riqueza de rimas. Isto na bôca de um homem que apenas aprendeu ler e escrever. No gênero de modas tem largo uso o ABC de tradição portuguesa.



I PARTE  
C A N C I O N E I R O





# POESIA RELIGIOSA

## CICLO DO NATAL

**Natal!**

Lapinhas luxuosas, bem armadas, com casario, estradas, pontes, moinhos, luz elétrica, trens de ferro. Lapinhas modernas no canto das salas das casas de fiéis nas cidades, nas capelas da entrada dos templos.

Lapinhas pobres, feitas de ramos cobertos de fitas, só com São José, Nossa Senhora e Menino Jesus, sem o boi nem o burro, em cantos escuros das salas grandes da fazenda solitária.

Por tôda a parte, a lapinha, o presépio, da tradição cristã.

Hoje, nas cidades, a festa do Natal se reduz à Missa do Galo, ao Papai Noel dos sapatinhos das crianças, e à Arvore tôda iluminada do Natal, ou presépios curiosos erguidos em certas casas.

Reis é um dia despercebido. Foi-se talvez o tempo em que — <sup>8</sup>bandos de môças e moços, percorrendo a cidade, paravam à porta fechada de uma casa, e entoavam cânticos sagrados; a porta se abria e uma mesa repleta de guloseimas convidava os visitantes. E iam correndo assim três ou quatro casas numa noite, dançando na última."\*

Na Bahia, Melo Moraes registrou idênticos bandos de surpresa, — era a Chegança, com a peça "Cristãos e Mouros", ou ainda o soleníssimo cortejo do "Bumba-meu-boi".

O' de casa nobre gente  
Escutai e ouvireis,  
Lá das bandas do Oriente  
São chegados os treis Reis.

---

\* Sílvio Romero, em *Revista Brasileira*, 210.

Do letargo em que caístes  
Acordai, nobres senhores,  
Vinde ouvir notícias belas,  
Que vos trazem os pastôres.

Nesta noite tão ditosa  
E' bom que vós não durmais,  
Porque tão alta ventura  
Não é justo que percais.

Senhora dona da casa  
Mande entrar faça o favor  
Que do céu estão caindo  
Pinguinhos d'água de flor. (\*)

O litoral nortista foi muito tempo a praça forte destas tradições herdadas da mãe-pátria. Efetivamente em Portugal, segundo testemunho de Teófilo Braga, havia o costume, conservado ainda hoje nalgumas vilas do interior, de entoar loas ao Divino, decantadas ao silêncio da noite, antes da Missa do Galo, às portas das pessoas de amizade. Elas eram cantadas num ritmo particular, próprio da véspera dêste dia. E quando a estação permitia grupos vagueavam à noite, levando consigo instrumentos com que acompanhavam os cantos. O mesmo se repetia em Reis, só que com outra tonalidade. Diante do presépio, cantavam-se seguidilhas e nestas predominava a forma dramática. (\*\*)

Eis a origem das Cheganças nortistas, (\*\*\*) com seus autos pastoris. E do cortejo do Bumba-meu-boi. E' verdade que entre nós estas celebrações já têm fisionomia alterada pelos elementos nacionais acrescentados

---

\* Melo Moraes — *Festas Populares do Brasil* — Pags. 23 a 35.

\*\* *História da Poesia Popular*, pags. 49-50.

\*\*\* Alres da Mata Machado Filho, brilhante filólogo mineiro, em seu trabalho *O negro e o garimpo em Minas Gerais*, Editora José Olímpio, sob a epigrafe Bumba-meu-boi, nos assevera que este cortejo teve voga em Quartel e São João, sendo conhecido, mesmo, um tal Senhor Xicá, cujo apelido lembra bem o companheiro do boi Geroa-Chicaca. Significa, pois, que esta chegança já teve maior área geográfica no país, confinando-se atualmente no Nordeste e Norte.

às mesmas. \* No caso do Bumba-meu-boi não há só elementos nacionais, pois que a figura central do cortejo — o boi — é estranha nestes grupos ao próprio Portugal. O boi desempenha aí papel importante. Rodrigues de Carvalho já descreveu brilhantemente êste pitoresco préstito à pág. 27 e seguintes de seu Cancioneiro do Norte.

E o ilustre folclorista arremata:

“Entre os folgares mais comuns e mais arraigados na tradição popular figura o Bumba-meu-boi, que supomos de origem pagã, vindo do Boi Ápis egípcio; atravessando centenas de civilizações, adaptando-se a diferentes costumes, tomou no norte do Brasil uma feição particularíssima”.

(Pág. 26, ob. cit.).

Supôs bem o eminente tradicionalista. O culto do boi, oriundo do Totemismo, se estende desde a Índia, ao Egito, à Grécia, à Gália, à China, etc. No Egito, Osíris se encarnava no Boi Apis.

Rá era representado como gafanhoto ou *boi*; Hator como vaca. O Touro, encarnação de Osíris, representava o poder sexual criador, o princípio da fecundação. Osíris, o que fecundava as margens do Nilo com as enchentes, foi um dia morto por Set, deus da sêca, encolerizado com a fertilidade daquelas terras; porém Horus, filho de Ísis, expulsou Set daquela região, e Osíris resuscitou aos carinhos da deusa Ísis, sua espôsa. *Esta morte e ressurreição eram celebradas todos os anos com grandes festejos.*

Na Pérsia, Haoma era um deus-touro, que morreu e resuscitou; os primitivos iranianos, conta-nos Will Durant, o adoravam embriagando-se com o suco da erva “haoma”.

Na Índia encontraram os arianos invasores entre os vários cultos de natureza animista e totêmica, a adoração de Nandi, deus-touro, e até hoje persiste o tabu do boi sagrado.

J. G. Frazer dá notícias abundantes do boi no culto agrário da Boêmia, Turgovia, Suábia, Baviera, Dijon, Font-à-Mousson, Lineville, Turíngia, Zurique. Em Portugal, Teófilo Braga cita o Boi de São Marcos, entrando processionalmente na igreja; há ainda O Boi Bento, que desfila na procissão de *Corpus Cristi*, nas cidades de

Penafiel e de Braga, precedido de môças que dançam (Cf. Luís da Câmara Cascudo — *História da Literatura Brasileira* — Volume VI). Na África, em Angola como em outras regiões, cultuam o boi em festa anual. Tanto o na-w-angá como o Boi Geroa, são levados em cortejos, com danças e cantos (\*).

---

(\*) Este registo incompleto das celebrações da divindade do boi, nos dá uma idéa da extensão e enraizamento de seu culto, entre os povos indo-europeus e africanos, bem como os elementos exteriores desse culto que vão desde o sacrifício das vítimas, orações e funções nos templos até cortejos festivos em que se dança e canta alegremente. O Ciclo do Boi de origem totêmica torna-se evidente ao observador menos informado. A variedade de formas desse culto, as mutações que sofrem no sentido e nas exteriorizações, mutilações, substituições, acréscimos, oriundas da adaptação ao novo meio cultural e social, fatores que o tornam tão diferenciado dos moldes originais, jamais enganam o folclorista habituado a rastrear os fatos da tradição oral, quase sempre modificados e desfigurados pelo tempo e pela diversidade das culturas. Os elementos essenciais aí estão a identificar a universalidade da antiga crença no deus-touro, primitivamente adorado nos templos, implorado e propiciado; após, levado respeitadamente em cortejos pomposos ou alegres, com cantos e danças; aqui — como algo sagrado, ali — por mera tradição, cujo sentido já se apagara. E em nossas praças, como elemento de um auto popular, comemorativo às festas de Natal e de Reis, em que ao boi se associam outras figuras suzeridas pelas culturas étnicas presentes — tais o Gregório, caboclo; Mateus — o africano; o Caapora, etc. O cortejo tradicional não mais ressuma às práticas do culto do boi, que se apagou inteiramente. Há um motivo religioso-cristão para que o cortejo se celebre: as festas de Natal e de Reis, época em que se realiza e não noutra tempo. O cortejo assume exteriorizações divertidas e alegres, por parte do boi que dança, que dá chifradas, perseguindo a turba alegre folgazona, elementos novos emprestados à índole chocarreira de nosso povo. Mas no fundo, temos o boi — figura central de um auto popular cristão, *conduído em cortejo, que morre e ressuscita*, fatos inexplicáveis se não se prendessem às velhas crenças e ritos, sobretudo dos bois das civilizações da África do Norte e Ásia Menor. Ambos estes últimos elementos são dados constantes da temática tanto ritual como mitológica do deus-touro. Eles formam o esqueleto da tradição, que se reveste de formas novas, de idéias, cultos, crenças, costumes, sentimentos e emoções oriundas de uma cultura diferente. O detalhe de o boi dançar constitui elemento incorporado, secundário, e por si só não pode valer, como argumento, contra as múltiplas formas que são resquícios nas várias épocas da universalidade do primitivo culto do boi. Aliás, outros elementos temos em nossas tradições, oriundos da tradição europeia, que documentam a persistência de um "resíduo" dessa divindade do boi — são as práticas mágicas do "chifre do boi" nas hortas, lavouras e plantações, para afastar o mau-olhado, pragas, granizo, tempestades, proteger, enfim, a produção; e o emprêgo do "ólho do boi" para afastar a tempestade, fazer terminar uma

Os hebreus, quando em marcha no deserto, esquecidos do Deus de Israel, na ausência de Moisés, construíram um bezerro de ouro, que adoraram. Os Drusos cultuavam a vaca. Em Atenas, celebravam-se as Bufo-

---

chuva conforme adiante demonstraremos no capítulo das Magias Rituais.

Artur Ramos, em *O Negro Brasileiro*, páginas 126 e seguintes, apresenta uma interpretação psicanalítica dêsse auto, fillado que é à escola da mitografia psicanalítica, desenvolvida pelos discípulos de Freud — Franz Riklin, Karl Abraham e sobretudo Otto Rank, e nos apresenta o boi, animal-totem — como um símbolo paterno. O pai primitivo, morto pela horda rebelde, é substituído pelo filho herói, na fase do matriarcado, volta divinizado, depois do sacrificio do filho, porém metamorfoseado em animal protetor.

Assim a morte do boi tem o sentido de um crime edipiano. Embora engenhosa a exegese psicanalítica parece-nos obscura e assentada em princípios não provados. A escola psicanalítica ortodoxa, baseando sua concepção da origem das instituições sociais no complexo de Édipo, que considera um fator "biológico", enquanto outros como B. Malinowski o consideram "social", procura demonstrar que os mitos, as lendas, e os contos populares são projecções e transformações daquele complexo que Freud e seus discípulos apregoam de natureza universal. Entretanto, as críticas feitas pelos etnólogos, demonstrando o caráter local, em vez de universal, da lenda de Édipo, limitada ao povo grego, que encaram como um fato verificado na história do próprio povo grego, invalidam a hipótese psicanalítica da universalidade desta situação familiar. Inúmeras são as lendas que, segundo confirmam escavações arqueológicas, conservam a memória de acontecimentos históricos. Por outra parte a antropologia moderna com Kroeber. (\*) C. Clemens "*La aplicación de la psicoanálisis a la mitografía e historia de la religión* — en *Archivos de psicología general*, v. 61, 1928, W. H. Rivers "*Instinto e Inconsciente*" (Cambridge 1920), Idem, *El simbolismo del renacimiento* (Folclore 1922), Malinowski — *Represión sexual, y sociedad salvaje* — Londres 1927, F. Boas, *Los Métodos de la etnología, en el Antropologista Americano*, N. Y. 1920, rebatem a teoria da horda primitiva de Atkinson, que Freud esposou, hem como a universalidade e primariedade do totemismo nas instituições sociais e da teoria do sacrificio e da comunhão totêmica de Robertson Smith, em que Freud se apoiou, os quais elementos formam as colunas da concepção psicanalítica. Enquanto dentro da própria escola, colaboradores e discípulos ilustres como Breuer, Jung, Adler, divergiam do mestre em sua fundamental tese edipiana, de base unicamente sexual das neuroses e admitiam outros fatores, tornando a libido, somente, um dos múltiplos geradores de neurose, sem nenhuma preponderância sobre os demais. Eis por que a exegese mitográfica-psicanalítica nos parece menos apta a esclarecer as origens do folclore, porquanto trabalha com princípios, alguns restrinidos no valor absoluto que lhes confere a escola e outros invalidados pela moderna crítica antropológica e etnológica.

---

\* *Totem e Tabu: una psicoanálisis etnológica.*

nias — em que se imolavam bois, a princípio; e depois, abolido o sacrifício do animal, era êste transportado com grandes solenidades pelas ruas e mantido presente às cerimônias.

Entre os chineses ainda é conduzida processionalmente uma vaca enorme, modelada em terra e de chifres doirados, por ocasião da festa da agricultura.

Entre os gauleses havia também idêntico cortejo do boi. Laisnel de la Salle em sua excelente obra “Le Berri”, a êle se refere:

*Le Boeuf villé, viellé ou violé.*

“Nous appelons ainsi le boeuf gras, parce que, dans le vieux temps, il était promené par la ville, au son de la vielle ou de la viole. La “monstre” ou parade du boeuf villé avait lieu autrefois, dans nos pays, avec une grande pompe.

Le boeuf villé était toujours choisi dans un concours où figuraient les plus beaux animaux de la localité. Dans certains bourgs, c'était “le maître visiteur des chaînes et poissons, qui, après collection faite des voix et avis des arbitres à ces appelés, déclarait que tel boeuf était le plus gros et suffisant pour être mené et violé, à la manière acoutumée, par les rues de la justice du dite bourg”.

A pág. 50, o mesmo autor cita ainda outra modalidade que existiu em Châtre, — boeuf villé —. “Todo ano na primeira quinta-feira do mês de maio o almotacel em exercício, revestido de sua roupa de sêda, parte verde e parte vermelha, era conduzido montado num boi, e os notáveis do lugar, seguidos do populacho o levavam pela cidade tôda, e a cerimônia acabava pela condução do mesmo diante do portão principal do castelo senhorial, onde, em seu nome e em nome da povoação, êle rendia homenagem ao senhor feudal do lugar. Êste costume foi abolido em 1217”.

No cortejo do Bumba-meu-boi e da véspera de Reis, há pois um amálgama de elementos tradicionais estratificados: — culto totêmico do boi, indo-europeu, representado na figura central desempenhada por êsse animal; — culto cristão, representado na data de Reis, motivo do rancho, nos cantos religiosos às portas, nos

autos, etc. de procedência portugêsa direta; elementos nacionais, representados nos tipos atôres do rancho, o Gregório — caboclo, o Mateus — africano, e na Paraíba, o Caipora — indígena, como bem notou o mesmo Rodrigues Carvalho, à pág. 33, discorrendo sôbre a feição nacional do Bumba-meu-boi.\*

Coisa interessantíssima é o estudo destas estratificações. Aí também se verifica a mesma ordem de fenômenos que na natureza. Verifica-se, como camadas de idéias, cultos, crenças, costumes, ora superpõem-se, ora interpenetram-se, confundem-se, formando novas unidades.

Que eram as próprias Natais, as celebrações da Idade Média que deram origem às atuais?

Discutem os entendidos sôbre a procedência das mesmas. Adolfo Coelho\*\* cita "Johann Christian em Wilhelm Augusti Deukwürdigkeiten ans der christlichen Archäologie mit beständiger Klicksicht auf die gegenwartigen Bedürfnisse der christlichen Kirche (Leipzig, 12 vol. 8.º, 1817-1831) 1, 212, 230", diz assim: "Achamos uma exposição da questão mais conforme à verdade, a qual vamos resumir:

Pretendeu-se errôneamente que a festa do Natal fôra introduzida pelos Apóstolos (Augusti I, pág. 177, ff. Literatura, pág. 211 seg.).

Nos doutores da antiga igreja não há discussão a respeito do Natal como há a respeito da Páscoa. Desde o século V deve-se considerar o dia 25 de dezembro como o *terminus fixus*; houve escritores de diversos séculos que reconheciam quanto esta data tinha de arbitrário. As mais antigas notícias dos primeiros tempos do cristianismo não mencionam a festa do Natal. Essa festa não se tinha introduzido, ou pelo menos tornado assaz importante e adquirido uma certa generalidade antes do século IV. Clemente de Alexandria declara uma inútil fadiga a investigação do nascimento de Cristo. Seu verdadeiro nascimento é a Epifania. E geralmente os primeiros cristãos davam muito mais importância ao dia da morte que ao do nascimento".

---

\* Com relação a este último aspecto, em *Cancioneiro*, página 33.

\*\* *Revista d'Etnologia e de Glotologia*, Fasc. I.

Alguns eruditos supuseram a festa do Natal de origem judaica e viam os precedentes dela na "Khanuka" (consagração do templo), chamada também a festa das luzes, a festa do novo altar ou dos Hasmoneus.

Outros viram a origem da festa do Natal no paganismo, principalmente na celebração da festa — "brumal" ou festa do sol, a 24 e 25 de dezembro. Alguns hinos da Igreja estabelecem essa conexão entre o Natal e a festa do sol. Paulinus Nolan. Carmine XVIII, pág. 538, ed. Rosw.

As objeções contra esta origem pagã da festa do Natal não são assaz fortes; diz-se que ela aparece primeiro no Egito e na Gália, mas seria ali que por circunstâncias particulares ela chegasse a adquirir importância, e não colhe a objeção tirada da oposição da Igreja contra tudo que era pagão, o ser considerado como um característico dos heréticos, principalmente dos gnósticos, seguir nos seus usos eclesiásticos os pagãos, pois tantos elementos pagãos se introduziram no culto. Exatamente o fato da generalização tardia da festa pode ser um resultado da oposição que lhe faziam pelo seu caráter pagão.

Mas no próprio Egito também a festa se pode explicar por uma base pagã, pois os egípcios celebravam a *Inventio Osiridis* ou *Festum Osiridis nati, aut renati*. Jablonski, de *Origine festi nativ. Cristi etc.* citado por Augusti I, pág. 225, diz desta festa: "*Hoc in festa populus, per totum Aegyptum ad Honorandum tantam solemnitatem congregatus, accepto nuntio de invento jam Osiride exclamare solebat: eyrekamen synkhaisomen. Quae verba aliquid simile sonant illis, quibus olim Angelus Domini salutarem Servatoris nostri in carne apparitionem, vel nativitatem, pastoribus annuntiavit; evangelizomai ymin klazan megalen*". Essa festa era celebrada no dia correspondente a 6 de janeiro.

Outros viram a origem da festa do Natal na festa germânica de Juel, o que não podia explicar a generalização daquela.

Concorda com a de Johann Cristian a opinião de Felix Chapiseau, que à pág. 317 do "Folklore de la Beauce et du Perche", se refere às festas de Natal e



de São João: "La Fête de Feu de Saint-Jean et celle de Noël datent des époques primitives de l'humanité, remontent à nos ancêtres sauvages qui divinisaient les forces de la nature. Elle nous rappellent les fêtes qui s'accomplissaient en l'honneur du plus grand des dieux; le dieux solaire, symbole de vie, de chaleur et de fécondité. Au solstice d'été, on célébrait la force, la gloire, le triomphe du soleil à son apogée; au solstice d'hiver, on fêtait sa renaissance, préparant le réveil de la nature. Cependant, bien que devenues chrétiens, elles conservèrent encore des traces indélébiles de leur origine païenne: le tison sacré du feu de Saint-Jean et la bûche de Noël sont l'image de la chaleur de soleil, et les vertus préservatrices qu'on leur prête rappellent le culte dont cet astre fut jadis l'objet".

Com esta origem do culto do sol, rendido pelos povos primitivos a este astro símbolo da vida, concordam ainda as seguintes passagens das páginas 18 e 19 de "Souvenir de vieux Temps", "Le Berry", a obra já citada de L. de la Salle: "O uso de conservar durante 3 dias e 3 noites em toda casa o fogo da árvore de Natal, é segundo tudo leva a crer, uma lembrança do culto que os gauleses, bem como os povos do norte, rendiam ao sol, tanto no solstício do inverno como no solstício do verão. Os Druidas tinham duas festas principais em honra do fogo, do sol ou do deus Bell: Uma no inverno, em primeiro de novembro; a outra na primavera, em 1.º de maio. Todas duas revivem em nossas fogueiras solsticiais de Natal e de São João; no norte, entre os suecos, os finlandeses, os Irlandeses, etc. somente no décimo século é que a festa de Natal substituiu completamente a do solstício do inverno".

Conclusão. Os festejos profanos da época de Natal existiam já muito antes do nascimento de Cristo, e davam-se até duas vezes no ano — no solstício do inverno que entre nós equivale ao do verão; e no solstício do verão europeu, equivalente ao do nosso inverno. Ambos cultuavam o sol, fonte da vida. Este culto vem desde os primórdios da humanidade. Originou-se na Índia. Nos Vedas há o deus Indra — personificando o fogo celeste, o sol; e o deus Agni, o fogo da lareira. Daí se irradiou aos povos indo-europeus — Hélios, dos gregos, Sanli gótico, Solnce em eslavo, Bel dos caldeus,

Ra dos egípcios, Mitra dos persas, Adônís dos fenícios, e entre os povos americanos da costa do Pacífico — patchcamak dos peruanos, etc. (\*). Com a cristianização da Europa, houve uma adaptação sábia por parte da Igreja destas celebrações pagãs; deu-lhes um sentido cristão com a comemoração do Natal e de São João.

Nota 1. Le Cosse de Nau — era um tronco que os habitantes transportavam festivamente para casa, e ergulam em véspera de natal, mantendo nêle acesas lamparinas durante três dias e três noites. Daí se originaram nossas árvores de Natal, iluminadas e carregadas de presente e guloseimas.

Nota 2. Sôbre a etimologia dos têrmos João e Joana encontrei esta interessante nota: "Le concours des deux fêtes de Saint-Jean (24 de junho e 27 de dezembro) avec les solstice, a quelque chose de mysterieux par la conformité de ce nom avec celui de Janus, qui, chez les Romains, présidait aux équinoxes comme aux solstices, et dont les Saliens prononçaient le nom Janés, les Grecs Johannes, les Hebreux Johann, etc. Mais ce qui démontre jusqu'à lá dernière évidence que Jean, Janus et le soleil ne font qu'un, c'est un passage de Macrobe où il est dit que, chez les Romains des premiers siècle, le soleil s'appelait Janus et la lune Jana.

E hoje, quando nos terreiros se armam fogueiras a São João, ou no Natal, se plantam árvores cheias de luzinhas ou se acendem velas no bôlo succulento que

---

\* Sôbre o culto do Deus-sol entre os povos orientais, greco-romanos e primitivos, bem como a respeito das lendas existentes relativamente ao sol, que ora é engolido por monstro marinho, ora é devorado pelo lóbo da mitologia escandinava e ainda em referência às interpretações solaristas dos contos de Perrault ou de Grimm, etc. há uma desenvoivida literatura folclórica, relevando — Ângelo de Gubernatis — *Mythologie zoologique ou les legendes animales*, tr. Francesa, 2 vols. Paris, 1874; Gaston Paris — *Le petit Poucet et la grande Ourse*, Paris, 1875; F. Dillage, *Contes de Charles Perrault, avec notice, notes e variantes* — Paris, 1880. P. Santyves — *Les contes Perrault*, Paris, 1923; Max Müller — *Nouvelles leçons sur la science du langage*, tr. Francesa. — tomo II. Paris, 1886; E. B. Tylor — *La Civilisation Primitive* — Tomo I, Paris, 1876.

ocupa o centro da mesa, somos inconscientes de que repetimos uma velha tradição ariana do culto a Indra, cujo sentido pagão se apagou no tempo substituído pelo sentido cristão.

\* \* \*

Mas digredimos muito. E é tempo de voltarmos às nossas Natais.

As celebrações de Natal entre nós não estão ainda resenhadas. Pelas que conhecemos, no norte, no centro, no interior do país, evidencia-se êste fato: Temos celebrações, de procedência portuguesa, mas já alteradas na fisionomia por intromissão de elementos modificadores nacionais; tais são as cheganças, o bumba-meu-boi, as janeiras, do litoral nortista.

Temos celebrações em que tradições africanas misturadas à européia, dão uma fisionomia crioula; tais são — congos e reisados, que ainda se realizam em cidades do interior.

Temos, finalmente, celebrações em que tradições indígenas misturadas à européia, dão fisionomia cabocla. São elas as folias de Reis, que vão de 23 de dezembro a 6 de janeiro. Quinze dias cheios, em que o caboclo não faz outra coisa que dançar, comer, beber e correr os pousos, onde se acham armados os presépios. Tem o nome de Folia êsse agrupamento que anda de fazenda em fazenda, a pé ou a cavalo. Verdadeiro prolongamento dos bandos de surprésas nortistas e portugueses. A Folia tem organização, e obedece a um chefe — o alferes, que é sempre um cantador de pulso. E um itinerário previamente traçado. De dia, as Folias andam no giro. À noite, recolhem ao pouso. Nada mais pitoresco que a chegada da Folia a um pouso. Quase sempre se dá à tardezinha. Sol pondo. De repente, na virada da colina próxima, soam descargas cerradas. Logo o fazendeiro com os filhos e a pionada, que esperam a Folia puxam das garruchas, e enche o ar de estrondos e estampidos. Os da Folia replicam aproximando, e trava-se uma verdadeira e perigosa batalha, cada um querendo abafar o outro com o barulho dos estampidos. Clavinotes, ronqueiras, garruchas, todos berram doidamente.

Finalmente na curva da estrada, doirada de uma réstia de luz, surge a bandeira vermelha, ladeada de dois cavaleiros. Atrás, envôlta na poeira, a turma foliona. Tambores e adufes rouquejam mais próximos.

Chega a cavallhada. Apeia a Folia, que caminha formada até a porta da casa, onde a espera o dono da fazenda, rodeado dos filhos, compadres, etc. E então o Alferes erguendo a bandeira bem alto, canta:

1

O' di casa, ó di fora  
Qui hora tão excelente  
E' u glorioso santu Reis  
Qui é vem do orienti.

2

O' de casa, ó di fora  
Alegra esse moradó  
Qui u glorioso santu Reis  
Na sua porta chegô.

3

Aquí está santu Reis  
Mêa noite fóras dóra  
Procurou vossa morada  
Pidinu sua ismola.

4

Santu Reis i Nossa Sinhora  
Foi passíá in Belém  
São José pidiu ismola  
Santu Reis pede tamém.

5

A ismola qui voís dá  
Nois vlemo arecebê  
U glorioso Santu Reis  
E' quem vai agradecê.

6

Santu Reis pede ismola  
Não é ouro nem dinhêro  
Ele pede um agitoru  
Um alimento prus fêstêro

7

Sôr dono da casa  
Vem abrí as portaria  
Recebê santu Reis  
Com sua nobre Fulla.

8

Sôr dono da casa  
Alevanta e cende a luz  
Vem a ver santu Reis  
U retratu di Jesusis.

9

Paremu na sua porta  
Com oru na balança  
Aquí tamu a sua espera  
Da sua determinança.

10

Deus te sarve casa nobri  
Nu seus postu tão honradu,  
Aondi mora gentí nobri  
qui de Deus é yisitadu.

11

Deus o sarvi a luiz du dia  
Deus o sarvi a craridadí,  
Deus o sarvi as treis pessoa  
da Santissima Trindadi.

## 12

Deus o sarvi as treis pessoa  
 Com a sua santidadí,  
 E' as treis pessoa divina  
 Aondi nasci a divindadi.

## 13

O sinal da Santa Cruz  
 E' principu de oração  
 E' o principu deste cantu  
 Desta rica invocação

## 14

Deus te sarvi oratóro  
 E' coluna qui Deus fels  
 Hoji tá visitado  
 Do glorioso santu Reis.

## 15

Deus te sarvi oratóro  
 Cum todo seus ornamentu  
 Deus te sarvi as istampinha  
 I as imagi qui istão dentro

## 16

Deus te sarvi as imagi  
 As pequena e as maió  
 Numa rica divindadi  
 Sincerra in uma só.

## 17

Sôr dono da casa  
 Alegra seu coração  
 Arreceba santu Reis  
 Cum todo seus folião.

18

Santu Reis desceu do céu  
Cortanu ventu nas asa  
Vei pidi um agasaiu  
para o dono desta casa.

19

Santu Reis evém giranu  
Cançadim do trabaiu  
Procurô vossa morada  
Para pidi um agasaiu.

20

Santu Reis vei vuanu  
Nus ari feis um remansu,  
Procurô sua morada  
Pra fazê seu discançu.

21

Sôr dono da casa,  
Muito alegui devi istá,  
Du gloriosu santu Reis  
Hoji vei lhi avisita.

22

Cunclufmu esti cantu  
Fazenu o siná da cruiz,  
Padi, Filhu, Ispritu Santu  
Para sempi, amén Jesus.

Todos ouvem respeitosamente o canto sagrado. Terminado, o Alferes entrega com solenidade a bandeira ao dono da casa, que a beija seguido por todos neste ato. Depois coloca-a junto ao presépio. Uma lambada de pinga corre nos presentes, como aperitivo ao jantar. Lá dentro, dão-se os últimos arranjos à mesa

lauta. Leitoa assada, frango frito, tutu, arroz e mólho. E a turma foliona se regala à vontade. No meio à refeição um lá reclama ao cantador:

— Diga um verso seu Alferes.

E' a "portage" de mesa. Clássica. Não pode ser esquecida. O Alferes se levanta grave, ajeita-se e recita convencido:

Sô um pueta qui falu de hora in hora,  
Quí in quantu as coisa milhora  
I as moça mi namora,  
Um dois i treis,  
Vamu tudu dá um viva  
Nu glorioso santu Reis.

Sô um pueta  
Falu noiti i dia  
Acumpanhanu santu Reis  
Cum prazê i aligua  
Vamu tudu dá um viva  
Nu dono da casa  
Cum sua nobre famía.

Eu vim du sertão  
Tocanu meu violão  
Trazenu sôdadi  
Deixanu paxão  
Vamu tudu dá um viva  
Nessa rica união

Sô um pueta  
Falu contenti .  
Lóvu quem tá osenti  
I lóvu quem tá presentí  
Viva as boa cunzinhêra  
I tamém us bão servente.

Finda a "portage", aplausos coroam o poeta, que não regatela olhares às roxas acotoveladas nas portas da sala de janta. Terminada a mesa, vem o agradecimento. Sobraçando a viola, levanta-se de novo o Alferes. Arranca notas da toada e' solta forte no silêncio pasmado dos roceiros:



Deus vòis paga a bela janta  
Deus será sua defesa  
U divinu isprito santu  
Abençoa a sua mesa.

Benditu lôvadu sêja  
I as treis palavra di Deus  
Padi, Filhu e Ispritu Santu,  
Sêja pelo amô de Deus.

Oferecemu esti benditu  
Pru sinhô qui istá na cruz  
Intenção das cincu chaga  
Pra sempí amén, Jesus.

A viola ainda repinica algumas notas, que se perdem no ruído dos que agora se levantam e no vozerio que se estabelece. E a caboclada, barriga cheia, se espalha pelo terreiro, sala e mais dependências. Lá fora, já é o escuro da noite cortado pelos pitos num acende-acende de pirilampos. Cá dentro, na sala, deitando pra um lado e pra outro, a chamazinha da candeia do azeite ou da lamparina de banha de porco. Após longo intervalo começa um afinado de violas que dura até meia hora e mais. A caboclada vai reunindo. A sala enchendo. Atuchando de morenas dobradas e de roxas. Vai começar a "fonção".

Tão — tão — tatão — tão — tão  
Tão — tão — tatão — tão — tão  
Tão — tão — tatão — tão — tão

E' o catira, ora doridamente molengo, ora convulsamente sapateado e palmeado (\*). Uma moda, outra,

---

\* O catira golano se aproxima mais do catereté registrado por Oneida Alvarenga no sul de Minas Gerais. Assisti a dezenas de catiras, nas várias regiões que visitei, e pude observar o seguinte:

— Os catireiros formam inicialmente duas fileiras, à cuja "cabecelra" ficam os violeiros, cantadores de moda, em número de dois. Estes, ambos podem ter violas ou um só, segundo verifiquei. No último caso diz o caboclo que o segundo vai para a "orela" significando que vai ajudar o canto fazendo

sustentado pela cachaça, pelas broas de fubá e biscoitos de ovos e polvilho. Algumas vêzes, nos intervalos, ouve-se o — scháchá — scháchá — da dancinha das roxas dengosas com os mocinhos desajeitados e tesos das fazendas.

“U bále” vara a noite tôda. E encerra com o abrir da pálpebra do dia pela aurora. No dia seguinte a mesma coisa, a mesma cerimônia religiosa, a mesma janta com recitativos e “fonção” de catira. Mas noutro pouso.

Ia me esquecendo de referir. Vêzes há que a Folia chega, já à noite, à fazenda. Nove ou dez horas. E’ a surpresa. Ao pressenti-la, o fazendeiro fecha a casa tôda. Apaga as luzes, e tudo fica mergulhado na escuridão e no silêncio. E’ de praxe. Só a canzoada ladra furiosa olhando a estrada. A bandeira chega no maior silêncio, apeia e dirige-se à porta principal. Então o

---

só segunda voz. Cantam ambos a moda, a que assistem os demais, firmes em seus postos. Após cada estrofe, quando grande, ou grupos de estrofes quando de poucos versos, segue-se o sapateado e palmeado alternados — “tão-tão tá-tão, tão tão-pá-pá pá-pá pá-pá.”

Pulos com um pé, com os dois pés juntos, são floreios frequentes, alternando-se êstes elementos até o fim da moda. E quando começa o recortado, que conforme já assinaléi, é um complemento de características diversas do catira prôpriamente dito — tanto no sentido como na música e coreografia. No sentido predomina em geral o tom faceiro, caçofsta. Na música o ritmo se torna alegre e ligeiro. Na coreografia presenciéi a duas formas de execução: primeiro — os violeiros a cada estrofe do recortado vão trocando com o catireiro imediato até o final das fileiras, voltando após pelo mesmo processo. Sapateados e palmeados breves intervalam as estrofes. Segunda: forma-se uma roda que balanceia para frente, para trás, para os lados, com os giros de uns em tôrno aos outros.

Um fato que me intrigou no catira goiano foi o de os catireiros serem unicamente homens. E isto em tôda parte, nas três fases, nas três zonas do Estado, que visitéi. Jamais presenciéi um catira dançado por homens e mulheres, semelhantes ao que Luciano Gallet observou na fazenda fluminense de São José da Boa Vista (Luciano Gallet, *Estudos de Folclore*, Rio, 1934). Segundo o ilustre etnógrafo alemão Dr. Karl Von den Steinen, em seu esplêndido trabalho “Entre os aborígenes do Brasil Central”, capítulo XI, in *Revista do Arquivo Municipal*, número XLVIII, “era geral o costume, entre as tribos de índios, de a mulher não participar das danças, nem ter acesso à casa das flautas, existente em cada aldeia. E’ a raiz dêste tabu se pren-

Alferês canta. Terminado o cântico, acendem-se as luzes, abrem-se as janelas e portas, de uma só vez, e a Folia entra na sala grande onde estão todos a postos, os de casa e convidados. Eis aí um traço que as identifica ainda mais com a tradição nortista e portuguesa. A feição nossa dessas festas está mais nos detalhes e nos elementos, como as salvas de ronqueiras e garruchas, a letra dos cânticos de Reis, as toadas e danças que constituem a festa. Nas folias, o catira é seu elemento essencial, e seu traço indígena.

---

deria, na opinião do sábio alemão, ao seguinte fato: Havia entre as tribos um intercâmbio artístico, em que membros de uma tribo amiga eram convidados a tomar parte nas festas e danças de outra tribo, trocando-se vestimentas e máscaras. Em cada taba, existia uma casa de flautas, onde se guardavam máscaras e instrumentos musicais indígenas — ao mesmo tempo que serviam de casa de hospedagem aos convidados de outras tribos, participantes das festas e celebrações. Ora, a mulher era vedado o ingresso nestas casas de flautas, certamente para evitar seu contato com os índios estranhos à tribo. E a proibição era rigorosa, acreditando-se que sua quebra acarretaria a morte à mulher. Os missionários tiveram muita dificuldade em persuadir as mulheres convertidas de entrarem naquela casa das flautas, que tornavam em capelas, por serem espaçosas.”

Daí o afastamento da mulher da participação às danças, que exigiam este contato com elementos tribais estranhos. Resumindo temos que o catira goiano mais do que qualquer outro, conserva a pureza da tradição indígena, não só em sua coreografia — pulos, sapateios, palmeados — quanto no uso de a mulher não tomar parte nas danças, executadas só por homens.

## CICLO DO DIVINO

Outra festa da tradição cristã européia, para aqui trazida, e que se conserva em todo esplendor nos sertões, igualando os festejos de Natal e Reis.

Instituída pela rainha Santa Isabel, no século XVI, para cá emigrou com os colonos portugueses. E por derradeiro, na expressão cabocla, se refugiou nas roças e vilarejos do sertão. Nesses últimos, depois da novena, vem o infalível leilão de prendas e donativos. Bois, cavalos, capados, cestas de frutas, etc. Como os animais trazidos de longe ficam alguns dias à espera do arrematador, em estalagens improvisadas, aconteceu já ter sumido certa ocasião um boi. Ninguém descobria quem fôsse o ladrão. Até que finalmente um morador da vila, atribulado das desgraças que lhe sobrevieram, procurou o padre para confessar o roubo. E desde então corre o ditado popular "Eu não comi boi do Divino" — significando que a pessoa não tem obrigação de tolerar alguma situação vexatória, ou malfeitos de outrem.

Nos campos, porém, por tôda a parte, nesta época, pululam novamente as folias do Divino.

Em vez do estandarte dos Reis, trazem o do Divino. Esta tradição cristã, inspira numerosa poesia religiosa, magnífica pela qualidade e sentimentos, da qual recolhi estas amostras, da bôca de Joaquim Alves de Oliveira, em Jaraguá.

### 1.º — CHEGADA DA BANDEIRA

#### 1

Deus ti sarví casa nobri  
Nus seus postu tão honradu  
Aondi mora genti nobri  
Que di Deus é visitadu

2

Deus ti sarvi casa nobri  
I essa luiz luminadêra  
Qui dentu dela si acha  
Uma bonita bandêra

3

Deus ti sarvi oratóru  
Arrudiadu di oraçãu,  
Hoji sêja visitadu  
Du Divinu fuliãu.

4

Deus ti sarvi oratóru  
Todu chei di aliguiã,  
Aqui istá u Ispritu Santu  
Da sua mesma famia.

5

Deus ti sarvi oratóru  
Nu lugar aondi istá,  
U Divunu Ispritu Santu  
Hoji vei Ihi avisitá.

6

Deus ti sarvi oratóru  
Benditu sêja lôvadu,  
Deus ti sarvi cruzêru  
Il o sinhô santificadu.

7

(O Alferes entregando a bandeira ao dono  
da casa)

Sinhô donu da casa  
Arreceba êste retratu  
E' u Divinu Ispritu Santu  
Qui desceu do céu tão artu.

## 8

Aqui istá u Divinu  
 Retratadu nesti véu,  
 E' u nossu pai verdaderu  
 Qui vei descenu du céu.

## 9

Sinhô donu da casa  
 Cumbina cum sua famía  
 Arrecebe u Ispritu Santu  
 Cum sua nobri fulia.

## 10

Aqui istá u Divinu  
 Percorrenu as freguesia,  
 Vei pidi um agasaiu  
 Duma noite para um dia.

## 11

U Divinu evém giranu  
 Tiranu suas ismola,  
 Prá celebrá uma festa  
 Daquela celesti glora.

## 12

Sinhô donu da casa  
 Tá co'a bandêra na mão,  
 Sabendu di vossa boca  
 Si voís dá posada ô não.

## 13

Nois dá um certo sinali  
 Não podenu arrespondê,  
 Samus tudu fío de Deus  
 Lógu havemu di intendê.

14

Sinhô donu da casa  
Alegui seu coração,  
Arrecebe sua bandêra  
I agasaia us fulião.

15

Bem assim Jesus cantô  
Na lapinha de Belem.  
Padi, Filhu, Ispritu Santu,  
Sêje para sempri amen.

2.º — BENDITO

Cantado à mesa depois do almoço ou janta, acompanhado por violas.

1

Benditu lôvadu sêje  
As treis palavra de Deus  
Padi Filhu Ispritu Santu  
Sêje pelu amor de Deus

2

Benditu lôvadu sêje  
Santissimu Sacramentu  
O divinu Ispritu Santu  
Qui nus dá u alimentu

3

Deus vus pagui a boa janta  
Qui vois deu prus fulião  
Deus lhi ponha mesa no céu  
I dá a sarvação

4

U' divinu Ispritu Santu  
E' um Deus consoladô  
Quem consola seus devotu  
Quando dêsse mundu fô

5

Quando dêsse mundu fô  
Us anju virão tamém  
Oferecenu esse benditu  
Para todo sempre amén.

3.º — SAÍDA DA BANDEIRA

Cantado à porta da casa da fazenda.

Durante o canto é coletada uma esmola entre os presentes. Esmola esta para ser entregue ao pároco da freguesia, destinando-se à festa do Divino.

1

Sinal da Santa Cruz  
E' ditu qui Deus dexô,  
E' u principu desse cantu  
Du divinu Reis sinhô.

2

A pombinha levantô  
Sacudiu bateu as asa,  
Vêi fazê a dispidida  
Para o donu dessa casa.

3

U sol evai assubinu  
Crarianu artus i fundu,  
Suas raia vai estendenu  
Nus quatu cantu du mundu.



## 4

Sinhô donu da casa,  
 Du divinu Ispritu Santu  
 Aqui vem a dispidi,  
 Qui já istá pra partí.

## 5

Deus ti paga i agradeça  
 Da ismola qui vois deu  
 U divinu Ispritu Santu  
 E' que Ihi agradeçi.

## 6

Deus ti paga i agradeça  
 Du pôsu qui vois deu,  
 Será recompensadu  
 La nu céu juntu com Deus.

## 7

Deus ti paga o seu trabalo,  
 Nesta mesma ocasião,  
 Qui têve com u divinu  
 I us devoto fulião.

## 8

Vois dêle sêje devotu  
 Pidinu sempri cum fé  
 Êles mesmu Ihi ajudará  
 Da cabeça até us pé.

## 9

Sinhô donu da casa  
 Deus Ihi pagui seu trabalo,  
 U divinu Ihi agradeçi  
 Desti bão agasaiu.

## 10

Sinhô donu da casa  
 Tá cumpretu us seus devê,  
 U divinu Ispritu Santu  
 E' quem vai lhi agradecê.

## 11

A bandeira é restituída ao Alferes.

Meu nobre sinhô Alferes  
 Arreceba u seu retratu,  
 E' o divinu Ispritu Santu  
 Qui desceu du céu tão artu.

## 12

Dispidinu dispidida  
 Cum prazê e aliguia  
 U divinu Ispritu Santu  
 Fica in vossa cumpanía.

(Essas duas estrofes são cantadas por  
 outro, em nome do fazendeiro, bem  
 como as que seguem).

## 13

O nobri sinhô Alferi  
 Vira o retratu pra dentru,  
 Homi, muié, e mininu  
 vem beijá o sacramentu.

## 14

Homi, muié, e mininu  
 Chega todus — atenção,  
 Vem beijá u divinu  
 I recebê suas benção.

15

(O Alferes levanta a bandeira abençoando com ela em cruz).

U nobri sinhori Alferi  
E' quem nus benzi ca bandêra  
Ela mesma é quem nus leva  
Na istrada verdadeira.

16

Dispídinu dispídida  
Dispídida in gerá,  
U divinu só dispédi  
Desti todú pessóá.

17

Dispídinu dessa casa  
I u donu qui nela mora,  
U divinu lhi abençoa  
Cum seus flu i sua sinhora.

18

Nois cantanu cá na terra  
Us anju nu céu tamém,  
Padi, Filhu Ispritu Santu  
Na hora de Deus amém.

*Cantos da Folia do Divino correntes no Nordeste Goiano.*

Versões colhidas de Quintino Borges de Sousa em Formosa.

CHEGADA DA BANDEIRA

1

Qui anti di céu i terra  
Deus Padi já iexistia  
E' u primeiro sem segundu  
Qui feis u mundo em seis dia.

2

Feis u sóli i feis a lua  
Cum todas bemfeitoria,  
Feis u céu e feis a terra  
I a luz qui alumia.

3

Feis a lui qui alumia  
Qui desaparece todas tréva,  
Cum u barru feis Adão  
Da custela feis a Éva.

4

Colocô nu paraizo  
Todos dôi era inocenti,  
Adão e Éva pecaru  
Tentadu da serepenti.

5

Pelu pecadu originali  
Pecô Éva i Adão,  
Pur essa primêra familia  
Começou-se a geração.

## 6

Pur essa familia humana  
 Começou a santidadi,  
 Vem nu mundu Deus Filhu  
 Di uma pura virgindadi.

## 7

Bençoada foi a hora  
 Qui Jesusu Cristu nasceu,  
 Vêi dar o mundu a luiz  
 I u sol resplandeceu.

## 8

Vinti cinco di marçu  
 Foi qui u anju anunciô,  
 Quem havia di sê mãi  
 Quem du mundu é sarvadô.

## DESPEDIDA DA BANDEIRA

## 1

Lôvemu a luiz divina  
 A luiz qui compõe o mundu,  
 A luiz dus treis mistêru  
 Di um primêro sem sigundu.

## 2

E' um só Deus verdadêru,  
 Nas treis pessôa sincerra,  
 A providença divina  
 Formô céu, mar e terra.

## 3

Feis o céu e feis a terra  
 Feis o sul e o poenti,  
 O' qui belissimu cruzêru  
 Entre o nórte i u nascenti!

4

Du nascenti nasci o sol,  
Qui clareia u mundu em geral,  
Ondi nasci os treis mistéru  
Du pai eternu rial.

5

Pai eternu onipotenti  
Qui dum verbu se incarnô,  
Vei uma pomba sagrada  
Sobre a corôa sentô.

6

Lá do céu vei essa pomba  
I dois anju acumpanhô,  
Vei resplandecê nessa casa  
I é aqui que posô.

7

Resplandeceu nessa hora  
U santissimu sacramentu,  
Arreuniu seus devoto  
Pra dá us agradicimentu.

8

Deus vos pagui esta dispêsa,  
Deus vus pagui seu trabaiu,  
U Divinu quem vois pagui  
Esti tão bão agasaiu.

9

Já arvorô pra f simbora  
Éssa pomba verdadêra,  
Quem quisé dispdi dela  
Vem bejá essa bandêra.

10

Homi, muié i mininu,  
Vai sainu cá pra fóra,  
Vem dispidí du Divinu,  
Qu'êlé já vai simbora.

11

Já arvorô pra í simbora  
Esta divina pessoa,  
Leva os fulião na asa  
E o Alferi sobri a corôa.

12

Dispidínu dispidida,  
Em lovô de São José,  
Adeus té nu anu  
Si u Divinu quisé.

Os conceitos elevados que se registram nestes cantos autorizam a supor uma colaboração culta nêles. Efetivamente há diferença sensível entre os mesmos e os colhidos em Jaraguá.

## . CICLO DO ROSÁRIO

A festa do Rosário não é menos interessante como fonte de poesia religiosa. Entretanto sua celebração está adstrita, quase que só às confrarias negras. Ela não tem curso entre as populações camponesas propriamente, hoje em dia. Mas, entre os grupos crioulos dos centros urbanos. Entretanto em outros tempos, já teve voga no meio rural. E em Jaraguá colhi uma celebração bem interessante e de longa data. Trata-se de uma dança executada no dia da festa do Rosário, chamada dança dos Tapuias. A. Americano do Brasil em seu *Cancioneiro de Trovas do Brasil Central*, dá-nos notícias da dança do tapuia, que interpreta como representação de um combate entre tribos, que acaba com o aprisionamento do cacique vencido. Nada nos diz sobre motivos cristãos desta dança. Joaquim Ribeiro, considerando o — tema de batalha — em que se desenvolve sua coreografia, filia-o às representações das lutas entre cristãos e mouros, registadas por Teófilo Braga em "*O povo Português*", tão gerais em Portugal, de onde herdamos sob as formas de "cavalhadas", "cheganças", executadas no Norte, Centro e Sul do país. A dança que presenciei em Jaraguá, e que as fotografias colhidas documentam, apresenta um sincretismo de elementos, que merecem ser estudados, a fim de se lhes conhecer o valor real.

Motivo: Esta dança atualmente se realiza em Jaraguá por ocasião da festa de Nossa Senhora do Rosário, uma das devoções do povo. Comprova o pequeno estandarte ou bandeira de Nossa Senhora do Rosário, que um "indiozinho" porta durante toda a sua execução. E ainda passagens da letra cantada em côro pelos "tapuias", como esta:

Cum prazê e allgula  
Cantamu cum todú gustu,  
Lovamu São Beneditu  
I o rosari de Maria.



Lovamu nessa festa  
Nêste lugá solítaru.  
Dandu viva a São Beneditu  
I a Virge do Rosaru.

A dança se executa na pracinha fronteira à igrejinha do Rosário, como número dos festejos rosaristas. As referências freqüentes na letra a São Benedito autorizam a crer que, noutros tempos, se estendesse a execução dessa dança às festas dêste santo tão popular. Quanto ao local de sua celebração, a última estrofe da letra indica que tenha sido costume realizá-la também em casas ou fazendas:

Eu tenho pena  
Já findô as hora,  
U sinhô *dono da casa*  
Dá-me licença,  
Eu vô mi-imbora.

Talvez persista êste hábito em alguma parte do Estado. A indumentária se compõe de blusa, tanga, calção com cinta de penas, capacete de penas, tacape. O acompanhamento é feito por borés, caracás, flautas e assobios. Na exibição, a que assistí, tomaram parte dezenove, sendo dois caciques, um mascote porta-bandeira e dezesseis guerreiros. Entretanto não há número certo. Ao som orquestral dos borés, dos caracás, das flautas e dos assobios, os guerreiros saem dois a dois, em simulacro de combate, indo enfileirar-se ao centro da pracinha, tomada de povo, onde se realizará a dança. Esta se desdobra em quatro partes. Na primeira, "os tapuias" realizam uma coreografia de saltos, de passos para frente e para trás, com batidas fortes e alternadas dos pés, ao mesmo tempo que os braços brandem os tacapes. Cantam em coral a seguinte estrofe:

Are-rê-Rê, cum, cum  
Are-rê-Rê, cum, cum  
Are-rê-Rê, cum, cum  
Are-rê-Rê, cum, cum  
Are-rê-Rê, cum, cum  
Are-rê-Rê, cum, cum

Esta primeira parte termina com o solo do cacique, acompanhado da orquestra rústica e ouvido por todos em silêncio:

De tão longe vinha vinu,  
Gíranu todú distritu,  
Cheganu nesta festa  
Prá lová São Beneditu.

Samu todos carajá  
Guvernadu pelo Pagé  
Manda qui todos bugri  
Dê viva cum toda fé.

A segunda parte inicia com os tapuias executando uma dança em roda, cuja coreografia é feita de passos puladinhos para um lado, para o outro, para frente, com trejeitos e esgares e brandidos de tacapes. O porta-bandeira se conserva numa abertura da roda (vide foto anexa) Em cada intervalo de rodadas cantam em côro as estrofes:

Escondumba-a-ré  
Zumbaré, Zumbará.....

Calomi, senta seus paris  
Ê o que manda o bororó.....

Bangolé, venha nós,  
Bangolé, banguará.....

A estrofe — Ana Bicó, êê, — cantada após a última rodada, fecha a segunda parte, recompondo-se as fileiras. Segue-se o “Lundu do marroá” cantado em côro, evocativo da infância e dosado de lirismo amoroso. O grito do cacique “Japurunga — matô mia fia?” dá início à terceira parte, com gestos de quem distende o arco e dispara a flecha, num diálogo com o grupo, que repete as atitudes dos caciques. É então que recrudescer a ação guerreira. Cruzados os tacapes (vide foto anexa), inicia-se um duelo, em que cada contendor procura ocupar o lugar do adversário, obtendo vitória a ala que consegue conquistar maior número de lugares entre os adversários. Segue-se, então, a última parte, a da celebração da vitória. Os vencidos fazem com os ta-

capas um estrado, no qual suspendem o cacique vencedor, ficando o vencido por baixo, despojado de suas insígnias, e dançam os vencedores em derredor, ao mesmo tempo que todos cantam:

Nois professamu a lei cristã,  
Não cunhecemu ótu pagé

.....

Evidentemente, a coreografia das várias partes, os gestos e atitudes, exprimem que a dança é uma dramatização guerreira e como tal se filla diretamente às danças interpretativas das atividades da vida do selvagem, que o etnógrafo Karl Von den Stelnem estudou com muita proficiência. Os Indígenas possuíam danças em que imitavam atividades fundamentais de sua vida nômade — a caça, a pesca, a guerra; bem como de pássaros, de animais, cuja representação era feita com o auxilio de máscaras e “trajes” característicos. Assim entre os “makanari” (danças) dos Bacairi, havia o “seminu” — dança do morcêgo pequeno, e o “aluá”, — dança do morcêgo grande. O imeo-macanari já celebrava um bichinho da palmeira. O ilustre etnógrafo recolheu entre as tribos do Brasil central um grande número de máscaras, variadíssimas de aspecto e exóticas, representativas de animais, de répteis, de aves, de insetos, que serviam para as tais danças interpretativas. O mesmo é referido das demais tribos de outras regiões do país. O tema da dança dos tapuias, pois, — de porfia, de luta, de guerra — que se desdobra numa como preparação (primeira e segunda parte) numa ação (terceira parte), e no epílogo — celebração do triunfo (quarta parte), parece-me enquadrar-se, pela coreografia e temática, no quadro geral das tradições genuinamente indígenas. Na própria letra, estrofes inteiras e vocabulos indígenas confirmam esta matriz autóctone. Já os solos do cacique e letras dos corais, particularmente o último coral configuram os elementos culturais de tradição portuguesa, em que aparece o culto da virgem do Rosário, tornado motivo da realização da dança e também São Benedito, a evocação da escola com sua ponta de lirismo amoroso, etc. Assim a dança dos tapuias, tal qual se apresenta hoje, é realmente uma elaboração sincrética em que elementos da tradição aborígene se fundem com outros da tradição lusa.

## DANÇA DOS TAPUIAS

### 1

*Coral:*

Are-rê-rê, cum, cum  
Are-rê-rê, cum, cum  
Are-rê-rê, cum, cum  
Are-rê-rê, cum, cum  
Are-rê-rê, cum, cum  
Are-rê-rê, cum, cum

### 2

*Solo do cacique*

De tão longi vinha vinu  
Giranu todú distritu  
Cheganu nesta festa  
Pra lôvá São Beneditu.

Samu todos carajá  
Guvernadu pelo Pagé  
Manda qui todos bugri  
Dê viva cum toda fé

### 3

*Coral:*

Escundumba-a-rê  
Zumbarê, Zumbará.  
Escundumba-a-rê  
Zumbarê, Zumbará.  
Escundumba-a-rê  
Zumbarê, Zumbará.  
Escundumba-a-rê  
Zumbarê, Zumbará.  
Escundumba-a-rê  
Zumbarê, Zumbará.  
Escundumba-a-rê  
Zumbarê, Zumbará.

## 4

*Coral:*

Calomi, senta seus paris  
 E' o qui manda o boróró  
 Cuenda, cuenda, cuendá,  
 Calomi,  
 Cuenda, cuenda, cuendá.  
 Calomi, senta seus paris  
 E' o qui manda o boróró  
 Cuenda, cuenda, cuendá,  
 Calomi,  
 Cuenda, cuenda, cuendá,

## 5

*Coral:*

Bangolê, venha nós,  
 Bangolê, banguará,  
 Venha com dois crafetá,  
 Bangolê, venha nós  
 Bangolê, banguará,  
 Venha com dois crafetá.

## 6

*Coral:*

Ana Bicó, êê,  
 Ana Bicó, aa.  
 Ô — Ê — Á  
 Ô — Ê — Á  
 Êê, êê, êê.  
 Ana Bicó, êê  
 Ana Bicó, aa.  
 Ô — Ê — Á  
 Ô — Ê — Á  
 Ô — Ê — Á  
 Êê, êê, êê.

## LUNDU DO MARROÁ (\*)

### 7

*Coral:*

Nasci naqueles campu  
Na terra dus carajá  
Minha mãi só mi insinô  
O lundu do marroá

Meu pai mi pois na iscola  
pra aprendê o A B C  
Eu fugí fui aprendê  
Dá um bêjo in você.

Minha mãi mi pois na iscola  
pra aprendê o bêabá,  
Eu fugí fui aprendê  
Foi um lundu do marroá.

### 8

*Cacique:*

Japurunga — matô mía fía?

*Côro:*

Flexa nêle sem pará

*Cacique:*

Japurunga — matô mía fía?

*Côro:*

Flexa nêle sem pará

*Cacique:*

Japurunga — matô mía fía?

*Côro:*

Flexa nêle sem pará

---

\* Lundu é um canto e uma dança muito usada no Brasil-colonial. Dêle se originou o fado, na opinião abalizada de Luís de Freitas Branco (*A Música em Portugal*, 1929) citado por

*Coral:*

Nois professamu a lei cristã  
 Não cunhecemu ôtru pagé  
 Adoramu nosso caciqui  
 Adoramu cum toda fé.

Cum prazê e aliguiã,  
 Cantamu cum todo gôsto  
 Lôvamu São Beneditu  
 I o rosaro de Maria.

Lovamu nessa festa  
 Nesti lugá solitaru  
 Dandu viva a São Beneditu  
 I a virge do Rosaru.

*Coral:*

Eu tenhu pena  
 Já findô as hora  
 U sinhô dono da casa  
 Dá-me licença  
 Eu vô m'imbora.

Voltando aos meios negros, que são os verdadeiros baluartes dos festejos populares do Rosário, vou dar a letra do Congo e do Moçambique, os dois grupos crioulo que todos os anos fazem a festa do Rosário em Urutaf.

---

Mário de Andrade (*Música, doce música*, página 117): "Após o regresso de D. João VI do Brasil, este canto dançado (O Lundum) foi invadindo as diversas camadas da sociedade portuguesa, fixando-se nas baixas e imorais, onde se transformou no canto dorido e na dança duvidosa a que se chama Fado o bater o Fado".

## MOÇAMBIQUE

Coligi esta letra do Capitão Perpétuo do Rosário, Nicolau Gonçalves de Oliveira, prêto, já velho, natural de Minas. Os Moçambiques trajam — Camisola branca, cinta amarela de sêda, gola rendada, gorro enfeitado com pendentés de contas de aljófre. E chocalhos nos tornozelos. (vide foto).

*Côro:*

Oi, ei, oi, a  
Oi, ei, oi, a

*Capitão:*

Esta lingua  
Lingua que vei d'Angola  
Esta lingua  
Lingua de Rebôlo  
Segunda lingua de Minjolo  
Terceira lingua, negro mina.  
Tempera o jongo, a gunga teremeu  
Esta lingua doce comu mé,  
Esta lingua papai qui mandô  
Tempera o jongo, jongo de mamãl.

*Côro:*

Bença minha mãl, Oi, ei, oi, á  
Vamu nu Rosaru, Oi ei, oi, á

*Capitão:*

Pisu na ponte  
A ponti teremeu,  
Dibaixo da ponti  
O Canguçú gemeu.  
Tempera a lingua  
Lingua de mamãl,  
Esta gunga  
Papai é qui mandô.



**Côro:**

Bença minha mãi, Oi, ei, oi, á,  
Vamu no Rosaru, Oi ei, oi, á.

CONGO

Letra colhida do Capitão Perpétuo do Rosário, José Duarte. Os congados vestem túnica verde e amarela enfeitadas de rendas, calça vermelha, meias por cima da calça em forma de polainas, capacete enfeitado. (vide foto).

**Côro:**

Oi-êi, oi-ai-á  
Oi-êi, oi-ai-á

**Capitão:**

A rainha da alma  
é a rainha mais formosa,  
Quando ela sai na rua  
Parei um botão de rosa.

**Côro:**

Oi-êi, oi-ai-á  
Oi-êi, oi-ai-á

**Capitão:**

Cheguei na beira dum rio  
Eu andei pra lá pra cá  
Tendo as hora no dia  
Eu canto pra mim num chorá

**Côro:**

Oi-êi, oi-ai-á  
Oi-êi, oi-ai-á

*Capitão:*

Cheguei na beira dum rio  
Enxerguei uma canôa  
Me vala nossa senhora  
Salvando as coisa boa.

*Côro:*

Oi-êi, oi-ai-á  
Oi-êi, oi-ai-á

*Capitão:*

Cheguei na porta da igreja  
Avistei na sacristia  
Avistei Nossa Senhora  
Ela é memo nossa guia

*Côro:*

Oi-êi, oi-ai-á  
Oi-êi, oi-ai-á

*Capitão:*

Deus vos sarve casa santa  
Ondi Deus fais sua mórada  
Ondi mora o cali bentu  
I a óstia consagrada.

*Côro:*

Oi-êi, oi-ai-á  
Oi-êi, oi-ai-á

*Capitão:*

Dispeçu chorano  
Dispeçu chorano  
Adeus, adeus  
Até pru ano

*Côro:*

Oi-êi, oi-al-á  
Oi-êi, oi-al-á

*Capitão:*

Dispeçu cum allgria  
Dispeçu cum allgria  
Adeus, adeus  
Adeus até um dia.

*Côro:*

Oi-êi, oi-al-á  
Oi-êi, oi-al-á

*Capitão:*

Nossa Senhora du céu  
Com sua bandêra  
Terminu estí versu  
Pru dotô Texêra.

\* \* \*

Encerrando os temas da poesia religiosa, registro ainda a Roda de São Gonçalo, corrente em povoações do Norte de Goiás.

Por ocasião das festas de Nossa Senhora do Rosário e de Reis, bandos de môças, tôdas vestidas de branco, trazendo nas mãos arcos cobertos de flôres, e fitas, percorrem as ruas da cidade entoando canções místicas dedicadas a São Gonçalo.

E' a Roda de São Gonçalo. Cantam as môças rodistas nas portas das principais famílias da cidade ou, quando convidadas, em porta de qualquer do povo. A Roda é só constituída de môças e a rapaziada acompanha em cortejo com alegre algazarra. Seguem-nas músicos, constituindo a principal figura um rabequista. A pequena orquestra se compõe de rabeça, violões, violas e berimbaus. Os versos cantados são dêste teor:

Acordei bem cedinho  
Pra varrê a sacristia  
Pra trabaiá pra São Gonçalu  
Num ha noiti nem dia.

Acordei bem cedinho  
Fui varrê a Cunceição  
Incontrei São Gonçalu  
Cum seu cajadu na mão

São Gonçalu dêxô de sê santu  
Pra sê homi caçadô  
Pra caçá minha alma  
Quandu dêssi mundu eu fô

São Gonçalu du Amaranti  
Casamentêru das véia  
Pru quê num casa as moça  
Qui mali fizêru ela?

## DANÇA DE SÃO GONÇALO

Câmara Cascudo, em seu *Dicionário Folclórico*, pág. 293 e seguintes, relata os festejos que em Amarante, na Sé de Pôrto, e em muitas outras localidades de Portugal se realizavam em honra ao popular santo casamenteiro, êmula em prestígio a Sto. Antônio. De Portugal recebemos esta tradição religiosa; na Bahia, em janeiro de 1718, Le Gentil de La Barbinas assistia a um festejo popular, em que compareceu o vice-rei Marquês de Angeja. A dança se realizou dentro da igreja, tomando parte nela frades, mulheres, fidalgos, escravos, num saracoteio delirante. No final, os bailarinos tomaram a imagem do santo e dançaram com ela, sucedendo-se os devotos. Esta dança foi proibida após pelo Conde de Sabugosa — “por ver umas festas, que se costumavam fazer pelas ruas públicas em dia de São Gonçalo, de homens brancos, mulheres e meninos e negros, com violas, pandeiros e adufes, com vivas e revivas a São Gonçalinho, trazendo o santo pelos ares, que mais pareciam abusos e superstições que louvores ao santo”. Maria

Amélia C. Giffoni, em seu magnífico trabalho "*Danças Folclóricas Brasileiras*", refere que a dança de São Gonçalo primitiva tinha um caráter erótico, ao lado do elemento religioso, de homenagem ao santo casamenteiro, que por fim prevaleceu, desaparecendo o caráter erótico. E afirma que a dança ainda existe em vários estados do Brasil — como no Paraná, onde ela se realiza formando os bailarinos duas fileiras, uma constituída por homens, outra por mulheres, precedidas por violeiros. Em Minas (Januária) dançam mulheres guiadas por um homem, tôdas de branco, carregando cada dançadora um arco ornamentado de branco, sôbre a cabeça, só o abaixando para cumprimentar o santo ou descrever figuras especiais. No interior da Bahia, há uma fila de homens e outra de mulheres, precedidas de um tocador de pandeiro. Sua área geográfica se estende ainda à Paraíba, Pernambuco, Ceará e a todo norte, onde se refugiou nos povoados e fazendas. Em São Paulo é largamente praticada em numerosos municípios e assume uma execução complicada — quatro partes, ou mistérios, e demorada — em Moji das Cruzes a dança com intervalos dura até doze horas (Cf. Geraldo Brandão, Revista *Folclore*, número 2, 1952.) Voltemos à Roda de São Gonçalo, goiana.

Como ato principal das Rodas de São Gonçalo, é executada solenemente, à porta da matriz, a Dança de São Gonçalo. As môças se dispõem em duas fileiras. Segurando aos pares um grande arco enfeitado e iluminado de velas acesas. A dança é executada ao compasso de música própria com avanços e recuos. Nos "Ventureiros", espécie de estribilho, há um movimento em que os últimos das fileiras atravessam os arcos pelo centro, até se colocarem por primeiro. E assim vão procedendo os demais, renovando-se completamente a ordem de colocação. Esta dança é de origem portuguesa. Dou em seguida a letra cantada durante sua execução:

1

São Gonçalu du Amaranti  
Espeiu di Portugal  
Ajudainus a vencê  
Esta bataia rial.

2

São Gonçalu era urivi  
Foi fazê um curcifixu  
Pra trazê nu pescoçu  
Quanu fô au pé di Cristu.

3

São Gonçalu é meu pai  
Santo Antonhu meu irmão  
Us anju foi meu parenti  
Sô di nobri geração.

4

Operaru brasilêru  
Santifical o teu labôr  
Oferecemu esta roda,  
Pra glória du Sinhor.

5

Inveim um carru cantanu  
Cheiu di flô di rosa,  
São Gonçarvi eveim nu meu  
Iscoienu a mais formosa.

6

Ai! Jesus que mi ispinhei  
Cum u ispinhu di limão,  
Pra sirvi São Gonçarvi  
Di todú meu coração.

7

São Gonçarvi du Amaranti  
E' padrinhu du Sacraru,  
Eu tamem sô afiadu  
Da Virgi du Rosaru.

São Gonçarvi du Amaranti  
 E' padrinhu dus Santu Rej,  
 Eu tamem sô affadu  
 Di todú êlis treis.

### VENTUREIROS:

Don Fernandu mercador  
 — Assim, meu senhor,  
 Pela baxura da mulata  
 Assim, meu senhor,  
 Pela fita du cabelu  
 Assim, meu senhor.

Segundo é fácil verificar, as rodas de São Gonçalo goianas têm quase a mesma feição da roda mineira de Januária, onde o arco enfeitado aparece como elemento característico. E difere bastante das demais em que os dançarinos são homens e mulheres e não portam arcos.

Entre as características do São Gonçalo português — contam-se: casamenteiro, tocador de viola, dançarino. Com êstes caracteres se apresenta o São Gonçalo brasileiro conforme é fácil verificar das quadrinhas cantadas em sua honra. Assim no nordeste corre a seguinte quadrinha:

São Gonçalo do Amarante  
 Casamenteiro das môças  
 Casai-me a mim primeiro  
 Para então casar as outras.

E ainda esta:

Viva e reviva  
 São Gonçalinho  
 Dai-me meu santo  
 Um bom maridinho.

---

NOTA — Enquanto são cantados os "ventureiros", dá-se a troca de lugares nas fileiras.

Em Goiás, registrei:

São Gonçalo do Amarante  
Casamenteiro das véia,  
Pru que num casa as moça  
Que mali fizeram ela?

E na "Moda da Morte", do cantador Anicondes, em Bela Vista, as últimas estrofes testemunham — o tocador de viola e protetor dos violeiros.

Us anju fais trupé  
Quanu morri um violeru,  
Essi num vai nu céu  
Pruque foi um disordero;  
Arresponde São Gonçalo:  
— Essi foi meu cumpanheiro.

Quanu fô pra mim morrê  
Eu queru faze um aviso,  
Incoíduá minha viola  
Cas coida que fô precisu,  
Pra cantá cum São Gonçalo  
E us anjo no paraisu.

De "dançarino" ressalta da execução da dança no nordeste e em São Paulo, onde uma das figuras da mesma é a dança de cada um com a imagem do santo, numa evocação de sua secular fama.



# POESIA SOCIAL

## CICLOS REVOLUCIONÁRIOS

GETÚLIO VARGAS

Grande foi o sacrifício  
Do herói Getúlio Vargas  
Trabalhou em benefício  
Numa causa tão amarga  
Prestando o melhor serviço  
Nos tirou pesada carga.

PEDRO LUDOVICO

Dava um viva ao Getúlio  
Vargas  
Da boa administração,  
E a bandêra brasileira,  
Qui é o nosso pavilhão  
E ao nosso chefe goiano  
Qui trazêmo no coração.

Se o cancionero Goiano não tivesse outro mérito, só este lhe bastaria: ter registrado os movimentos revolucionários, que marcaram a história do país em 24 e em 30. Não conheço outro cancionero que registre estes importantes fatos. Os estudiosos de nossa sociedade encontrarão pois, aqui, o depoimento precioso do sentimento das massas no coração do Brasil, em relação às referidas revoluções. Vazado na linguagem simples, sincera e encantadora da poesia popular. Valioso, sobretudo, sob o ângulo do estudo da reação psicológica coletiva.

### 1.º) CICLO DA REVOLUÇÃO DE 24

Goias foi o palco por quase 2 anos da atividade revolucionária da coluna Prestes.

Os contingentes desta, perseguidos pelas forças legais, cruzaram o Estado, em tôdas as direções. Era natural, que êsse longo contato e convívio, deixasse traços profundos na memória da população.

A revolução de 30, depois do prélio eleitoral, que, também lá, foi árduo, atingiu o grande Estado central,

onde uma forte oposição, chefiada pelo atual interventor, o Exmo. Dr. Pedro Ludovico Teixeira, lutara pelos ideais liberais.

Dêsses dois grandes movimentos, que tão de perto interessaram Goiás, colhi vários testemunhos poéticos, que demonstram a maneira oposta de sua repercussão no espírito do povo.

A revolução de 30, preparada econômicamente pela grande crise de 29, e pela orientada propaganda ideológica desenvolvida pela Aliança Liberal até nos mais longínquos recantos do país, pelos resíduos libertários da revolução de 24 ecoou no espírito das massas camponesas, como uma clarinada de redenção e libertação para uma nova ordem de coisas e uma vida melhor.

A revolução de 24, a que faltaram, pelo menos, a agudez do fenômeno da crise, a extensão e profundidade da propaganda ideológica, se nos grandes centros do país granjeou consideráveis porções simpatizantes, nas zonas rurais, isoladas da circulação das idéias, por suas condições geográficas menos acessíveis, e trabalhadas pela contrapropaganda governamental conservadora, ela foi recebida de maneira hostil, em geral.

Foi o que sucedeu em Goiás.

Ali figuraram os heróicos revolucionários como bandidos, cangaceiros e inimigos da pátria. Seu ideal — a anarquia, a desordem, o fratricídio.

Ambos sentimentos opostos com relação às duas revoluções, são testemunhados fielmente pelas modas de revolução, que colhi em boca de diferentes bardos e que correm pelo Estado. Elas constituem, como disse, além de registro de fatos históricos importantes, precioso depoimento do estado de espírito das massas camponesas; pois, como disse um cantador — “de algum que é revoltoso, se achar um que me condena, os ôtro acha criterioso”.

Formam êste ciclo da revolução de 24, as seguintes modas: ABCES de Revolução, de A. Mariano, e a moda da Revolução do Prestes, anônima, colhida de José Brás.

## A B C DA REVOLUÇÃO

### A

Amigu leia estís versu  
I presti bem atenção,  
Neli queru dar us dadu  
Da ultima revolução,  
Desdi u Piris du Riu  
Até u velhu Catalão.

### B

Buatus di revoltosu  
Vei fazendu calefriú,  
Quandu não si esperava  
Chegaram in Piris du Riu,  
Para evitar a nuticia  
Cortaram imediatu u flu.

### C

Coluna Siqueira Campus  
Chegandu naquell pontu,  
Feis logu requisição  
Pidindu cincuenta contu;  
Numa ocasião de crisi  
Achou todú mundu prontu.

### D

Demoraram alguns minutu  
I começô a malvadeza,  
U Siquêra autorizô  
Qui all fizesse limpeza,  
Saquiassi u dinhêro  
U restu desse á pobreza.

## E

Entrandu em todus negociu,  
A coluna do Siquêra,  
Tirandu mercadorias,  
Fazendo ali uma fêra,  
Tevi alguns neguciantí  
Ficó só com as pratilêra.

## F

Forum pra istação  
Depois de ter saquiadu,  
Usarum franqueza au chefi,  
Si u trem chegassi atrasadu,  
Na Frenti da istação  
Seria eli fuziladu.

## G

Grandi foi u barulhão  
Assim chegô us passagêru,  
Quebrarum us cofri da istrada,  
I saquiarum u dinhêru,  
Para com us viajantí  
Elis foru muito ordêru.

## H

Houvi mulher e criança  
Fizeru grandi harmonia.  
Vendu u pirigu na frentí  
Nu mei daquela anarquia,  
Só pensava mau futuro  
U resurtadu desse dia.

## I

Imagina esti povu  
Nunca procederu bem,  
Invadirum u pessôal,  
tirandu u ultimú vinteim,  
Ainda arrancarum us trilhu,  
I discarrilharum u treim.

## J

Já tinham telegrafadu  
Avisandu a frontêra,  
Perguntarum a Ipamerí,  
Si alí tivessi filêra,  
Mandassi in Piris du Riu  
Pra conhecê u Siquêra.

## K

Kilometru e melu di distança,  
Hastiarum uma bandêra,  
Ficô dozi revoltosu  
Mas num fizeru trinchêra,  
Só afim de arreceber  
Alguma força minêra.

## L

Logu assim chegô a fôrça  
Eles foru in direção,  
Di passar em cavalhêra  
I seguir a Catalão,  
Já mandandu alguns recadu  
Avisandu us grandão.

## M

Muita genti em Catalão,  
Dividu aqueles buatu,  
Pensô logu a sua vida  
Achandu qui era ixatu,  
Para incurtar a cunversa,  
Muitus passaru nu matu.

## N

Na rua de São João  
Puzerum alí um piquete,  
Quando visse us revoltosu  
Para soltar alguns fôgueti,  
Avisandu u pessual  
Pra fazê o balancête.

## O

O fuguetêru não sabendu  
Daquela risulução,  
Foi isprementar um fogo,  
Qui parecia canhão,  
U povu uvindu o barulhu  
Dizia: é revulução.

## P

Pois coronel Cristianu  
Tremía fazia dó,  
Achô qui sua farmaça  
Ia reduzida a pó,  
Não incomodô cum nada  
Fugiu pra Tamblocó.

## Q

Quem fels beim foi u Lorival,  
Pra correr não tinha perna,  
Incachotô u cartoriu  
Iscondeu numa cisterna,  
Achandu mais sem pirigu  
Dentru daquela caverna.

## R

Receiava o Fonseca  
Pur issu teve pavor,  
Pegô logu seu archivu  
Us objetu de valor,  
Interrô com um baú  
Juntu u titulo de eleitô.

## S

Sinhô Jucelinu Gomes  
Sintindu má impressão,  
Pensô u causu direitu  
Naquela ocâsião,  
Todu arami qui tinha  
interrô nu chapadão.

## T

Tive dó du Nôsticu,  
Quasi que ficô careca,  
Foi dez veis sem chapéu  
Na fazenda du tlo Zéca,  
Pra dizê qui Catalão  
Desta veis levava a bréca.

## U

Uma viagi custosa  
Passar rio sem ter pontl  
Getúlio feis di otomóvi  
Indu a Belo Horizontl  
Levandu bôa matula  
Saltandu pur vali i montl.

## V

Vêja o qui feis u Janjão  
Di mêdo di pegar us seus  
Foi perguntar o camim  
Do João Batista de Deus  
Fugindu dus revoltosu  
Qui é pior qui us judeus.

## X

Xegô até pru Alcíndu  
Andandu di olhos vivu  
Fantasiô di operariu  
Trabalhador inofensivu  
Pra fugi di revoltosu  
I fazer barbaridadi  
Prifiria ser cativu.

## Z

Zoroastru di Artiaga  
Logu tirô uma linha  
Fugiu levandu a mudança  
Puxada numa carrocinha  
I pidíndu aos que ficassi  
Ninguem dê nutcias minha.

Til é letra que risca  
Quando é bem desenhada  
Assim feis us Catalanu  
Riscaram por todus ladu  
Teve alguns que foi ao breju  
Quasi morrerum atoladu.

## A B C DA REVOLUÇÃO

### A

Ha dias vivu pensandu  
Nesta época di amargura,  
Parei seŕ fim du mundu  
Pelu qui diz nas iscritura,  
Não si vê mais lialdadi  
Peranti as criatura.

---

NOTA — A — O sertanejo em presença de um fenômeno meteorológico de vulto, como eclipse, um tremor de terra, ou de um fato social importante como fonte de contrariedade, uma guerra, uma revolução, cujas consequências o atingem duramente, pela desorganização da economia, evoca sempre, infalivelmente, a idéia de que é o fim do mundo.

E' o que testemunha a passagem da estrofe acima. Não sabendo explicar a causa dos fenômenos sociais, recorre a idéias simples, ouvidas dos pais e avós, de que o mundo está no fim, como dizem as escrituras. Ainda a êste respeito, eu mesmo fui testemunha do susto e terror causado pela queda de um bólido o ano passado, no vale do Paraná. — "E' siná dus tempu qui tá nus fim, ponderou um velho camponês". Que o fenômeno meteorológico de proporções provoque o temor de se acabar o mundo, é até certo ponto justificável e existe igualmente nas populações semicultas da cidade.

Ainda o ano passado o aparecimento do planêta Marte em ponto maior, provocou enchentes de Igrejas, de cabarês, e suicídios até. Entretanto a extensão dêste prisma aos fenômenos sociais, com apelo das escrituras, é resíduo da pregação dos



## B

Brigam us próprio irmão  
Sem haver necessidade  
Trazendu nossa nação  
Na maior dificuldade  
Ninguem mais tem união  
Nesta atualidade.

## C

Caminham para u abismu  
Hoji in dia a mocidade  
Só procura u cinismu  
I fazê barbaridade  
Nu tempu du carrancismu  
Tinha mais moralidade.

## D

Di toda parti du mundu  
Vivem só di iludir  
Us perversu e vagabundu  
Querem mesmu é atrair  
Conhece du erru a fundu  
Mais não pódi corrigir.

---

missionários e traço importante da formação cultural das massas camponesas.

Um lundu muito antigo e grandemente popular, regista esses juízos, que vão passando de geração a geração, sem que o desmentido dos fatos sequer os enfraqueça.

— E' chegada o fim do mundo  
Ninguém pode duvidar,  
Tanto mal e tanta asneira  
faz horror e faz pasmar.

*Estrilho:*

Isto vai mal  
Seu Nicolau  
Tem que acabar  
E' mesmo a pau.

## E

Eu tenho dó das criança  
Qui agora istão crianu,  
Vão intrar na sua infança  
Cum maus exemplu enxerganu,  
I recebenu a má herança  
Que us seus pai vão dexanu.

## F

Filiz du home qui cria  
Us seus filhu obidenti,  
Fora da certa anarquia  
I costumis indecenti,  
Fugindu di más compania  
Nunca se vê discontente.

## G

Grandis malí nus persegui  
Certus viciu contamina,  
Nu caminhu erradu segui  
Aqueli qui não domina,  
Odepois qui fica intregui  
Vai quexar di sua sina.

## H

Hoji na quadra atual  
Us bandidu andam in iscorta,  
Incomodandu u pessual  
Fazendu tantas revorta,  
Quandu não si pensa nu mal  
Ele vem bater as porta.

I

Inimigus vitorioso  
Pur todus ladu circula,  
As turma di revortosu  
Furtandu cavalos e mula,  
Alem qui são corajosos  
Em liberdadi pulula.

J

Julgamu sem garantia  
Neste centru di Golaiz,  
Só si vê é covardia  
Ao ladu das força legais,  
Não temus mais regalia  
Si não obter a pais.

K

Kaiser foi home guerrêru,  
Sinhor di grandi nação,  
Mesmu sendu um aventurêru  
Fizeram acomodação,  
I nu Brasil um cangacêru  
Infrenta qualquer nação.

L

Lutam us pobri goianu  
Pur viverem sitiadu,  
Cum a revolta a mais di anu  
Sacrificandu u Istadu,  
Vem forças e êroplanu  
Mais não deu bom resultadu.

---

NOTA — I e J — O quinto verso da estrofe I é um testemunho da valentia e coragem dos revolucionários, enquanto os 2 e 4 da estrofe J, documentam "a cêra" das forças legalistas em campanha.

## M

Muitus home inocenti  
Fica in completa miséria,  
Sofrendu horrivelmente  
Perseguidu pelas fera,  
Não extinguidu esta genti  
As coisa conserva séria,

## N

Nesti nossu territoru  
Desdi u norti a noroesti,  
Tem sidu um purgatoru  
As força du sinhor Presti,  
Segundu veijo o relatoru  
Para guerrear são mestri.

## O

U governu não dispença  
Di impregar todú cuidadu,  
Tomar serlas providença  
A favor di nossu Istadu,  
I agir cum diligença  
Para não sermos exploradu.

## P

Passaru muitus mil soldadu,  
Ao ladu di nossa defesa,  
Nu interior du Istadu  
Fizerum uma fortaleza,  
Us rebelde foru passandu  
Praticandu a malvadeza.

## Q

Quando viru pirsiguidus  
Pelu grandi alvorço,  
Logu as turma dus bandidu  
Achandu já sem reforço,  
Pra ficar escondidu  
Saltaru pra Matu Grossu.

## R

Receiãdu os legalista  
Di sercím alf atacadus,  
Tiverum uma intrevista  
Aondi istavum intrincheradu,  
Força baiana e polista  
Fizeru tiroteio cerradu.

## S

Sairu muitus feridu  
Sofreru de ambas parti,  
Us qui istavum iscundidu  
Quandu começô u cumbati,  
Pensandu di sê us bandidu  
Fizeru grandi disastri.

## T

Todus quantu perceberum  
Ficarum impressionadu,  
Até qui recunhecerum  
Matarum muitus soldadu,  
Dipois é qui êles viru  
Qui todus eram aliadu.

## U

Um pobri di um cumandanti  
Mandô u soldadu atacar,  
Us soldadu naqueli instanti  
Começô disfacelar,  
Ele pensô no fragranti  
Achô milhó suicidar.

---

NOTA — R — Este fato é por demais conhecido e não escapou também ao registo da musa popular.

V

Veja só estis saldadu  
Cumo é qui feis horrôr,  
Um povu disciplinadu  
Di tudu é cunheccdor,  
Em vels di garantir u Istadu  
Cumeça inspirar horror.

X

Xóra us pobri inocenti  
Sofrendu sem merecer,  
Vendu u pirigu na frenti  
Caminham para morrer,  
Por causa di um presidenti  
Muitus paga sem dever.

Z

Zombandu peguei na pena  
Citandu trexu horrorosu,  
Discrevendu alguma cena  
Di algum qui é revoltosu,  
Si achar um qui mi condena  
Us outro acha criterioso.

~

U tñl é pontu final  
Termina esta oração,  
Si pratiquei algum mal  
Com êle peçu perdão,  
Só queru que u pessual  
Da historia faça razão.

\* \* \*

## MODA DA REVOLUÇÃO DO PRESTES

### 1

Vô contá u qui foi passadu  
Nesti Istadu di Goiaiz,  
Fiserum um arriculuta  
Pra pegá home e rapais.

### 2

Vei peganu tudu a barrê  
Num tinha separação,  
Foi peganu i riuninu  
Prá levá prum bataião.

### 3

A revorta invinha vînu  
I logu a nutiça correu,  
Us homi tudu safu  
Foru pru matu i iscondeu.

### 4

Quanu a nutiça correu  
Qui a rivolução lá invinha,  
Us homi tudu safu  
I dexô as muié suzinha.

### 5

Incontraru pelas casa  
Só as muié sem maridu,  
Perguntava pelus homi  
Tava nu matu iscundidu.

---

NOTA (2) Goiás havia hipotecado apoio ao governo central. E para não ficar no terreno estéril das palavras, Tóto Calado ordenou organização de batalhões de "voluntários".

A moda narra essa estranha maneira de organizar os batalhões de voluntários, pegando rente a laço e levando a força. O recortado desta moda é precioso pelo seu humor.

## 6

As muié logu dizia:  
 — Eu mesmu não sei contá,  
 Eu só ví eles saf  
 Mais num sei ondi é qui tá.

## 7

Eu mesmu fui um dêlis  
 Qui fui prus matu iscondê,  
 Maginanu a mfa vida  
 Cumu é qui havéra di fazê.

## 8

Eu passava só prus campu  
 Num andava nu camim,  
 Eu pensava i tinha medu  
 Di incontrá cum Inacim.

## 9

Maginava a mfa vida,  
 Pru camim eu num passu,  
 Eu passanu pru camim  
 Eu incontru cum u Inaçu.

## RECORTADO DA REVOLUÇÃO:

## 1

U pôvu di hoji in dia  
 Todu usu qué fazê,  
 Agora já tão usanu  
 Pegá gente pra vendê.  
 Vieru peganu genti  
 Cumu vem peganu gadu,  
 Foi peganu i riuninu  
 Pra levá pru Tótó Caiadu.

---

NOTA — Inacinho era o encarregado por Tótó Caiado de execução do recrutamento.



Nesti Istadu de Goiais  
 U Inaçu é differenti,  
 Us ôtro fais boiada é de bôl  
 Êle fais boiada é di genti.  
 Eu façu a cumparação  
 Nem assim eu digu bem,  
 U Inaçu só péga i vendi  
 Mas num compra di ninguem.

## CICLO REVOLUCIONARIO DE 30

*Modas que compõem este ciclo:*

*Moda da Revolução de 30*, de Adolfo Mariano.

*Moda do Regime Revolucionário*, do mesmo.

*Moda da Revolução*, de Henrique Pedro da Silva.

### 1

## MODA DA REVOLUÇÃO DE 30

Está aí um precioso documento popular dos vícios e abusos do regime de posto em Outubro de 30.

A moda é vazada em quintetos, bem metrificada e melhor rimada, revelando a arte do grande bardo.

Disculpi franquezas minhas,  
 Licença, caro leitor,  
 Vou rabiscar estas linhas,  
 Com certas frases mesquinhas  
 Di mau improvisador.

De minha livre vontade,  
 Vou fazer pequena critica.  
 Não tenho capacidade,  
 Mas estou na liberdade,  
 Vamos falar na politica.

Eu teria grande orgulho,  
Se achasse um dominante,  
Fosse Vargas ou fosse Julio,  
Que me desse algum peculio,  
Eu adorava bastante.

Enfins todos que governam  
O nosso grande Brasil,  
Só arranja divida externa,  
Me come por uma perna  
Não me dá nem um ceutil.

O ponto que me desgosto  
No Estado de Goiaz,  
Envez de abaixar os imposto,  
Como agora eu amostrô,  
Estou pagando muito mais.

Tantos direitos a criar,  
Tem alguns que me amola,  
Como a taxa escolar  
Sempre tenho de pagar  
E não dão nenhuma escola.

O assunto eu vou mudar  
Contando o negocio exato,  
Para todos observar  
Poder averiguar  
Como foi os candidato.

Julio Prestes apresentou  
Candidato oficial,  
No voto êle ganhou,  
Com a fraude que arranjou,  
Contra o povo liberal.

Por aquí foi importante  
Não vou escrever mentira,  
Só achei interessante,  
Pois até mesmo os defunto  
Deram voto em Goiandira.

Por todo o mundo é sabido  
Isto foi uma de mestre,  
Os que já tinham morrido  
Não ficaram esquecido  
Deram voto ao Julio Prestes.

No dia da eleição  
Fizeram tanta vingança,  
Teve muito cidadão,  
Que de medo do patrão,  
Não votaram na Aliança.

Fiquemos na classe baixa,  
Um voto ninguém não deu,  
Ninguém falava bolacha,  
Que os contrario prometeu.

Vou dar uns pequenos traço,  
Aproveitando a ocasião,  
O motivo do fracasso  
Foi a eleição de março,  
Que armou a revolução.

Uns Estado aliou  
Como o Rio e Minas Gerais,  
O exercito revoltou  
Contra o homem que ganhou,  
A favor dos Liberais.

Em Outubro dia treis,  
Estavam pronto para a descarga,  
De vinte e quatro a vinte e seis  
Estava tomada as leis  
Em mãos de Getulio Vargas.

Aquí em nosso Estado  
Quando soubemos da vitória,  
Todos que tinham votado  
Pelo lado dos Caiados,  
Deram as mãos a palmatoria.

Por todo lado alarmou  
Ninguém não tinha sossêgo,  
Teve muitos que chorou,  
Quando a noticia chegou,  
Que tinham perdido o emprêgo.

Meu pequenino artigo  
Não sei se tem bom agouro,  
Peço não zangar comigo,  
Adeus, meus caros amigos,  
Até o numero vindouro.

E' uma missão pesada  
O negócio está azul,  
Eu peguei uma empreitada  
De fazer uma charopada  
Para todo o numero do Sul.

Assíno, não sou perito,  
Adolfo Mariano de Jesus,  
Se achar feio ou bonito,  
E não gostar do escrito,  
Va queixar ao pé da cruz.

2

A B C DO REGIME REVOLUCIONARIO  
Copiada igualmente do jornal "Voz do Sul"

A

A tempo vivo calado  
Não escrevo e nem discuto,  
Notando o que tem passado  
Colhendo os melhores fruto,  
Para hoje ser publicado  
Estes meus versos matuto.

---

NOTA — Esta moda dou-a da maneira por que a transcrevi da "Voz do Sul", jornal que se publicava em Golandira. Evidentemente ela não regista a pronúncia comum, como aquelas que colhi diretamente, nas quais caprichei em reproduzir os fonemas, o mais exatamente possível.

## B

Bemvinda revolução  
Data de tanta alegria!  
Salvou a nossa nação  
Da cruel oligarquia.  
Acabou a exploração  
Que em certos paiz havia.

## C

Creio que vae melhorar  
Segundo vejo os projeto  
Precisa vigorar  
Um governo mais correto.  
Se assim continuar  
Meus desejo estão completo.

## D

Do geito que prossigufa  
Goiaz éra um abismo,  
As bandalheira que havia  
Feita pelo caiadismo,  
Felizmente hoje em dia  
Cabou-se este mandonismo.

## E

Eu veijo a prosperidade  
Que em todo o paiz avança,  
Veio nos dar a liberdade  
A vitória da Aliança.  
Impondo a moralidade  
Cortando certas vingança.

## F

Felizmente o nosso Estado  
Lutou com muita prudencia,  
Hoje é disciplinado  
Por homens de competencia,  
Não é mais Tótó Caiado  
Que só fazia violencia.

## G

Grande foi o sacrifício  
Do heroi Getulio Vargas,  
Trabalhou em beneficio  
Numa causa tão amarga,  
Prestando o melhor serviço  
Nos tirou tamanha carga.

## H

Hoje entramos em nova era  
As coisas tão diferentes,  
A justiça é mais severa,  
Do que era antigamente,  
Acabou-se muitas fera  
Que devorava muita gente.

## I

Isto eu achei engraçado  
Depois da revolução,  
Foi a pega do Caiado  
Pra fazer a deposição.  
Estava no mato embrenhado  
Com o filho e o seu irmão.

## J

Já depois da revolução,  
Do Brasil todo tomado,  
Goiaz por ser valentão  
Por ultimo tinha ficado.  
Depois pegaram o bichão  
E deportaram do Estado.

## L

Louvemos a Deus pela paz  
Tornou-se o paiz mais rico,  
Hoje quem manda em Goiaz  
E' o Dr. Pedro Ludovico,  
Não é mais aquele audaz  
Que em tudo metia o bico.

## M

Mais com pequenino ensaio  
Foi tomado Catalão,  
Foi tão rápido como um ralo  
Quando abre a explosão,  
Hoje a família Sampaio  
E' quem estão na direção.

## N

Não digo que é mentira  
E' fato este movimento,  
Até mesmo Goiandíra  
Melhorou de elemento,  
Vae tomar posse de vila  
Folgar de contentamento.

## O

Os antigos dominantes  
Da cidade de Catalão,  
Nunca quiz que fosse adiante  
Libertando êste torrão,  
Aqui sofremos bastante  
Antes da revolução.

## P

Pessoal de Goiandíra  
Quer desligar de Catalão,  
Até a Colonia Síria  
Tem prestado um serviço,  
Enfins todo o mundo aspira  
A nossa desmembração.

## Q

Quem podia nos prender  
Os chefes de Catalão,  
Estes já nos deu poderes  
Com alguma imposição,  
Desejam satisfazer  
A nossa população.

## R

Relativo a independência  
Nós temos bons elementos,  
Pessoas de competência  
De alto procedimento,  
Que só fazem concorrência  
Para o melhoramento.

## S

Sempre grande eleitoral  
O municipio é dotado,  
E também de um bom jornal  
Que agora foi fundado,  
Mostra ser liberal  
Pela prova que tem dado.

## T

Temos em nossa fronteira  
Trabalhando com proveito,  
Sinhor Absaí Teixeira  
Nosso futuro prefeito,  
Vae seguir boa carreira  
Por ser moço e sem defeito.

## U

Um voto de felicidade  
Eu dou ao sul de Golaz,  
Desejo prosperidade  
Conservando sempre em paz,  
E de grande utilidade  
Esta folha eficaz.

## V

Viva o governo atual  
O territorio brasileiro,  
Aliança Liberal  
Plano de bravos guerreiro,  
Nos livrou de um grande mal  
Libertou de um cativoiro.



## X

Xeio (cheio) de contentamento  
Termino esta oração,  
Emboras não tenha talento  
Manifesto gratidão,  
Espondo meus sentimento  
Por que tenho vocação.

## Z

Zombem de mim um momento  
Desta fraca aspiração,  
E com certo acanhamento  
E' que vou a redação,  
Por não ter conhecimento  
De dar boa explicação.



Til pequena letrinha  
Lembrada por derradêro,  
Tu fazes a vontade minha  
Circula o paiz intêro,  
Leitor desculpe éstas linha  
Escrita por um grossêro.

Papel se te perguntar  
Póde contar e não teme,  
E' vergonha eu assinar  
Por não conhecer o leme,  
Quem mandou te publicar  
Assina com A. M.

\* \* \*

Eis a maior apologia da revolução que nossa literatura já registrou. Aí está o testemunho do juízo do povo sôbre o grande acontecimento da história pátria, sincero, sem ficções nem interêsse de bajulações. O eminente chefe da nação Dr. Getúlio Vargas, poderá muitas vêzes duvidar da qualidade dos incensos que queimam

turibulares palacianos. Mas nunca, dos louvores espontâneos que a alma popular rústica e simples, agradecida, entoou nas salas ensombradas das fazendas perdidas no sertão longínquo.

E' que seu nome e sua imensa obra patriótica se gravaram fundo no inconsciente coletivo, donde êles jorram em borbotões de harmonia dos lábios grossos de incultos bardos, sob o aplauso unânime das massas camponesas.

Grande foi o sacrificio  
Do heroi Getulio Vargas,  
Trabalhou em beneficio  
Numa causa tão amarga,  
Prestando melhor serviço  
Nos tirou pesada carga.

Bemvinda revolução  
Data de tanta alegria!  
Salvou a nossa nação  
Da cruel oligarquia.  
Acabou a exploração  
Que em certos paiz havia.

#### GETÚLIO VARGAS — PEDRO LUDOVICO

Eis os dois nomes que o povo goiano tem gravado no coração. Ambos encarnando a Revolução: a renovação dos costumes políticos, a realização de uma nova ordem econômica e social que faça todos brasileiros felizes, e arranque o país do estado de semicolônia em que se encontrava, tornando-o grande, forte, e próspero.

Com respeito à veneração do povo goiano pelo chefe do govêrno, quero referir ainda um caso que se passou na residência de um fazendeiro na cidade de Anápolis. Este é dono de uma das maiores fazendas de café do município. Pois bem, na sala de visitas, deparamos com um retrato em ponto grande revestido de uma moldura de luxo, do presidente Getúlio Vargas. Um cunhado meu, quebrando o silêncio constrangido em que nos encontrávamos, como visitantes desconhecidos do fazen-

deiro, (tínhamos ido chupar jabuticabas) disse, referindo-se ao retrato: Então, coronel, estampou na sala o retrato do chefe?

— Sim, retorquiu o fazendeiro, e com enorme satisfação. Está aí o homem que salvou minha fazenda de café. A êle devo não ter perdido tudo. Este retrato nunca sairá de minha sala.

Tinha falado tudo em tom comovido. E eu que escutava o homem, ouvi em suas palavras a voz de milhares de outros fazendeiros, a voz da nossa lavoura cafeeicultora, a quem a nova política veio reerguer da ruína.

### 3

## MODA DA REVOLUÇÃO

No govêrno dos Caiados, houve uma célebre corporação, uma espécie de guarda de ferro do domínio caiadista. Chamava-se "dos camisas vermelhas"; era composta de jagunços célebres e de tôda casta de desordeiros. A esta fôrça para-policial competia assegurar o domínio da oligarquia caiadista; era uma espécie de polícia-política e uma tropa de choque. Certa ocasião, me afirmou uma personalidade goiana, desfilaram em Goiás todos os "camisas vermelhas", a cavalo, armados de carabinas e mosquetões, numa demonstração de fôrça.

Pois bem, em Pirenópolis, colhi estas quadras sob o título "Moda da Revolução", em que é feito referência à célebre e famigerada guarda vermelha. Nelas é narrada a fuga vergonhosa dos valentes camisas vermelhas, logo após o triunfo revolucionário de 30.

Ardei u meu cavalu  
Fui até na sicupira  
Quanu é ocasião de guerra  
A genti vê munta mentira.

A hora desse barulu  
Eu taya até comenu  
Genti passava na rua,  
Uns di chôtu, todus correnu

Priguntei u qui qui era  
Ninguem tava sabenu  
E' us camisa vermêia  
Qui tomô nossu terrenu

Dia 26 de outubro  
U povu tudu jurô  
As muié chorava lagrima  
Us homi isparramô

Eu tava in Béla Vista  
Quantu us camisa vermêia chegô  
Rastadô di valentia  
Era us primêru corredô.

## MODA DO ESTADO NOVO

*José Alves Vieira* — Santa Luzia

**Eis como o caboclo interpretou o golpe de novembro que inaugurou o Estado Novo no Brasil.**

### 1

Esta moda é da lei nova  
Foi u Mendes quem inventô,  
Desta nova aditadura  
Qui u governu adiantô.  
A nova constituinti  
Qui u Getulo decretô,  
Nu prazu desti seis anu  
Êli é u governadô.

### 2

U Getulo é homi atfvu,  
Ileção êli num quíz,  
Cum mêdu di havê guerra  
Disarmonia no nossu paiz.  
Ninguelm pode duvidá  
Qui pra tudu êli é capaiz,  
Só êli num disarmô  
Nossu istadu dî Golaiz.

## 3

Acabô cum as ileção  
 Qui fa acabalá u pouvu,  
 Ésta lei qui tem agora  
 Ficô ruim prus criminoso.  
 Eli tirô consêiu i camara,  
 I acabô com u senadu,  
 Vai pra bôca do fuzil  
 Us réu qui fô condenadu.

## 4

Tem muitas genti valenti  
 Só conversa em matação,  
 Cum esta lei qui tem agora  
 Num podí matá mais não.  
 Si matá vai pêgu mesmu  
 I num tira mais da prisão,  
 Tem que morrê fuziladu  
 Num tem mais apelação.

\* \* \*

*Estrilho* (Recortado)

Ésti decreto du Getulu,  
 Pois u pouvu in pensamentu,  
 Acabô com as ileção  
 Só pruveitô u alistamentu.  
 U candidatu José Americu  
 Ū Getulu assuspeltô,  
 Uma ideia cumunista  
 Nu discursu declarô.

Tenho dó dus moçu bunitu  
 I tamem da moçada,  
 Tem qui pagá u direitu  
 Todus qui não fô casada,  
 Si quisé ficá sorteru  
 Tem qui pagá impostu,  
 Eu conheçu muitas moça  
 Qui não casô não foi pur gustu.

---

NOTA (4) — Inclusão da pena de morte na Constituição.

NOTA — Esta segunda estrofe do recortado é alusiva ao projeto de imposto aos celibatários.

Felizmente o nosso Estado  
Lutou com muita prudência,  
Hoje é disciplinado  
Por homens de competência,  
Não é mais Tótó Caiado  
Que só fazia violencia.

Hoje entramos em nova era  
As coisa estão diferente,  
A justiça é mais severa  
Do que era antigamente,  
Acabou-se muita fera  
Que devorava muita gente.

Louvemos a Deus pela paz  
Tornou-se o paiz mais rico,  
Hoje quem manda em Goiás  
É' o Dr. Pedro Ludovico,  
Não é mais aquele audaz  
Que em tudo metia o bico.

### GETÚLIO VARGAS — PEDRO LUDOVICO

Eis como outro cantador, na distante Formosa, confirma a veneração afetuosa do povo goiano para com estes dois nomes penhõres da redenção da pátria:

Si eu fossi lá nu Riu  
Eu ficava muito contenti  
Purque eu ía cantar  
Nu palácio du pridentí,  
Lhi fazia um inlugiu  
Pur ser homi inteligenti,  
Dava um viva au Getulio Varga  
Da boa administração  
I a bandêra brasilêra  
Qui é u nossu pavilhão  
I au nossu chefe goianu  
Que trazemu nu coração.

(De *Orcalino Amaral Durães*).

## CICLO ELEITORAL

Após o registo dos fatos revolucionários temos o dos costumes eleitorais, cuja importância histórica não preciso encarecer.

Eles fixam efetivamente aspectos dolorosos de um estádio, felizmente já ultrapassado. E ficarão como monumentos megalíticos, testemunhando aquela fase de nossa história política.

Constituem este ciclo — *A moda da eleição, de Adolfo Mariano*, relatando uma eleição para deputado e senador no município de Catalão; a *Moda da Eleição, de J. Marques Ferreira*, contando uma eleição municipal em Pirenópolis. Veja-se, também, a primeira parte de *Moda da Revolução de 30*, já citada, que historia a eleição de Júlio Prestes.

### 1.º

#### MODA DA ELEIÇÃO

##### 1

A mão a pena toquei  
Fazendo esta poesia  
De uma eleição que trabalhei  
Assujeitando arríliã  
Partido di fraco elemento  
Foi que teve maioria.

##### 2

Reuniu "papo-amarelo"  
E "O rôxo furtacôr"  
Trabalhando eleição  
Pra deputado e senador.  
Um partido teve calma  
E outro fez horror.

3

O partido "Papo-Roxo"  
Teve bom atenuante,  
Tinha mesa a seu favor  
Não descuidaru um só instante,  
Só mesmo por esse feito  
Que puderam ir avante.

4

Fizeram velhacaria  
Para ver se triunfava,  
Que das treis hora por diante  
Só pelos os titulos chamava,  
Os elitores dos Amarelo  
Por qualquer colsa recusava.

5

Do partido "Papo-Roxo",  
Chamava com todo amor,  
Saíam no meio do povo  
Procurando eleitor.  
Ameaçando algum contrário  
Para ver se tinham pavor.

6

Do partido "Papo-Roxo",  
Isto muita gente feis,  
Tinham eleitor com dois titulos,  
Votaram por duas veis,  
Procederam muito mal  
Trabalharam contra as leis.

7

Terminou a eleição  
Às quatro da madrugada,  
Dis que feis apuração  
Foi com as luzes apagada.  
Com certeza nesta hora  
A urna foi enxertada.



## 8

Quando foi no outro dia,  
 Dizem que o povo acharam,  
 Cem cedulas dos Amarélos  
 Na pratadeira de um armário.  
 Decerto foi ocultada  
 Pelas mãos dos mesários.

## 9

E isto o povo me contou,  
 Não sei se será exato,  
 O doutor Americano,  
 Sendo um dos candidato,  
 Este viu o que passou  
 E' que pôde narrar o fato.

## 10

Já tenho sofrido muito  
 Vou fazer uma tenção,  
 Quero ver se não vou mais  
 Dar meu voto em Catalão,  
 Vamos ver se em Goiandfra  
 Obtenho uma sessão.

## 11

Trabalhar para Goiandfra  
 De minha parte eu ajutóro,  
 Precisamus organizar  
 Este nosso diretóro,  
 Vamos deixar Catalão  
 Que tem sido um purgatóro.

## 12

Catalão, politicamente,  
 Nunca teve boa fama,  
 E' lugar que guardam odio,  
 Neste ponto o povo clama,  
 Por causa da opposição,  
 Já muito sangue derrama.

13

Agora peço desculpa  
Porque todos considero,  
Não sou influente a nada  
De interesse não espero,  
Sou apenas um eleitor  
Do partido "Papo-Amarelo"

14

Vou terminar êste trêcho  
Por ser uma cousa exata,  
Que passou em fevereiro  
Por isto marquei a data,  
Sómentes quero que viva  
O Partido Democrata.

(Copiado da "Voz do Sul").

2.º

MODA DA ELEIÇÃO

1

Pulftica di Pirinópolis,  
Eu num possu intendê,  
Felix Jaime qui ganha,  
Olavu não qué perdê,  
Desdi qui hôvi a pulftica,  
Tambem hôvi us Inrederu,  
O Olavu pra ganhá.

2

U dotô não é quem ganha  
Quem ganha é a posição,  
Dia sete de setembru  
Vai tê uma ileção.  
Sinhoris meus eleitoris  
Um conseio eu vô ti dá,  
Sî quizé passá filiz,  
E' bão você não í lá,  
Qui é certu de não vortá.

Na porta da sorte grandi  
José Lôrençu mi cercô,  
Sómentis pra mi pidi  
Não vota contra o dotô,  
Eu votu em Felix Jaime  
Porque façú muntu bem,  
Tem grandi satisfação  
Di votar contra u Rubem.

## TEMAS ECONÔMICOS

"Arruma sua matulinha,  
Vai subianu pelus camim  
Leva a caiga nu mercadu  
Vendi tudu baratim.  
— Num apurei quais nada  
Meu Deus qui será di mim!  
Eu queria um lumbriguêru  
Pra levá prus pansudim".

Outro capítulo, cheio de interesse histórico, e que enriquece extraordinariamente nosso cancionero, é este — dos temas econômicos da poesia popular goiana. Os bons tempos de outrora, em que o camponês plantava em qualquer terra, e criava em campo aberto, assinalando a fase do despovoamento da terra, são lembrados na excelente "Moda do arame farpado" de José Brás do Amaral. Que em seguida descreve as modificações sofridas com o povoamento, introdução da cerca de arame, limitando as propriedades, o uso de plantar capim para o gado, etc. Na opinião de José Brás daí vem todo o mal-estar e sofrimento da quadra atual. Os fazendeiros só querem acrescentar suas terras, cercando-as diligentemente com o arame farpado. Já naqueles tempos passados, todos plantavam livremente em qualquer terra e colhiam para si. Cada qual tinha seu gado em pleno campo aberto.

Eis um quadro forte da realidade goiana há uns cinquenta anos atrás. E de sua evolução até bem pouco. A princípio, o despovoamento da terra, permitindo que o caboclo dela se utilizasse livremente. Depois, pelo povoamento progressivo, surgem donos com o arame farpado fechando as propriedades, e arrebatando-lhes esta liberdade. Nesta fase impera a ganância da terra: acrescentar terras à terra, fechá-las e guardar improdutivas. Constituem-se assim os latifúndios. A conse-

qûência dá o recortado da moda. Surge o agregado, o meeiro, sujeito às imposições e explorações dos patrões latifundiários, que não consegue nunca tomar pé na vida. Dentre as modas de temas econômicos aqui reunidas esta do Arame Farpado se destaca pelo registo de um aspecto importante da evolução econômico-social do Estado. Mas, deixo agora aos leitores saborearem no original esta magnífica síntese histórica de José Brás.

## MODA DO ARAME FARPADO

### 1

Obiserva minha genti  
U qu'eu tenhu obiservadu,  
Nossu Istadu di Goiais  
Tá ficanu adiantadu.

### 2

Vivu sempi obiservanu  
Desdi u tempu d'eu criança,  
Di certus tempu pra cá  
Feis uma grandí mudança.

### 3

Du tempu qui eu fui criança  
Hoji eu tem arrecórdadu,  
Criava gadu nu campu  
Novfu du chifri viradu.

### 4

Di certu tempu in dianti  
U povu não quiiz mais assim,  
Pegaru a comprá arami  
I fecha matu e fais capim.

## 5

U povu tão differenti  
 Nu pontu di criá gadu,  
 Não cria mais gadu nu campu  
 Ha di sê nu capim prantadu.

## 6

U povu di hoji in dia  
 Ficarú numa lôcura,  
 A custa di fazê capim  
 Tão cabanu c'as curtura.

## 7

U mundu istá desta forma  
 E' curpa dus istrangêru,  
 Aprenderu a fazê arami  
 Deu coragi us fazendêru.

## 8

Ficarú dum certu geitu  
 Qui num importa cum mais nada,  
 A miudu compra arami  
 Acrecentanu as invernada.

## 9

Hoji até us pobrisim  
 Ficarú muntu animadu,  
 Tôda bêra di vertenti  
 Si incontra pastim fechadu.

## 10

Eu si falu é pru qui sei  
 I pru qui tem obiservadu,  
 Pra toda parti du mundu  
 Stá di arami trançadu.

## 11

Dividu u arami ferpadu  
 Hoji tá dessa manêra,  
 U povu não cercavam u mundu  
 Só a pêso de aruêra.

## 12

Eu já tem obiservadu  
 Pelas istrada carrêra,  
 Distança di mêa legua  
 Passa treis quatu portêra.

## RECORTADO DA MODA DO ARAME FARPADO

Hoji in dia tá custoso  
 Di um probrísim prosperá,  
 Pra fazê uma rocinha  
 E' pricisu de arrendá.  
 A maior parti du povu  
 Tão trabaianu arrendadu,  
 Um carru di mío pru quarta  
 Inda danu u capim gramadu.

\* \* \*

Com as diversas modas, colhidas aqui e acolá, referentes à célebre crise de 29, pude formar o quadro de sofrimentos e de dificuldades que afligiram mais ainda a massa camponesa de nosso "hinterland." Chamei a êste agrupamento de modas — de ciclo da crise de 29. São elas:

*A Moda da Crise*, de José Alves da Costa, de Jaraguá.

*Moda da Crise*, de Cândido dos Santos, Jaraguá.

*A B C da Crise*, de A. Mariano, Goiandira.

*A Dificuldade do Pobre*, do mesmo.

*Vida Apertada*, de Aristides F. Pereira, de Pouso Alto.

*Sofrimento*, poesia subjetiva, de Camilo Gomes da Silva, Bela Vista.

Modas dêste gênero não são fáceis de se colherem. E' preciso perguntar, sugerir, porque em geral o caboclo só quer cantar modas amorosas.

Consegui entretanto esta meia dúzia; embora deva haver muitas outras mais, pois a alma sertaneja foi profundamente ferida naqueles anos angustiosos.

## MODA DA CRISE

*José Alves da Costa* — Jaraguá

### 1

Sinhoris mi dê licença  
Um casu queru contá,  
A clamação di dinhêru  
Di certu tempu pra cá.

### 2

A clamação de dinhêru  
Anda nu mundu gerá,  
Si u pobri clama dinhêru  
U ricu chega pra lá.

### 3

Pois tem multus homi ricu  
I diversus fazendêru,  
Qui tá di quêxu caídu  
Cum essa farta di dinhêru.

### 4

Tem muito boi pra vendê  
Mais num entra boiadêru,  
Pur qui u gadu deu baxa  
Nu istadu brasilêru.



## 5

Assim é us lavorista  
 Di cana, fumu i café,  
 Cum essa farta di dinhêru  
 Elis tão perdenu a fé.

## . 6

Assucrí di premera sorti  
 Tão quemanu i ninguém qué,  
 U móca só in badróca  
 O pra pagá quanu pudé.

## 7

Us niguciantí da praça  
 Naqueli tempu qui havia,  
 Naquelis bom tempu antigu  
 E'ra muito qui vindia.

## 8

Cachêru ficava doidu  
 Sem sabê u qui fazia,  
 Di tantu contá dinhêru  
 I vendê mercáduria.

## 9

Assim é us farmaceuticu  
 I tamem us dotô formadu,  
 Ganhava muito dinhêru  
 Naquelis tempu passadu.

## 10

Dividu a grandi crisi  
 Tudu ficó dimudadu,  
 Fazê consulta hoji in dias  
 Pois é argum contadu.

## 11

U impregu dus vigaru  
 Pru sê mais di miricimentu,  
 U tempu qui havia dinhêru  
 Ganhava centu por centu.

## 12

Si us padi ganha pôcu  
 Muitu mais us sacristão,  
 Bati sinu dia i noiti  
 Pra ganhá só dez tão.

## 13

Ainda são muito fillz  
 Quanu us cabocru vem na mão,  
 Até us tóqui di sinu  
 Tão paganu in prestação.

## 14

Eu já banzei muito a vida  
 I agora é nem um pôcu,  
 Si garrá pensá assim  
 Mata a si ô fica lôcu

## 15

Eu já dispui minha vida  
 Tirei issu du sintidu,  
 Cada um cuida pra si  
 Da moda qui Deus fô sirvidu.

## RECORTADO

## 1

Toda hora batisadu,  
 Todu dia casamentu,  
 Negóçu di cem mi rels  
 Ganhava num momentu.

2

Dividu a grandí crisi  
Tudu foi si dimudanu,  
Hoji tem dia qui não vendi  
Nem quinhentu reis di panu.

3

Cachêru fica deitadu  
In riba du barcão cuchilanu,  
I fregueis mêmu qui é bão  
E' lá de veis in quanu.

MODA DA CRISE

*Cândido Dias dos Santos — Jaraguá*

1

1930 eu ví u negoçu in cacu,  
Quem diz qui era acriditadu  
Nesti anu stão veiacu.  
Quanu foi nus 31  
Inda foi mais apertadu,  
Eu só sel contá di mim  
Qui tem passadu apurado.

2

Us fazendêru tão cramôsu  
Num podi tratá du gadu,  
Eu num vô mais nu cumerçu  
Lá ninguém vendi fiadu.  
Eu devu lá uns biquim  
I us nígucianti tão brabu,  
"Carinhosa" e "Fazendêra"  
Onti morreu atoladu.

## 3

Us chefi da lavôra  
 Tão todus disanimadu,  
 Meu ffu qui ditriminava  
 Agora safu surtiadu,  
 Eu num justu camarada  
 Nem queru passá contratu,  
 Quem diiz qu'era coroné  
 Hoji tão gritanu artu.

## 4

Quem podi já tão cramanu  
 Qui dirá us pobrisim,  
 Qui pêlêja u anu intêru  
 Pra formá caiguerim:  
 — Muié impaia us óvu,  
 Minina péga us pintim,  
 Qui eu vô piá u baiu véiu  
 Pra saf bem cedim.

## 5

Arruma sua matulinha,  
 Vai subianu pelus camim,  
 Leva a caiga nu mercadu  
 Vendi tudu baratim.  
 — Num apurei quais nada  
 Meu Deus qui será di mim,  
 Eu quiria um lumbriguêru  
 Pra levá prus pansudim.

## 6

Quanu eu cheguei in casa  
 A muié tá nus ispiru:  
 — Qui demora é éssa sua  
 I não comprô nada pra mim!  
 — Eu truxe um metru di chita,  
 I dois di xadresim,  
 Qui as ôtra incumenda  
 Dessa veis num pôdi vim.

## 7

— Cala bôca sem veígonha,  
 Di tuda veis é ansim.  
 — O' muié tem paciença  
 Lá ninguem ffa di mim.  
 Trata di nossas galinha  
 I zela di nossus pintim,  
 Qui agora cum pôcus dia  
 Eu levu ôtu caiguerim.

## 8

Assunta rapasiada  
 Vigia si é certu ô não,  
 • Qui u moçu pra si casá  
 Pricisa di tê pruteção.  
 Moçu pra si casá  
 Pricisa sê bilitadu,  
 Pricisa tê cunfiança  
 Qui u casementu é pesadu.

Notou o leitor como na casa do caboclo entrou a crise carregando atrás o cortejo infalível da desarmonia e rixas domésticas?

## A B C DA CRISE

*Adolfo Mariano — Golandira*

## A

A vida si foi custosa  
 Hoji está com diferêcia,  
 Com a falta de dinhéru  
 Que trouxe esta indigêcia.

## B

Boa vida quem passou  
 Aquí uns anos para traz,  
 Na fartura do dinheiro  
 Que hoje não se encontra mais.

## C

Coitado de quem precisa!  
Coitado de quem não tem!  
Precisa comprar de tudo  
E não ter no bolso vintelm.

## D

Desde que apareceu  
A guerra do estrangeiro,  
Todo mundo enriqueceu  
E agora não há dinheiro

## E

Eu tenho dó da pobreza  
Deixa lá que é infeliz!  
Até os capitalista  
Já queixa, clama e maldiz.

## F

Fico triste aborrecido  
Quando pego a maginar,  
Com esta crise tão custosa  
Que temos de atravessar.

## G

Gosto de andar seguro  
Nos direitos e meus negócios:  
Com a falta do dinheiro,  
Quero ser bom mas não posso.

## H

Hoje está tão diferente  
Como era de primeiro,  
Tendo dez tostões no bolso  
Já digo que tenho dinheiro.

## I

Ignoro de fazer dívida  
Nesta triste ocasião,  
Quando chega os credores  
Já vem com imposição.

## J

Já quando o dinheiro vem  
Não sabe para quem dar,  
Quanto mais está custoso  
Mais a gente há de gastar.

## L

Logo assim que acabou  
A guerra do estrangeiro,  
Pensei que podia ver  
Abundancia de dinheiro.

## M

Mais que triste ocasião  
Agora pra nós chegou,  
A gente tem que vender  
Mais não acha comprador.

## N

Nesta falta de dinheiro  
Muita gente passa mal,  
Para luxar a gente faz  
A questão é café e sal.

## O

O dinheiro está sumindo,  
Tenho dó é da pobreza,  
Mesmo assim o povo fala  
Que Deus amou a "limpeza".

## P

Por causa de dona crise  
Muita gente tem sofrido,  
Percisar comprar de tudo  
Sempre está desprevenido.

## Q

Quem tiver desprevenido  
Tem de ficar no atrazo,  
Percisa de alimentar  
E ninguem não vende a prazo.

## R

Ruim ocasião chegou  
Para quem não faz esforço,  
Percisa munir a casa  
Sem ter dinheiro no borso.

## S

Sorte triste da pessoa  
Que percisa de socorro,  
Numa ocasião assim  
Passa vida de cachorro.

## T

Triste coisa neste mundo  
E' a falta de dinheiro,  
Faltando perciso em casa  
Incomodar um companheiro.



## U

Um café que é de saída  
Quem tem êle para vender,  
Custa treis mil reis o quilo  
Se alguém quiser beber.

## V

Valha-me Nossa Senhora!  
Tenha dó dos Flagelados,  
Aumenta mais o dinheiro  
Que está quasi acabado.

## X

Xora (chora) a farta de dinheiro!  
O vil metal está sumido,  
Muita gente está chorando  
Mais ninguem não é valído.

## Z

Zombarei da dona crise  
Fazendo êste ABC,  
Tomára que ela suma  
Para o dinheiro aparecê.

~

O tít é uma letrinha  
Que no fim é que se escreve,  
Obiserve minha gente  
Sem dinheiro não se véve.

(Copiado do jornal *Novo Horizonte* —  
13-7-928).

## A DIFICULDADE DO POBRE

*Adolfo Mariano* — Goiandira

### A

Agora quero falar  
A respeito a carestia,  
Quem precisa de comprar  
Sustente em mercadoria,  
Morrerás de trabalhar  
E não dá conta da família.

### B

Barato ninguém não vende  
Porque o cumerçu isplora,  
Para o pobre nada rende  
A fome sempre devora,  
Ante qu'os preço suspende  
Põe seus mantimentos fora

### C

Coitado do lavrador  
Que vive a custa do braço,  
Ainda sendo cavador  
Luta com muito embaraço,  
Porque os explorador  
Hoje em dia são os maço.

### D

De sorte que o lavrador  
Quando apura a sua colhêta,  
Não pode esperar valor  
A situação é preta.  
Logo chega seu credor  
Ou paga ou assina a letra.

## E

Eu tem dó do coitado  
Que da lavôra tá vivendu,  
Quandu sobra algum bôcadu  
Sujeito a ficá devendu,  
Depois de tudo apuradu  
Percisa pagá o arrendu.

## F

Fazer negócio fiado  
Ninguém póde pichinchar,  
Se é dinheiro é um cruzado,  
Aprazo tem que dobrar,  
Quem vive necessitado  
É' obrigado a sujeitar.

## G

Grangeando o pobresim  
Fazendu cruel esforço,  
Quandu ganha um cobresim  
Não chega a quentar no bolso,  
Sai pagandu os seus biquim  
E fica roendo o ôsso.

## H

Hoje o negócio anda sério  
Para o pobre lavorista,  
Tem muitos que tem império  
Por ser um capitalista,  
Está sujeito a ir a zero  
E não fazer negócio a vista.

## I

Imagina para o pobre  
Quanto sofre dissabor,  
Pra poder ganhar o cobre  
Luta com chuva e calor,  
Tem muito que vive nobre  
A custa do seu suor.

## J

Jeito de ganhar dinheiro  
O pobre nunca qui arranja,  
Quando sai de um fazendeiro  
Já nas mãos de um outro enganja,  
Dibaixo do cativeiro  
O pouco que faz esbanja.

## K

Kilo e litro é que dá fim  
Nos pobre do jornaleiro,  
Para sustentar os filhim  
E ser um home guerrêro,  
Não discança um bocadim  
Trabalhanu o ano intêro.

## L

Lavôra não está danu  
A luta hoje anda fêa,  
Muitos vive arrendanu  
E outros tocanu a mêa,  
Passa a vida trabalhanu  
E não tira o pé da pêa.

## M

Muitos não pensa na era  
Fais lógo sua transação,  
Vende cedo e não espera  
Diz que é pru percisão,  
Logo assim os preço altera  
Já está em poder do patrão.

## N

Nem todos pensa o futuro  
Faz logo sua transação,  
Assujeita pagar juro  
O cumerçu e o patrão,  
E depois fica nos apuro  
Com as cobrança na mão.

## O

O pobre vai na cidade  
Comprar as mercadoria,  
Acha lá boa vontade  
Compra com sessenta dia,  
Porque tem necessidade  
De vestir sua família,

## P

Passando tempo marcado  
E não saldando a sua conta,  
Logo vem juros contado  
Nem um tostão não desconta,  
O pobre passa apurado  
Porque cobradô amonta.

## Q

Quem tem família não passa  
Precisa sempre comprar,  
Triste é se fôr na farmácia  
E acaba de enterrar,  
Farmaceutico não faz graça  
Deseja o couro tirar.

## R

Remedio é a perdição  
De um pobre que tá doente,  
Alí qualquer uma poção  
Que aplica num cliente,  
Se deu resultado ô não  
Paga imediatamente.

## S

Se o pobre vae batizar  
O seu filho pur acauso,  
Bem não pode apresentar  
Porque vive no atraso,  
E se não pudé pagar  
Padre não batiza a prazo.

### T

Tem dó do pobresim  
Luta com dificuldade,  
Não educa seus filhim  
Como muitos tem vontade,  
Por faltar uns cobresim  
E não achar a caridade.

### U

Um momento de prazer  
O pobre nunca que tem,  
Nunca cumpre os seus dever  
Mesmo sendo homem de beilm,  
Hoje em dia tem poderes  
E' quem possui alguns vintelm.

### V

Vida triste o pobre passa  
Vendo a casa sem pão,  
Alf a fome devasta  
Quando não tem proteção,  
No mundo sofre a desgraça  
E no outro tem salvação.

### X

Xega da roça cansado  
Coitado do pobre homi,  
Vendo os filhim ao seu lado  
Clamanu que estão com fomi,  
Cumeça a ficá zangado  
Blasfemanu todú nome.

### Z

Zangado com seus pequeno  
Mostra tão contrariado,  
Deste geito tô vivenu  
São vocês mesmo os culpado,  
Na lavoura estou morrendo  
E vivo sempre atrazado.

*(Copiada de um caderno de modas do autor)*

## SOFRIMENTO

*Camilo Gomes da Silva* — Bela Vista.

Quis fechar com esta chave de ouro o quadro dos sofrimentos crescidos pela angustiosa crise, que teve seu ápice no ano de 29.

Como poesia subjetiva, reflete o estado de alma do pobre camponês, que naquela ocasião perdeu fazenda, gado, tudo. Trabalhando hoje de agregado. Na voz angustiada de Camilo, quantos não clamam?...

### 1

Eu inventei essa moda  
Nu principu dessi anu,  
Só afim de reclamá  
Us trabaiu que tô passanu.  
Eu cumparei a minha vida  
Cum passu qui vai vuanu  
Disquiliba i vai abaxu  
Dêxa pena i vai andanu.  
Tô cumo um reberão  
Quanu as agua vai secanu.  
Tô cumo um arvorêdu  
Quanu vai si disfojanu.  
Parecenu uma fumaça  
Quanu u ventu vai levanu.

### 2

Minha vida tem sidu essa  
Di certu tempu pra cá,  
Eu queru vivê alegui  
Tristeza não qué dêxá,  
Um vivê cumo esse meu  
Ningueim quêra desejá,  
Um dia eu tem aligria  
Quatru cincu é pra chorá.  
Eu suspiru noiti e dia  
Meis e anu sem pará,  
Vida tristi cumo a minha  
Nesti mundo até num há.  
Vivu nu mundo em balançu  
Cumo uma pêna nu á.

## 3

Tristi coisa é uma sorti  
 Quanu vai pra não vortá,  
 E' mesmo qui um pingu dagua  
 Quanu cai nu mei du má.  
 E'sta minha vida tristi  
 Pensu ela todo dia,  
 Dessa manêra qui eu vivu  
 Não possu tê aligria,  
 Nu tempu da minha infança  
 A sorte favorecia,  
 Eu era munto estimadu  
 In toda parti qui eu ía.  
 A bôa sorti qui eu tinha  
 Eu achei que não perdia,  
 A genti perdenu a sorti  
 Perdi toda a garantia  
 Sentimentu si matassi  
 Era certu qui eu murria.

## 4

Um vivê cumu esti meu  
 Pareci uma confusão,  
 Tem um dia di aligria  
 Quatru cincu de paxão,  
 Eu suspiru nolti e dia  
 Sem achá consolação.  
 Vida tristi cumo a minha  
 - Nem num tem cumparação,  
 Fui nascidu fui criadu  
 Na maló istimação,  
 Pra hoji sê indesejadu  
 Sofrenu judiação,  
 Ainda vivu nestí mundu  
 Pru qui tem upinião.  
 Eu façu coração duru  
 Pra não dá di amostração,  
 Tem hora qui eu dô suspiru  
 Qui lagrima pinga no chão.



Vou mimbóra dessa terra  
 Pra ondi eu nem num sel,  
 Si a minha sorti vortá  
 Algum dla eu vortarei.  
 Tem hora qui eu ficu triste  
 Co us trabaiu qui já passel,  
 Nu mesmu tempu eu consolu  
 Argum prazê eu gozei:  
 — Adeus campina di flô,  
 Fazenda ondi eu morei.  
 Adeus sôdadi dúda,  
 Coração qui eu amei!  
 Do meu tempu eu alembrel,  
 Vou cantar essa moda,  
 Quanu nois tivé ôsente  
 Qui sôdadi eu num terei!  
 E' muitas lagrimas dúda  
 Qui pru vóis eu já chorei!

\* \* \*

## DANÇA DO CANGAÇÁ

Encontrei-a no município de Bela Vista, não longe de Goiânia, onde é regularmente executada. Depois ouvi referências a ela em Serrania, antigo Atolador, onde o violeiro José Brás me confirmou sua existência naquele município e informou dever ser praticada também em outros. É conhecida igualmente pelo nome de Dança do Lenço, em ambos os municípios. De José Brás colhi uma Moda da dancinha do lenço, a qual adiante estampo, em que critica a desorganização que os namorados introduzem para poder estarem sempre juntos nos pares. Temos pois que a Dança do Cangaçá ou Dança do Lenço são uma só coisa. Maria Amália Giffoni insere, em seu trabalho Danças Folclóricas Brasileiras, uma Dança denominada Vilão de Lenço

(Pág. 143, obra cit.), que diz estar caindo em desuso, sendo poucos os lugares onde é encontrada.

Assinala Taubaté e São Silvestre, no Estado de São Paulo, onde é executada ao som da viola, sem canto. Estas danças, em que um lenço é agitado no ar ou suspenso por pares de dançarinos, não são privativas de nossas tradições, encontrando-se largamente praticadas em povos europeus, como espanhóis, franceses, belgas, húngaros, árabes, e na América — argentinos, uruguaios, chilenos, etc. O estilo é que se modifica. O lenço está ligado, no simbolismo dos hábitos europeus, ao amor e, talvez, sejam estas danças um “resíduo”, na denominação de P. Santyres, de primitivas práticas rituais. A figura coreográfica da Roda, nela tão repetida, lembra um elemento importante de sentido ritualista, que este eminente folclorista estuda em sua obra “Les Liturgies Populaires”, Paris, 1919, a propósito das rondas infantis; seus cantos os interpreta como encantações mágicas, e a dança — uma cerimônia de circum-abulação. O certo é que no Brasil ela deve existir ainda em outros pontos. E assim no Rio Grande do Sul há informes de que existe nos municípios da fronteira. Em Goiás, sua execução coreográfica e o canto que a acompanha, fazem-na diferente das estudadas por Maria A. Giffoni. Os movimentos principais da dança consistem nestes:

Os dançarinos, que se defrontam em duas filas, homens e mulheres, iniciam a dança, segurando um lenço ao alto das cabeças e vindo a formar um círculo. Isto enquanto é cantado o primeiro verso da moda. Ao estribilho todôs avançam, recuam, voltelam e trocam de lugar com o par. Assemelha-se a uma figura de quadrilha. Na estrofe seguinte, quebra-se a roda, desfilando os pares que realizam voltelos sôbre si mesmos, após voltam a formar a roda. Ao estribilho, novamente repetem a coreografia da quadrilha. E assim sucessivamente. Como última parte, então, dá-se a formação de filas e a passagem de cada par por baixo dos lenços alçados, começando pelos últimos através da fileira, indo colocar-se em primeiro lugar. Dou a seguir a letra da 1.<sup>a</sup> dança do Cangaçá ou do Lenço, colhida em Bela Vista:

## I

Apiei pra bebê água  
Naqueli poçu fundu,  
Pensei qui bibi água  
Bibi as pena du mundu.

### Estribilho

Arritira cangaçá  
Dêxa meu amô passá  
Trespassea, i balancêa,  
Na dança do cangaçá.

## II

Apiei prá bebê água  
Moiei a ponta do lenço,  
Coração que ama dois  
Da minha parti eu dispenso  
(Repete-se o estribilho)

## III

Vô queimá meu palitô,  
I vô vendê mia camisa,  
Jógu meu chapéu no chão,  
Queru vê quem é que pisa,  
(Repete-se o estribilho)

## IV

I vendu mia camisa,  
I vô queimá meu palitô,  
Tanu nu braçu da viola,  
Ninguem guenta o meu xodó.  
(Repete-se o estribilho)

## V

Eu mi chamo Anicondi  
Sobrinomi di Reimundo  
Quem num ama essi nomi  
Não tem gosto nessi mundo.  
(Repete-se o estribilho)

## MODINHA DA DANCINHA DO LENÇO

*José Brás*

### I

Essas dancinha di lençu,  
E' sintoma dus namorista,  
E' na réga dus sortêru,  
Iscuidu prá pro na lista.

### II

A hora que toca o passelu  
Quem tem amor chega na frenti,  
Odispois qui corri a sorti  
E' qui pricisa du suprenti.

### III

Odispois da roda feita  
Prá dança não dismanchá,  
Vem de lá um lencim mandado  
Mi chamando prá cantá.

### IV

Essas dancinha di lençu  
Prá mim tá nutilizada,  
Nas dancinha a genti Incontra  
Us moçu e as namorada.

### V

Quem quisé rusti namoro  
Aprendi a cantá também,  
Eu num tenho obrigação  
Di cantá prá ninguem.

### VI

Façu pru obedecê  
Quanu um amigo me pede,  
Prá dança não dismanchá  
Eu vô servi de remédio.

## VII

Dançadera disinvulvidu  
Pode dançá muntu bem,  
Não senu cos namoradu  
Não dança cum mais ninguém.

## VIII

Elas fica discontenti  
Qui até dá diamostração,  
Perdi u jeitu de sambá,  
Até di pegá na mão.

## IX

Eu si falu é pru que sei,  
Já tá muntu discubertu,  
Não senu cos namoradu,  
As písada não dá certo.

## X

Agora eu peçu discurpa,  
Põe sintídu nessa fala,  
Prá mim num sirvi di estrovu,  
Eu saiu du meu da sala.

## XI

Eu si falu é cum rezão,  
Num tô cramanu sôsim,  
Quano eu vejo uma dancinha,  
Vô ficá lá num cantim.

## XII

Eu ficu discunfiadu  
Imbora eu sê um dançadô,  
Prá mim não sai cramanu  
Qui a mia folci quebrô.

## CICLO HERÓICO

O jagunço, o bandoleiro, o caudilho, expressão de valentia e de heroísmo do sertão, já foram exaustivamente estudados por penas mais autorizadas e grandes nomes da nossa literatura.

Não quero fatigar o leitor com considerações desprovidas de novidades, sôbre êstes tipos, nem chover no molhado. Prefiro entrar logo na apresentação do material coligido a êste respeito: *Moda da Charqueada* — do inesquecível Pascoal Baer Guimarães, de Morrinhos; e *Zé Barbosa*, romance dêste cangaceiro no norte goiano. A primeira passa em revista os jagunços célebres do município de Buriti Alegre, outrora um dos lugares “quentes” de Goiás.

Zé Barbosa, o terror do norte goiano, como ficou conhecido, rivaliza em proezas com os afamados cangaceiros do Nordeste. Transcrevo a biografia que recebi do famoso bandido, *ipsis verbis*, bem como o longo romance de aventuras do mesmo.

### OS BARBOSAS

#### SÚMULA BIOGRÁFICA

*José Gomes de Lima e Sá:* — o nome genuíno de José Barbosa da Cunha Moreira, o chefe da família Barbosa, que governou com mão de ferro e à lei do 44 um dos mais futurosos e ricos municípios norte-goianos.

Velo de Pernambuco para o Peixe o Puxana do clavinote. Trouxe consigo Rainel. Corrido, sem fôlha de comportamento, encontrou no meio hospitaleiro elementos de independência, com que pôde amparar o resto da família que deixou à sua espera.

Seguindo o conselho de seu padrinho Padre Cícero do Juazeiro, Barbosa se estabeleceu no Peixe e aqui alargou suas atividades comerciais, esquecendo por algum tempo seus costumes primitivos de banditismo e de saque. A sua primeira ação comercial consistiu na venda de facas transportadas em jumentos. Não o santo jumentinho de Guerra Junqueiro que levou Maria, de Jessé a Belém.

Estabelecido, graças à proteção que lhe dispensaram os Pinheiros e Cangunços, Barbosa vivia a melhor vida do planeta, somente alvoroçado às noites mornas do sertão com as visões esqueléticas e horripilantes das vítimas que fez em Pamonha, Lagoa de Baixo, Pedras, Palha e outros lugares por onde deslizou o seu rosário de crimes. Caveiras escancaradas... olhares sem vida... rostos cadavéricos... ossadas...

Barbosa esperava a ocasião propícia para reiniciar suas lampionadas, primeiro procurando alicerçar-se e ganhando a confiança do povo bom do sertão. Veio o golpe de 30 e, com a confusão Barbosa se empoleirou, tornando-se o chefe local, disputando a direção do Município como se fôsse bem de defunto. E aí! a lei do arrôcho e da compressão, o código do chicote. A justiça, sua escrava: Delegacia, idem; Coletoria também. A Prefeitura sua amásia bela.

O primeiro decreto: matar Francisco Ribeiro e sua adorada esposa Francisca Sá, a cacetadas, por via das dúvidas e, assim, uma série sanguinolenta de atrocidades que nos lembram Tamerlão.

Não satisfeito ainda, Barbosa com os filhos, que lhe obedeciam à risca, procurou angariar elementos tarados e criminosos, onde quer que os sabia existir, a fim de ajudá-lo nos seus intentos abomináveis. Conseguido o auxílio de Demócrito, vulgo Benjamin Vanderlei, mandou assassinar o jovem Magdal Vieira, da elite local, tão-somente por não ser atendido em seu desmando, contra a rigidez de disciplina no cumprimento do dever, por parte deste distinto moço de bem.

E após um lastro de sofrimentos compressivos, o povo naturalmente se revoltou e, depois de implorar ao Governo, sem ser ouvido, fez o seu 14 de julho, redimindo-se do jugo pesado.

Veio a Comissão Inquisitorial e todos foram pronunciados por terem cumprido o Dever.

Hoje, passado pouco tempo, os restos dos Barbosas, aliás, os mais temíveis, vieram saquear o Norte inteiro, pagando com a ingratidão o bem que de Pôrto Nacional receberam, mostrando que foram, são e serão bandidos, indignos da sociedade, imorais atrabiliários, hediondos e satânicos, trazendo o País em movimentos de concentração de fôrças e o pobre Estado de Goiás na iminência de perigos incalculáveis.

*O tempora! o mores!*

### TERROR DO NORTE GOIANO

A' muito desta parte  
Que existe um calculo mau,  
Só se vê é muito fubá  
E o resultado é mingau.

Eu vou contar de princípio  
O caso como aconteceu,  
O Magdal foi apunhalado  
E o nosso Chefe correu.

O nosso Chefe correu  
Teve razão de correr,  
Porque estava sozinho  
Era sujeito a morrer.

E ninguem estava espêrando  
A falsidade dos bandidos  
Estava eles dois sozinhos  
E o Comercio disprivinado  
Os bens dos homens do Peixe,  
Estavam todos repartidos.

Chiquinho é Comerciante  
E um pae de familia  
Tomou richa do Chiquinho  
Foi por causa da chefia,  
Barbosa endolda o homem  
Com toda a feitiçaria.



O Benjamim Vanderlê  
Correu para a Coletoria  
Lá estava entrincheirado  
Não sei o que queria  
A cartucheira e o mosquetão  
Desafiando cantando e ria.

Brejo Grande e Brejo Alegre  
São Bento e corrego do meio  
Estavam todos repartidos  
Sem um pequeno arreceio.

Derramar suor do rosto  
Para poder adquirir  
Este pedaço é doido  
Vê o que é seu, sahir.

Não se fite no alheio  
Seja desinteressado  
Não faça como Cazuza  
Quando falou para o Bena.

A conversa que você vê  
E' um caso realizado  
O Canguçú comprou campo  
E ele ficou recantiado.

Mexero com Canguçú  
Por não saber com quem mexeu  
E depois de ter mexido  
Garanto que arrependeu.

O neto do Canguçú  
Pois é Canguçú também  
Barbosa pediu Paz  
Magdal respondia  
Eu estou tirando uma linha  
E estou te querendo bem.

E' um bandido e traçoeiro  
Ninguem sabe como faz  
Fazia poucos dias  
Que ele tinha feito paz.

Mentindo perfeitamente  
E negando a verdade  
Barbosa pedia paz  
Era só com falsidade.

Pois era um cão atentado  
Que ninguém pode tragar  
A justiça deste homem  
Só falava em matar  
Prostituindo Família  
Fazendo casado largar.

O Canguçu quando turra  
Parece sinal de guerra  
Turra em cima do morro  
Cá em baixo treme a terra.

O Canguçu quando turrou  
Serginho saíu na carreira  
Felix Preto desertou  
O Policarpio fugiu  
O Rozeno isalou.

O Vilarino já é nosso  
Antonio Bento lá não vou  
Raimundo Bracini é praça  
E com isto ele calou  
Os outros foram esconder-se  
E o velho Barbosa embarcou.

Ainda falta falar  
No Vanderlê e Zé Martinho  
Com estes êle contava  
E achou sempre sozinho.

Gritava a velha Nenem  
Rainel acode seu pae  
Meteu os pés e recuou  
Pois o canudo lá eval.

Rainel acabrunhou  
E assim foi desmalando  
Bezinho sahiu na carreira  
Bianôr foi apagando  
Eu não sei o que teve  
Que depois vem voltando.

Felix Pinheiro é de coragem  
E Augusto Braulio é diligente  
Anima rapaziada  
Acabemos esta gente.

Bandidos e traiçoeiros  
Falso assim nunca vi  
Pois é uma cousa vista  
Não deixemos eles aqui.

\* \* \*

Quem não conheceu Zé Barbosa  
E seu grupo de bandidos  
E' que pode dar razão  
Nos factos acontecidos.

Era um grupo de assassinos  
Barbosa, selvagens e malvados  
Roubavam dos habitantes  
Até de pobres coltados.

O povo estava assombrado  
Temendo forte agressão  
Pediú socôrro ao Governo  
P'ra evitar revolução.

O Sergio era Delegado  
E só praticava o mal  
Mandou o tal Vanderlê  
Assassinar Magdal.

Correndo o Prefeito ao Porto  
Permaneceu na Estação  
Telegrafou ao governo  
Espondo a situação.

Pedindo que socorresse  
Seu município abalado  
Só por causa do Barbosa  
Que era um jagunço afamado.

Julio, Sergio e Rainel  
Cazuza, Bezim, Bianôr  
Tinham por profissão  
Matar e sêr sedutor.

O povo já estava cansado  
Só de viver maltratado  
Pois o Governo era surdo  
Ao clamor destes coitados.

Zé Barbosa era vaidoso  
Não perdia ocasião  
Em dizer aos Quatro ventos  
Ser o pae de Lampeão.

Zé Barbosa era velhaco  
Refinado. feiticeiro  
Na puçanga era terrível  
Pois virava o mundo intelro.

Aos filhos deixou de herança  
Só muita patifaria  
Muitos livros nojentos  
Ensinando a feitiçaria.

Virava homens e mulheres  
Mocinha ingenua inocente  
Virava até mulher velha  
Padre, Juiz, Presidente.

Mais de cem homens armados  
Que viviam prejudicados  
Quando Sergio atirou  
Ficaram indignados.

Não tendo mãos a medir  
E sem contar com proteção  
Lançaram mãos do trabuco  
P'ra repelir a agressão.

Foi decidindo as forças  
E repelindo a agressão  
Que as onças não resistiram  
As horas de ingratidão.

Pois quem vive abafado  
Nunca perde ocasião  
Pois eles só conversavam  
Em fazer revolução.

O povo tinha temor  
Dessas onças comedeiras  
Temendo perder o rebanho  
Desta vila e das ribeiras,

Pois convidavam jagunços  
Viviam municidados  
Só prometendo atacar  
Aos fazendeiros abastados.

Quebraram a pauta perversa  
Perderam o nome da história  
Os calculos foram perdidos  
Pois lhes falharam a memória.

Era um grupo de ignorantes  
Traziam todos enganados  
Desde o pobre roceiro  
Até mesmo o Deputado.

Fugido de Pernambuco  
Aqui chegou Zé Barbosa  
Perseguido da polícia  
Correu passando em Formosa.

Trazendo facas e jumentos  
Chegou muito pobretão  
E com labias traiçoeiras  
Iludiu a população.

José Gomes de Lima e Sá  
Era seu nome natal  
Mudou p'ra José Barbosa  
Temendo o Codigo Penal.

O grande capitalista  
Delmiro Gouvêia falado  
Lá na cidade da Pedra  
Foi por ele assassinado.

Estava na sua poltrona  
Determinando o pessoal  
Quando inesperadamente  
Morreu a tiro e a punhal.

Em Jatobá e Tacaratú  
Foi bastante procurado  
Pamonha, Lagôa de Baixo  
Bem conhece o seu passado.

Cidade de Palha acabou  
A polícia fez revolta  
Espalhando esta familia  
Sómente a troco de escolta.

Estando lá em Recife  
Por força foi perseguido  
Correndo por rio Branco  
No Ceará foi acolhido.

O Padre Cicero acoitou,  
Pois gostava de bandido,  
E José Barbosa a seu lado  
Evitou sêr perseguido.

Passou em sua companhia  
Porem bem desconfiado  
Pouco sahia a rua  
Temendo sêr assassinado.

Padre Cicero em Juazeiro  
Estava com bem cuidado  
Aconselhou que fugisse  
Para nosso grande Estado.

O Padre Cicero lhe disse  
Que viesse negociar  
E deixasse a vida de crimes  
Se ainda quizesse aturar.

Aconselhou que a politica  
Era a arte de administrar  
E não convinha fazer parte  
Para algum mal evitar.

Que Goiaz era hem longe  
E podia viver descansado  
Si aceitasse seus conselhos  
Podia viver disfarçado.

Zé Barbosa era meizinha  
No feitiço jubilado  
Quem chegasse a conhecê-lo  
Ficava logo amarrado.

Nos bolsos da algibeira  
Só conduzia patuá  
Benzia de longe e de perto  
Até mesmo enfeitá.

Na puçanga tirou carta  
E diploma de malvado  
Tirava as forças da vítima  
P'ra cair na marmelada.

Marmelada eram cacetes  
Com que matou seu Ribeiro  
E sua mulher adorada  
Pois era vil feiticeiro.

Zé Barbosa era mestre  
Tinha escola de feitiço  
A magia negra ensinava  
E a prática de malefício.

Quem não conheceu Zé Barbosa  
E sua muamba safada  
Não sabe que a urucubaca  
Foi sua doutrina afamada.

Enrolava Padre e Freira  
As beatas e sacristão  
Pois era Filho do diabo  
E tinha parte com o cão.

A luta veio comprovar  
Sua vida de feiticeiro  
Santo Antonio foi encontrado  
Enterrado em seu puleiro.

O Governo é inteligente  
Já mandou a Comissão  
Para sossegar o povo  
E evitar outra agressão.

Chegando o Dr. Adalberto  
Homem bastante educado  
Veio consigo o Promotor  
E o escrivão nomeado.

Abriu na Vila o inquerito  
Já sabe de seu passado  
Colhendo muita mentira  
Para tirar a verdade.



Foi a Porto Nacional  
Com o snr. Lulú Feitosa  
Para bem conhecer  
A tal familia Barbosa.

Logo chegando do Porto  
Começou fazer prisão  
Para seguir o sumario  
E terminar sua missão.

Sendo homem delicado  
Procedeu com retidão  
Recolheu os acusados  
Com respeito e distinção.

Magdal e Ugusto Branco  
Estão bem tranquilizados  
Recebem bandeja de flôres  
E são muito visitados.

Felix Pinheiro e Herculano  
Estão mais contrariados  
Em deixar a criação  
Que merece bons cuidados.

O Felix Pinheiro é soldado  
Da reserva é anspeçada  
Deixou a esposa doente  
Pra atender a Patria amada.

O soldado que nega a Patria  
Seu dever e seu valor  
E' um homem contra a lei  
E' um cretino traidor.

A Patria tem por esposo  
A grandeza do Soldado  
Que defende suas fronteiras  
O seu symbolo sagrado.

O Felix Preto está prezo  
Por matar de profissão  
Sendo mau e traçoeiro  
Nunca perde ocasião.

Ananias está fora  
Porem tambem é acusado  
Em paga dos bons favores  
A Barboza dispensado.

Os demais prisioneiros  
Já estão conformados  
Encontrando todo o conforto  
Dos amigos e dos soldados..

Certos prisioneiros  
Tem boa representação  
Só estão hoje envolvidos  
Por falta de proteção.

Vão alegres e satisfeitos  
Primeiro em Deus confiados  
Segundo no Governador  
P'ra serem despronunciados.

E suplicando ao Governo  
Que tambem tem coração  
Esperam ser protegidos  
Na corte de apelação.

Si o juri não falhar  
E distinguir a razão  
Fará justiça serena  
E a propria absolvição.

O Promotor foi cruel  
Na denuncia e promoção  
Em condemnar uns heróes  
Que trouxeram a salvação.

Não são homens bandidos  
Nem tem forma de ladrão  
Pois ninguém domina o povo  
Quando faz revolução.

São homens laboriosos  
E todos tem ocupação  
Pois o sangue do Ribeiro  
Foi quem clamou redenção.

Albertino Miranda  
E Homem Maranhão  
Foram os advogados  
Nessa terrível questão.

Trabalharam noite e dia  
Estudaram sem cessar  
Para defender os culpados  
Ou ao menos aliviar.

O prazo foi muito curto  
P'ra comentar a verdade  
Pois a acusação é injusta  
E' filha da falsidade.

Informações mentirosas  
O juiz foi sabedor  
Por despeito e por maldade  
De pessoas sem valor.

Os treze réus que defendem  
Conforme procuração  
Mesmo que falte a justiça  
Porém não falta a razão.

Esta demanda vai longe  
A' Corte de Apelação  
Pois nesse sagrado templo  
Vai surgir a salvação.

O Desembargador consciente  
Com espirito de equidade  
Entre o direito e a razão  
Vai fundamentar a verdade.

Eu já contei em versos  
E vou descrever em prosa  
Para o publico conhecer  
Quem era a familia Barbosa.

Correu mundo essa historia  
Na Cidade e no Sertão  
Do Amazonas ao Prata  
Paraná e Maranhão.

E' para saber quanto é triste  
A vida de um valentão  
Que falava com alegria  
Em fazer revolução.

Agora vou regressando  
De Goiaz para o Maranhão  
Com pena dos prisioneiros  
Que acabaram este Leão.

*O Roceiro Velho.*

## II PARTE

Esta parte, que é de autoria de outro trovador sertanejo, desconhecido, narra o ataque contra a florescente cidade de Pôrto Nacional por membros da familia Barbosa, em vindita às mortes do Peixe.

Eu vou contar uma historia  
Que se deu no meu sertão,  
Em torno de uma familia,  
Perversa de tradição.

Era a Família Barbosa  
O Terror do setentrião:  
Trazia o povo debaixo  
Da mais reles submissão.

Na Vila mansa do Peixe  
Veio trazer a confusão.  
O seu ideal era assim:  
Enganar com sedução.

Para ganhar partido,  
Com manha e astúcia alvar  
Seduzia as santas mulheres  
E até as santas do altar.

Vindo fugido das forças  
Do Nordeste vingador,  
Barbosa veio santinho  
Com gesto de servidor.

Dando risos e boa labia,  
Parecendo bom cristão,  
Barbosa foi conquistando  
O bom povo do sertão.

Metido nessa casaca  
De homem de coração,  
Dizia que era devoto  
De Senhora da Conceição.

Esqueceu por algum tempo  
Os crimes de Pernambuco  
Onde se fez famoso  
Rei do punhal e trabuco.

Esqueceu os feios crimes  
De Palha, Itacaratú,  
Lagoa de Baixo e Pedras,  
São Francisco e Urubú.

Com o advento outubrista  
E a queda do pachá,  
Barbosa se empoleirou  
Por estas bandas de cá.

De uma hora para outra  
Se fez o rei do sertão.  
Dominando com o tabuco  
A mansa população.

Enfeixou todo o governo  
Do municipio pacato  
Nas suas mãos criminosas,  
Num grande saco de gato.

Fez-se o senhor de provincia  
Um segundo Lampeão:  
Onipotente no mando,  
O pachá do meu sertão.

O prefeito constituido  
Foi por ele exonerado:  
O delegado e o Juiz  
Foi por ele manobrado.

E tambem o promotor  
Em suas manhas andou  
E numa hora feliz  
Com ele se malquistou.

A professora local  
Foi por ele demitida  
Seu motivo, unicamente  
Por ser jovem decidida.

O elemento estavel,  
Os filhos deste lugar  
Sofreram por muitos anos  
Este governo sem par.

Eu, por nessa temporada  
Acompanhava, afastado,  
O Urca desse governo,  
Achei um caso encravado.

Quem não seguisse o chefão  
Morreria condenado  
No artigo do cacete  
E de tiro consumado.

O primeiro dos decretos,  
O seu crime mais primeiro  
Foi esfolar barbaramente  
O infeliz casal Ribeiro.

Quando o antigo Juiz e Mestre,  
O santo homem Ribeiro  
Voltava da sua fazenda  
Morreu como um brasileiro.

E o sangue do Mestre Chico  
Lavou o solo do mal;  
A mão divina apontou  
A vingança mais fatal.

Deus mostrou que era peixense  
E de Santa Terezinha:  
A linda Vila liberta  
Que amanhã será rainha.

Barbosa mandou matar  
Galdino, Blas também  
A ordem do grão pachá  
Era o mesmo dizer amêm.

O sangue dos inocentes,  
A honra das virgens, o pudor,  
À tudo que destruiu  
Com o cinismo maior.

Foi quem arrastou o monstro  
Para a cruel perdição,  
Em que foi transformado  
No Judas, finda a Paixão.

Em vez de fazer-se um judas  
De pano, artificial,  
O Barbosa foi modelo,  
Cópia fiel, sem rival.

Quem nunca viu Satanaz  
E suas manhas, cá e lá,  
Bastava que conhecesse  
Zé Gomes de Lima e Sá.

Toda mulher bonita  
Que via, fazia dó!  
Procurava conquistá-la.  
Na conquista era homem só.

Os filhos, desde pequenos,  
Imitavam o velho pae;  
E toda moça que viam  
Ficavam cae-e não-cáe.

Eram moços mui galantes,  
Sem pudor e sem moral.  
Arruinar lares alheios  
Era o seu grande ideal.

As imagens, falassem,  
As vielas silenciosas  
Diriam, dos crimes seus,  
Suas façanhas ruidosas.

Quantas virgens, defloradas!  
Quantos lares destruídos!  
Quantas moças violadas,  
Quantos bens distribuídos.



Não ha quem possa a miude  
Para tanto ter lembrança.  
A inteligencia fecunda,  
O engenho mais vivo cança.

O Peixe era o harem do monstro  
Cochim do rude Sultão  
Que na orgia do crime  
Vivia em devassidão.

A Justiça era a jovem morena,  
Meretriz de sua estima,  
Concubina Serviçal.  
A dona Administração.

Brasileira e sensual,  
Era sua favorita.  
A Dona Delegacia  
Era a cabrocha bonita.

A linda ideal senhorita  
Coletoria local  
Era a noiva do Cazuza:  
O homem fenomenal.

A professora formosa  
Era dada de afeição,  
O Analfabetismo era o dogma  
Desta branca escravidão.

Nos gemidos das guapiaras,  
Canaviais a zurzir,  
A natureza acenava  
Esperança no porvir.

O pachá dormia a bessa,  
Rei da terra, grão mogól,  
Todo o dia vinha acordal-o,  
Todo, nervoso, tẽ o sol.

Nada lhe faltava:  
Mulher bonita e feijão,  
Que é o ideal na terra,  
Do interior a ambição.

Estas mesmas mulheres,  
Este mesmo hom feijão,  
Assistiram á desventura,  
Do nordestino fuão.

As lagrimas que fez jorrar,  
O sangue que fez correr,  
Concorreram para o fim,  
Que soube bem merecer.

O homem tinha macumba,  
Sabia coisas do Averno,  
Era um outro Rasputine,  
Tinha artes do Inferno.

Tinha letras e mensagens,  
Do espirito de Bolial,  
Por industria e profissão,  
Praticar na vida o mal.

Ninguem o seguiu p'ra cóva,  
Nem lhe houve funeral,  
Os urubús cortejaram,  
O maluco descomunal.

Se as fronteas dessas mangueiras,  
Se as pedras do Propeção,  
Falar pudessem, bradavam:  
Para os vis da maldição!

Malditos que aqui repisaram  
O solo dos meus avós.  
Deus faça que esse oprobrio,  
Não recaia sobre nós.

Malditos que aqui chegaram,  
Vendendo facas e santos;  
Que conseguiram riquezas,  
Debaixo de falsos mantos.

Caens da terra madrasta,  
Azilados do sertão.  
Almas angustiadas  
Não terão a salvação.

Ingratos filhos da Dor,  
Naufragos que acharam bonança  
Palida, embora, sorria,  
Para nós outra esperança.

Quando um dia, desses,  
Mandados, ordem de Deus,  
Caiu a Bastilha negra,  
Cairam os vis sandeus.

E o tropel da desventura,  
a reação do abismo:  
foi o epilogo fatal  
de tão rude paroxismo.

As estrelas eclipsaram,  
o Tocantins silenciou,  
emquanto os mortos bolavam,  
Deus lá do alto falou:

Gente de Pernambuco!  
Assassinos de Gouveia!  
Não corrais, que de vingança  
contra vós a terra é cheia.

Filhos da terra madrasta!  
Onde pisais ha um abismo.  
Onde viveis ha desgraças,  
Onde moraes cataclismo.

Gente sem patria e sem crença  
Inimigos do altar:  
contra vós todos alertas,  
legiões vejo marchar.

Nas bocas de fogo o meu povo  
destruir-vos-ão a vós.  
As balas que vos tombarem  
não tombarão-nos a nós.

Que a vingança é assás divina,  
filhos do mal, onde estaes?  
As ondas rolam por cima  
dos vossos corpos mortaes.

As forças do bem um dia  
sopesadas sobre vós,  
por terra ruirão os males,  
Escutai a minha voz.

O filho que ainda não sabe  
o que significa mentir,  
o pae que alimenta a prole,  
o velho defronte ao porvir.

A viuva, a rapariga,  
todos, todos, a uma vez,  
de mãos dadas com as legiões  
exterminarão a vós.

E o carro da vitoria  
sobre os mortos que restaes  
ficará sempre na historia,  
a desgraça que tombaes.  
como eternal memoria.

Quando os dias, como as folhas,  
rolarem por entre vós,  
os netos, maldiçoando,  
lançam lama contra vós.

E os filhos, creanças nedia,  
num doce e fraterno idílio,  
não esquecerão dos bravos  
entre os quais capitão Virgílio.

Desses valentes soldados  
— Do Dever os guardiões —  
em filas, com o ventre ao solo,  
militares legiões.

Dando caça nos bandidos  
restos do grande Barbosa  
que trouxeram essas regiões  
em pavor e polvorosa.

Mostraram os milicianos  
que o Brasil não é mais Canudos.  
Ao estridor das metralhas  
mexem-se em bichos sanhudos.

Em Porto Nacional  
Tenente Virgílio chegou  
e na mesmissima hora  
a fuzarca começou.

Vinte e cinco de janeiro,  
mal o sol se ia pôr,  
a Barbosada cresceu  
para o Porto com ardor,

A luta foi mais titanica,  
a metralha trovejou  
E o bravo oficial  
a jagunçada espancou.

Era a hora em que as freiras  
iam rezar com devoção.  
Os bandidos atacaram  
A Rainha do Sertão.

O Jolinho e o Luiz,  
assassinos de profissão,  
com a corja de bandidos  
vieram dizer o que são.

O Porto se reagiu,  
os homens com os soldados;  
o fogo sala felo,  
balas de todos os lados.

A Polícia do Estado  
foi corajosa; até mais...  
Os bandidos acossados  
fugiram soltando os ais...

Vinte e seis do mês corrente  
novo ataque sucedeu  
Felizmente da nossa parte  
ninguem na luta morreu.

Deus não deixa de ser golano  
pois Goiás Deus ajudou.  
Foi o bravo Capitão Virgillo  
que desse mal nos livrou.

Foi Dr. Pedro Ludovico,  
foi Dr. Manoel Pereira  
que as forças enviou  
pela zona toda inteira.

Em defeza do pedaço  
de Goiaz ameaçado  
por um grupo de bandidos  
habels, valentes, e danados.

Na Vila do antigo Peixe  
havia muitos fervores  
na defeza dos penates,  
da terra dos seus maiores.

Todo o povo vinha espontaneo  
para a defeza dos lares;  
não existiam tristeza,  
nem receio e nem pezares.

Para bandidos balas!  
Morra o bandido invazor!  
Era o grito de alarma  
proclamado com ardor.

Sem distincção, toda a gente  
de armas em punho estava,  
garantidas as familias,  
ninguem do mal recuava.

Era o destino. E os deuses  
nos protegeram demaes.  
Os bandidos se acabaram  
nos seus designios fataes.

O povo deste sertão  
pelo Bem viver prospera.  
Acabada esta peleja,  
viça nova primavera.

Das morenas destas bandas  
levo saudades ferinas;  
dos amigos a lembrança,  
saudades dessas campinas.

O sertão norte goiano  
liberto, lindo e taful  
deixo, volvendo as pralas  
do meu Rio Grande do Sul.

Levando em minha memoria  
esta historia do sertão:  
O fim que achei merecido  
uma raça de ladrão.

O trovador sertanista,  
em deixando este sertão,  
quer fazer de seus amigos  
uma ligeira alusão:

Não esqueço os destemidos  
que estavam a postos que são  
Augusto e Bona Escrivão.  
Os corajosos meninos

Coimbra, Antonio Luiz.  
Angelo, Adãozinho, Linhares,  
bichos de todo matiz.

O advogado Albertino,  
Homero sub-promotor;  
o juiz Joca Fernandes,  
armas em punho, com ardor.

Até Adeuzil Rodrigues,  
Antonio Bento e Valério;  
os dois Felícios diziam:  
Cuidado, que o caso é serio.

Bomfim com seus companheiros,  
Bena Queiroz e Chiquinho;  
Liberato e Adelino  
já vallam um pouquinho.

Badia, Bomfim de Benício  
Benício do meu amor,  
eram titãs, em defesa  
da patria contra o invasor.

Benjamin Pereira Maia,  
Cassiano e camaradas  
traziam para a refrega  
as armas bem oleadas.

Havia Bispo de Souza  
para dar os oleos santos;  
Belmiro Montes, Matías,  
Comandante e tanto, tantos...



Cabeça Preta, Custodião,  
Chico Preto, Sururú  
e outros bons companheiros  
tinha Magdal Canguçú.

Carlos Souza e Quirino,  
Cícero pedreiro e oleiro  
defenderiam, se preciso,  
este rincão brasileiro.

Domingos de lá das cuías,  
Chico Baiano e Damião;  
Diocliciano e Dunduca,  
Santa Rita e Dionisão.

Domingos Manoel Pereira,  
Damasio e o bom Eli,  
Que ha pouco veio das bandas  
Do seu dourado Piauí.

Miradores e Elizeu,  
O Elias Jatobá,  
Felix Pinheiro, anspeçada,  
Lufa-lufa lá e cá.

Firmino Gomes, Felipe,  
Frederico e Felix Pereira,  
O Fabiano Rodrigues,  
E o Geraldo Pereira.

Em defesa da familia  
contra o bandido ousadão,  
o Quirino e o Herculano,  
Tocantins e Maranhão.

O Calona, o Honorato,  
La da Santa União;  
Hermogenes do Piauí,  
Patizeiro e Izidorão.

Cajueiro, dois Inocencias,  
Não da Santa Inquisição;  
O Inacio das Domingas,  
Primo, Indio e Julião,

Tomé do O da Mumbuca,  
Cordeiro dos zelos meus,  
Não posso deixar Goiaz,  
Sem dizer-lhe Adeus.

França e João Francisco  
que sabem latim de cór,  
Juvencio Aires, Joaquim,  
José Ponce e Mirador.

João Cenxumba arrojado,  
João Baiano e Vital;  
Bizé e Joaquim Monteiro,  
Jonas e Justino de Tal.

O Januario Rodrigues  
bom falante, e o Dente de ouro;  
João Pinto, soldado velho  
que nunca levanta muros.

E o Juvino Rodrigues  
comprador de castetus;  
meninos do Alagadiço  
faziam bons sururus.

Do barulho ainda lembro  
nosso Auto Xavier,  
Cassiano boca larga,  
Nêgo que manda e quer.

Eleuterio, Pedro Corrêa,  
Carrilho e Deuzinho;  
Eudoxio Pinheiro e outros  
em defesa do patrio ninho.

Raimundo, Alexandre e Julio,  
o chistoso Zé Ribeiro;  
Elizeu Pereira Santos  
e o Antonio Mineiro.

João Gato e João Corrêa,  
Julio do Eli e Luizão;  
o Luiz do Albertino,  
Rabeca, Miguel, Miguelão.

Laurentino, Miguel Claudio,  
Magdal Pereira criador.  
O nosso Lulu Feitosa  
que da cana é fazedor.

Nascimento e Manuel Leite,  
mostraram animo viril;  
não posso esquecer do antigo  
Manoel do Taquarl.

Martiliano Cordeiro,  
Martiliano Magdal,  
Maribondo e Manuel,  
do nosso Oscar sem rival.

Mundico e Maracalpe,  
Manduri e Militão,  
Marcil, Norberto Cordeiro,  
Nabô, Otavio, Otavão,

O velho de Antonio Bento,  
Pedro Pinheiro, o decano;  
Pedro Ribeiro e Placides  
Paulo Vieira goianos.

Pedro Lopes e o Sobrinho,  
Bertolino e Miradô;  
Paulino de Tal, Raimundo,  
Serafim, Pedro Fulô.

Siô Né Braulio, Teotonio,  
pescador de profissão;  
Sirião e Terezino,  
Tiago, e Ursino e Serjão.

Ursolino e o Vitorino,  
o nosso jovem escrivão;  
o Vitor do Ell, Vicente,

O Valentim do Itacy,  
vivenda boa e amena;  
Vilarino e o Venanci,  
Zezinho e Mauricio Sena.

Lourenço Rodrigues Severo,  
Zé Carne Assada também;  
nesses dias de defesa,  
gente vae e gentê vem.

Um adeus a Vitor Soiza,  
Raimundo Lobo e Higino;  
Crioulo dos Olhos d'agua,  
João Galinha e de Adelino.

Sebastião do Bomfim.  
Anacleto pae crioulo;  
com Clemente de Bomfim  
Vae minha vida de rebôlo.

E o Joãozinho de Athanasio,  
o João de Rafael;  
o Gregorio do Caiana,  
José Aires Furrieles.

O Aristides Cordeirinho.  
um ticão de agua do mal;  
Raimundo Pereira Pinho,  
Chaga, Eurico, sem falar.

No Barbosa Mirador,  
Marciano e Eresbão;  
Froncio Alves dos Santos,  
Laranjeira e Januarão.

Apolinario e Ramalho,  
Sancho genro de Ursulino;  
Bomfim Coelho, seu Hermogenes  
o nosso bom Guilhermino.

De Luiz o alambiqueiro,  
o Baiano e o Robertão;  
Colodino, Chico da Hora,  
Eduardo e Sebastião.

Não poderei esquecer  
do menino do Lulu,  
que fabrica a agua santa  
companheira da sururú.

Bertholdo dos meus afetos,  
Bacaba do coração;  
Pedro e Pio Pereira,  
amigos da confusão.

Todos eles companheiros,  
frente unica do sertão;  
Aristides em Salaminas  
aos nossos iguais não são.

O Deziderio volante,  
Joaquim Ferreira e Firmino  
que da defesa da terra  
davam valor peregrino,

Pedro dos Santos, dono  
das chaves de nosso Senhor;  
não poderei esquecer  
de Pedro genro de Fulô.

O Secundo de Oliveira,  
Zé Pereira, Eufrasio são  
cabras de animação.  
Adeus Pedro de Anastacia,

Inocencio, Inocençaõ.  
Deixo pr'a vocês todos  
saudades que não acabam,  
do Trovoador do sertão!

### MODA DA CHARQUEADA

*Pascoal Baer Guimarães* — Buriti Alegre

1

Valenti nu Buriti  
Pôcus é us quí aturô,  
Quedê u Vicenti Inaçu  
U Lé i u dotô.

2

Depois qui mataru o Lé  
Já não mata mais a tiru  
Mudaru u geitu di matá,  
Começaru a chaquiá,

3

Quedê u Antonhu di Castru  
Numa galganta danada,  
Increncô cô u pessuali  
Mudô lá pra Mascarada.

4

Lá êli tomô duzoltu tiru  
I vortô pru Buriti,  
Pru mei da chaquiada  
Êli acabô di sumi.

## 5

U Ilindinhu era valenti  
 Mais êli cunheceu a morti,  
 Regulava madrugada  
 É qui u fumu ficô forti.

## 6

Ilindinhu foi morrenu  
 Nada êli arrecramô,  
 Rigulava mêa noiti  
 U pé dêli amarelô.

## 7

Valenti nu Buriti  
 Valenti lá num ômenta,  
 Quedê u Gardininhu  
 I tamem u Zé Pimenta.

## 8

Adelaru ela valenti  
 Conseio num valfa nada,  
 Tamem u Agenor Inaçu  
 E' um dus onça pintada.

## 9

U Lé era valenti  
 Mais dessa veis incharcô,  
 Pegô uma impreitada  
 In anti di fazê contô.

## 10

U Afonsu du Ricardinu  
 Fels uma qui eu num isperava,  
 Tirô a mulé daf  
 Foi matá la nu Berába.

11

A morte desta muié  
Cabeu muita dimiração,  
Muita chorava di tristeza  
Ôtrus ria di achá bão.

12

Quedê u ózuru Alvi  
Du ózoru eu tivi dó,  
Tomô uma bala nu uvidu  
Lá na venda du Jacó.

13

Quem matô ẽ u Zé Inaçu  
Dessa veis ẽli incravô,  
Êli viu qui murrila mêmu  
Êli mêmu assuicidô.

14

Avelnu éra valenti  
Matava sem razão,  
Increncô co'os onça pintada  
cortaru ẽli de facão,

15

Valenti nu Buriti  
Qui aturô mais é u Avelnu,  
Increncô c'os onça pintada  
Eli safu daí tininu.

16

A muié du Adelarú  
Quem matô foi uma muié,  
Coitadim du Martinez  
Não canta mais nu cabaré.



Certas pessôa du Buriti  
Murria sem merecê,  
A chaquilada du Buriti  
Fecha in antis de amanhecê.

## TEMAS ANTROPOMÓRFICOS

A tendência em atribuir a animais, a plantas e a outros seres da natureza, qualidades humanas, ou de transferir a êles atos da vida cotidiana, se verifica no Folclore universal.

Talvez resquício do vasto sistema interpretativo do Universo, que a humanidade já ultrapassou, denominado antropomorfismo. Que na antiguidade formava a própria base da mitologia pagã. Seja qual fôr a origem, os temas antropomórficos da poesia popular constituem ricos veios de dados psicológicos, etnográficos e sociais.

Donde o garimpeiro da demopsicologia poderá extrair pedras preciosas para o conhecimento do meio social, seus usos e costumes, virtudes e vícios, tendências e inclinações. É notável, como nestas representações da vida humana por bichos, se transfira sua realidade exata.

Quem conhece os hábitos da sociedade rural, ao ler estas modas de bichos, sente a realidade que elas interpretam.

E eis o que é precioso para a demopsicologia. O que vivamente lhe interessa.

Consoante o assunto das modas, dividi-as em dois ciclos: *Ciclo do Mutirão* e *Ciclo do Casamento*, em que reúno as modas que celebram êstes dois acontecimentos da vida social e suas variantes. Observa-se que estas modas não são de autoria dos cantadores, em cuja bôca recolhi; constituindo portanto legítimas peças folclóricas, pelo caráter anônimo e uso geral.

### 1.º

#### CICLO DO MUTIRÃO

Quem não conhece o mutirão, ou por ter já presenciado, ou por ter lido sôbre êle páginas de nossa Literatura? Lembra o "Filouás", outrora tão disseminado na

Europa, e hoje restrito à alta Bretanha. Paul Sébillot nos descreve esta reunião de trabalhos: "Le Filouas, qui a disparu dans beaucoup de pays, a lieu le soir dans une ferme où un certain nombre de personnes se réunissent pour filouaser, cest-à-dire, filer à la quenouille ou au rouet; les garçons qui ont des bonnes "amies" y viennent pour accompagner les filles et leur aider à tourner leur rouet. On y raconte des contes et des légendes, etc. Ercé, où cette sorte de réunions se nomme Fllanderie, il s'y trouvait parfois quarante ou cinquante personnes", etc.

Ou, as "E'russeries de chanvre", em que as donzelas e os rapazes se ajudavam a colhêr as fibras.

Ou ainda, "Les Cuiseries de pomme", em que se reuniam para fazer uma espécie de confecção com as frutas colhidas em grandes bacias e banhadas de vinhos deliciosos não desapareceram ainda completamente.

O mesmo acontece com as "Sessives de nuit".

— A Grécia antiga conheceu estas reuniões de trabalho, nas aldeias e seus arredores, que deram origem às festas dionisíacas, donde se originaram a tragédia e a comédia.

Não digo que nosso mutirão seja um transplante direto destes hábitos europeus; efeito de uma necessidade, pode surgir espontaneamente aqui, ali e acolá. Em Portugal, como na China, existem estes "mutirões" — Carreto assim chamado na Beira, e Bessada no Minho.

O que de qualquer forma caracteriza as reuniões de trabalho de nossa gente, e lhes dá feição nacional, são os costumes, os elementos materiais e sociais que entram na sua constituição. Aquí a natureza do trabalho é uma capina ou uma picaria, que substancialmente constituem o mutirão, cada qual com um processo próprio de execução.

Para refeição, durante o dia, preparam-se leitosa assada, frango frito, feijão com farinha, arroz e pinga. As

---

NOTA — Avant-propos III e IV de Littérature orale de la Haute-Bretagne, par Paul Sébillot.

vêzes, porém, quando o dono do mutirão é pobre, a matula é levada por cada um. A noite é o pagode, em que se come broa, biscoito de goma, bôlo de fubá, e se bebe café e pinga. Pela noite a fora é o catira, intervalado de dançinhas. Nestes elementos materiais, reunião de trabalho, nas danças e nos usos observados durante o mutirão, é que está a feição nossa.

Mas, vamos às modas dêste tema, impregnadas sempre do mais fino humorismo, de que é dotado o espírito caboclo.

## MODA DO MUTIRÃO DOS BICHOS

*Randolfo Antônio de Sousa — Bela Vista*

### 1

Incontrei cum u pápaventu  
U calangu mais u sapu,  
Qui ia pru mutirão  
Duma festa du macacu.  
Fazê um arquêr de roça  
Lá na ponta do ressacu,  
Na fazenda du Orélu  
La na mata dus buracu.

### 2

Adianti eu tópu u macacu  
Amuntadu numa mula,  
Lençu pretu nu pescoçu  
Trinta e oitu na cintura.  
Puxanu uma egua magra  
Carregada de matula,  
Eli cunhecia u matu  
I não sabia das artura.

---

NOTAS — Segunda estrofe. Temos aí o traje habitual do caboclo em viagem. Note-se que o dono do mutirão era muito pobre, a calcular pela matula que levava o macaco.

## 3

Adianti eu topei um calangu  
 A raposa, e a cotia,  
 Tava ali isbabacadu,  
 Sem sabê u qui fazia,  
 Tava fazenu pandêru  
 Du fundu di uma bacía  
 I tava fazenu hora  
 Pra chegá na rancharia.

## 4

Topoi cum u tatú  
 Lá nu limpu do terrêru,  
 Êli vei nu mutirão  
 Esse era u cabacêru.  
 Chegô na festa gritanu:  
 — Amola a foice ligêru!  
 U macacu arrespondeu:  
 — Vem tomá café primêru.

## 5

U bandêra foi pru machadu  
 Foi fazê uma picaria,  
 Travessô uma perôba  
 Pru cima da rancharia:  
 U pau casu nu giráu  
 I quebrô toda vasfa,  
 Si não fossi um poçu dagua  
 Êli tinha matadu a gía.

---

Terceira estrofe. O pandeiro, que às vezes acompanha as violas no catira, é sempre improvisado. Em Trindade vi um prato e um garfo, representando-o.

A função de cabacero é a de carregar água do córrego próximo para o local do serviço.

A chegada do tatu com a frase incitativa ao trabalho — “amola a foice ligêru”, bem como o convite do macaco — “vem tomá café primêru”, reproduzem fielmente a cena de chegada de alguns caboclos ao serviço.

Quinta estrofe. Aparece ali a picaria ou derrubada de árvores. Esta não é feita aos poucos: mas de uma vez. Todas as árvores são cortadas até certo ponto; depois, deita-se abaixo a da ponta, que na queda arrasta as demais. É um belo espetáculo. É não raro sucede trazer algum prejuízo, quebrando objetos esquecidos nas proximidades.

## 6

Na hora du catíra  
 Êlis chamaru u jacaré,  
 Êli num tinha chapéu  
 Foi na festa de boné.  
 Tinha sido reservista  
 Vei a pôcu do quarté,  
 Foi na festa muinto inchadu  
 I bancanu u coroné.

## 7

Agora o lobo foi pra viola  
 A onça foi pr'orela,  
 A cuei ficô na porta  
 Botanu sintídu nela;  
 Uma mão tàva na chavi  
 I a ôtra na tramela:  
 — Us bichu ganharu u matu  
 Quanu u lobu abriu a guela.

---

Sexta estrofe. O catíra é à noite. Vejam a cotação dos reservistas, representados no jacaré.

Sétima estrofe. Esta estrofe então é significativa como tradução da insegurança nos pagodes. Devido à cachaca não é raro se darem brigas, alterações, por causa de roxas, onde saem facas, garruchas, etc. Confirmando este fato, cito as seguintes estrofes da Moda sobre a Pagodelra, de Anlcondes:

Bem sei qual é u mutivu  
 Qui as fonção não corri in pais,  
 E' pur causu du ciúmi  
 I du namôru di mais a mais;  
 Si huvé alguma briga  
 E' das moça i dus rapais.  
 Ondi tem certus casadu  
 Qui anda na mesma linha,  
 Pur aí val u mutivu  
 Di havé certas briguinha;  
 E' pur causa du ciúmi  
 Pinga, namôru e dancinha.

Sob esta figuração humorística se traduz aquêlo estado de sobressalto em que decorrem muitos pagodes.

**MODA DO MUTIRÃO DOS BICHOS**

*José Alves Vieira* — Santa Luzia

(Outra versão da precedente)

1

U sapu i u papaventu  
Já fizeram u seus contratu,  
Di fazê a cantaróla  
Nu mutirão du macacu,  
Mutirão di fazê roça  
Lá nu matu du rressacu.

2

Quanu amanheceu u dia  
Começo a chegá bichu,  
U macacu respondeu:  
Oi! caba u meu servício.  
U lobu pegô nu córti,  
Na berada foi u ôriçu.

3

U tatú pur sé piquenu  
Senu êle u cabacêru  
Chamô a rapaziada:  
— Amola a foici e ligêru.  
U macacu arrespondeu:  
— Vem tomá café primêru.

4

Quanu chegô u bandêra,  
Cum toda sua mucaríá,  
Derrubô um jatobá  
Pur cima da rancharíá.  
Quasi que matô u macacu  
Cum a raposa i a cutíá.

Foru todus pru pagóde  
 U gambá i u jacaré,  
 U lobu tava bebadu  
 Viramu u burru nus pé.  
 Caiu pur cima da viola  
 Machucô muitas mulié.

## PAGODE DO MUTIRÃO DOS BICHOS

*Quintino Borges de Sousa — Formosa*

### 1

U macacu i a guariba  
 Feis uma cumbinção,  
 Pra tocá uma lavôra  
 Sirviçu di mutirão,  
 Us homi prã fazê roça  
 As mulé pra fiá.  
 Quanu foi di tardisinha,  
 Riuniru pra dansá,

### 2

Chegô u bichu priguíça  
 Pru sê um bichu ligêru,  
 Vancê vai i vorta logu  
 I riúni seus cumpanhéru.  
 Quanu chegô a sapinha  
 Chegô num luxo danado,  
 U sapu cururú  
 Quasi qui morreu inchado.

### 3

Incheu a casa di bichu  
 A varandia e a cunzinha,  
 E'ra a moça mais bunita  
 Era u diachu da sapinha.  
 Perguntó di qui familia  
 Qui era essa mocinha,  
 Namoranu u cururú  
 Ainda deu trels quartus di linha.



U sapu cururú  
 Já quíria até brigá,  
 Pur causa du jacaré  
 Chamá a sapa pra dansá.  
 U sapu tirô treis pulos  
 Rancô ela du lugá,  
 Quanu u seiventi gritô  
 Minha genti acodí cá.

## 2.º

## CICLO DO CASAMENTO

## MODA DA BICHARADA

*Antônio Brás* — Atolador

## 1

Ajuntaram a bicharada  
 Fizeru cumbinação,  
 Pra fazê festa di fama  
 Lá nu centu du sertão.  
 U ursu tinha uma fía  
 Dilicada di feição,  
 Pra não separá da raça  
 Feis casá cum primu irmão.

---

NOTA — Quarta estrofe. A mesma tecla da insegurança nos pagodes, pelas rixas na disputa da fêmea.

Primeira estrofe do C. C. — O uso muito vulgar nas famílias abastadas, do campo e mesmo das cidades do interior — casar primos, para conservar a fortuna na família.

## 2

U bandêra era u padi  
 Tamanduá u sancristão,  
 Macacu é u juiz di pais  
 U viadu é u iscrivão;  
 Pra tistimunha dus noivu  
 Veiu u lobu i u lião,  
 Pra assiná arrogu da noíva  
 U tatu iscrevi bão.

## 3

U gambá i u cueiu i u raposa  
 Tava us treis di pé nu chão,  
 Pur qui foru alumiadu  
 Pra selventi du quantão.  
 Compondo suas mesada  
 Arrois, mandioca i fêjão,  
 Carni di todas as ispéci  
 Frangu chei i macarrão.

## 4

Na hora da dancinha  
 Fizeru cumbinação,  
 Lagaitu toca sanfôna  
 Pur sê musgu muntu bão;  
 O ôriçu marca as quadría  
 Pra dansá as coleção,  
 Ajuntaru a bicharada  
 Qui fizeru um barulão.

---

Segunda estrofe — “Pra assiná arrogu da noíva”: outro fato comuníssimo, quando não é também a rôgo do noivo. Também pudera, escolas escassíssimas na zona rural.

Terceira estrofe. Ela os pratos de um banquete na roça. Aparece também o clássico “quantão”. Consiste esta bebida em pinga queimada com gengibre e açúcar. É de luxo, e gostosa de fato.

Também reservada a festas excepcionais.

Nos dias comuns, é uma lambada de pinga.

NOTA — Quarta estrofe. Aqui aparece a quadrilha, de origem portuguêsa. A quadrilha mesmo é pouco usada. Substitui-a geralmente a “dança do lencinho” ou “dança do cangaçá”, como é conhecida em Bela Vista. Que aliás, é um pedaço de quadrilha executado ao canto da seguinte letra do cangaçá:

## 5

Vei a onça mais u ursu  
 Qui é um casal valentão  
 U ursu na gasimira  
 A onça num pumadão  
 Cum um vistidu di flanela  
 Mêa larga i revirão  
 Cum um cachiné nu pêscoçu  
 Duas pursera na mão

## 6

U guariba i sua mulé  
 Canta in bôa intoação  
 Cantava as suas môdinha  
 I até trimia u chão  
 U sapo cum a viola  
 U jacaré cum u violão  
 Cantava moda dobrada  
 Danu viva u cidadão.

## 7

U quatí foi nu fandangu  
 Adivirtí sua paxão,  
 Namorô munto a cutfa  
 Qui é moça di posição.  
 U catitú tava di parti  
 Issu eli num achô bão,  
 Quanu foi nu fim da festa  
 Travaru us dois di facão.

## 8

A festa acabô em desastri  
 Cum grandí rivilução,  
 Chegô a mãí du catitú  
 Fazenu recramação,  
 Pur vê seu fíu presu  
 Na maló judlação.  
 Arreuniu a quexadama  
 I levaru pra prisão.

---

NOTAS — Estrofes sétima e oitava. Confirma-se mais uma vez o fim de certos pagodes. Uma coisa puxa a outra. Em Itaberá, na noite da folia de Reis, presenciei um catira animado,

## CASAMENTO DOS BICHOS

*Henrique Pedro da Silva — Pirenópolis*

### 1

Fui chamadu num pagodi  
Somentis para cantá,  
Casamentu da guaríba  
Com um fio du tamanduá.

### 2

Eu cheguei nesti pagodi  
Cheguei l puis assuntu,  
Cavaiêru tinha bem  
Dama tamem tinha muntu.

### 3

Marcanti dessa quadria  
Era marcanti injuadu,  
Era um bandêrinha nôvo  
Trazia u rabu inroladu.

### 4

Foi cheganu a tatú péva  
Com vontadi di chorá,  
Eu tenhu dó du meu fio  
Qu'êli não podi dansá.

### 5

Tocadô dessa sanfôna  
Passava u dedu sem mêdu,  
Era um pioiu di cobra  
Cum centu sessenta dedu.

---

Intervalado das tais dancinhas. Estas eram dançadas por pares masculinos e pares femininos. Indaguei então de um folião por que não dançavam as moças com os rapazes? Respondeu-me que o dono da fazenda não queria, para evitar ciúmes e brigas, que perturbassem a festa da folia.

O velho era ranzinza. E hoje ligo os fatos.

## 6

Quanu vei u musquitim  
 Maridu de sá furniga,  
 Vamu símbora muié  
 Qui aqui hoje inda tem briga.

## 7

Capivara arrespondeu  
 Pru sê dama imponenti,  
 Eu num dansu com tatú  
 Suja a pumada da genti.

## 8

Capivara arrespondeu  
 Falanu de bôca dura,  
 Canaia cumu tatú  
 Num pega na minha cintura.

## 9

Vei u macacão mais vèi  
 Vamu cum esse pagodi arriba,  
 I pidíu licença au nôrvu  
 Pra dansa cum a guariba.

## 10

Quanu vei u seu quatí  
 Tão bunitu intrusiasmadu,  
 Cunvidô a dona paca  
 Pra dansá um tangu puladu.

## 11

Lagaitixa safu na sala  
 Pru sê uma dama di fama,  
 Dando cum carrapatim  
 Pregô na ôreia da dama.

12

Dispachô bichu priguíça  
Pru sê cabra de geltu,  
Pra servi a lagaitixa  
Passô todos dois nus peitu.

13

U bizorru é cabra bêsta  
Num cunheci du artigu,  
Passô pertu du pinhel  
Nem feis casu du amigu.

O CASAMENTO DA GUARIBA

*José Alves da Costa — Jaraguá*

(Versão da precedente)

1

Eu fui chamado numa festa muito arrojada,  
Eu fui pra dançá catfra  
Porém num dansei foi nada,  
Casamento da guaríba  
Com u fíu du tamanduá.  
Era uma festa arrojada  
Disse qui era pra nois dançá.

2

Quanu eu cheguei lá na festa,  
Us bichu tudu mi sódd;  
Vei di lá tamanduá véiu  
Disse adeus, mi abraçô.  
Eu entrei nu salão  
I peguei prestá assunto;  
Cavalêru tinha bem  
I dama tamém éra muito.

## 3

U tocadô da sanfona  
 Mexe nas gaita sem medu,  
 Era um piolim di cobra  
 Cum centu sessenta dedu.  
 Marcanti da quadrifa  
 Era um marcanti injuadu,  
 Era um bandêrinha novu  
 Trazia u rabu inroladu.

## 4

Safu a tatúa véia  
 Choranu muito infesada,  
 Meu ffu bem qui qué dançá  
 Mais as moça fica sentada.  
 Capivára arrespondeu  
 Falanu di boca dura:  
 — Canaia cumu u tatú  
 Num pega na mfa cintura.

## 5

Dona capivara arrespondeu  
 Pur istá muito bem vistida:  
 — Num dançu cum u tatú  
 Purque êli tem as unha cumprida.  
 A cutifa arrespondeu  
 Falanu mei derrepente:  
 — Eu num dançu cum u tatú  
 Qu'êli suja a pumada da genti.

## 6

Veí di lá um musquitim  
 Qui é maridu da furmiga,  
 Vamu simbora mulé  
 Qui aqui hoji inda tem briga.  
 Macaco é cabra ativu:  
 — Vamu cum a festa arrfba!  
 Foi pidí licença u norvu  
 Pra dansá cum a guariba.

## 7

Bizorru é bichu besta,  
 Foi dançá cum a laigatixa,  
 Num acertô nem um passu  
 Na sala dexô rabichu.  
 Vei di lá u sapu gía  
 Maridu da pereréca,  
 Foi dançá cum a laigatixa  
 Dançô qui levô as bréca.

## 8

Laigatixa ciumenta  
 Levô u negoçu di piqui,  
 Foi dançá cum u carrapatu  
 Pru sê um mocim muito chiqui.  
 Pru sê um dançadô di fama  
 Nu arremati da dança,  
 Tão forti garrô nela  
 Qui pegô na ôreia da dama.

## 9

Vei di lá u seu quatí  
 Pru sê um moçu intuslasmadu,  
 Foi tirá a dona paca  
 Pra dançá um tangu puladu;  
 Laigatixa ficô doida  
 Chamanu pru Deus du céu,  
 Mandô u bichu priguíça  
 Dipressa atrais du pinhel.  
 Quanu u pinhel foi cheganu  
 Multu alegui i satisfeito,  
 Pra serví a laigatixa  
 Passô todus doi nu peltu.



U bezorru é cabra besta  
 Num cunhece du artigu,  
 Passô pertu du pinhel  
 Não feis conta du amigu;  
 U pinhel arrespondeu:  
 — Vancê mi paga nanfciu!  
 Eaxô in cima dell  
 Safu cum u cabra nu bicu.

### CASAMENTO DO TUCANO COM A GRALHA

Revista *Informação Goiana* — Novembro 1919

Ano III — Vol. III

#### A

Adeus minha gralha  
 Olhos de azul ferrête,  
 Hei de casar contigo  
 Ainda que haja porrete.

#### B

Bata em mim com o pau  
 Que não seja de cerne,  
 Eu sô livre desempedida  
 Não tem quem me governe.

#### C

Casa comigo senhora  
 Nada não me embaraça,  
 Não estou zombando, não,  
 Casamento não é graça.

#### D

Devo falar a verdade  
 Meu amigo tucano,  
 Eu me caso contigo  
 Se me esperar um ano.

## E

Eu podia esperar-te,  
Mas o prazo é cumprido,  
Eu não me casando já,  
Me considero perdido.

## F

Fui dar o meu passelo  
Chegando em terreiro,  
Para ver se achava ovos  
Ou milho no chiqueiro.

## G

Gralha não anda em fazenda,  
Antes andar pelo mato;  
Se não tu achas um mundéu,  
Que te pega, que te achata.

## H

Hora, senhor Tucano,  
Biquinho de chamar chuva;  
Sei que casando consigo  
Muito breve sou viúva.

## J

Já contigo não caso,  
Por ser muito regateira;  
Vive sempre cantando  
Ou pulando na capoeira.

## L

Longe de ti quero estar,  
Por ser muito falador;  
Cantando no tempo de chuva,  
De filhos alheio comedor.

## M

Minha gralha ficando longe  
Só, também não fico,  
Penso no casamento,  
Quase me cai o bico.

## N

Ninguém chora sua vida  
Sem uma justa razão;  
Não me importa que seu bico,  
Quebre, ou delte no chão.

## O

Olhos de azul ferrête,  
Não me seja tão ingrata!  
Eu não casando contigo  
Morrerei nas felas matas!

## P

Pode morrer não me importa,  
Porque tu me debicou;  
Se gralha não presta,  
Tucano nunca prestou.

## Q

Quem me ver andar cantando  
E' para fazer chover,  
E gralha, canta nos ninhos,  
Quando ovos quer beber.

## R

Rasga o meu peito,  
Veja o meu coração!  
Por teu respeito, tucano,  
Eu sofro minha paixão!

**S**

Sempre ando pensando  
Minha querida gralhinha,  
Passe o tempo que passar  
Tu hás de um dia ser minha.

**T**

Tenho de ser sua mesmo,  
Meu amado tucano;  
Vamos casar breve,  
Para vivermos muitos anos.

**V**

Vou agora me aprontar,  
Para o dia de casar;  
A gralha disse que quer,  
Se ela não me enganar.

**X**

Xão, chuva e sol,  
Não me há de castigar;  
Te dou minha palavra,  
Não sou capaz de negar.

**Z**

Zelo bem de minha gralha,  
Por ser minha companheira;  
Tenho medo que ela seja,  
Gralha falsa ou lisongeira.



Til pequenino  
Ficou por derradeiro;  
Disse para nós casarmos,  
E deixar de ficar solteiro.

(Coleção de *J. Arantes*)

\* \* \*

Encerrando êstes temas, estampo esta fleira de risadas, que eleva bem alto o humorismo caboclo.

### JÓGO DI VORTIBÓLA

O futebol é popular, também nas rodas camponesas. Em qualquer arraialzinho se encontra um campo. Qualquer barrigudinho de beira de estrada brinca de chutar bola. É o que pude averiguar em minhas excursões e o que a primeira estrofe da moda comprova.

#### 1

U jôgo di vortibóla  
Tá in premêru lugá,  
Até us bichu du matu  
Tá aprendenu a jugá.  
Ajuntô a bicharada  
Foi pru campu si incontrá,  
U timi du matu grandi  
Com u timi du carrascá.

#### 2

A hora di iscalá u jôgu  
Qu'eu achei muntu ingraçadu,  
U sapu jogô nu gôlu  
Pur sê u bichu mais trenadu.  
U cueiu béqui di ispêra,  
Ficô muito entrusiasmadu;  
U tatú béqui de avanciú,  
Centerafu era u viadu.

#### 3

U calangu jugô na istrêma  
Pur sê bichu mais veiácu,  
U jacaré jugô na mêa,  
Centefô era u macacu,  
U juiz aupitô a safda,  
A mêa passô pru centu,  
U sapu tava nu golu  
A chamá pu São Bentu.

## 4

Tôda sistencia pldia  
 Pru juiz sê u pavão,  
 Cascavé salu nu campu  
 Querenu sê u campião.  
 U lôbu na ôtra istrêma  
 Tava amarcanu u lião,  
 Di vels in quanu êle ria  
 Di vê u sapu di carção.

## 5

U gambá chutô a bola  
 Cum toda dilicadeza,  
 U viadu pois u galhu  
 Dirribô duas defesa.  
 U sapu falô pru cuelu:  
 — Seu lugá ocê não si isquêça,  
 Quanu a bola vem pru cima  
 Arrebatl cum a cabeça.

## 6

Quanu foi nu fim du jôgu  
 Pois u jôgu tava brutu,  
 U sapu falô pru cueiu:  
 — Ainda qui aupita não iscuta,  
 Toda minha filicidadi  
 Foi fartá poucus minutu;  
 Amanhã pur éssa hora  
 A minha famia tá di luto.

## 7

Quanu u jogu se acabô  
 As bicharada arreuniu,  
 U lião ajuntô cá onça  
 Co sapu si discutiu.  
 A onça quasi morreu  
 Quanu u lobu ela viu,  
 Correu abraçô co lião  
 Pensandu qui era buglu.

U tími du carrascá  
Foi sorti qui tivéru,  
Assim mêmu sem trená  
Foi cincu qui êlis fizeru.  
U sapu falô pra onça:  
— E' garganta qui eu não queru!  
U tími da mata grandi  
Só perdeu treis a zeru.

## TEMAS MORALISTAS

Em Atolador, na fazenda de Santa Bárbara, dizia-me José Brás:

— Hoji in dia, tá até ruim di catirá. A genti vai nus pagodi, êssis rapazim num qué sabê mais di catíra. Só qué dançá êssas dancinha sem respeito da era modérnia.

José Brás é da velha guarda da moral camponesa. Pela sua bôca falava naquele momento numerosa plêiade de velhos fazendeiros: Representantes lídimos dos costumes patriarcais. Pelos quais ao namorado da filha, só são permitidas entrevistas sob as vistas dos pais. Assentando-se os namorados em lados opostos da sala.

Moral esta em luta com a sem-cerimônia dos rapazinhos novos, voadores, contagiados das modernices, aprendidas nas cidades. Eis a tecla ferida em geral pelas modas moralistas que seguem.

Êste assunto aliás, não é tão fácil de se tratar em poucas palavras. Por que já no campo, é variadíssima a gama do sentido de moral.

A honra é quase que privilégio das mulheres das famílias abastadas que formam a classe aristocrática rural dos fazendeiros, e das mulheres da classe média rural, compreendendo os sitlantes e pequenos fazendeiros.

Aí está o reduto da moral severa. Que faz justiça sumária, pelo trabuco.

Na classe dos agregados e camaradas, devido a própria condição social de dependência econômica, encontra-se freqüentemente a desonra do lar. A maior parte das vêzes, causada pelos próprios patrões ou seus filhos. O mesmo se observa nas pequenas cidades do interior, mais afastadas. Há um núcleo de abastados, independentes e remediados, — praça forte da moral rígida. Como há também os satélites econômicos, habitantes das abas das cidades — reduto de numerosa desonra.



Ai de quem bulir com a família do primeiro núcleo.  
E' defunto.

Não havia justiça, porém, para os numerosos deflo-  
ramentos das morenas roxas, espalhadas nos arredores  
das cidades. Daí a freqüência de lares irregulares; ami-  
gamentos, filhos bastardos, etc. Deixemos porém estas  
ligeiras observações, e entremos na apreciação das modas  
corretivas dos caboclos, cheias de censuras e conselhos,  
onde principalmente se sente a luta entre a rigorosa  
moral campesina e os costumes urbanos que começam  
contagiar o campo.

## CICLO DO PAGODE

### MODA DA PAGODEIRA

*Cândido Dias dos Santos — Jaraguá*

#### 1

Sior presta atenção  
Num casu qui eu vô contá,  
U defeitu du pagódi  
Agora eu vô isplícá,  
Sioris são casadu  
Um conselo eu vô lhi dá,  
Quem tem a vida sussegada  
Num deve di pagodiá  
U risurtadu du pagodi  
E' casadim apartá.

#### 2

Tudu pagódi qui eu vô  
Eu tô pur alí beceivanu,  
Éssa joça di namoru  
Di piquenu a caducanu.  
Num tem véi, num tem moçu  
Nem véia i nem tem fia,  
U risurtadu da festa  
Eu veju é só arrilla,  
Óiu us camim dus casadu  
A apartá pur esse dia.

3

Us bilontra du pagódi  
Já vai di combinação,  
Junta di quatu i di cincu  
Só anaiquisanu u salão,  
U donu dêsse pagódi  
Guentanu essas molação,  
Seiventí pedi licença  
Êlis num dá sastifação.

4

Eu tô pur alí beceivanu  
Cunversinha lá pra dentu;  
As casadinha di novu  
Maldizenu u casamentu,  
Us bilontra arrudianu.  
Êlis dão só mal inzemplu  
Si eu tivesse em seu lugá  
Num tava perdenu tempu.  
Quanu é daí pôcus dia  
Tá quebradu u sacramentu.

5

As mulé qui são casada  
Namora é pu disafôru,  
U risurtadu da festa  
Só caba in briga e chôru.  
Lá in casa eu tem um laçu  
Qu'é pra ti dá um consôlu,  
Tudu u pagódi qui eu vô  
Sempi eu vêju esse inrôlu;  
Tá ficanu analquisadu  
Essi marditu namoru.

## MODA SÓBRE A PAGODEIRA

*José Alves da Costa — Jaraguá*

### 1

Eu fiiz munta tenção  
Nunca pudi cuntinuá,  
Agora fiiz juramentu  
Pèlèju pra sustentá,  
Eu num vô mais nu pagódl  
Vô dexá di passιά,  
Qu'eu tem vistu muitas coisa  
Qu'eu num possu acumpanhá.

### 2

Respeitu a pagodeira  
Agora qui eu vô falá  
Catirêru nu pagodi  
Só serve pra trapalá.

### 3

Respeitivu a pagodêra  
Agora qui eu vô falá,  
Não si usa mais catíra  
Para o rasta-pé não acabá.  
Quanu vem uma viola  
Para o tocadó afiná,  
U povu logu esparrâmia  
Pra o catíra não formá:  
Tem muita gente alejadu  
Não podi sapateá,  
Quanu toca uma sanfôna  
Não veju ninguem recramá,  
Quarenta e cincü sanfonistas  
Não dá conta di tocá.

## 4

Respeitivu a pagodêra  
 Eu tô munto abasiadu,  
 Pagódi sem pruveitu  
 Não podí tē resurtadu.

## 5

Eu não vô mais nu pagódi  
 Pru que num sô interessadu,  
 Us qui são mais anaíquista  
 Vai até mais adoradu;  
 Us qui qué dá respeito  
 Vai até malí informadu,  
 Fica nu cantu incuídu  
 Vai até malí hospedadu.  
 Dança rasta-pé eu num dançu  
 Pru qui eu não sô incrinadu  
 Dançá cás moça eu num posso  
 Pru qui sô papé quêmadu.

## 6

E' certu minha genti é certu  
 Pagodêra hoji é anaíquela,  
 Eu já tem postu sintidu  
 Nas festa di hoji in dia:  
 Não si usa mais respeito  
 Entri us homi i as famía,  
 Us rapais governa as fía;  
 Pur quaqué coisa di nada  
 Elis forma uma rélia.  
 Quem quisé sê adoradu  
 Nas festa di hoji in dia,  
 E' di sê bem anaíquista  
 Qui é sê di agarrantia.

## MODA SÓBRE O PAGODE

*Anicondes Antônio de Sousa — Bela Vista*

### 1

A respeito a pagodêra  
Vô dá méa opinião,  
U pagódi é muntu bão;  
Havenu boas concorrença  
U povu tudu em lôvação.  
U pagódi é muntu bão.

### 2

Pra quem sabi apriclá,  
Havenu sensiridadí  
Pra não dá u qui falá,  
Pra podê fazê respeito  
I garantía nu lugá.

### 3

U pagódi tem defeitu  
Na era di hoji in dia,  
Porque tem certus malandu  
Qui já vévi di apriffa,  
Élis vai nas casa aléia  
Pra fazê disharmonia.

### 4

Quanu élis vão nas fonção  
Já vão di causu pensadu,  
Léva pinga, põe na moita,  
Toda hora bebi um mucadu,  
Em quarqué repartição  
Já fica adiantadu.

## 5

Pagódi é uma sessão  
 Prus amígu advirti,  
 Eu se falu é pru qui sei,  
 Nu meu modu di pensá  
 Eu já pegu é pur aí,  
 As pessôa brigadó  
 Nem num tem amô in si.

## 6

Presenta suas franqueza  
 I farta di ducação,  
 Disfitêa u pessuá  
 Até u donu da fonção,  
 Êlis vai nas casa aela  
 Fazê disunião.

## 7

Bem sei qual é u mutivu  
 Qui as fonção não corri in pais,  
 E' por causu du ciumi  
 I du namôru di mais a mais;  
 Si huvé arguma briga  
 E' das moça i dus rapais.

## 8

Ondi tem certus casadu  
 Qui anda na mesma linha,  
 Pur aí vai u mutivu  
 Di havê certas brigulnha;  
 E' pur causa du ciume  
 Pinga, namôru e dancinha.

## DESOBEDIÊNCIA, IRRELIGIOSIDADE, NAMOROS ESCANDALOSOS

Fora dêste ciclo do pagode estampamos ainda as seguintes modas corretivas:

### MODA DE CONSELHOS

*Camilo Gomes da Silva* — Bela Vista

#### 1

Sinhoris mi dê licença  
Minha moda eu vô cantá,  
Eu inventei esta moda  
Foi memu pra conseiá;  
Tantu moçu cumu moça  
Qui deseja si casá,  
Faça bom procidimentu  
Pra não dá u qui falá.  
Devi namorá siguru  
Pru povu não defamá.

#### 2

Queru dá us meu conseiu  
A respeito namoração,  
Aconsêiu u moçu novu  
Qui não tem imaginação;  
Quanu fala em casamentu  
Devi prestá atenção,  
Devi namorá siguru  
Pra livrá di falação.  
U namoru sem respeito  
E' camim da perdição.

## 3

Us moçu qui é namorista  
 Vô fazê ispliação:  
 Namôru di hoji in dia  
 Não tem mais separação,  
 Quem achá qui não é certu  
 Obiserva nas fonção,  
 Namoradu assenta junto  
 I cumeça a discussão,  
 Todus podi obiservá  
 Si issu é ixatu ô não.

## 4

Eu si falu é pru qui sei,  
 E' um causu discutidu,  
 U namôru sem respeito  
 E' multu ricunhícidu.  
 Quem achá qui não é certu  
 Obiservi i põe sintido,  
 Namoradu assenta junto  
 Issu eu num achu dereitu  
 Cochichanu nus ôvidu.  
 Nem mulé co seus maridu.

## 5

Queru dá us meu conselu  
 Mais num é qui eu diga mau,  
 Todus podi obiservá  
 Qu'istu é coisa real;  
 Namorá num é defeitu  
 Issu é coisa natural,  
 Namoranu com respeito  
 Tenu u coração leal,  
 Pra livrá di vê seu nomi  
 Na língua du pessual.



## 6

Já fui muito namorista  
 Aquí uns tempu pra trais,  
 Nesti tempu eu num fazia  
 U qui hoji muito fais;  
 Hoji eu mesmu recunheçu  
 Qui namôru é uma bôbagi,  
 U namôru senu muito  
 Lógu entra a ciunagi.  
 Quem namora com ciuní  
 E' parti di calpiragi.

## 7

Eu si falu é pru qui sei,  
 Eu só habilitadu,  
 Co as infama desti mundu  
 Tô muito acostumadu.  
 Namorá i querê bem  
 Tudu issu eu tem gôsadu;  
 Passá mal i passá bem,  
 Tudu issu eu tem passadu;  
 Hoji eu mesmu recunheçu  
 Qual foi meus passu erradu.

## 8

Eu já dei us meu conseju,  
 Agora eu vô declará,  
 Si eu tivé falanu erradu  
 Todus pódi perduá.  
 Tanto us moçu com as moça  
 Não precisa si agravá.  
 Todos tem vontadi livre  
 Eu não possu governá.  
 Todos ama a quem quisé  
 Namora a quem desejá.

\* \* \*

## OS TEMPOS DE HOJE

*José Moreira da Silva — Jaraguá*

### 1

Genti vamu rezá  
Qui u mundu tá dimudanu,  
Sol quenti i trivuada  
E' u qui nois vê tudu anu;  
Rezá i rogá a Deus,  
Quais num tá vigoranu,  
Têm mêdu é das ventanfa  
I chuva brava serenanu.

### 2

O' genti põi bem sintidu  
Si u qui eu falu é certu ô não,  
Nesta era qui nós tá  
Êsti mundu num tá bão,  
Curpadu é us pai di famfa  
Qui num tem maginação,  
Di criá seus filhu malucu  
I um ispritu contradição.

### 3

Tem muitos qui é pecadô  
Pru sê um simpri inocenti,  
Tem ôtrus qui péca i rí,  
Pessôas qui tem má menti;  
Tudo issu é um sinall  
Qui u mundu tá deferenti,  
Si Deus fôssi vingativu  
Castigava muita gente.

## 4

Arrespetivu u pecadu  
 Todu mundu é pecadó,  
 Chega na reunião  
 Quarqué um é dançadó;  
 Nu mei di cem pessoa  
 Num acha um rezadó,  
 Só vê us mau fazeju  
 Nas porta du corredô.

## 5

Num possu curpá as moça,  
 Curpu us pai di famía;  
 Chega na reunião  
 Num governa suas fía;  
 Num falanu us ffu homi  
 Qui é chefi da narquía,  
 A era tá dimudada  
 Cruis crédu Avi Maria.

## 6

O' genti vamu rezá  
 Lóvá multu crenti a Deus  
 Protestanti nunca foi  
 Si Deus quizessi nus matá  
 Nu mundu num pūa luis,  
 Pra lóvá Deus Jisuis  
 Per síná da Santa Cruis.

## RECORTADO

## 1

Eu falu contra mim  
 I contra us meus amígu  
 Qui povu di hoji in dia  
 Não tem aquela crença  
 Cumo tía us antigu.

## 2

Nu tempu dus antigu  
 Tia boa oraçãu,  
 Padi Nossu i Avi Maria.  
 Era boa divuçaõ,  
 A Igreja das mulé véia  
 Era um rosário di cõrdão.

## 3

Us véi di hoji in dia  
 Não insina us ffu rezá,  
 Os padi tá raianu  
 Chamanu pra confessá,  
 Us ispritu num reza  
 Tem u tinu di animá.

## 4

Essa era qui nós tá  
 Já tá muito falada,  
 Us pai raia com um ffo  
 Só incontra remocada,  
 Respondi marcreação  
 Com a carranca danada.

## 5

A crença da Igreja  
 Pra quem tem é coisa boa,  
 A crença du pecadu  
 Quem não cré é coisa atoa,  
 Si um dois val rezá  
 Quatru cincu caçoa.

## 6

Nu tempu dus antigu  
 Castigu num havia,  
 Tia as capelia  
 Aondi u povu arreunía,  
 Juntava a negralada  
 Rezava todú dia.

## 7

Essa era qui nois tá  
 Já virô uma narqufa,  
 Genti vai na runião  
 Só vê arrilla,  
 Por causa du rasta-pé  
 I essa dansa di quadria.

## 8

Genti vai na runião  
 E' pra vê u qui não qué,  
 Pur causa da quadria  
 I a dansa du rasta-pé,  
 Anté us homi casadu  
 Ciumanu das mulé.

## 9

Us vêi di hoji in dia  
 Não insina us ffu rezá,  
 Mininu di oitu anu  
 Já sabi namorá,  
 Vêi di cincuenta anu  
 Vai na festa, qué sambá.

## 10

As própria mulé véia  
 Abanca amunfadia  
 Quanu chega nu pagódi  
 Tá só tiranu lia  
 Ficanu pra dentu pra fora  
 Inquenti cumu galfa.

## TEMAS FILOSÓFICOS

### MODAS DA CRIAÇÃO DO MUNDO

Sílvio Romero escreveu com acêrto:

— As populações do sertão, quanto às crenças, representam o singular espetáculo do consórcio de duas tendências igualmente impróprias para originarem uma mitologia: os resíduos fetichicos deixados pelos índios e africanos e as crenças monoteicas da civilização européia fornecidas pelo português.

As primeiras, os resíduos fetichicos, reservo para expor na terceira parte dêste livro — das superstições. A filosofia monoteica da civilização européia segue agora sintetizada nas duas modas — do "Comêço do Mundo", — e da "Criação do Mundo", — que encontrei. Uma em Bela Vista do cantador Antônio Simplício, fornecida porém por Edécio de Araújo Melo. Outra em Morrinhos de Pascoal Baer Guimarães.

Ambas vão na íntegra, segundo as ouvi da boca dos referidos cantadores.

#### O COMEÇO DO MUNDO

*Antônio Simplício — Bela Vista*

##### 1

Quanu Deus feis u mundu  
Foi cum grandi nepetenti,  
Foi formadu in seis dia  
Mais foi todú deferenti;  
Feis us matu e feis us campu  
Prá ficá lindu i danti,  
Feis Adão e feis a Eva  
Pois nu mundu pra sementi.

---

*Revista brasileira — Poesia popular, 36.*

## 2

Feis Adão e feis a Eva  
 Pois nu mundu pra sementi,  
 I formô-si um paraiso  
 I deu êlis di presentí,  
 Não precisa tê orgulhu  
 Qui nós tudu samu parenti,  
 Nois tudu samu irmão  
 Di Adão samu decendentí.

## 3

Feis us artu i as baxada,  
 Feis us corgu i as vertenti,  
 Tamém feis a bicharada  
 Ondi tem bichu valenti,  
 I formô-si a rillgião  
 Pra vê us quali qui é crenti,  
 Deu toda a livre vontadi  
 Pra vê quem tinha a bôa menti.

## 4

Feis a Africa e feis a Italia,  
 I tambem feis u Japão,  
 I despois feis a Turquia  
 Ondi tem turquim pagão.  
 I tamem feis a Inglaterra  
 Qui é da mesma nação,  
 Colocô u mar nu meu  
 Prá fazê separação.

---

NOTA — Terceira estrofe. Idéia do livre arbítrio de origem missionária, em princípio contrária à concepção fatalista do caboclo que acha — que tudo que tem de ser, tem mais força, não se podendo evitar. Nosso caboclo é naturalmente fatalista: — a ruindade mesma é força do destino.

Quarta estrofe. — “Ondi tem turquim pagão” — Parece vingança do caboclo, que tem ojeriza ao turco, quase sempre dono do comércio no interior.

A idéia de pagão é das mais depreciativas. Ele a aplica ao turco, no qual enxerga seu explorador.

Feis as iscritura sagrada  
 I formô-si a riligião,  
 Agora vamu vê  
 U quali é qui é mais cristão,  
 Vamu todú pèlèjá  
 Pra ganhá a sarvação.  
 Qui us prazê desse mundu  
 Num passa duma ilusão.

MODA DA CRIAÇÃO DO MUNDO

*Pascoal Baer Guimarães* — Morrinhos

(Outra versão)

1

Esti mundu foi criadu  
 Pur um grandi onipotenti,  
 Deus formô êle in seis dia  
 I feis tudu diferenti,  
 Feis us campu e feis us matu  
 Feis tudu quantu é viventi,  
 Feis Adão i feis a Eva  
 I pois nu mundu pra sementi.

2

Feis Adão i feis a Eva  
 I pois nu mundu pra sementi,  
 I formô u Paraisu  
 I deu êlis di presentí;  
 Não precisa tê orgulhu  
 Qui nós samu tudu parenti  
 Nois samu tudu irmão  
 Delis samu decendenti.



## 3

Feis us altu i feis as serra  
 I formô todas vertenti,  
 Feis u sol saf  
 Na banda du nacenti,  
 Só pra êli exprementá  
 Qual di nois qu'era crenti,  
 I pra êli ficá sabenu  
 Quem vem di bôa menti.

## 4

Feis us coigu i feis us rio,  
 Feis as agua correnti,  
 Feis us peixe pra nadá,  
 I feis us bichu valenti,  
 Feis us passu pra cantá,  
 Pra vivê alegui contenti;  
 Mais feis us canerim du á  
 Pra dá tristeza na genti.

## 5

Dispois desti mundu feitu,  
 Achô qui num tava bão;  
 Colocô u má nu meu  
 Pra fazê uma divisão.  
 Só pra vê si separa  
 U Brasil das ôtra nação.  
 Pois si êli num fezessi assim  
 Não tinha separação.

## 6

Colocô u má nu meu  
 Pra fazê uma divisão,  
 Tambem feis u Portugal  
 Qui é da nossa geração,  
 Feis a Italla i a Inglaterra,  
 I tamém feis u Japão  
 Feis a África i a Turquia,  
 Ondi tem turquim pagão.

7

Fels a iscritura sagrada,  
I formô a riligião  
Só pra êll isprementá,  
Qual di nois qui é cristão,  
Vamu tudu pelejá  
Pra ganhá a sarvação,  
Qui us prazê desti mundu  
Num passa di uma inlusão.

## ROMANCES E XACARAS

### MODA DO BOIADEIRO

*Otávio Miquelino — Bela Vista*

#### 1

Ajustei cum boiadêru,  
Nu Istadu di Goiás,  
Pra tirá boi lá pra fora  
Istadu di Minas Gerais,  
Nu dia da mia safda  
U pezar era dimais,  
Eu subia naquellis artu  
Dexanu lagrima pra trais.  
Acumpanhanu esta boiada  
Num sei si vortu mais.

#### 2

Ajustei cum boladêru  
Pra ganhá pôcus vintelm;  
Inda mesmu que êli não quisessi  
Eu mesmu fazia impeim.  
Dispidi di pai i mãi  
Não dispidi di mais ningueim,  
Só falei prumas pessoa  
Da lembrança pra meu beim,  
I comercei mia viagi  
Nas hora di Deus amém.

## 3

Na hora da mia salda  
 Não chorei di vergonha,  
 Cum dô nu coração  
 Dispidi di pai i mãl;  
 Quanu êlis falaru pra mim  
 — Meu fiú, Deus te acumpái...  
 Eu fiquei istrapassadu,  
 Pra mim era um sõe,  
 Fui arcançá a boiada  
 Danu suspirus medõe.

## 4

Quanu foi naquellis artu  
 U mundu todú avistel,  
 Tirei u chapeu da cabeça,  
 Olei pra trais i falei:  
 — Adeus campina di flô  
 • Lugá qui eu já morei,  
 Acumpanhanu esta boiada  
 Num sei si eu vortarei!  
 Meu coração mi dueu  
 Esta hora eu suspirei.

## 5

Puis u chapeu na cabeça  
 Dei as costa i fui andanu,  
 Quanu eu olei pra frenti  
 U berranti tava tocanu:  
 — Vorta pra lá boi carrêru,  
 Seu sínhô tá ti chamanu,  
 Quem ti chama é um minêru  
 Quem ti toca é um goianu;  
 Até ondi a boiada fô  
 Eu também vô acumpanhanu.

## 6

Meu coração dufa  
 Quanu u berranti tocava;  
 Cheganu nus fazendêru  
 U gadu todus berrava.  
 — Aquflu pra mim era uma tristeza  
 Qui nada mi consolava.  
 I lembrava da minha genti  
 Qui tão longi dêlis istava,  
 Acumpanhanu esta boiada  
 Não sabia si vortava.

## 7

U berranti tocava tristi  
 Nu mei dus chapadão,  
 Subia serra i discía serra,  
 I travessava ispigão;  
 Passava mata,  
 Pulava coigu i reberão,  
 Cada veis duia mais  
 U meu tristi coração;  
 Lembrava da mia genti  
 Qui dexe nesti sertão.

## 8

Todas noiti qui eu rondava,  
 Era noiti di iscuridão;  
 Chuvia noiti interinha  
 Tristi vida dum pião.  
 Quanu u gadu dava u istôru  
 Parecia sê um truvão;  
 Quanu pendía pra meu ladu,  
 Mi vinha recordação  
 Qui eu murria di um disastri  
 Longi da mia geração.

## 9

Nois foi dá pastu u gadu,  
 Na bêra dum buriti;  
 Verêda cumo essa  
 Foi a premera qui eu ví;  
 Di um ladu i ôtru  
 Era uma campina  
 Qui avistava até sumf.  
 Logu mi arrecordei  
 Um amô qui eu deixei aquí,  
 Peguei a cantá uns versu  
 Caçanu geitu di distraf.

## 10

Quantu u berranti tocô  
 Avisu pru gadu aluf,  
 Bolf na redia du burru  
 Uma nuvidadi eu pircibi:  
 — Mi apresentô certa genti  
 Até nu geitu di rf...  
 Meu coração deu um balançu  
 Num sei cumu eu num cai,  
 Eu disci campina abaxu  
 Suspiranu sem sentí.

## 11

Dia di mais tristeza  
 Foi na serra du bananal,  
 Quantu eu subi na serra  
 Avistei u mundu em geral.  
 Fiquei assim pensanu:  
 Sorti cumu a minha  
 Não tem igual!...  
 Mi veju nu meu dus lstranhu  
 Tão longi du meu pessual.  
 Camarada di boladêru  
 Certu é qui passa mal.

Camarada di boladêru  
 Passa fomi i passa sêdi;  
 Acumpanhel essa boiada  
 Fui até in Cana Verdi;  
 Eu sofrí multu trabaiu,  
 Mas u qui eu disse assustentel:  
 Até ondi a boiada foi  
 Eu também acumpanhel!  
 Foi até in sur di Minas,  
 Mas fui filiz qu'inda eu vortei.

### MODA DO BOIADEIRO

*Randolfo Antônio de Sousa — Bela Vista*

#### 1

La in casa posô um moçu,  
 Nu dia 2 di janêru,  
 Com uma cumitiva grandi,  
 Êssi moçu é boiadêru;  
 Intrô pra comprá nuvíu  
 Não comprava boi carrêru.

#### 2

Eu fui priguntei u moçu  
 — Pru qui num compra carrêru?  
 — Pesadu pra conduzí  
 I é boi di mais dinhêru  
 A nuviada mestiça  
 Dá ingorda mais ligêru.

## 3

Pararum lá in casa um pôcu  
 Inquantu fazia armoçu,  
 Eu contei noventa mula  
 Na cumitiva du moçu,  
 Vinti i cincu camarada  
 Di cuchipó nus pescôçu.

## 4

Êlis tava fazenu armoçu  
 Eu tô tiranu uma linha,  
 Eu fiquei admiradu  
 Das panelia di cusinha  
 Panelia di quatro i mêa  
 Era as mais plquitinha.

## 5

Eu fui priguntei u môçu  
 — Dondi é cría essa mulada?  
 Aquí tem a marca pêga  
 Vem da Lagôa Dorada  
 Eu tenhu besta na tropa  
 Qui nunca foi repassada.

## 6

U qui eu achei mais bunitu  
 Foi quatro besta quemada,  
 In dêas qui êli saíu di casa  
 Essas saíu reservada,  
 Pr'uma marcha di impenhu  
 Ô pr'um dia di arribada.

## 7

Na hora qui êli foi-si imbora  
 Mi chamô pra dispídí:  
 — Eu vô i tornu a vortá  
 Meu pôsu há di sê aquí.  
 Apronta míu pra tropa  
 Pastu pru gadu drumí.



## MODA DO PIAO

*Orcalino Amaral Durães — Formosa*

### 1

Fui mimbora pra fora  
Prá u Triangulo Minêru,  
Eu saí pra passia  
I tãobem pra ganhá dinhêru.

### 2

Eu cheguei numa estação  
Incontrei um muladêru,  
Ajustei cum esse homi  
Pra mansá burru u anu intêru.

### 3

Quantu nois chegamu na fazenda  
Eli mi intregô uma riata  
Nu sistema pollista,  
Aparelhada di prata,  
Ispora da roseta grandi,  
Bridão lísu cum trinata.

### 4

Eli mi intregô um laçu  
Qui tinha dezesseis braça,  
Di quarqué distância qui passa.

### 5

Eu lacei uma besta bala  
Qui tinha uma cinta na pá,  
Esta besta era manhosa  
I di fama pra sartá.

## 6

Quanu eu muntei nesta besta  
Arrependí di sê pião,  
A besta sartava artu  
Qui fazia cavação.

## 7

U mundu pra mim iscureceu  
Só ví iscuridão,  
Tinha uma moça na janela  
Não pudí prestá atenção.

## MODA DO PIAO DO BOIADEIRO

*José Alves Vieira — Santa Luzia*

## 1

Ricibí uma carta  
Nu dia 2 di janêru,  
Pra í mi apreparanu  
Pra viajá cum boiadêru.  
Comprei dois cavalu bão  
Pensei qui tava arrumadu,  
Quanu u meu patrão chegô  
Desejei sê dispensadu.

## 2

Muitu bem apreparadu,  
Trazenu uma pionagi  
Muitu bem impumadadu,  
Besta di sete parmu  
Todus di laçu amarradu,  
Arelu di cruvelana  
I berranti apareladu.

## 3

Eu falei pru meu patrão:  
 — Nós precisa conversá,  
 Si daquí vô pra diante  
 Si daquí possu vortá.  
 Meu patrão arrespondeu:  
 — Não possu ti dispensá,  
 É revista du meu gadu,  
 Até nu pontu di entregá.

## 4

Arriunf mfa pionagi,  
 I decêmu pra vazanti  
 Pra tirá mfa boiada,  
 Pra tocá pra Diamanti:  
 Novecentus boi é baiu,  
 Mil e cem era galanti  
 Pionagi eu pago deiz  
 Só pra vê tocá berranti.

## 5

Em Santa Rita de Patus  
 Era u pontu di vendê,  
 Riunf mfa pionagi  
 Pra todu mundu vê,  
 Mandu tocá berranti  
 U gadu riuni i berra,  
 Dispidinu di um pur um  
 Num vortu mais nesta terra.

## BOI PRÊTO MASCARADO

*Pedro Pio — Morrinhos*

## 1

Camarada num sô não,  
 Num queru sê camarada  
 Aminhã tô na ribada  
 Sô mandadu du meu patrão.

2

Meu patrão falô pra mim:  
— Meu boi peto tem di vim.  
Meu boi petu é mascaradu  
Cabecêra du meu gadu.

3

Eu cheguei nu fazendêru  
Uma moça falô pra mim:  
— Pedru num campêa mais não  
Qui u boi petu tem di vim.

4

Disarrêa tua mula,  
Refresca teu coração,  
Qui amanhã muintu cedim  
Boi petu tá nu moirão.

5

Disarrêa tua mula  
Põe teus arrel alí,  
Boi petu tá nu moirão  
In anti du soli saí.

6

Nu ôtu dia cedim  
Acordei açuleradu,  
Oiei la nu curralí  
Boi petu tava marradu.

7

— Tomi essi contu di reis,  
Vai topá co seu patrão,  
Vai pagá si ocê deve  
Pedu Pio, negu bão.

## 8

Si num fossi aquela moça  
Tava eu nu mundu perdido,  
Dinhêru tinha acabado  
Boi pêtú tava sumido.

## 9

Eu muntei na m'ia mula  
M'ia mula refugô;  
— Si a mula fossi di negoçu  
Dois contu di reis eu dô.

## 10

Si a mula fô di negoçu  
Dois contu di reis eu dô,  
Si ocê mim vendê sua mula  
Na sua garupa eu vô.

## 11

Iscuta m'ia genti, iscuta,  
Só essi recortadu,  
Agora acabô-si u casu  
Du boi pêtú mascaradu.

## DU BIZERRU

*Manuel Cardoso — Itaberá*

(Versão simplificada do *Rabicho da Geralda*)

## 1

Sô buntu bizerru  
Qui nací nu mels di maiu;  
Cumeçô u meu trabaiu  
Fui marrá nu mueirão  
Pra róbá u meu leiti.

Eu num tinha quinzi dia  
Mi vendeu prum farmacelti;  
Forum mi pegá nu campu,  
Mi deru tanta carrêra  
Ora cum tamanha tiradêra  
Desdi u premeru dia  
Qu'eu mostrei u qui sabla,  
Mi tiraru eu das fôrça  
Mi puseru eu cá na guía,  
Qu'eu fui um boi valenti  
Que iscurrêgô mais num cafa.  
Mi tiraru eu cá da guía  
Mi pusêru eu nu cabeçaçu  
Davam ferruada sem razão  
Qu'eu tamem tampei u chifri  
Qui varô u coração.

2

Vô dá parti u meu sinhori  
Nunca mais hei di prestá,  
Mia carriça ha di sirví  
Pra nus ari sí sortá,  
Cuanu foi di tardinha,  
Eu ví u capatá falô:  
— Amanhã muito cedim  
Eu chegu nu matadô.  
Rudiei u dia intêru  
Pra fazê mia fugida,  
Maginei nus cumpanhêru,  
Qui tam tristi dispídida!  
Irguí mia cabeça  
Pr'esti sertã di Goiais,  
Adeus campina di flori  
Qu'eu num vortu aquí mais!  
Abaxei mia cabeça  
Pra banda du sertão,  
Avistei u carnicêru  
Cum sua faca na mão:  
Abaxei meus olhu in terra  
Pra vê meu sangui corrê,...  
Adeus campu, adeus terra  
Qui agora eu vô morrê.

## A VACA

*Pedro Nolasco — Itaberá*

### 1

A minha vaca chatinha,  
E' mocha di qualidadi.  
Minha vaca dá muito leiti  
A genti fica admiradu.  
Vaca di chifri pra ela  
Num tem ninhuma importancia,  
Fecha treis, i fecha patru  
I cincu ainda não arcança.  
A genti precisa muito  
Tê amô numa criação,  
U leiti dessa vaquinha  
Fais u queju, inda dá requejão.  
Dinhêru pra essa vaquinha  
Todu dia vem dimais,  
Um ofréci duzentu,  
Ôtru ofréci trezentu,  
Ôtru ofréci quinhentu,  
Mas eu queru mais.  
Tratamentu nessa vaquinha  
Num possu dismaselá.  
Ela dá u feijão  
I u arrois i a farinha  
I mesmu u sá.  
Essa mia vaca di raça  
E' duma grandi procedença,  
Esta vaca dá tantu leiti  
Qui pareci uma duença.

## CAVALO PRÊTO

*José Alves da Costa — Jaraguá*

### 1

Eu tem um cavalo pretu  
Seti parmu di artura,  
Cerradu di quatro pé,  
Bunitu qui é uma pintura;  
Eu fui passlá na rua  
Naquela malhó luxura.

### 2

A moça já cunhicia  
U batidu das ferradura,  
Eu amei uma morena  
Bunita di fermusura,  
Parei um cravu da fa  
Um botão di rosa madura.

### 3

Eu fui numa festa longi  
Num lugá discunhcidu,  
Lá tinha dois violêru  
Pra discutí cumigu,  
Nois brincamu a noiti intêra  
I eu num dei pur cunvincidu.

### 4

Lá tinha uma viola nova  
Incolduada di coida grivi,  
Violêru lá du lugá  
Pra finá num era pussivi,  
Eu peguel i afinei  
Foi u prazê malô qu'eu tivi.



## MODA DO ENGENHO

Randolfo A. Sousa — Bela Vista

### 1

Vinha vinu di viagi  
Passei numa rancharia,  
Ajustei cum fazendêru  
Pra tabralá noiti i dia.  
Só si vissi u tantu  
Di cana qui êli muía.  
Trinta carru pur semana  
Cincu carrada pur dia.

### 2

Êssi homi era duenti  
Não pudia trabaiá,  
Êli tinha duas fia  
Qui não deixava eu pará.  
Uma cuava café  
Ôtra fa mi chamá:  
— Môçu levanta ligêru  
Qui u café podi isfriá.

### 3

Eu levantava da cama,  
Eu olei num ví ninguem,  
Eu peguei oitu bol  
E dísci lá pru ingém.  
Inchí a tacha piquena  
Inchí a grandí tamém,  
Ganhava oitenta mi reis  
Passaru meu ganhu a cem.

## 4

Eu bíbia u café  
 I não pudia pitá,  
 A moça tocava us bol  
 Ingém pegava chiá.  
 Eu púia um fêxi di cana,  
 Ela púia ôtro di lá,  
 Quanu u bagaçu topava  
 U ingém pegava istralá.

## 5

U vêi gritava lá dentu  
 Pra muê mais divagá,  
 Si fô inu desse geitu  
 Meu ingém podi quebrá.  
 A balança du ingém  
 E' feita di jacarandá,  
 A ponti di aruêra  
 Muenda di jatobá.

## 6

A moça tocava us bol  
 Anti da vorta fechá,  
 Garapa dece nu côchu  
 Qui a genti podi nadá.  
 Bagaçu suja, eu acarregu,  
 Ingém é pra mim lavá.  
 U vêi mais essas môça  
 Mi mata di trabaiá,  
 U casamentu qui é bão  
 U vêi não qué mi falá.

## 7

Passei a mão nu facão  
 Disci pru canaviá,  
 Cortava duas carrada  
 In anti du sol intrá.  
 Cum pôcu u carru chegava,  
 Eu judava carregá,  
 Cana sôrta na istêra  
 Picada sem amarrá.

## 8

U côchu di formentu  
 Tá lá pra mim lambicá,  
 A cachaça qui eu lambicu,  
 Não precisa graduá,  
 Levu um pôcu lá dentu,  
 Dá pru vèl isprementá,  
 Juganu a pinga pra cima  
 Di forti ixala nu á.

## 9

Vô mimbora dessa terra  
 Aquí num possu morá,  
 Vô cumeçanu a dormí  
 U vèl manda chamá.  
 Eu tô mortu di cansadu  
 Êlis num deixa eu discança.  
 Eu falu in í simbora  
 As moça não qué dexá.

## 10

Vô dá u nomi du homí  
 Da fazenda i du lugá,  
 Êli chama Juca Quitu  
 Sobrenomi di Amará.  
 Êli mora nu ri das Véia,  
 Vertenti du Corumbá,  
 Pertu di dona Olaa,  
 Fazenda du Maratá.

## 11

Chamel as conta u vèl,  
 As quatu hora da tardi,  
 As moça vei di lá di dentu  
 Pidnu pur caridadí,  
 — Omentu mais u seu ganhu  
 Qu'issu é qui é sua vontadi:  
 Pru meu pai ocê fais farta,  
 Pra nois ocê fais sôdadi.

## A GARÇA BRANCA

*André Bento Tavares — Itaberá*

### 1

Agora qui eu vô contá  
A vida di dois amanti,  
Premêra vels qui ti ví  
Sufrimentu foi bastanti.

### 2

Tenha dó di mim morêna  
Minha istrela du céu brianti!  
Minha genti presta atenção  
Num casu qui eu vô contá.

### 3

Garça Branca foi-si imbora,  
Eu quiria acumpanhá.  
Eu quiria sê um serenu  
Pra andari serenânu.

### 4

Eu quiria sê um passaru  
Pra mim andari avuanu,  
Pra vê garcinha branca  
Qui pratrais foi mi dêxanu;

### 5

Ceguei na bêra du má  
Avistei dois navfu nadanu,  
Com duas bandêra branca  
I duas fita avuanu.

### 6

As fita tinha um lêtrêru  
Nus letrêru tava contanu:  
Garça Branca te ví aquí  
Nessa prala discansanu.

## 7

Bateu asa e fol simbora  
 Pra terra dus intalianu,  
 Imbarquei num navíu  
 Nu mesmu corrê du anu.

## 8

Queru vê garcinha branca  
 Qui pratrais foi mi dêxanu;  
 Eu cheguei numa cidade  
 Fui cheganu i preguntanu,  
 Nutiça di Garça Branca  
 Nestis altu avuanu.

## 9

Cum a carta nu bicu  
 Na carta tava contanu:  
 — Dá lembrança meus amanti  
 Qui pratais eu vô dexanu.

## 10

Velu cunvidá numa festa  
 Na casa dum intallanu,  
 Cheguei nessa festa  
 Já lá ia atrapalhanu,  
 Avistu garcinha branca  
 Sentadlnha namoranu.

## 11

Noitici apaxonadu,  
 Manhici u dia cantanu,  
 Quanu foi nu ôtru dia  
 U sol lá invinha rompênu,  
 Preguntei Garcinha Branca  
 Si éla tava resorvenu.

Éla mi arrespondeu:  
 — Sendu qui voís tá querenu  
 Nois vortámu pru Brasil,  
 Pra terra qui nois nacému.  
 Dois coração senu allá,  
 Pra apartá só morrenu.

### DEOLINDA

*José Rodrigues Rosa — Posse*

Nastácio éra um homi pobri  
 Camarada dum boiadêru,  
 Chegô na casa dum capitão  
 Nu principiú di Janêro;  
 Pidíu pra posá  
 Té u fim di Feverêru.  
 Deolinda moça branca  
 Fíia dum capitão,  
 Diolinda é moça rica  
 Socia na casa barão,  
 Nastácio mais Deolina  
 Si pegaru nu namôru,  
 Todos dois éra mulatu  
 Qui tinha u cabêlu lôru.  
 Prifiriu um casamentu  
 Para agarantí u tizôru,  
 Capitão deu pru fé  
 Qui Nastaçu tava namoranu.  
 U capitão falô pra éli:  
 — Seu moçu cê vai arretiranu,  
 Eu num quéru mais lhi vê  
 Aquí dentu nu meu conom.  
 Diolina iscreveu pra Nastaçu  
 Nu mesmu consoanti,  
 Vinhéssi na casa dela  
 Recebê uma jola di diamanti.  
 Diolina iscreveu pra Nastaçu  
 Uma carta nu siguru,  
 Vinhéssi na casa dela  
 Numa noiti di iscuru.

Vinhêssi pru fundo du quintall,  
 Batêssi na porta du muru.  
 Diolina intrô pra dentu  
 Panhõ seils contu di reis,  
 Agassaiô numa mala  
 I pru cima ela cubriu com pala.  
 Diolina intrô pra dentu  
 Panhõ uma carabina i um revolvi,  
 I uma bõa ripitição.  
 — Nastaçu noiş pódi i imbora  
 Qui nada num atrapaia não.  
 Diolina si rompeu adianti  
 Munlu di paciença.  
 — Nastaçu vamu intrá naquela mata  
 Aondi ninguem num pensa.  
 Nôtru dia ela si rompeu  
 Adanti pegô a linha  
 Quanu chegô na istação  
 A barra du dia ivinha.  
 Capitão deu pru fé  
 Foi dá parti na justiça  
 Mandô matá todos dol  
 Mandadu da força pólista.  
 Diolina mais Nastaçu  
 Si imbarcô nu ajôgo...  
 Quanu deu-si pru fé  
 Soldadu fazia nôju.  
 Diolina respondeu:  
 — U fim du mundu é hojl.  
 — Nastaçu sigura u remu  
 Pru sê mais acustamadu,  
 Quantu as arma tivé bala  
 Aquí num incosta um soldadu.  
 Quandu acabô cum êsti fôgu  
 Fôru vê u qui tinha assucedidu.  
 Nu meu dl noventa praça  
 Quarenta tinha murrídu,  
 Trinta i dois baiadu  
 Dizoltu tinha curridu.  
 Eu tem mêdu da mortí  
 Qui sei qui a mortí é tristi,  
 U corpu tôdu arrupeia  
 Meu coração num arregisti.

## MODA DA TURQUINHA

*Antônio Lopes — Urutaf*

### 1

Vô contá qui assucedeu  
Na cidadi di Pedregulhu,  
Por causa di uma turquinha  
Lá teve um grandi barulhu;  
U turcu pelo dinhêru  
Perdi sonhu noiti i dia,  
U turcu pelo dinhêru  
Quiz obrigar sua filha,  
Pra fazê ela casá  
Cum quem ela num quiria.

### 2

A turquinha era bunita,  
Tinha nomi di Gelf,  
Fecharu ela nu quartu  
Di medu dela fugí.  
Assim mesmu qui aconteci  
Com um coração amoroso:  
— Eu num dexu du Gercinu  
Por esti turcu feiosu;  
Eu vô mimbora  
Voceis fica mentirosu.

### 3

Qui era pra casá  
Era muito venturêru.  
A turquinha num quiria  
Forum chegandu dinhêru.  
A Turquinha logu disse:  
— Voceis tão mi ilugianu  
Eu não só mercaduria  
Pra voceis tá negucianu.  
Eu vô mimbora cum êli,  
Voceis eu num tô somanu.



## 4

A vespera já tá af  
 U dia vem cheganu,  
 Si eu casá cum êsti danadu  
 Uma dódi eu tô tomanu.  
 Nu mesmu tempu eu já queru  
 Casá cum êsti danadu,  
 Eu queru confessá  
 Pra descontá meus pecadu,  
 Lá na igreja eu te esperu  
 Não podi ser demoradu.

## 5

Quanu Gercinu chegô  
 Apresentô dicumentu,  
 Delegadu respondeu:  
 — Fez bom procedimentu  
 Cum esta lei ninguem podi,  
 Pois razão venci tudu  
 A nota pódi...sê grossa.  
 U turcu respondeu:  
 — Gercinu minha filha é vossa.

## 6

Quanu Gercinu chegô  
 Já foi cumbinação,  
 Êli apitó a machina  
 I ficô di prontidão.  
 A moça quandu uvíu  
 Já dexô da confusão,  
 Ela respondeu pru ladu dêli  
 Cum gustu e satisfação:  
 — Gercinu vamu imbora  
 Vamu rompê chapadão.

## HUMORISMO, INTELIGENCIA, SENSIBILIDADE

“Nosso caboclo não tem espírito”.

Quem o vê — corpo retorcido, apoiado ora numa ora noutra perna, em fadiga constante, olhar lerdo, fisionomia fria — diz isto mesmo.

Dê-lhe porém uma viola, chegue-lhe uma golada boa — e verá como o homem se transforma.

Como um espírito pronto, vivo e inquieto, se debruça no olhar perscrutando agudamente a realidade ambiente, para transformá-la, num átimo, em riso, em ironia, em sarcasmo, em imagens cheias de graça e beleza. E' que nosso caboclo não desperdiça à-toa as energias físicas e espirituais. Reserva-as para hora de necessidade.

Na arribada de uma rês que tresmalhou, ou no braço da viola enfeitada.

Fora daí o caboclo é uma pasta humana, sem expressão nem vida. Sua fala arrastada ilha o silêncio largo da conversação. Com o pito acende-apaga, soltando baforadas, parece chaminé de vapor singrando o oceano da mudez.

O pito — palha, primeiro aparada, depois amaciada pela lâmina da faca, que espera picar o fumo, e em seguida esmoer, para após enrolar.

## HUMORISMO E CRÍTICA

Inicialmente, remeto o leitor à moda do *Jôgo de Vortibóla*, verdadeiramente impagável.

Em seguida estampo mais estas outras amostras de humorismo caboclo.

## RECORTADO DAS VELHAS

*José Moreira da Silva — Jaraguá*

### 1

Lá di fora vei uma lei  
Lei di muita agarantía  
Di prendê as muié véia  
Na ocasião das fulfa,  
Muié véia vai na festa  
E' só pra fazê arrelia.

### 2

As moça senta nu bancu,  
Casada nu carcanhá,  
Quanu as véia chega  
Não acha mais lugá;  
Vancê sabia disso  
U quê qui veiu fazê cá?

### 3

As véia fica infezada  
Vai pra bôca da fornala,  
Põe u cachimbão na bôca  
Di veis in quanu sacódi a sala,  
Alevanta co us ôiu vermeiu  
Parecenu us ôiu di graia.

### 4

As véia é muito boa  
E' nu rumu da promessa,  
Passa mão nu rosari  
Dipindura na trevesa;  
Valesse ô não valesse  
Mi paga, num tem cunversa.

## 5

Não gostu di muié véia  
 Toda véia é feiticêra,  
 Elas passa a mão nu rosari  
 Dipindura na cumiêra,  
 Pega rogå praga  
 Qui roga semana intêra.

## 6

Num gostu di muié véia  
 Toda véia é imponenti,  
 Um consolu elas tem  
 Qui argum tempu já foi genti,  
 Pois nu cabu du cachimbu  
 Tem vistu véia valenti.

## 7

Cumparu u vivê das véia  
 Cum u vivê duma arâina,  
 E' bobagi elas pelejá  
 Qui salvação elas num ganha,  
 U capeta garra co elas  
 I vai fazê quarqué breganha.

## 8

Num gostu de muié véia  
 Quanu tem noventa e seis,  
 Di baia elas fica russa,  
 Di russa fica pedreis,  
 Capeta garra co elas  
 I vai breganhá ôtra veis.

## 9

Véia di oitenta anu  
 Não tem mais fermusura,  
 E' bobagi elas pelejá  
 Qui muito mais ela num atura,  
 U capeta agarra co ela  
 Vai fazê quarqué mistura.

## 10

Num sei u quê qui as véia tem  
 Qu'elas vèvi é só gemenu,  
 Eu tía sastifação  
 Qui as véia fossi morrenu.  
 Qui as moça há di cumê  
 As véia é que tão cumenu.

## 11

As véia co esse recorti  
 Tomô geriza di mim,  
 Aondi elas mi vê  
 Mi fais mais di um fucim,  
 Elas fala di boca chela  
 Não gostu desse rapasim.

## 12

Eu gostu di vê muié véia  
 Qui num tem ninhum denti,  
 Elas comi biscoitu  
 E fica duenti,  
 Véia comi é pipoca  
 Rola na boca e toca.

## 13

Véia qui não tem denti é maçada,  
 Vai nu pagódi  
 I vorta infezada.  
 Peléja pra dá uma risada  
 Iscancha a boca  
 I não sai nada.

## MODA DO MÓÇO FEIO

*José Brás do Amaral* — Atolador

### 1

Tem dias qu'eu achu graça  
Dus rapais fei sem fermusura,  
Élis fica dispeitadu  
Cramanu as sua felura;  
Eu num é qui sô curpadu  
Délis tê a vista iscura,  
Quer arcançá mais num podi  
Aondi não tem artura.  
Fica rudianu as moça  
Parei u cão in figura.

### 2

Eu agora vô falá  
A respeito us moçu feiu  
Fica arrudianu as moça  
Cum boi nu arrodelu,  
Péga andá pra qui pra li  
Oianu dis oiú vermeiu,  
Aondi as moça senta  
Élis vem senta nu meiu;  
Quantu a sanfona toca  
U bichu avança sem recelu.

### 3

Sempi tem arguns fêosu  
Qu'elis gosta da armufada,  
Pra vê si acha uma doida  
Qui involvi na pumada.  
Péga andá pra qui pra li  
Cum a falinha injuada,  
As moça óia umas pras óta  
Cuchicha i dá uma risada.  
Élis fica satisfeito  
Cum carinho lixada.

## 4

U defeltu dus fêoso  
 E' êli sê avançadô,  
 Péga andá pra qui pra li  
 Oianu prus corredô.  
 Eu si falu é pru qui sei  
 I ninguem num mi contô,  
 A fêura quanu é muita  
 U bichu perdi u calô,  
 Pareci cachorru magru  
 Quanu perdi u sinhô.

## 5

Eu falu dessis fêosu  
 Mais tem uns feiu ingraçadu,  
 Quanu chega nas' fonção  
 Fica um pôcu adiantadu,  
 Quanu a sanfôna toca  
 Êlis fica incomodadu,  
 Dá pra qui da pra colá  
 Não podi parâ sentadu,  
 Fica oianu nas môça  
 Cuns oião regaladu.

## 6

Si eu falu é contra mim  
 Mas mia artura eu cunheçu.  
 Nunca fui avançadô  
 Em pontu qui eu num mereçu.  
 Eu falu é desses fêosu  
 Qui num tem arrumaçãõ,  
 Tá morrenu di ruindadi  
 I tá falanu qui tá bãõ,  
 Fica rudianu as moça  
 Parecenu tentaçãõ.

## MODA DA MORTE

*Anicondes Antônio de Sousa — Bela Vista*

### 1

Quantu entra meis di Agostu,  
Us á todú intristeci,  
Us passarim canta tristi.  
Naqueli sertão du disertu,  
Eu tamem vivu cantanu  
Purqui sei qui a morti é certa.

### 2

A morti vem na terra  
Éla fais uma massada,  
Morri grandis i piquenu  
Éla dexa a terra in nada,  
Quantu morri uma sortêra  
Tenhu pêna da coitada.

### 3

Quantu morri um homi veiu  
Us anju fais trupé,  
Pra não pezá u pobri du veiu,  
Élis acumpanha São Migué.

### 4

Quantu morri uma muié véia  
Quasi ninguem não si importa  
Qui nu céu ela num vai  
Cá na terra ela num vorta.  
Éla vai subí pru céu  
São Pedru fecha a porta.

### 5

Quantu morri um homi rico  
Us anju fais prueza,  
Éssi num vai nu céu  
Judíava co a pobreza;  
Arrespondi São Migué:  
— Num pqssu sé sua defesa.



## 6

Quanu morri um pobresim  
 Na terra dexe sôdadi,  
 Qui mesmu cum a sua pobreza,  
 Ainda fazia caridadi;  
 Êssi entra nu céu  
 Cum tôda divindadi.

## 7

Us anju fals trupé  
 Quanu morri um violêru,  
 Êssi num vai nu céu  
 Pruque foi um disordêru;  
 Arrespondi São Gonçarvi:  
 — Êssi foi meu cumpanhêru.

## 8

Quanu fô pra mim morrê  
 Eu queru fazê um avisu,  
 Incoidua minha viola  
 Cas coida qui fô pricisu,  
 Pra cantá cum São Gonçarvi  
 I us anju nu paraisu.

### MODA SOBRE A RELIGIAO

*Antônio Alves da Costa — Itaberá*

## 1

Fui tomá um parecê  
 Respeitu a riligião,  
 Jueiei nus pé du padi  
 Pidí êli a cunfissão:  
 — Seu vigaru mi confêssa  
 Mi dá uma ispricação,  
 Queru voís mi aguia  
 U camim da sarvação.  
 S'eu devê arguma curpa  
 Eu queru pidí perdão.

## 2

Êli foi mi preguntô:  
 — Quali é sua divução?  
 Eu arrespondí pra êli:  
 — Eu num sô divótu não.  
 Eu tem boa natureza  
 I tamém boa inducação.  
 A dotrina qu'eu aprendi  
 Foi da minha inclinação,  
 Quanu eu veju moça bunita  
 Façu mias oraçáo.

## 3

Seu vigaru mi confessa,  
 Peçu pur nossa sinhora.  
 Mi dá uma ispricação,  
 Queru qui voís mi agula  
 Siguf nu camim da glora.  
 Êli foi mi arrespondeu:  
 — Ispricu já nesta hora,  
 Eu rogu a Deus todú dia  
 Intençáo di quem namora.

## 4

Eu fiquei mei na dúvida  
 I tornei a preguntá.  
 U padri respondeu brabu:  
 — Ocê dexa di amolá,  
 Ja li dei a ispricação:  
 Nu camim de ocê sarvá  
 Deus feís u mundu i compols;  
 Ficô pra tudu adorá.  
 As porta du céu num abri  
 E' prá quem num sabi gozá.

Agora eu fiquei cienti  
 A rega cumu é qui é,  
 Quanu eu chegá lá in casa  
 Eu falu pra minha muié.  
 Si eu era um pôcu crenti  
 Agora eu criel mais fé.  
 U padl mi incomendô  
 E' só eu num tê prigiça:  
 — Qui a oração é valerosa  
 E' na hora da santa missa.

### RECORTADO

1 — Ai dona,  
 Hoji num cumf nada.  
 Eu comí uma vaca assada,  
 Deis caxa di marmelada,  
 Vinti garrafa di vim,  
 Deis lata di côcada.  
 Dona, eu hoji num comf nada.

Ai dona,  
 Eu hoji tô in jejum,  
 Eu cumf um boi assadu  
 Vinti cincu rapadura  
 I a côxa dum mutúm  
 Ai dona,  
 Hoji tô in jejum.

2 — Muié vamu fazê um negoçu,  
 Nois havemu di cumbiná,  
 Di eu i nu pagódl  
 I ocê ficá.  
 Dessa veis eu ful  
 Ocê ficô:  
 Quanu fô da ôta,  
 Ocê fica eu vô.

- 3 — Passa véia i passa moça  
Pertu di mim pódi passá,  
Pra mim cunhecê  
Num pricisa oiá;  
Pisadu di veia tô clientl,  
Pisadu di moça é diferentl.

### BULINDO COM O NEGRO

- 4 — Eu quíria falá uma coisa  
Mais arrependi,  
Dicertu tem nêgu af...  
Mais agora resurví,  
Si tivé inda não ví.

Tenhu mêdu é di feitiçu.  
Genti u qui é issu,  
Nêgu catínga uríçu.

Casa di nêgu  
Não tem traméla,  
Fais um buracu  
Diz q'ê janéla.

A cuberta da casa  
E' di capim,  
U ffu di nêgu  
E' criulim.  
Cumú é bunitu u bichim!

Oi u ninguim  
Cumú é ispóra!  
U nêgu tamem namora,  
I pisa nu buracu  
Quanu vão simbora...

- 5 — Vô contá u qui aconteceu  
VÍ um nêgu muntadu em pélu  
Na fazenda du Mutúca,  
Trazenu um laçu na garupa.

Êssi nêgu intrô na rua  
Fazenu seu riboliçu,  
Vendenu boiada mocha  
Ajojada pelo chifri.

Êssi nêgu intrô na rua  
Numa mula machadêra,  
U nêgu istava peladu  
Di relógio na argibêra.

Essa mula é muntu boa  
Mais pra mim ela num presta,  
E' uma mula sem cabeça  
Qui tem uma istrela na testa.

## INTELIGÊNCIA

Esta que vimos é uma das facêtas do espírito do sertanejo. Outra, mais brilhante, reveladora de sua inteligência destra, aparece nos desafios e quadras improvisadas.

Dou em primeiro lugar o desafio de Adolfo Mariano, em Ipameri, ao qual já me referi no capítulo "Cantadores". Pelo ritmo acelerado do mesmo, não foi possível registrar tôdas as quadras; mas somente certo número, com lacunas.

*Adolfo* — Eu queru mi expandi  
Premêru peçu licença,  
Pra cantá em Ipameri  
Me achu sem competência.

*Soldado* — Arriei u meu cavalu  
A rédia calu nu chão,  
Eu cantu nu Pameri  
I tamém nu Catalão.

*Adolfo* — Pois u amigu soldadu  
Cuidadu tô improvisanu,  
Eu tô venu qui u coitadu  
Não tá mi acompanhanu.

**Soldado** — Acumpanhu u Marianu  
Eu sei u qui é esse mininu,  
Valha-mi Nossa Senhora  
I tamem u meu Divinu.

**Adolfo** — Até u dia manhecê  
Você tá nu seu papé,  
Eu saúdu sem cunhecê  
U comandanto du quartê.

**Soldado** — .....

**Adolfo** — Meu nobri iscritô  
Eu cantu meu avexadu,  
E' prô qui du meu contendô  
Us versu sai erradu.

**Soldado** — Us versu saiu erradu  
U sinhô foi qui errô,  
Agora eu tô sastifeitu  
Pru qui tamem sô cantadô.

**Adolfo** — U meu versu sai erradu  
Mesmu se assim si alembrassi,  
Eu quiria um soldadu  
Que mi barrassi.

**Soldado** — .....

**Adolfo** — Do outro ladu du braçu  
Você canta mandanu,  
Você senti u imbaraçû  
Na frenti du Marianu.

**Soldado** — (é substituído por outro cantor  
recruta)  
Na frenti du Marianu  
Agora u Juãozinho chegô,  
Respeitu cantá versu  
Não achel quem mi barrô.

- Adolfo* — U versu qui voís cantô  
Dêsti geitu eu mi ufanu,  
Inda agora retumbô  
Agora in premêru de tudu
- Soldado* — Não vi qui voís falô  
Queru sodá u prefeitu.  
Nu peitu du Marianu.  
Não arrespondu dereitu,
- Adolfo* — Cantadô cum ocê  
U Marianu inxota.  
Mesmu sem cunhecê  
Saúdu u dotô Frota.
- Soldado* — Si ocê já não cunheci  
Nessa hora eu falu aquí,  
E' u homi qui assim mereci  
E' u homi qui manda nu Pamerí.
- Adolfo* — Disculpa u meu coléga  
Não sei si tô ti agravanu,  
Ocê aprenda a cantá pru regra  
Pra cantá cum Marianu.
- Soldado* — Pa brincá co Marianu  
Agora eu vô brincá,  
Ocê canta sem segredu.  
Qui pra voís eu não ti engana.
- Adolfo* — Desejava ti cunhecê  
Até u dia manhecê,  
Eu falu pra você vê  
I nissu tenhu grandi prazê.
- Soldado* — Meu amigu cumpanhêru  
Isenta u qui vô dizô  
Eu sô um cabôclo atôa  
Mas nu tenhu mêdu d'ocê.
- Adolfo* — Meu amigu cumpanhêru  
Isenta u qui eu vô falá,  
Pelu geitu qui tô venu  
Tu vais agora pará.

**Soldado** — Si ocê num vai pará  
Eu falu desta maneira,  
Cumigo voís anima  
I voís passa a noítí intêra.

**Adolfo** — Deixa u dia manhecê  
Até saf u sol,  
Pra mi dísafiá ocê  
Vai tomá Capivarol.

**Soldado** — Meu amigu cumpanhêru  
U sinhô eu vô falá,  
Pra cantá versu c'ocê  
Num pricisu trená.

**Adolfo** — Cara tatu rajadu  
Eu ôçu ocê falá,  
Filismenti não sô soldadu  
Si não quiria ti fritá.

**Soldado** — Pelo geitu qui tô venu  
Tô venu a viola in cacu,  
Si continua assim destí geitu  
Vamu acabá us dois nu buracu.

**Adolfo** — Pódi vim a meia duzia  
Ocê tá imbaraçadu,  
Não andu em tua fiuza  
Teu versu está erradu.

Neste ponto interrompemos o desafio, que já se prolongava bastante, para assistirmos outros numeros da festinha camponesa. João Veiga, secretário da Prefeitura, foi o gentil copista que me auxiliou a apanhar estas estrofes.

## PARMA DU RIO

Desafio entre Alexandre Xavier da Cruz, residente em Anicuns e Cândido José dos Santos, de Novo Horizonte. Recolhido em Trindade, por ocasião da festa.



*Alexandre* — Ai! páрма du rio,  
Treis oitava tem natá,  
Chiquinha não qué qu'eu bebu  
Totonhu compra, mi dá.

*Cândido* — Párma du rio,  
Chiquinha compra, mi dá,  
Marimbei cum bastu sêcu,  
Pra vê a sorti ganhá.

*Alexandre* — Párma du rio,  
Bunitu qu'eu vô contá,  
A sorti Deus é quem tem,  
A sorti é pra quem Deus dá.

*Cândido* — Párma du rio,  
A sorti é pra quem Deus dá,  
Qui eu sô cumu a dô di denti,  
Quanu eu dô pra pinicá.

*Alexandre* — Párma du rio,  
Na maciêsa legá,  
Quanto mais burru apula,  
Mais eu góstu di amuntá.

*Cândido* — .....

*Alexandre* — Bibí leiti di cem vaca,  
Na portêra di um currá;  
A vaca mansa dá leiti,  
A braba pru, qué num dá?

*Cândido* — Párma du rio,  
A braba pru qué num dá,  
Trinta dia tem u meis  
I treis oitava tem natá.

\* \* \*

Em Pirinópolis recolhi êste desafio de garimpeiros  
bairanos: Maximiano Reis dos Santos e outro, cujo nome  
escapou.

*Maximiano* — Agora mi alembrei  
Du sombranti de massú,  
Do carni di cobra  
Toicinho di jaracussú,  
U mundu tem quatru cantu  
Nascenti, poenti, norti e sú.

*B* — Ceperref é mocotó,  
Ambú di imburussú,  
Cidade de Carasba,  
I vila di Ituassú,  
Minha mãi mi deltava nus barçu,  
Fazia cumigu sussú,  
A éra du antigu mais vélu.  
Nois mudernu num arcançô.

*Maximiano* — Laipa di todú tamanhu  
Condi eu queru merecê,  
Passa pru mim num mi salva  
Nem mi dá di cunhecê.

*B* — Di piquenu eu façú assim  
Que dirá quanu eu crescê  
Eu já tocava boiáda  
Anti di meu pai nascê.

*Maximiano* — Cerrenu é til. é sinhora,  
Sinhô é vossimicê,  
Quem tem cabêlu é viadu,  
Di pêna é zabe-le-cê.

*B* — Agora eu vô contá  
Cumú fol u padicimentu  
Pra quem tem fomi canina  
Bombucadu é casamentu.

*Maximiano* — A mulé oul não tem filhu  
Pra quê oul fala em batê  
Um garotim barrigudu  
Danadu pra arremetê.

*B* — Quem não come du angú  
Não percebi du matetêê  
Quem travaia sempri é filliz  
Pra Deus ajudá pra nois tê.

**Maximiano** — Cabaça grandi é caróti,  
Cincerru batídu é guisu,  
Um bandu di genti e um lóti,  
Comêta na praça é avisu.

**B** — Andú sem agua é frigídu  
U sól é a luis du dia  
Todu panu prêtu é tingídu,  
I dansa marcada é quadría.

\* \* \*

Encerro êste capítulo com uma versão do desafio entre o célebre Inácio da Catingueira e Romano, que corre pelo Nordeste de Goiás. Em Rodrigues de Carvalho, à pág. 347, de sua obra, encontrei um trecho de desafio, semelhante a êste, mais resumido entretanto.

#### VERSAO GOIANA

**Romano** — Inaçu qui anda fazenu  
Mi diga aondi é moradô  
Si é casadu ô sortêru  
Eu queru sê sabedô,  
Por acausu fosti sujeítio,  
Mi diga quem é qui é teu sinhô.

**Inaçu** — Seu Romanu meu sinhô,  
Habitú nessa resêra  
Na casa du meu sinhô  
Compru i vendu i façu fêra,  
Como a seu servo criadu  
Inaçu da Catinguêra.

**Romano** — Inaçu qui anda fazenu  
Aquí nessa friguísia,  
Mí boti u surrão abaxu  
Mi mostra a papelaria,  
Mi mostra teu passaporta  
Qui tratam carta di gufa,  
Nu lugá ondi eu habitio  
Nêgu fugídu num tría.

**Inaçu** — Seu Romano, quanu eu saio  
Da casa di meu sinhô,  
Êli sabi pra ondi eu vô  
Quondi mi vê inlogía  
Foi meu sinhô qui mandô.

**Romano** — Inaçu éssa tua lôa  
Ninguem pôdi acriditá,  
Apois eu tamém tenho nêgu  
Num bôtu pra vadiá,  
Quanu eu sái a adivertí  
Us nêgu vai é trabaiá.

**Inaçu** — Seu Romanu, meu sinhô  
Seu Romanu, é feito **pelu incomum**,  
Dá descansu seus iscravu,  
E' gostu di cada um,  
Meu sinhô tem muito nêgu,  
I seu Romanu só tem um.

**Romano** — Inaçu, si tu mi vissi  
Eu mais meu manu **Verissu**,  
Êli é curiseu du raiu  
Eu sô u raiu du curiseu,  
E' mesmu qui dois machadu  
Cortanu um páu massiçu,  
Di longi vê a zuáda,  
Di pertu vê u sirvicu,  
**Inda vô na catinguêra**  
Somenti dá uma pisa.

**Inaçu** — Seu Rumanu, quanu fô  
Lévi cabra cangacêru,  
Lévi um, lévi dois,  
Lévi quatru, lévi seis,  
U nigrim lhi aparecí  
Cumum cabôquim franceis.

**Romano** — Inaçu intrega cum honra  
Qui eu andu nu teu sucaru,  
Si vié cum disafôru  
Tu vai á mêsa du carru.

**Inaçu** — Si eu fô à mêsa di carru  
Seu Rumanu passa mal,  
Val a faca val a bala,  
Bati palma cachorrada  
Rubacão dexa rasga.

**Romano** — Coitadu desti nigrinhu  
Ondi êli vei intrá,  
Numa mata fechada  
Trançada di cipoá,  
Êli intrô pur inucenti  
I num sái sem apanhá.

**Inaçu** — Coitadu di seu Rumanu  
Aondi êli vei caf,  
Na unha дума sorôna  
Senu êli um bemtiví,  
Tá si venu abarbeladu,  
Cumú a peixi no jiquil,  
Achô bôca pra intrá  
Num acha pra saí.

**Romano** — Inaçu, eu sô trigui-fêma  
I ocê é trigui-má,  
Turru in cima da serra  
In baxu lagedu racha.

**Inaçu** — Turru in cima da serra  
In baxu lagedu racha,  
Caçadô qui anda caçanu  
Érra u tiru e perdi a caça,  
Inaçu da Catinguêra  
Péga u brancu é na fumaça.

**Romano** — .....

**Inaçu** — Inaçu da Catinguêra  
Nêgu di Mané Luiz,  
Tantu corta cumú risca  
Cumú assustenta u qui diz  
C'uma mão eu négu u brancu  
I cá ôtra quebru u nariz.

\* \* \*

## CONCEITO E LIRISMO

1 — Qui moça bunita, dilicadinha,  
Bem feita di corpu, ingraçadinha,  
Butão di rosa da miudinha,  
Oh! qui risadinha,  
Oh! qui safadinha,  
Machuca a genti esta diabinha!

2 — Essa noiti eu tivi um sonhu,  
Qui meu bem mi breganhô,  
Fui perguntei pra êli:  
— Quantu di vorta apanhô?  
Vois tá arripindidu  
Du negoçu qui vois fels,  
Dismancha sua breganha  
Fica cumigu ôtra veis.

3 — Saudadis não é duença  
Daquelas qui mata a genti,  
Si a saudadi matassi  
Eu num era mais viventl.

\* \* \*

4 — U fôgu nasci da lenha  
A lenha nasci nu chão,  
U amor nasci nus olhu  
Vai vivê nu coração.

---

5 — A planta murcha arrancada  
Chora a terra em que nasceu,  
Como eu vivo chorando  
Pelo amor que já foi meu.

---

6 — As quatu hora da tardi  
Eu ví dois passarim cantanu,  
Querê bem quanu é di mais  
Pêlêju pra num chorá, só choranu.

---

7 — Si eu tivesse certeza  
Que tu me tivesse amor,  
Eu cafa em teus braços  
Como o sereno na flor.

---

8 — Morêna essis teus óiu  
Eu façu uma cumparação,  
E' duas faca di ponta  
Nu peitu dum valentão;  
Ondi vancê dá u seu gorpi  
Ofendi e num sara não.

9 — Morêna,  
Seu coração é matadô,  
Seus agradu é pirigoso;  
Seus peitu é uma cadeia  
Ondi preñdi us criminosu.

10 — Apiei pra bebê agua  
Naqueli poçu fundu,  
Pensei qui bibí agua  
Bibí as pena du mundu.

---

11 — Apiei pra bebê agua  
Moiei a ponta du lençu,  
Coração qui ama dois  
Di minha parti eu dîspensu.

---

12 — Eu oiei pra essas moça  
I elas mim oiô,  
Foi dois coração  
Qui si agradô.  
Cornim dilicadu  
Geitim inganadô  
U oiado da moça  
Quais mi matô.

---

13 — A moça piçutinha,  
Bem miudinha, bunitinha,  
Ela senu baxa i gíossa  
Num há quem possa,  
I senu cumprida i fina  
Nois num cumbina.

---

14 — Oh! minha rôxa dobrada  
Dessa terra arrtirô!  
Deu u ventu na rosêra  
Qui a rosa dismaiô,  
Quantu a rosa dispidiu  
A rosêra disfoiô,  
Di paxão i sintimentu  
Us passarim tamém chorô.

---

15 — A sôdadi i u suspiru  
São amigus i cumpanhêru,  
Quantu a sôdadi aperta  
U suspiru vai premêru.

---

16 — U nomi di meu bem  
E' faci di soletrá  
Cumeça di A i B  
Adianta cum treis e V  
Pra seu nomi consuá  
Treis i um pra rematá.



## FEIRA DOS NAMORADOS

Antes de mais nada é preciso acentuar que o ideal de mulher para o caboclo é a morena-roxa, ou roxa simplesmente. A cabocla legítima, côr de cula.

Cabêlu prêtu ondiadu  
Olhus grandi e piadosu,

como descreveu o cantador Antônio Campos em sua moda de amor. Mamas fartas, cadeiras largas — eis a roxa que revira o beíço do pião.

Reúno nesta seção amorosa algumas das dezenas de modas de amor que recolhi.

Aqui os namorados e amantes encontrarão toda variedade de sentimentos amorosos: — admiração, paixão, ciume, despeito, saudade, dor do desprezo.

### PAIXÃO

*Edécio de Araújo Melo* — Bela Vista

#### 1

Eu achu multu custosu  
A vida qui eu tem passadu,  
Deitu na cama i não durmu  
Eu passu a noiti acordadu,  
•Anoiteçu i amanheçu  
Suspiranu apaxonadu,  
Êta vida tristi eu tem passadu.

## 2

Deltu na cama i não durmu  
 Naquela maginação,  
 Tudu quantu são ventura  
 Intrô nu meu coração,  
 Tem horas qui eu tem deseju  
 Di intrá dentu du chão,  
 Na mesma hora eu já **pensu**  
 Eu já tem consolação,  
 Tudu qui Deus fais é **bão**.

## 3

E' coisa qui eu achu tristi  
 E' um querê i não podê,  
 Du tantu qui eu tem sufridu  
 Morena pra módi ocê,  
 Desejava qui voís víssi  
 Meu coração duê,  
 Tem paxão mais eu não possu  
 Não possu ti merecê,  
 I voís não pódi mi valê.

## 4

Tem paxão mais eu num possu  
 E' bobagi eu pèlêjá,  
 Um coitadim qui nem eu  
 Num mereçu ti amá,  
 Morena voís é bunita  
 Não tem mais qui desejá,  
 Buniteza iguali a sua  
 Nêssi mundu até num há.  
 Fais um coração pená.

## 5

Morena pur seu respeito  
 Minha vida tem arriscadu,  
 Tem horas qui eu deseju a **morti**  
 Pra mi sê seu namoradu,  
 Eu quiria merecê  
 Êssi seu bunitu ôiadu,  
 Morena voís é bunita  
 Pareci u céu istreladu.

## DESPEDIDA

*Ernestino G. dos Santos* — Bela Vista

### 1

Adeus campina da serra  
Lugá qui eu fui moradô,  
Meu liali coração  
Delicioso já gosô.  
Nu prazu di pôcu tempu  
Us meus gôstu si acabô,  
Dispidiu i foi-si ímbora  
Quem nesta terra morô.

### 2

Adeus corpu dilicadu,  
Coração atraiadô,  
Aquela tristi madrugada  
Qui vancê mi dispreszô,  
A agua du má quem trouche,  
A maré foi quem levô.

### 3

Oh! minha rôxa dobrada,  
Dessa terra arritirô!  
Deu u ventu na rosêra  
Qui a rosa dismaiô!  
Quanu a rosa dispidiu,  
A rosêra disfoiô,  
Di paxão i sintimentu  
Us passarim tamém chorô.

### 4

Adeus carim di rosa  
Rainha di todas as flô,  
Nu tempu di eu mais piquênu  
Eu tinha grandi valô,  
Eu fazia u amô dus ôtru  
Suspirá sem sinti dô.

## INGRATA

*Anicondes A. de Sousa* — Bela Vista

### 1

Eu amei uma morena  
Dispois qui ti impreguei amô  
E' qui eu fui ti cunhecê,  
Purque eu num cunhecia,  
Agora eu ví qui é tardi  
Esti meu arrendê,  
Tudu inquantu imprega amô  
Tá nu caminhu di padecê.

### 2

Tá nu caminhu di padecê,  
Assim cumu eu tem padicidu,  
I meis di Julhu atrasadu  
Nossu amô foi didicidu,  
I ficô pur didicí:  
— Si ocê num qulsé mi vê  
E' só mandá mi consumí.

### 3

Eu pur vois já padicí  
Hoji num padeçu mais,  
Cê é uma moça rica,  
Argum tempu eu fui quiridu,  
Qui merece um bão rapais,  
Dessis seus olhu mortêru,  
Hoji eu sô um abandonadu  
Cumu ciscu du terrêru.

### 4

A minha vida pela sua  
Foi pesada na balança,  
Foi pesada na balança  
Pur você e sua genti,  
As sua ingratitude  
Só cachorru é qui num senti.

## 5

Uma praga eu ti rogu  
 U quantu eu di vois alembrá,  
 Qu'eu tem di vê ocê choranu  
 Quá já mi feis eu chorá,  
 Qui ocê mesmu é qui é curpada  
 Dessa minha tristi vida,  
 Tem di vê ocê casada  
 Choranu di arripindida.

## 6

Eu num sei si vois alembra  
 Daquêlli tratu qui nois fizêmu,  
 Di aparecê pra um ô ôtru  
 Assim um di nois dois morrêmu,  
 Dêssi tratu eu num mi isqueçu  
 I nunca mais possu isquecê,  
 Eu ti vênu dispois di mortu  
 Tá cumpleto us meu prazê.

## LINDRA MORENA

*Pascoal Baer Guimarães — Morrinhos*

## 1

Qui lindra morena,  
 Qui lindra facêra,  
 Essi seu geitim  
 E' di inganadêra;  
 E' patristia minha  
 Ela é brasilêra,  
 E'ssas cô morena  
 E' matadêra.

## 2

Eu pru voís padeçu  
 Desta manêra,  
 Eu tem qui ti amá  
 Inquanto fô sortêra,  
 Qui lindra morena,  
 Qui lindru oiá,  
 Fais um cabrinha  
 Passá má.

## 3

Qui lindra morena fals eu padecê,  
 Eu padeçu tantu sem merecê,  
 Umênu um gostim quiria tê,  
 U seu segredu quiria sabê,  
 Vem pertu di mim qui eu quêru ti vê,  
 Argum dia ocê ha di arrendê.

## 4

Ficu apaxonadu ondi é qui ti ví,  
 Nossu apartamentu qui mais sintí,  
 Oiadim ispertu cumu lambarí,  
 A tuas feição i u modu di rí,  
 A tuas feição é pra mi inludí,  
 Sô di Morrinhos, não sô du Burití.

## 5

Ói, cumu padecei quem vèvi amanu,  
 Pensa qui gosa i vèvi penano,  
 Di hora em hora tá suspiranu,  
 Arregala um dia, padecei um anu;  
 Quanu vai drumí já tá sonhanu,  
 A suas feição tá representanu,  
 Amanheci u dia tá só suspiranu.

\* \* \*

## MODA DOS CANARINHOS

(Do mesmo autor)

### 1

Eu ví dois passu cantanu  
No centu da mataria,  
Cantava lá nus disertu  
Aondi meu bem num ia,  
As nuvi róxa são chuva,  
As branca são ventania,  
As verdi são isperança,  
Di eu ti vê ainda um dia.  
Ai! meu bem, é cum harmonia  
Já tá cantanu di melu dia.

### 2

Eu tenhu dois canerim  
Qui canta di profissão,  
Canta lá nu palaçu  
Nu mei di um salão,  
Dentu di um jardim  
Présu nu arçapão.  
Quanu meus canerim canta  
Disfarça meu coração,  
Ai! meu bem, qui judiação,  
Tem meus canerim,  
Vel di atreição,  
Vel pra descubri  
Sua namoração.

## 3

Eu tenho dois canerim,  
 Qui canta qui é uma beleza,  
 Canta lá nu palaçũ  
 Daquela rica princesa,  
 Dentu di um salão  
 In cima di uma mêsa,  
 Quanu meus canerim canta  
 Disfarça as minha tristeza.  
 Ai! meu bem, qui certeza,  
 Tem meus canerim  
 E' da natureza,  
 Vévi cantanu  
 I não tem tristeza.

## 4

Eu ví dois passu cantanu  
 Num gatu di amora,  
 Canta lá nu palaçũ  
 Na casa qui meu bem mora,  
 Dentu di um jardim,  
 Prêsa numa gaióla  
 Quanu meus canerim canta,  
 Quem tem suas tristêza chora.  
 Ai! meu bem, u qui eu façũ agora,  
 Tem meus canerim é quem mi consola,  
 Não redobra mais  
 Qui eu já vô mimbora.

## 5

Querê bem é muito doci  
 Cumu mé di alucrim,  
 Éli é dóci du principu  
 Tem um amargusim nu fim,  
 Ví dois canerim cantanu  
 Dentu di um jardim,  
 Canta lá nu palaçũ  
 Na casa di meu benzim.  
 Ai! meu hem, cê num fais assim,  
 Tem meus canerim prá pidí pru mim,  
 Não redobra mais  
 Qui hei di tê um fim.



## MODA DO DESPEITADO

Antônio Brás — Atolador

### 1

Eu vô cantá essa moda  
Semprí danu qui intendê,  
U amô senu firmi  
Amanti sempri ha di sê,  
Mi ama cum lialdadi  
Qui u meu sintidu num vira,  
U querê bem qui eu ti queru  
Du meus peitu ninguem tira,  
Quem ama, recrama e chora,  
Senti suspira!

### 2

Coração qui é amoroso,  
Quanu chega a querê bem,  
Passa u tempu qui passá  
Lialdadi sempri tem,  
Moça si vois mi ama  
Eu queru ficá cienti,  
Mi dá sintoma di amô  
Queru sabê perfeitamentl,  
Quem ama recrama i chora  
Suspira i senti!

### 3

Meu coração considera  
U qui vem acontecê,  
Pra dexá di tí amá  
Só si um di nois morrê,  
A sua sempatidadi  
Nessl rumu corri fama,  
Meu coração tí qué bem  
Êsti meus óiu tí ama,  
Quem ama suspira i senti  
Chora i recrama!

Tudu nessí mundu acaba  
 Indas qui sêji di vagasm,  
 U querê bem qui eu ti queru  
 Num acaba nem tem fim,  
 Meu coração ti qué bem  
 U meus ólu ti namora,  
 Esti seu sembranti, môça  
 Não isqueçu nem uma hora,  
 Quem ama recrama i senti  
 Suspira i chora!

## UM ADEUS DE NAMORADOS

(Do mesmo autor)

### 1

Qui moca bunita  
 Meus olhu inxergô,  
 Safu nu salão  
 I num bancu assentô,  
 U meu corpu tremeu  
 Meu coração parô,  
 As corda da viola  
 Di alegre chorô.

### 2

Lá di dentu vel ôtra  
 I elas cochichô...  
 Eu tava di par  
 Quanu elas falô:  
 — Qui môcu bunitu  
 I namoradô.  
 Êssi môçu é sortêru  
 I casada eu não só.

## 3

Eu olhei pra essas moça  
 I elas mim olhô,  
 Foi dois coração  
 Qui si agradô.  
 Corpim dilicadu,  
 Geitim inganadô,  
 U olhadu da moça  
 Quasi mim matô.

## 4

Foi di madrugada  
 Us galu cantô,  
 Fiz minha dispidida  
 Qui caru custô,  
 Peguei na mão da moça  
 I ela mi cramô:  
 — Ocê vai simhora  
 Mais sôdadi dexô.

## 5

Eu peguei u cabrestu,  
 A moça divinhô,  
 Du nossu rabichu  
 Cumu é qui ficô,  
 Eu carcel as ispóra,  
 U cavalu impacô,  
 A moça mi olhava  
 Lá du corredô.

## 6

Amuntei nu cavalu,  
 — Vamu remadô.  
 U sol safu  
 U mundu crariô.  
 A moça mi acenava:  
 — Mi ispera qui eu vô,  
 Tanu juntu cum vois  
 Salvadim eu istô.

U olhadu da moça  
 Quasi mi matô,  
 U sembranti da moça  
 Foi qui mi atraiô,  
 Fiquei muntu duenti  
 Fui nu curadô,  
 Fui fazê consurta  
 Êli mi falô:  
 — Sua duença é quebranti  
 Eu benzí, já sarô.  
 Ocê tava sofrenu  
 E' sôdadi di amô.

### MODA DE NAMÔRO

*Joaquim Alves de Oliveira — Jaraguá*

#### 1

Eu tem meu cavalu  
 Qui so falta falá,  
 Ja me conhece  
 So nu eu arriá,  
 Eu cunversu cum êli:  
 — Vamu in certus lugá,  
 Vamu vê as morena  
 Das água di lá,  
 Eu siguru na reda  
 Pra não dispará.

#### 2

Eu ameí uma minina  
 Foi sem eu maliciá,  
 Ela mi iscreveu carta  
 I mandô mi chamá,  
 I mandô mi dizê  
 Qui é pra nois namorá,  
 Nu dmingu qui vem  
 Eu pareçu pur lá.

## 3

Eu levei cumpanhêru,  
 Para mim ajudá,  
 Eu cheguei nu camim  
 Eu peguei a pensá,  
 Bâti, bâti, coração  
 Bâti, bâti sem pará,  
 Eu tem mêdu  
 Dêli arreventá.

## 4

Cheguei na casa da moça  
 Ela mandô eu intrá,  
 Panhô uma cadêra  
 I mandô eu sentá.  
 Dibruçô na janela  
 Pegô mi oiá,  
 I foi danu um gettim  
 Pra nois dois namorá.

## 5

I mandô afiná,  
 Ela panhô uma viola  
 Afinei, toquei  
 Ela vei sentô juntu  
 I peguei a cantá.  
 E pegô mi ajudá,  
 Esti nossu rabichu  
 Pegô omentá.

## 6

Essa moça bunitinha  
 É facêra nu andá,  
 E' du cabêlu sortu  
 Êli é sortu sem marrá.  
 Ela trança u cabêlu  
 Pra lá i pra cá,  
 Ela deu uma risada  
 I cabô di mim matá.

DOIS CORAÇÕES AMOROSOS  
*José Alves da Costa — Jaraguá*

1

Dois coração amoroso  
E' tristi pra separá  
Suspira recrama e chora  
Quanu vai arritirá.

2

Desti geitu nois dois  
Eu já tem observadu,  
Quanu dispidu di voís,  
Suspiru i choru um mucadu,  
Us nossu`dois coração  
Nasceu pra sê cumbinadu.

3

Dois amanti quanu morri  
Dispídi qui fais pezá,  
Dexa u qui fica choranu  
I fais diferença nu á.

4

Dexa sintí um mucadu  
Cum u meu i u seu  
Quanu incontra dá um suspiru  
Tristi cumu vancê deu,  
Parei sê um sintimentu  
Dí um amô qui já morreu.

5

Seu coração é matadô  
Seus agradu é pirigoso,  
Seu peitu é uma cadela  
Ondi prendi us criminoso.

## 6

Morena esti teus ólu,  
 Eu façú uma cumparação,  
 E' duas faca di ponta  
 Nu peltu dum valentão,  
 Ondi vancê dá u seu gorpi  
 Ofendi i num sára não.

## 7

Eu si falu é pru qui sei,  
 Pru que vancê já mi fendeu,  
 Tô cum foigu paradu,  
 Pu respeltu di um gorpi seu.

## 8

Fais um anu i cincú mels,  
 Qui eu pur vois vivú penanu,  
 Deitu na cama i num durmu  
 Passu a noiti pensanu,  
 Todas hora mi representa  
 Qui vancê tá mi chamanu.

## E L A

*Pedro Ferreira da Silva* — Formosa

## 1

Deltadu na minha cama  
 Variava i não dormia  
 Ví o clarão da lua  
 Achei que era o clarão do dia.

## 2

Me achava acordado  
 Com o escuro da noite eu rompia,  
 Lembrava dos seus carinho  
 Nada mais me servia.

3

Veí o vento e imbalançô  
Jogô meu sintidu pru á,  
Eu vô fazê um votu  
Pra vê si a sorti dá.

4

Mariquinha é um diluvió  
Da marésinha do mar,  
Eu vou fazê um voto  
Qui é pra voís mim isperar.

5

Uma bôca tão cheirosa  
Mais porém do alvi-rosa,  
Lembrava de seus carinho  
Tua fala maciosa.

6

Seu corpinho era tão alvo  
Mais bonito que havia,  
Eu faço a cumparação  
Do que mais me parecia:  
Parecia a estrela d'alva  
Junto com a barra do dia.

A B C DO AMOR

*Antônio Alves da Costa — Itaberá*

1

Cum A qui si iscrevi ausenti  
Ausenti di voís eu vivu,  
Cum B si iscrevi banzer  
Pur voís vivu banzativu,  
Cum C si iscrevi cativêru  
Cativu pru voís eu vivu,  
Eu num tinha qui chorá  
Si lhi dessi argum mutivu.



## 2

Cum D si iscrevi duenti  
 Tem meus peitu adilurídu,  
 Cum E si iscrevi isperança  
 Isperança eu tem tidu,  
 Cum F si iscrevi firmeza  
 Tão firmi qu'eu tem sidu,  
 Imboras qui eu moru longi  
 Di vois num tem isquicidu.

## 3

Cum G si iscrevi guerra  
 Por vois vivu guirrianu,  
 Cum H si iscrevi honra  
 U seu nomi eu vivu honranu,  
 Cum I qui si iscrevi inveja  
 U povu tão invèjanu,  
 Morena esti nossu amô  
 Já tem genti cubiçanu.

## 4

Cum J qui si iscrevi juntu  
 Nois dois juntu cunversanu,  
 Cum K si iscrevi carinhu  
 Vancê tá mi carinhanu,  
 Cum L si iscrevi lembrança  
 Di vois eu vivu alembranu,  
 Na hora da dispídida  
 Vois ficava suspiranu.

## 5

Cum M si iscrevi moça  
 Moça da feição formosa,  
 Cum N si iscrevi não  
 Qui palavra rigorosa,  
 Cum O si iscrevi obisequilo  
 Vois é obisequiosa,  
 Quero qui vois dê licença  
 D'eu sê um butão di rosa.

## 6

Cum P qui si iscrevi pena  
 Penanu pru não ti vê,  
 Cum Q si iscrevi querenu  
 Cum eu num ha de querê,  
 Cum R riquirimentu  
 Agora eu vô requerê,  
 Vô tirá um privilêis  
 Pra nois dois juntu vivê.

## 7

Cum S si iscrevi sôdadi  
 I suspiru i sintimentu,  
 Cum T qui si iscrevi tempu  
 Qui é aquele nossu turmentu,  
 Cum U si iscrevi união  
 Qui é du nossu apartamentu,  
 Eu suspiru i vois suspira  
 I ansim vai correnu u tempu.

## 8

Cum V si iscrevi valenti  
 Vô tratá da valentia,  
 Cum X si iscrevi cheganu  
 Aquela hora é qui eu quiria,  
 Cum Z si iscrevi zombanu  
 Agora num mi fais a zombaria,  
 Tem amô i vivu ausenti  
 Num possu tê aliguia.

## 9

A letra di ipisiloni  
 Letra qui não é usada,  
 U nomi qui ela ocupa  
 E' u nomi da minha amada,  
 Vô finalisá essa moda  
 Essa moda tão letrada,  
 Sinhôris me dão disculpa  
 Si esta moda fô errada.

## QUADRAS INFANTIS

Em "Rimes et Jeux de L'enfance", E. Rolland escreveu:

— "De toutes les parties du Folklore, celle dont on débrouillera le plus difficilement les origines est la Littérature des Rimes et Jeux qui les enfants se transmettent depuis les temps les plus reculés, qui est la seule qui les amuse, la seule qui conviennent a leur développement mental, et qui diffère si complètement de ce que nos pédagogues utilitaires veulent à toute force leur enseigner". Eis, de fato, uma das facêtas mais puras da tradição.

A escassez do tempo não me permitiu que investigasse as origens das cantigas infantis coligidas em Morrinhos. E aqui fica esta pequena contribuição ao nosso paupérrimo Folclore infantil, a espera de que outrem o faça.

### MARGARIDA

Ondi está a Margarida  
Olê, olê, olá!  
Ondi está a Margarida  
Olê seus cavaleiros.  
Ela está em seus castelos  
Olê, olê, olá!

Ela está em seus castelos  
Olê seus cavaleiros  
Mas eu a quiria ver  
Olê, olê, olá!

Mas eu a quiria ver  
Olê seus cavaleiros.  
Mas o muro é muito alto  
Olê, olê, olá!

Mas o muro é muito alto  
Olê seus cavaleiros.  
Tirando uma pedra  
Olê, olê, olá!

Tirando uma pedra  
Olê seus cavaleiros.  
Está descoberta a Margarida  
Olê, olê, olá!

Está descoberta a Margarida  
Olê seus cavaleiros.

#### BARQUINHA

A barquinha virou,  
Quem deixou ela virar,  
Foi por causa da Maria  
Que não soube remar.

Trilim pra cá  
Trilim pra lá,  
A Maria envem  
Inda quer casá.

#### DESANDA A RODA

Desanda a roda  
Desanda a roda  
Porque quero, porque quero me casar,  
A môça que está na roda  
Escolha um môço para casar  
Este não me serve,  
Este não me agrada;  
Só a ti, só a ti  
Hei de amar  
Hei de amar até morrer.

## MENINA TU ÉS A UVA

Menina tu és a uva  
Da uva que faz o vinho  
Se teus braços fôsem gaiola  
Seria teu passarinho.

Aquela que fôr mais bela  
Com ela me abraçarei  
Aquela que fôr mais bela  
Com ela me abraçarei.

## A MODA DA CARRANQUINHA

A moda da carranquinha  
E' uma moda estrangolada  
Se ponho o joelho em pé  
O povo fica pasmado.

Menina levanta os braços  
Menina sacode a saia  
Menina por ti eu morro  
Menina me dá um abraço.

## A ROSINHA É BELA

A rosinha é bela  
Bela rosinha  
Entrará na roda  
Pra ficá sòzinha.

Sòzinha eu não fico  
E não devo de ficar  
Porque tenho a Maria  
Para ser meu par.

Tira tira teu pêsinho  
Põe juntinho aqui ao meu  
E depois não vais dizer  
Que você se arrependeu.

## O SEU REI MANDOU DIZER

O seu Rei mandou dizer  
Pra mandá uma de vossas filhas  
Minhas filhas não vão lá  
Nem pru ouro nem pru prata  
Nem pru sangue da mulata.

Vinha vindo tão alegre,  
Vou voltando tristisinha,  
Volte, volte cavaleiro,  
Vem escolher a qui quiser,  
Quero esta, quero aquela  
Vestidinha de amarelo.

## SEU LÔBO

Fui passear na floresta  
Enquanto seu lobo envem,  
Está pronto seu lobo?  
— Estou tomando banho.

Fui passear na floresta  
Enquanto seu lobo envem,  
Está pronto seu lobo?  
— Estou enxugando.

Fui passear na floresta, etc.  
Está pronto seu lobo  
— Estou vestindo a calça.

Fui passear na floresta, etc.  
Está pronto seu lobo?  
— Estou vestindo a camisa.

Fui passear, etc.  
Está pronto seu lobo?  
— Estou vestindo o paletó.

---

\* P. Sébillot refere este brinquedo na Alta-Bretanha, sob a epígrafe — *La queue du loup* — com pequena variação. Cp. *Coutumes Populaires de la H. Bretagne.*

Fui passear, etc.  
Está pronto seu lóbo?  
— Estou pondo o chapéu.

Fui passear, etc.  
Está pronto seu lóbo?  
— Estou pegando a bengala.

(Sai agora o seu lóbo correndo atrás das meninas).

### MÃO DIREITA TEM A ROSEIRA

Mão direita tem a roseira — Bis  
Que dá flor na primavera — Bis  
Entraí na roda ó linda roseira — Bis  
E abraçai a mais faceira — Bis  
A mais faceira eu não abraço — Bis  
Vou abraçar a boa companheira — Bis

### PAI FRANCISCO

Pai Francisco que está na roda  
Tocando seu violão, darão, darão  
Que vem de lá seu delegado  
Pai Francisco que está na prisão  
Como êle vem todo requebrando  
Parecendo boneco desengonçado — Bis

### A PASTORA

Era uma vez uma pastora  
Larau, larau, laurito  
Ela fêz uma vassoura  
E matou o seu gatito.

Ela foi se confessar  
Larau, larau, laurito  
Ela foi se confessar  
Com um padre São Francisco.

Seu padre eu me confesso  
Larau, larau, laurito  
Seu padre eu me confesso  
Que matei o meu gatito.

A penitência que eu lhe dou  
Larau, larau, laurito  
A penitência que eu lhe dou  
E' de me dar cá um abracito.

### COMPADRE SERRADOR

O' compadre serrador  
Quantos carros de milho  
Colheu pro ano?  
Vinte e um queimado.  
Quem queimou?  
Foi êsse capetinha do cabelo enrolado.

Quer que prenda?  
Só se fôr já,  
Você comeu franguinho  
E não me deu pedacinho,  
Você comeu frangão  
E não me deu pedaço.

O' compadre serrador.  
Você tem aí uma corda boa  
Pra me emprestar?  
Tenho mais está no galinheiro  
Vamos ver se ela está boa  
(Puxam, então umas meninas os braços das outras,  
como se estivessem puxando uma corda).

F I M



**II PARTE**  
**LENDAS E CONTOS**



## CICLO DO ROMÃOZINHO

### ROMÃOZINHO E A MALDIÇÃO DA MÃE

Foi no distrito de Boa Sorte, no município de Pedro Afonso, divisas do Maranhão.

Sucedeu há muitos anos.

Num rancho, bem na aba da mata verde, morava um casal de pretos, que tinha um negrinho.

O menino era mesmo istriziado, fazedor de estripulias, e de ruim, arrancava pernas às formigas, roubava filhotes de pássaros nos ninhos, gozando a dor das formiguinhas e a aflicção das indefesas aves.

Preguiçoso, era no entanto bom brincador, não perdendo vaza de tupiar na viola ou cantar côco.

Pai de Romãozinho, assim chamava o moleque isprivitado, puxava enxada na roça, dia inteirinho. Mãe fiava e tecia, e cozinava comer prá família.

Um dia, mãe do negrinho, matou uma galinha gorda, fez um quitute gostoso, e mandou Romãozinho levar pru pai. O negrinho resmungando, quebrando muxoxos, safu estrada a fora. No caminho, sentindo o cheiro da comida, sentou à sombra de um umiri perfumado e devorou gulosamente a galinha. Depois, embrulhou os ossos limpos e levou ao pai.

Abrindo a matula, o lavrador esfalmado e suarento deu com os ossos chupados da galinha e perguntou:

— Que é feito da galinha?

— Minha mãe serviu-a a um homem que todo o dia entra lá, com liberdades com ela, e mandou os ossos pru senhor, — caluniou o negrinho ruim.

O lavrador não enxugou o suor que corria pelas rugas cavadas, abalando prá cabana.

Romãozinho seguiu-o festejando.

Pai do moleque encontrou mãe fiando. Disse nada. Arrancou da faca larga, e embebeu-a nas mamas da

mulher; e quando a viu morrendo repetia o recado do negrinho. O pequeno monstro espiava a cena de um canto, rindo e gozando.

Nos olhos da mãe moribunda relampejou derradeira chama, e seus lábios frouxos contraíram articulando uma maldição contra Romãozinho.

Desde aquêlê dia o negrinho desapareceu.

El vive errante assombrando estradas, fazendas, e cidades do Vale do Paraná. Faz ruído, joga pedra nos telhados e areia nas janelas, assobia nas fechaduras; arrebatá a rédea aos cavaleiros e confunde os caminhos. Romãozinho é a assombráção certa dos viajeiros e dos habitantes da extensa região.

Contudo, aos de fora, os estranhos, êle não é maléfico, se não amigo: pois dá recados ao ouvido, procura objetos perdidos, etc.

Os moradores do lugar podem também granjear-lhe a amizade e os favores, oferecendo-lhe comidas, que devem ser postas nas encruzilhadas das estradas.

## ROMÃOZINHO E A MALDIÇÃO DA MÃE

### VERSÃO

No distrito de Boa Sorte, município de Pedro Afonso, havia uma preta que tinha um filho chamado Romãozinho. O negrinho era esperto e inteligente. Porém mau, brigador e preguiçoso. Ocupava-se em cantar côco e desafios nos batuques e pagodes.

Um dia, quando a mãe o repreendia, rebelou-se e lhe deu uma surra de sopapos e pontapés.

Ela então rogou uma praga no malvado negrinho.

Desde êsse dia, Romãozinho desapareceu de casa e começou a assombrar as estradas, vilas, e fazendas da região do Vale do Paraná.

## ROMAOZINHO E O COLETOR

Há no Nordeste Goiano, uma cidadezinha pacata e pitoresca, denominada Cavalcanti. Pequena e de vida rudimentar, foi o campo propício, para origem do episódio entre Romão e o Coletor. Este era um velho feio, ranzinza e arrelento, de quem o povo não gostava. Consta que um dia Romãozinho, em forma de macaco, encontrou-se com o coletor, à meia noite, num local ao redor da povoação. Do que foi tratado nesta conferência íntima, ninguém ficou sabendo.

O que é certo é que todos falam dela e a referem a meia voz...

## ROMAOZINHO, DON JOAO

Na chapada de Veadeiros, que é um tabuleiro vasto de horizontes largos e férteis terras, foi que sucedeu o caso.

As fazendas, ali, salpicam de longe em longe a paisagem verde das planícies imensas, e as brisas frescas correm à solta, em liberdade, sacudindo de quando em quando uma canela-de-ema solitária e sonolenta. À noite, o luar envolve tudo em sua luz morna.

Numa das fazendas, morava uma cabocla, jovem, de faces rubras como a romã, olhos de babosa, seios redondos e alçados, ancas de corça gorda. Romãozinho que passava ali sempre, se apaixonou da donzela e numa noite de luar, à meia noite foi, dirigiu-se ao seu quarto e raptou-a, enquanto dormia.

No dia seguinte a fazenda acordou em rebuliço com o desaparecimento da donzela. Depois de muita procura, foram consultar um prêto feiticeiro que havia nos arredores. O prêto pediu peça de roupa de sinhazinha pra com ela adivinhar seu paradeiro. A peça de roupa, porém, sumiu. E o prêto com muito medo, pedindo segrêdo, afirmou que aquilo era obra de Romãozinho. E até hoje não pôde a cabocla ser encontrada.

## AREA GEOGRÁFICA DA LENDA

De tôdas quantas colhi, é esta lenda a mais importante. Quer pela extensa área que ocupa, quer pelos dados que oferece ao estudo psico-etnográfico das populações.

Ela abrange efetivamente tôda a região Norte e Nordeste do Estado. O que comprova um itinerário que consegui de um informante, observado pelo moleque andarilho em sua eterna peregrinação. O itinerário é o seguinte:

Boa Sorte (ponto de partida), Tocantínia, Pôrto Nacional, Peixe, Natividade, Palma, Arraias, Cavalcanti e Veadeiros. Em seguida, Santa Catarina, Riachão, Planaltina e Santa Luzia.

Romãozinho perorre ininterruptamente estas localidades, assombrando estradas, fazendas e arredores das cidades. Em Corumbá e Pirenópolis, tive notícia das traquinices do pretinho.

O que vem acrescentar, ainda, a zona central do Estado, compreendendo Jaraguá, Itaberaí, Anicuns, etc.

Nas regiões do Norte e do Nordeste, e do Leste, o negrinho desassossegador é soberano. Entretanto na central, a figura de Libono, concorre com a de Romãozinho. Sendo que no Sul só encontrei o velho Saci, tão estudado já em brilhantes trabalhos. No Oeste e Sudeste, segundo informações fidedignas, existe também sòzinho o Saci.

## ROMÃOZINHO E SACI

Temos pois, dois tipos de duendes em áreas geográficas mais ou menos delimitadas, ou melhor acentuadas. Correspondendo perfeitamente à feição etnológica dessas regiões. Os centros mineradores, primeiros embriões da população do Estado, cuja base era constituída dos escravos africanos, foram os centros de fusão dos elementos de aluvião trazidos pela caça ao ouro.

E eles se achavam em maior número ao Norte, Nordeste e zona central. A estas regiões etnológicas corresponde a figura de Romãozinho, que outro não é senão o Saci, modificado e amoldado ao sabor do africano, como brilhantemente demonstrou Basílio de Magalhães nas seguintes linhas de sua obra *Folclore no Brasil*:

“Dêsse ingênuo estado somático inicial arrancaram-no (Saci) fazendo-o sofrer alterações profundas, dois fatores concorrentes: o elemento africano e a superstição religiosa dos brancos, negros e mestiços. Sem perder o antropomorfismo primitivo, não teve o pobre do Saci, condão sobrenatural bastante para repelir a superfetação africana que o salteou, até agora perdurando nele essa deformação em quase todo Brasil.

Tingiu-se-lhe de prêto a epiderme brônzea de mongomalaio; deu-se-lhe um barrete vermelho que é obrigado a não tirar nunca da cabeça; meteu-se-lhe na bôca um cachimbo, que traz sempre apagado — pretexto para pedir fogo ao caminhante e passou também em vários pontos do país, de unípede a bípede”. E falando da Bahia, onde provavelmente se originou a metamorfose, de lá se irradiando, diz: “o nome Saci foi totalmente abolido da tradição popular, na qual apenas ficou a rude idealização do velho mito indígena, que os negros estilizaram à sua imagem e semelhança, dando-lhe batismo novo, e não com voz quimbunda ou ioruba, porém com legítima portuguesa — Romão — Romãozinho”.

Entretanto o Romãozinho goiano é um negrinho bem mais simples, que o seu gêmeo baiano.

Pois não usa barrete vermelho, nem cachimbo na bôca. E' um negrinho como outro qualquer, só muito traquinas e mau. Tipo refinado na escala da evolução mórfrica do Saci. A última palavra. Com efeito nada conserva do horrendo grotesco dêste duende indígena — de uma perna, um braço, olhos de fogo ou dentes verdes, carapuça vermelha, ferida no Joelho, da imaginação primitiva do selvagem, que o afeiçoava apalhado como êle próprio em suas indumentárias festivas.

A mesma diferença se acentua entre as características morais de um e outro. Saci é um duende, perfeita imagem do caráter malévolo e sombrio do selvagem. Romãozinho, apesar de sua origem má, em suas ações

é mais um chocarreiro, um brincalhão de mau gosto, trocista e zombeteiro. Porém serviçal, achador de objetos perdidos e recadeiro. Els um traço moral importante da índole do negro, que a lenda do Romãozinho cristalizou. Sempre serviçal, lembrando — o “sinhor sim”, de pai João sempre pronto, ou de mãe Maria, incansável.

As lendas são fósseis das estratificações espirituais das sociedades humanas. E como tais têm cristalizados elementos que sobrenadavam no inconsciente coletivo na época de sua formação. Sua análise permite penetrar no conhecimento da alma étnica, e decompor os fatores que mais influenciaram a formação de suas tendências.

No presente confronto entre Romãozinho e Saci, aparece-nos fortemente acentuada uma característica da índole do negro: ser serviçal. Característica ausente da índole do indígena, segundo testemunho dos etnógrafos.

## ROMÃOZINHO E OS OUTROS ROMÃOZINHOS

Romãozinho tem vários gêmeos pelo país.

Na Bahia, em São Paulo, no norte de Minas e no Rio Grande do Sul. Lá chegou a saltar as fronteiras, dando origem ao “Negrito del Pastorejo”, no Território das Missões argentino.

O mito é muito antigo. Certamente da época dos primeiros contatos entre africanos e indígenas. Por isso penso que Romãozinho baiano seja o mais antigo de todos. Tanto por ser a Bahia com o Norte o mais antigo empório de braço africano, como pelos caracteres morfológicos mais próximos do Saci, que ele oferece.

Observando-se estes caracteres somáticos, conclui-se que Romãozinho goiano com seu irmão gaúcho, são mais recentes que os demais, porque oferecem uma configuração física mais humana.

Dêstes dois, somaticamente iguais, o goiano me parece ainda o mais novo, considerando os elementos morais e sociais que concorreram para formação das lendas.



Analiseemos, mesmo superficialmente, os elementos da lenda do "Negrinho gaúcho", comparando-os com os da lenda do "Romãozinho goiano".

Em J. Simões Lopes Neto, Contos Gauchescos e Lendas do Sul, encontramos a deliciosa lenda, que ocupa várias páginas. Vou resumí-la:

"Era uma vez um estancieiro muito sovina e mau, que só queria bem três viventes — o filho, o baio, e um escravo, menino, muito pretinho, chamado "Negrinho". Um dia o estancieiro, que possuía bons animais, desafiou a uma corrida de cavalos outro estancieiro vizinho.

Houve grande entusiasmo nos arredores e a pista se encheu de torcedores no dia. Tudo pronto, largaram os animais sob a torcida de numerosa assistência. O Negrinho, o pequeno escravo, montava o baio. Apesar de todos os esforços do pretinho, que fez o que pôde, o baio perdeu a corrida. E o estancieiro teve de pagar o prêmio de mil onças. Furioso, o sovina que só esperava ganhar aquela soma, mandou dar uma surra de rélho no pobrezinho. E depois ordenou que durante trinta dias ficasse de guarda à tropilha de tordilhos, sem comer nem beber. Depois de muitos dias de sofrimento, o Negrinho exausto, faminto, enrolou a rédea nos pulsos para os animais não fugirem e adormeceu. O baio sentindo a rédea frouxa, se escapou, seguido dos outros animais. Pela manhã, acordando, o Negrinho deu falta dos animais e de medo chorou. O filho do estancieiro foi lá e vendo aquilo correu a contar ao pai. Este mandou amarrar outra vez o Negrinho e lhe dar nova tremenda surra de rélho. Depois do que mandou-o campear os animais. O Negrinho chorando, foi ao oratório da Virgem Nossa Senhora, sua madrinha, implorou o seu auxílio, tomou um côto de vela acesa diante da imagem e saiu. Por tôda parte onde passava a vela benta ia pingando cêra no chão; e de cada pingo nascia uma luz nova, e se tornaram tantas que clarearam tudo. E assim o Negrinho pôde achar os animais. Gemendo de cansado, encostou num cupim pensando na Virgem, e o sono o venceu. Pela manhã o menino maleva do estancieiro veio, enxotou os animais e voltou a contar ao pai que os animais não estavam lá. O estancieiro mais irado, mandou dar

outra surra medonha no Negrinho, dar até êle não mais chorar, nem bulir. O Negrinho que chamava pela Virgem, caiu no chão ficando por morto. Jogaram-no então à panela de um formigueiro, para as formigas o devorarem. Três dias depois, o estancieiro, que tinha procurado em vão a tropilha, foi ao formigueiro, e lá encontrou o Negrinho de pé, com a pele lisa, perfeita, o balo ao lado, e junto a tropilha dos tordilhos. E fazendo-lhe guarda, sua madrinha, a Virgem Nossa Senhora.

Então o estancieiro caiu de joelhos aos pés do Negrinho, que risonho, de um salto cavalgou o balo, chupou o beço e tocou a tropilha a galope.

Logo se espalhou a notícia do caso do Negrinho. E logo de tôda a parte vieram notícias de que o Negrinho passara com, uma tropilha de tordilhos, montando o baio. Então muitos acenderam velas e rezaram pela alma do judiado. Daf por diante, quem perdia uma coisa agarrava com Negrinho, com a promessa de acender uma vela no altar da sua madrinha, a Virgem Nossa Senhora. E achava. O Negrinho, que anda sempre à procura dos objetos perdidos, os põe de jeito a serem encontrados pelos donos.

Três características relevam nesta linda guasca.

O "habitat" sulino oferece o cenário e os elementos da trama da história: a estância, os animais, a corrida de cavalos. Tão diferentes do meio da história do pretinho goiano. Esta se desenrola no ambiente pacato da roça — a mãe fiandeira, o filho levando comida para o pai, que trabalha fora.

O meio social também imprimiu seu cunho.

No Sul, exprimem-se relações da sociedade escravista, com suas cenas de castigo dos escravos. Em Goiás, são as relações normais da atual sociedade, numa família rural.

Mais relevante ainda é a terceira característica: o sentimento religioso palpitante em tôdas fases difíceis da história do Negrinho. Revelando esta constante poderosa na formação espiritual daquelas populações. Decalque da catequese dos jesuítas nas missões, durante tantas décadas.

E que por êste fato deveria encontrar-se entre os elementos constituintes da lenda. Aquêles ensinamentos

religiosos sobrenadavam o oceano interior, e no momento preciso se aglutinariam em expressões de atitudes devotas, em episódios miraculosos, que a lenda encerra.

Nada disto vemos na história de Romãozinho goiano. Há uma ausência de sentido religioso, substituído pelo sentido profano — cantor de côco. A História explica esta facêta diversa.

Goiás, como outros Estados, não teve a catequese religiosa inculcada pelas Missões. Não é que suas populações não possuam espírito e sentimento religioso. Mas que êstes não são tão fortes, que se traduzam em expressões necessárias, como no Sul. Em Goiás, o espírito religioso não é tão acentuado. Qualquer observador nota logo êste fato. Prejuízo talvez de falta de padres, de uma parte, do afastamento da religião por escândalo de alguns sacerdotes, por outra parte.

Daí o sentido mundano, predominando. As próprias festas religiosas, como ficou patente, têm uma estrutura acentuadamente profana.

\* \* \*

Das relações sociais constantes das duas versões regionais da lenda de Romãozinho, se depreende pois maior antiguidade do Negrinho sulino sôbre o goiano, que agora já pode ser declarado o benjamim da turma.

## SACI, ROMAOZINHO E OUTROS DUENDES EUROPEUS

Vimos a identidade entre Saci e Romãozinho não sendo êste último mais que uma corruptela africana do caricato guri-indígena. Interessante será agora relancear os olhos pelos duendes parentes de outros povos.

Gustavo Barroso, por primeiro, em o *Sertão e o Mundo*, página 262, filiou nosso Saci aos ciápodos narados por Plínio em sua História Natural, em que criam os antigos. Possíveis antepassados dos Lutins, dos Dracs, tão difundidos na Europa, como relatam P. Sébillot, A. Orain, F. Bladé, E. H. Carnoy e outros.

Com efeito, a estes gênios boêmios e gracejadores se atribuem numerosas ações e malandragens características de nossos Saci e Romãozinho, como se verifica das citações seguintes: “Les Dracs sont de petits esprits, qui se plaisent dans les écuries. Pendant le jour, ils se cachent ou ils peuvent, sous la litière, et dans les trous des murs.

La nuit, ils sortent, et vont tresser le crin des chevaux, comme l’homme le plus adroit ne serait pas en état de le faire. Si les maîtres ne ferment pas à clef le coffre-avoine, les Dracs ne manque pas d’aller y en prendre, pour le donner aux chevaux. (Contes Populaires de La Gascogne — página 221).

Les Lutins... jouer de tous, tantôt bon, tantôt mauvais, toujours capricieux. Au milieu de la nuit, le lutin ouvre les écuries, sort les chevaux, les enfouche et vá les promener au clair de lune”. Em outras passagens ainda se lhes atribuem assoviar nas fechaduras, jogar pedras, etc. Tal como nosso Saci.

Os próprios dentes verdes de certas descrições locais do Saci, encontramos na figura de Wassernaun — o homem aquático, na Alemanha, “qui ressemble en tout à un autre homme, lorsqu’il ouvre la bouche, on lui voit des dents vertes”, citado por J. Grimm.

Assim pois nosso Saci e nosso Romãozinho não são únicos, porém têm numerosos gêmeos pelo mundo a fora, o que é explicado pela teoria de A. Bastian — das “idéias elementares” comuns a todos os povos, desenvolvida posteriormente pela escola antropológica inglesa, com Tylor, A. Lang, E. Clodd e outros, que explicaram a identidade das concepções culturais em povos afastados espacialmente no globo, pela identidade do espírito humano. Fenômeno a que Tylor denomina “recorência”.

\* \* \*

Concluindo, farei ainda um último paralelo entre os dois duendes nacionais e americanos.

O escritor Osvaldo Orico, em seu livro *Mitos Americanos*, página 153-154, citando Ed. Périé através de Techauer, diz que os velhos, quando avistavam uma moça magra, pálida, tristonha, logo diziam: — isto é obra de Saci. Porque segundo era corrente, as moças

se apaixonavam por êle, sendo a morte a consequência inevitável da paixão.

E transcreve as quadrinhas populares que registam esta crença:

Menina, minha menina,  
Quem te fêz tão triste assim!  
De certo foi o Saci  
Que flor te fêz do seu jardim.

E esta outra:

Os amôres de Saci  
Trazem a morte a seu bem  
Reza à Nossa Senhora  
Que te livre do mal, amém.

Romãozinho, também, é réu dêstes crimes.

O caso da donzela da chapada dos veadeiros é exemplo. E de um caipira, na viagem para Formosa, ouvi esta quadrinha, bem denunciadora:

Quem tem ffa bunita  
Não dexa di não guardá  
Apois u muleque vêvi noiti i dia  
Rodeanu pra rôbá.

## PÉ - DE - GARRAFA

O Vão do Paraná, aquêlê grande vale de sessenta léguas, formado pelas ramificações que correm para o Norte do Estado do espinhaço da Serra Geral, é o "habitat" do Pé-de-Garrafa. Coberto de extensas florestas, verdadeiras muralhas verdes que abrigam os cursos dos rios, o Vão do Paraná é uma região misteriosa, em que o homem se sente assoberbado pela natureza. Metido na mata sombria, remendada aqui e ali por pedacinhos do céu azul, o homem sente-se penetrado do terror da natureza.

E o estalido da fôlha sêca que o mateiro pisou cauteloso, o pio agudo dum pássaro, o farfalhar das manilhas de folhagens seguras do ombro alto dos troncos, ao sôpro do vento — o fazem estremecer e arrepiar.

A mata com seu exército de troncos impassíveis, com seus rúfidos misteriosos estofados de silêncio, é deveras assombrosa. A imaginação aí fervilha. E o terror cria duendes e gênios, que povoam os recessos intrincados e sombrios e trançam nas encruzilhadas dos caminhos. Se o caminheiro topa dois galhinhos cruzados em seu trilho, salta-os se benzendo — foi o Saci que os dispôs assim no caminho.

Se o ouvido alerta escuta um grito agudo, estaca anelante, pálido. Repetindo, retrocede apavorado — é o Pé-de-Garrafa — o gênio mau da mata, corpo de homem, prêto, umbigo branco, um pé só em forma de fundo de garrafa. Vive gritando pelas matas à procura de caminho. Não se deve responder, senão vai aproximando, aproximando... e ninguém sabe, mas deve suceder algo horrível. Habita só as matas fechadas. Lenhadores, caçadores e viajeros, já ouviram seus gritos pavorosos; ou pularam agoniados seus grandes rastros no chão úmido.

Outros entretanto informam que o Pé-de-Garrafa é assim: tem um chifre só na cabeça, um ôlho só na cara,

uma única mão, com garras, e um pé só redondo como fundo de garrafa, que lhe dá o nome. Se alguém o encontrar, declaram êstes informantes, é um perigo: torna-se uma fera terrível e só se pode acertar o tiro no umbigo, único ponto branco e vulnerável.

Contam até que um fazendeiro, passando por uma mata vizinha de sua fazenda, ouviu o grito do Pé-de-Garrafa. Como era valente e não temia nada, respondeu com outro grito. O grito então veio se aproximando, aproximando, cada vez mais forte, mais pavoroso, até que o fazendeiro horrorizado, esporeou o animal, abalando pela estrada a fora, à tôda, chegando esbaforido à fazenda, onde contou o caso.

Esta lenda, das mais famosas do Nordeste colhi-a em Formosa. Segundo constatei por informações de diversos conhecedores do Norte e Leste, ela é corrente entre as populações destas regiões. A. Americano se refere, de passagem, a êste mito, à página 49 de seu livro *Lendas e Encantamentos do Sertão*: "O homem indignou-se e disse que fôsse buscar quem quer que fôsse, rico ou pobre, até mesmo o Pé-de-Garrafa, se o encontrasse". Não é restrita, pois, ao Estado do Piauí, onde primeiro foi colhida por Vale Cabral, segundo pensou um eminente folclorista. O acadêmico Gustavo Barroso afirma mesmo que já a ouviu alhures. Sua área geográfica deve ser portanto bem maior.

## PE'-DE-GARRAFA E BASAJAUN

A primeira vista Pé-de-Garrafa parece produto da imaginação ardente de nosso caboclo. Por tal foi dado muito tempo. Até que o erudito folclorista Gustavo Barroso, lendo a obra de Winson, *Le Folklore du Pays Basque*, encontrou-o em pleno país europeu, nas províncias vasconças, terras de imigração para a América do Sul. Sòmente que lá se chama Basajaun — senhor selvagem. Mas no mais, é igualzinho ao nosso Pé-de-Garrafa — um pé só, o esquerdo, que deixa no solo uma pègada redonda.

## O CICLO DE POLIFEMO

Coube ainda ao ilustre acadêmico demonstrar às páginas 24, 25 e 26 de Colunas do Templo, a raiz primária desta lenda. Ele lhe traça brilhantemente a filogenia. Polifemo, o ciclope da nona Rapsódia de Homero, é o pai. Basajaun o homem selvagem da Andaluzia, é filho. Pé-de-Garrafa — o Basajaun americano, neto.

Isto é confirmado pela história destes monstros.

Polifemo era um gigante horrendo, que tinha um olho só na testa. Ulisses e seus companheiros, tendo naufragado, foram dar a uma praia, onde pastavam rebanhos à sombra de pinheiros. Saltando da pequena embarcação se dirigiram a uma caverna, que era a morada do ciclope. Este chegando, rolou uma pedra enorme e fechou a entrada da gruta. E pôs-se a mungir as ovelhas. Dando com os gregos, perguntou-lhes o que faziam ali.

Ulisses lhe conta então que naufragara.

Ele se refugiara naquela gruta. O monstro sem dizer palavra, pega dois gregos e arremessa-os contra a rocha viva despedaçando-os, e com eles se põe a preparar o jantar. No dia seguinte, pela manhã comeu outros dois e de novo fechou a boca do antro. À noite, depois de ter comido outros dois, Ulisses ofereceu-lhe o seu odre de vinho. Ele aceitou e perguntou-lhe o nome, para ser grato.

— Ninguém, respondeu-lhe o aventureiro.

O ciclope embriagou-se e adormeceu. Então, Ulisses aqueceu ao fogo um espeque de oliveira e, ajudado dos companheiros, o enterrou no único olho do monstro, que urrou tão fortemente que as rochas estremeceram.

Aos gritos do gigante, outros ciclopes acorreram em volta do antro e perguntaram:

— Quem te fere? Quem te mata?

— Ninguém.

Diante desta resposta os ciclopes se foram embora. Ao amanhecer, o cego abriu a porta da caverna para deixar passar os rebanhos, esperando apanhar os gregos; mas estes escapuliram ocultos sob o tosão dos carneiros.



Ouçam agora a mesma história levada pela tradição oral ao país basco e lá adaptada ao meio. Gustavo Barroso resume-a à página 20.

Entretanto, com sua vênia a transcrevemos integralmente de Winson, por nos interessar ao estudo. Vem à página 43, da citada obra sob o título:

### “BASAJAUN AVEUGLÉ”

“Dois soldados do mesmo quartel, tendo obtido baixa, voltavam juntos a pé para a casa. Quando atravessavam uma grande floresta, a noite os surpreendeu. Mas como ao crepúsculo eles tinham visto uma fumaça em certa direção, para aquêle lado se dirigiram e se encontraram diante de uma choupana. Batem à porta. De dentro perguntam:

- Quem está aí?
- Dois amigos.
- Que querem?
- Um pouso para esta noite.

A porta se abre, deixam-nos entrar, e a porta se fecha. Os soldados, apesar de sua coragem, gelaram-se ao se acharem em presença dum Basajaun, cujo todo era de um homem, porém coberto de pêlos e com um só olho no meio da testa. O Basajaun lhes deu comida. Após o jantar, êle os pesou e disse ao mais pesado: Tu para esta tarde, o outro para amanhã.

E logo êle racha o mais gordo de fora a fora, sem sequer lhe tirar as roupas; enfia as partes no espêto, roda-o em uma fogueira, e o come. O outro fica todo aterrorizado, não sabendo que pensar para conservar sua vida. O Basajaun, bem alimentado, dorme. Imediatamente, o soldado toma o espêto que tinha servido para assar seu camarada, fá-lo brasear ao fogo, e afunda-o no olho de Basajaun, cegando-o. O Basajaun, urrando, corre por tôda parte procurando o estranho; o soldado porém, se havia escondido logo no estábulo, no meio da vara de ovelhas de Basajaun, não podendo sair porque a porta estava fechada. No dia seguinte de manhã, Basajaun abriu a porta do estábulo, e, querendo apode-

rar-se do soldado, fêz passar as ovelhas que saíam entre suas pernas, uma a uma; mas acudira ao soldado que devia esfolar uma ovelha e revestir-se de sua pele; a fim de que o cego não o percebesse. Como Basajaun tocava tôdas as ovelhas, a pele de uma delas lhe ficou nas mãos; êle compreendeu que o sujeito tinha passado por baixo. O soldado se escapava satisfeito e Basajaun, que corria atrás dêle como podia, lhe gritou: Toma, pega êste anel, a fim de quando estiveres em tua casa possas contar o feito que praticaste. E jogou-lhe o anel. O soldado pegou-o e o enfiou no dedo: mas o anel se pôs a falar e disse: Estou aqui! Estou aqui! Mais o soldado corria, o cego corria; era como uma só e única peça.

O soldado, cansado, temendo que Basajaun o apanhasse, pensou, ao chegar a um ribeirão, em jogar ali o anel; não pôde porém tirá-lo do dedo. Então, com decisão cortou o dedo e lançou-o com o anel no fundo do ribeirão. O anel, do fundo da água, continuava a gritar: Estou aqui, estou aqui! Basajaun, ouvindo êste chamado, jogou-se n'água e se afogou. O soldado passou então o ribeirão na ponte e foi feliz para casa".

Esta é a história de Basajaun, o homem selvagem, versão euscária de Polifemo, o gigante de um olho só. Folheando *Contes Populaires de la Gascogne*, segundo volume, por M. Jean-François Bladé, à página 33, deparei com outro nome do Polifemo vasconço — Le Bécut:

"Les Bécuts sont des géants grands de sept toises. Ces géants n'ont qu'un oeil, juste au beau milieu du front. Tout le long du jour, ils gardent leurs boeufs et leurs moutons aux cornes d'or, et ramènent ce bétail dans les cavernes le soir, au coucher de soleil".

À página 322 do II volume, explica Bladé ainda: — "Le Bécut personnage légendaire était autrefois un objet d'effroi pour les enfants et les paysans du pays; il avait de commun avec l'ogre la férocité et la voracité; mais il s'un distinguait par un oeil unique qui s'ouvrait au milieu du front".

E aventa uma origem local para êles: seriam oficiais, barões, ou donos de feudos, impostos pela conquista aos galo-romanos, tornados servos. Eram homens altos, fortes e rudes, tendo a cabeça coberta por um capacete

de ferro que só permitia respirar por uma abertura fechada de grade, parecendo um grande olho no meio da cara. Este olho brilhante, junto aos instintos grosseiros destes homens do Norte, aterrorizaram nossas pacíficas populações, que dêles se atemorizaram. Entre elas, ameaçavam-se os meninos com o Bécut.

Entretanto a história do Bécut é outra interessante versão do episódio do cyclope.

Vejamo-la: "Havia uma vez uma viúva, pobre, que vivia em sua casinha com dois filhos, um menino e uma menina. O primeiro tinha treze anos, era forte, ousado e prudente. A menina tinha dez, era bonita e sábia.

Ao fim de sete anos o filho disse à mãe:

— Mãe, de manhã à tarde, eu, você, e minha irmã, matamo-nos no trabalho, para ganhar só o que comer. Quero ir fazer fortuna. Quero ir ao país dos Bécuts, povoado de chifres de ouro, de rebanhos de ovelhas e de bois. A mãe procurou dissuadi-lo pintando-lhe os perigos do país dos gigantes que tinham um olho só na testa. Diante da resolução do mano, a irmã se dispôs a ir também em sua companhia. E partiram, levando a filha uma cruzinha de prata que a mãe lhe dera. Caminharam sete meses, passando privações. Chegaram finalmente ao país selvagem e de montanhas altas. Todo dia, de manhã à tarde, os dois procuravam chifres de ouro nas montanhas, escondendo-se entre rochedos, para não serem vistos. E ao cabo de sete dias encheram os alforjes de chifres de ouro. E estavam contando e fazendo seus cálculos de volta, quando foram pressentidos por um Bécut, que os apanhou e levou até sua caverna. Com um golpe de cajado, o Bécut afastou a enorme laje que fechava a entrada, contou o rebanho, guardou-o e fechou outra vez a entrada. Convidou em seguida "os cristãozinhos" a jantar com êle. Acendeu o fogo, pôs um quintal de pão na mesa e sete grandes odres de vinho. E mandou que o pequeno contasse uma história. Ele o fez, com agrado do gigante. Em seguida, mandou a irmãzinha. Ela que sabia belas orações, pôs-se a recitá-las. O gigante irritado, mandou-a parar, pegou-a, despiu-a e a arremessou contra uma pedra; em seguida enfiando-lhe um espeque, a assou viva ao fogo. Voltando à mesa, ofereceu um pedaço ao

irmão, que recusou. Enraivecido prometeu o mesmo ao pequeno, enquanto de uma bocada engoliu a menina. Depois pediu mais histórias, contando-as o menino até meia-noite. Cansado, cheio de comida e de vinho, adormeceu roncando como uma tempestade.

Então o pequeno, devagar, de mansinho, aproximou-se da lareira, empunhou um tição pontudo e meteu-o com tôda a fôrça no olho do Bécut. Este ficou cego e gritava correndo pela caverna à procura do menino. Aos gritos do gigante acorreram outros gigantes de suas cavernas: -- Que é isto? Informados do ocorrido, entraram e procuraram o menino. Este porém se escondera sob uma cama de palha de animais entre os bois e as cabras de chifre de ouro. Não o achando, foram-se embora, fechando outra vez a caverna. Três dias e três noites o Bécut e seu rebanho passaram na caverna sem comer nem beber. Ao cabò, o rebanho gritava de fome e de sêde. O gigante resolveu então abrir a caverna. E la tateando com as mãos cada cabra, cada boi, os quais fazia passar um a um, a fim de que o menino não escapasse. Entre as cabras, o menino esperava de quatro, sob uma delas. Chegada a sua vez, aproximou-se sem mêdo. O gigante, tateando a lâ do dorso, percebeu que o pêlo se ajustava mal. E disse:

— Ah! cristãozinho, ah! canalha, espera...

Porém o menino escapou-se velozmente. O gigante em vão bradou socorro aos irmãos, que não mais atenderam.

No fim de três dias e três noites o gigante vomitou muito; a menina, pela virtude da cruz de prata, estava viva. O irmão lavou a irmãzinha e levou-a de volta, com as cabaças de ouro".

Mas não é só nas províncias vascafnas que existe a lenda do gigante antropófago, de um olho só. A. Van Gennep, em *La Formation des Légendes*, página 7, mostrando as relações entre a produção literária e a oral, que é o Folclore, acrescenta:

"On ne sait d'où Perrault a tiré Cendrillon, mais on sait qu'il existe plus de 400 variantes sur ce conte, de tous temps e en tous pays. On ne sait de quel matelot ni de quelle localité Homère tenait la légende de Polyphème, mais on sait que ce même thème du

monstre Antropophage se rencontre dans toute l'Europe moderne et au Caucase. Or, Cendrillon et Polyphème sont précisément des cas typiques d'un double courant. Puisés dans le fonds populaire, ces deux thèmes ont été littéralisés, allant du collectif à l'individuel. Puis ils son revenus dans le peuple et se sont répandus à travers le monde, Cendrillon depuis l'Europe jusqu'au Extrême-Orient et en Amérique, Polyphème dans l'Europe centrale et orientale seulement".

\* \* \*

Viu o leitor quanta metamorfose sofreu o velho ciclope heleno, em suas peregrinações orais pela Europa central e oriental até chegar à América. Na Gasconha ordinariamente invisível, denunciado só pelo rastro e pelos gritos, de vez em quando toma a forma humana. Ao Brasil passou sob este último aspecto humano sendo que na segunda figuração registada em Formosa, aparece clara a característica do Polifemo, e lhe são misturados elementos do Saci, como o chifre na testa. Os gritos pavorosos, que, na lenda grega como na euscária, significavam — uivos de dor, em nossos sertões passaram a significar — procura de caminhos, motivo sugerido pelo "habitat".

Ainda a este respeito há no tabu de se responder aos gritos do Pé-de-Garrafa, uma reminiscência confusa da denúncia do anel — eu estou aqui. E a só vulnerabilidade do umbigo, não lembra o episódio do ôlho vazado, a única maneira praticável e praticada de fugir ao monstro?

## MITOS DAS AGUAS

### O NEGRO D'AGUA

Habita as margens dos rios que correm pelo Vão do Paraná. E' todo prêto. Cabeça pelada.

Mãos e pés de pato. Aparece entre pedras à tardinha ou em noites de luar, a canoeiros e pescadores do Tocantins e seus afluentes. E procura virar a canoa. E' bobagem atirar — bala bate no couro peludo do negro e mergulha na água.

Contam que uma noite de luar, um pescador singrava as águas prateadas do grande rio, de retôrno a casa. Sentado a ré da canoa comprida, o caboclo cismava, olhando a margem sonolenta, desbeichando a ramagem verde do arvoredado sôbre a água em remanso. A natureza tôda repousava, só perturbando o silêncio o bater compassado do remo n'água. E o caboclo continuava olhando a cismar a margem sombria, que ia interromper numa prainha, povoada de pedras altas. De repente uma remada vigorosa estacou a canoa que deslizava suave. Enteriçado o canoeiro fitava atentamente as pedras altas. A lua, naquele instante, se escondera atrás de uma nuvem pequena. Mal se podia perceber um vulto prêto movendo a meio corpo em direção à canoa. Outra remada vigorosa, mais outra, desviou a embarcação para a margem esquerda. O vulto se aproximando cauteloso, sorrateiro. Nesse momento a lua deixou a nuvem, iluminando a face do rio. Uma gargalhada estridente de cima da copa florida do cambará, reboou mata a fora. O caboclo estremeceu, retêso nos músculos. Perto, a menos de cinco braçadas, um negro peludo com a calva alumiando, estendia os braços para a embarcação. Era o Negro D'água. O canoeiro cada-vérico, como se fôsse de mola, vergava e aprumava, fustigando violentamente com o remo as águas que

espumavam. O negro aproximando cada vez mais. Num instante, a canoa pendeu pro lado. Duas mãos de pato desconformes seguravam o bordo direito. De um salto o canoeiro estava de pé. Uma lâmina comprida faiscou ao luar e zás... A canoa aliviada deslizou rapidamente, apanhada por um braço da corrente.

Do alto do cambará, engrinaldado de flôres, o Jurupari soltou outra gargalhada estridente e louca, acordando os ecos no fundo da floresta.

\* \* \*

Eis aí uma lenda, verdadeiramente autoctone. De sabor bem sertanejo. Entretanto, a trama complicada da tradição oral, em que a lei de migração de Grimm tem grande valor, nos põe de sobreaviso sôbre veredictos apressados.

Compulsando nossa literatura folclórica encontramos em *Lendas e Superstições do Norte do Brasil*, de João A. de Freitas, a lenda do Cabeça-de-Cuia, corrente em Piauí. Trata-se de um monstro, que em certos dias da semana, à noite, costuma aparecer a banhistas das águas do caudaloso Paranaíba. E' representado por uma figura animada, que tem a cabeça à semelhança de uma cuia. E daí chamarem-no — Cabeça-de-Cuia. Ninguém ainda conseguiu ver-lhe o corpo. É' o terror dos banhistas, quando sòzinhos vão, à noite, se banhar, pois vai traçoicamente se aproximando do indivíduo, pouco a pouco, e se êste não se evadir em tempo, será apanhado por êle e submergido incontinenti.

Por certos caracteres somáticos semelhantes, cabeça em forma de cuia, pelada, pela identidade de caráter agressivo, procurando afogar os incautos que lhe ficam à mão, direi que nosso Negro D'água é o Cabeça-de-Cuia, de lá emigrado nos rastros do Pé-de-Garrafa.

Alterado naturalmente pela imaginação do caboclo goiano, que lhe adicionou mãos e pés de pato. Pois bem. O jovem e erudito folclorista Joaquim Ribeiro, em seu brilhante trabalho *A Tradição e as Lendas*, no estudo — Acêrca dos mitos das águas, página 45, refere-se ao Bôto e ao Cabeça-de-Cuia, como lendas de masculinização da Iara. "E" como se vê, nada mais que a

masculinização da Iara”, diz com referência ao Bôto do Amazonas. E mais abaixo, a respeito do Cabeça-de-Cuia: — Para mim esta lenda apenas é uma variação do velho mito indígena, pois, em Folclore, essas transformações são facilmente explicáveis e têm sua razão no evolucionismo abstrato ou imaginativo:

Em quase todos os nossos grandes rios encontramos lendas análogas aparentemente locais, mas que revelam a origem gentílica comum. Entretanto, ainda não possuímos uma documentação exaustiva sobre estas entidades fluviais”.

Perfilhando este ponto de vista que me parece acertado, temos que o Negro D'água nada mais é que uma variação local do mito indígena da Igpupiara. Aqui também, a lenda se apresenta revestida de sua expressão primitiva, pois falta ao Negro D'água aquela característica relevante de encantamento que a lenda indígena da Igpupiara adquiriu em contato com as sereias mediterrâneas que os portugueses trouxeram para cá, constituindo a Iara.

Modificada esta ainda depois pelo contato com o Yê-man-já dos negros, dando origem à Mãe-D'água, como ex-cátedra tratou o eminente folclorista mineiro. E' esta pois uma lenda legitimamente brasileira.

A guisa de curiosidade, ocorre-me citar aqui um duende de águas que fiquei conhecendo, através da obra de P. Sébillot, *Le Folklore des Pêcheurs*:

“Les pêcheurs de Bohème disent qu'un esprit des eaux se tient près du rivage avec une massue et qu'il détruit les enfants; ils n'osent secourir un homme qui se noie, dans la crainte que cet esprit ne s'entrouve offensé, et qu'il éloigne le poisson de leurs filets”. Entre os pescadores chineses constata-se igualmente a crença em duendes hostis que habitam os rios. Para não falar dos numerosos gênios fluviais da antiguidade. O caso entretanto, não é de migração da lenda, enquadrando-se antes no sistema de A. Bastian, seguido pelos discípulos Richard, A. Lang, B. Tylor e toda escola antropológica inglesa: “em todos os povos da mesma capacidade mental, a imaginação procede paralelamente e chega às vezes a criações de lendas semelhantes”.



## UMA LENDA ETIOLÓGICA

### O BERIMBAU

Era uma vez um rei famoso que quis escutar todos os instrumentos conhecidos e tocados em seu reino.

Vieram músicos e músicos. Por muitos dias o palácio real se transformou em conservatório musical. E o instrumento que o rei mais gostou de ouvir foi o berimbau (\*). No entretanto mandou enforçar o seu tocador. E' que êste para executar o instrumento não olhava de frente para o rei, mas torcia o rosto para uma banda.

Isto porque o diabo que havia ensinado fazer o berimbau e a executá-lo, muito de propósito inventara que o rosto do tocador deveria ficar torto durante o tempo da execução.

Por esta razão é que todos os tocadores de berimbau, apesar do fato do enforcamento do primeiro tocador de berimbau, trazem o rosto virado para um lado quando tocam êste instrumento.

---

\* Eis um instrumento, pequeno embora, bastante antigo. Cândido de Figueiredo dá como forma portuguesa, brimbão ou brimbão que faz derivar do francês-brimbale. Entretanto na Espanha, onde é conhecido desde a Idade Média, apellida-se birimbão. De sorte que se torna mais lógico admitir sua etimologia do termo espanhol, que se teria passado por empréstimo a Portugal. Mário de Andrade, em seu livro *Música, doce Música*, 1934, São Paulo, após lembrar que Lucas Boileux a considera de origem ameríndia, se refere a velhas fontes lusas desta palavra, que foi usada por Jorge Ferreira de Vasconcelos, em sua comédia *Aulegrafia*: "que as mulheres, se não são sobejamente recolhidas, com um berimbão se enganam". De Portugal pois nos adviria. Conhecido na França, na Itália, na Alemanha, na Inglaterra, nas Ilhas de Salomão, nas Marquesas, em Havaí, no Oeste Africano, em Niassa, na Nova Guiné, no Congo (Mário de Andrade, *ob. cit.*, página 119), é um instrumento quase universal. Na Europa é usado por adultos, sendo mais rico de sons. No Brasil, geralmente, por crianças. O vocábulo marimbão, corrente em certas regiões do país, apesar dos esforços do eminente folclorista e escritor paulista, não se acha esclarecido nem em seu étimo como se corresponde a um outro instrumento de origem africana, visto serem contraditórias as informações de tradicionalistas e pesquisadores.

## TERESA BICUDA

(Conto)

No meio religioso e de extrema moralidade da antiga Vila de Jaraguá, Teresa Bicuda era uma aberração social.

Descrente, nunca visitava a igreja.

Quando era forçada a passar defronte alguma, virava o rosto e praguejava baixinho. A protuberância esquisita dos seus lábios mal feitos, lhe valeu o apelido de Teresa Bicuda. Trabalhava aos domingos. Pra que o povo visse que não respeitava as prescrições eclesásticas.

Era a ofensa à consciência das velhas beatas, que diàriamente freqüentavam as igrejas e capelas de Jaraguá. O terror da meninada vadia. Os homens, não a temendo, desprezavam-na.

Um dia Teresa Bicuda morreu.

Nem uma lágrima surgiu de algum olho cristão. Não merecia lágrimas nem piedade quem não soubera viver e não chamara o padre no seu último momento.

Era costume colonial enterrar os defuntos no corpo das igrejas. Não havia ainda cemitérios em Jaraguá. A capelinha do Rosário, situada ao sopé de suave colina, sempre fôra a depositária dos corpos pobres que não podiam ter o luxo de serem enterrados dentro da matriz. Na capelinha do Rosário foi então enterrada Teresa Bicuda, sem cerimônia preliminar.

Por três noites consecutivas, ao soar da meia-noite, a população ouvia medrosa os gritos que soltava Teresa Bicuda pedindo ser retirado o seu corpo, de dentro da capelinha. All não era o seu lugar na morte, como não fôra em vida. Ao final do terceiro dia, à meia-noite em ponto, Teresa Bicuda saía do seu túmulo e percorria as ruas quietas da vila, gritando desesperadamente.

O terror gelava os que a ouviam. Daquela noite em diante, os notívagos viam sempre surgir lá no fim da rua um imenso vulto branco a correr, deixando cair das suas vestes sujas línguas de fogo, que enchiam o ar do cheiro desagradável do enxôfre. Por onde passava, iam ficando os vestígios de seus pecados.

A grama queimada, secava. Os animais traziam seus pêlos sapecados.

O povo quis pôr um t ermo ao martírio que vinha sofrendo. E os homens mais corajosos da vila exumaram Teresa Bicuda e levaram seu corpo já. em vermes para a serra de Jaraguá.

All, num lugar pedregoso o jogaram. Um forte cheiro de enxôfre enchia o ar.

No local nunca mais surgiu uma planta, mas também Teresa Bicuda não mais aterrorizou com seus gritos a pacata popula o jaraguarense.

### ONÇA DA MÃO TORTA

Os caçadores, principalmente, temem muito encontrar êste monstro. Trata-se de uma onça enorme, rajada, e que tem a pata dianteira torta. Ela   enfeitada, e por mais que a atirem, não sofre nada. Isto porque a onça   a alma penada de um vaqueiro velho.

Êste vaqueiro foi muito ruim, tendo cometido t da a sorte de crimes. Matava, roubava, perdia m cas. Enfim era muito mau. Um dia o vaqueiro, já velho, morreu. Imediatamente nas matas próximas, começou aparecer uma onça grande, esquisita, que tinha a mão torta. Os caçadores encontrando-a, tirotearam longo tempo a fera.

Porém sem resultado algum, pois as balas batiam nela e ca am no chão. E ela se retirou calmamente para o interior da mata. Todo o mundo acredita que essa onça seja encarna o da alma do vaqueiro, que castigada anda errando pelas florestas da região. Veiga Miranda, em *Mau olhar*, São Paulo, 1925 se refere   existência de um monstro, em Minas — Onça maneta, que certamente   gêmea da — Onça da mão torta.

### POÇO DA CAMISA

Perto de Arralas, cidadezinha das mais velhas do Norte goiano,   que fica situado êste poço. Distante uma légua da fazenda do Honorato e da fazenda Varjão.







**III PARTE**  
**SUPERSTIÇÕES E MAGIA**







"Mas é curioso todavia como em matéria de crença e religião a história passada e presente da alma humana retrata a própria estrutura da terra. As camadas de estratos que o tempo foi depondo uns sôbre outros e que os sismos e as intempéries andaram desordenando, nos mostram como ao lado das mais recentes aluviões se encontram rochas arqueanas e sedimentos de passagem, distanciados, na origem, por milênios, mas subsistentes, numa igualdade de situação e numa contemporaneidade de presença, que perturba aos mais desprevenidos. Na superfície do planêta encontram-se os vestígios de tôdas as suas vicissitudes, sem que agora se possa velar e obscurecer tôdas as fases sucessivas de outrora, realizando-se o paradoxo cronológico de um passado sempre presente. O mesmo das religiões e crenças da humanidade: Sucedem-se, mas não se substituem completamente, os escrúpulos, os pavores, as interdições, os tabus, o animismo fetichista, o totemismo, as religiões organizadas, dos cultos bárbaros até o cristianismo quase ateu da última hora continuam em nossos dias, nos seus temores, crenças, interpretações, sortilégios, magias, ritos, intolerâncias, sectarismos, prognósticos, acrescentados e não esquecidos.

E isto não só por todo o mundo, mas até em cada parte do mundo. Como uma rocha ígneo-metamórfica que irrompe nas formações recentes, no cristão de hoje está adido, senão às vêzes sôbre estante, o supersticioso de sempre. No povo, que não muda, elas continuam indefinidamente.

Dai, como história, e como uma verificação ordinária, o interesse pelo seu estudo etnográfico".

Eis, leitor amigo, a transcendência das credulices, superstições e magias que nestas páginas reuni sob essa epígrafe.

São restos de Fetichismo, de Totemismo, de Magia, de Animismo, de Manismo, muitas vêzes consubstanciados com resíduos cristãos (\*).

---

\* E aí se encontra a plenitude do sentido de Folclore que é realmente um estudo de sobrevivências. Gomme, J. Baldwin, Luquet, são concordes na afirmação desta finalidade do folclore — de "pesquisa das manifestações populares, sobrevivências de um estágio inferior". A Tylor, em *La civilisation primitive* — Paris, 1876-78 — se deve esta teoria, tendo escrito: "Um grande número de processos, de costumes, de opiniões foram transpor-

E como tais, não apenas curiosos, Pois como escreveu Artur Ramos — “o estudo do sentimento religioso é o melhor caminho para se penetrar na psicologia de um povo. Leva diretamente a êsses estratos profundos do inconsciente coletivo, desvendando-nos esta base emocional comum, que é o verdadeiro dínamo das realizações sociais” (\*).

Realmente. O homem do campo e da cidade, não inventou esta crendice ou aquela forma de benzeção. Aprendeu-a de outros homens.

E aí está o filão muitas vêzes milenário da tradição, elaborada nas cosmogonias das étnias primitivas, e disseminada por terras e povos mais diversos, concentrando-se aqui, diluindo-se acolá, sempre operosa na formação do esplêndido mosaico psíquico característico de cada povo. E quando os beiços grossos do negro ou do caboclo, murmuram fórmulas rituais, — governa-o, como disse João Ribeiro, uma tradição popular antiga que lhe dita as palavras, e como todo homem primitivo êle tem mais a consciência da espécie que a de si próprio. O seu povo, que não êle, é quem lhe inspira seus métodos.

No estudo das superstições e magias colgidas em Goiás, estabeleci três ordens de temas que me pareceram abranger tôda a matéria.

- a) Temas mágicos rituais
- b) Temas mágicos cristãos
- c) Temas puramente mágicos.

Os primeiros compreendem o uso mágico de objetos ou figuras, resqúcios de velhos cultos de animais ou astros.

O segundo, o uso mágico de objetos, orações ou figuras, ligados ao culto católico.

O terceiro, a atribuição em geral a animais, aves, coisas, datas, números, de podêres benéficos ou maléficos.

---

tados pela força do hábito a um estado social diferente daquele onde nasceram, e subsistem desde então como testemunhas e exemplos de um antigo estado moral e intelectual do qual saiu um novo estado”. E o Folclore se torna realmente uma ciência subsidiária da antropologia cultural, ao lado da arqueologia, da etnografia, da lingüística.

\* O Negro Brasileiro.





para fazer parar a chuva, faz-se o "ólho-de-sol", ou "ólho-de-boi", rodando o calcanhar e o dedão em círculo no chão. O que se obtém é a figura de um círculo — representativo do sol.

Esta magia dissemos é também de origem ritual. Provém do culto do sol, na antiguidade.

Personificando a vida, a fonte do calor e da fecundidade terrestre, teve o sol um lugar de relêvo entre os demais deuses da mitologia indo-européia. Seu culto foi geral — desde a distante Índia até o norte europeu. Sûrya em hindu, Bel entre os drúidas, Hélios dos gregos, Sol dos latinos, Sanil gótico, Soluce eslavo, Mitra pérsico. Segundo a figuração mais freqüente da imaginação dos povos indo-europeus, o sol era transportado pelo céu a fora em carro tirado por cavalos brancos, sete, segundo uns, quatro e dois, segundo outros.

O sol ainda, entre o povo egípcio, era concebido como um divino bezerro, que renascia a cada aurora e que atravessava o céu num bote celeste. Há, pois, na mitologia egípcia uma quase identidade entre estas duas divindades — O Sol e o touro — sendo esta última como vimos, representativa da primeira. Não será um fóssil mitológico essa denominação dupla da magia ritual encontrada em nossas tradições populares, para afastar a chuva, ou fazê-la parar — ólho-de-sol ou ólho-de-boi?!

As festas que se celebravam em sua honra, duas vêzes no ano nos solstícios, como já vimos, traduzem a importância de seu culto. Nada, pois, mais natural do que este milenar culto, desaparecendo, deixasse vestígios nas práticas mágicas dos povos modernos.

A figura do sol, fonte da luz e do calor, é invocada então pelo caboclo e muita gente, não cabocla, para conjurar uma chuva, uma tempestade, ou fazê-las cessar.

## FOGUEIRA DE SÃO JOÃO

Pelas cidades do interior e fazendas é comum se acenderem fogueiras na noite véspera de São João. Queimam-se fogos, lêem-se sortes, enquanto arde a pira.

Pois bem, entre os usos correntes nesta noite de São João, há o de pular a fogueira bem como de atra-

vessar o braseiro de pés descalços. O que vários realizam, dizem que sem se queimar.

Há nestes costumes uma tradição européia, cujo sentido perdeu-se, conservando-se o ato externo, por mero diletantismo.

Já vimos como entre os povos indo-europeus, os das civilizações norte-africanas e ainda da América Pacífica, o culto ao deus-sol possuía um caráter universal. Ora, entre os ritos deste culto — danças rituais, que se realizavam no princípio da primavera ou no solstício do verão, — saudação matinal ao sol, — oferendas e sacrifícios por ocasião das festas solares, em que também se realizava a cerimônia do fogo novo com a fricção de dois paus, — figurava a prática, entre os povos primitivos, de acender fogueiras nos solstícios de verão e de inverno, em homenagem ao deus-sol, segundo Frobenius, P. Guilherme Schmidt e outros etnólogos. Estas fogueiras tinham um sentido propiciatório sendo frequentemente imoladas vítimas, para que o deus-sol continuasse propício. Havia ainda o costume de se passar a fogueira a pé, descalço, quando já braseiro. E isto era realizado pelos pais, mães e filhos, com sentido de purificação, de preservação de males corporais. E até os rebanhos de ovelhas e o gado eram levados a atravessá-la, para preservarem-se das pestes ou delas se curarem. Entre os hebreus estabeleceu-se em certa época idêntico costume, o qual foi proibido por Moisés, por seu caráter pagão. J. G. Frazer, em sua obra *The golden Bough* ou sua tradução francesa *Le Rameau d'or*, III, Paris, 1911, acentua este duplo efeito do fogo daquelas piras — purificar e preservar de pestes e males — embora rejeite a interpretação que lhe é dada pela escola ritualista (veja-se a propósito o livro *Les saints successeurs des dieux*, Paris, 1907, de P. Santyves). Estas primitivas práticas, com o advento do cristianismo, perderam seu conteúdo ritual solarista, e a Igreja sabidamente não se opôs à continuidade da tradição, a que deu um conteúdo cristão — homenagem a São João, o precursor da luz do mundo — Cristo. É com este sentido cristão, que se acendem ainda em toda a Europa as fogueiras de São João, no solstício de verão, entre nós correspondente ao de inverno. De Portugal vieram-nos







Hás de ir caindo de dez em dez, de nove em nove, de oito em oito, de sete em sete, de seis em seis, de cinco em cinco, de quatro em quatro, de três em três, de dois em dois, de um em um, e esta bicheira há de ficar limpa, salva e sã, assim como ficaram limpas, salvas e sãs as cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo. Três Padres Nossos e três Ave Marias oferecidas às cinco chagas de Jesus Cristo. (*Cancioneiro do Norte*, pág. 42, de Rodrigues de Carvalho).

### *Cura da bicheira nos pampas argentinos:*

“Uno de elas consiste en hacer un nudo corredizo con una paja y mirar ao sol, mientras se reza um Padre Nuestro y luego tirar hacia traz la paja anudada. Esta operación es necessario repetirla tres veces. (*Supersticiones y Leyendas*, pág. 60, Juan B. Ambrozetti)”.

## CURA DA DOR DE DENTES

### *Em Goiás:*

Escreve-se três vêzes no chão esta frase:

Ar a mate

Ar a mate

Ar a mate

E rezam-se três Padres e três Aves a Santa Apolônia.

### *Outro processo:*

Uma pessoa colocada diante do paciente diz: Nosso Senhor quando andou no mundo encontrou homem bom, mulher má, cama de palha, casa vazia; doença por onde entra, por aí, sai. E conta a seguinte história:

Uma vez, quando Nosso Senhor andava no mundo, numa noite de tempestade, apertado pela fome e pelo cansaço, resolveu bater numa casa para pedir pousada.

Ouvindo bater, a dona perguntou quem era. Jesus respondeu que era um viajante que pedia abrigo, até o

dia amanhecer, pois era impossível seguir com tamanho temporal. A desumana mulher respondeu: — “não dou pousada não.”

O Senhor coitadinho saiu e a custo chegou noutra casinha. Bateu. Apareceu então um velhote, que nem o esperou pedir. Foi logo dizendo: — “olha, aí de fora tem um paiol. O senhor entra bem devargazinho, sem que minha mulher veja, pois do contrário ela não o deixará ficar, e saia bem cedo, antes do dia amanhecer.” Durante a noite a mulher começou com dor de dentes. Gritou tanto que ninguém pôde dormir. O velho indo ao paiol buscar palha para aquecer um pano, disse ao viajante que aquêles gritos eram de sua mulher, que estava desatinada de dor. Jesus ofereceu para benzê-la. O velhote com muito medo foi propô-lo à mulher, que ao ter conhecimento da estada ali do viajante, xingou muito o marido e botou Nosso Senhor para fora. Jesus saiu sem enxergar aonde andava; raios caíam uns sôbre os outros.

Quando já estava bem longe, ouviu os gritos do velho que vinha correndo atrás, pedindo-lhe que voltasse para benzer a mulher que estava louca de dor.

Contando-lhe ao mesmo tempo que ela se arrepen-dera do que fizera. Jesus que era muito bom, voltou e benzeu a mulher assim (reza-se colocando a mão sôbre o rosto do sofredor):

“Quando Jesus andou no mundo encontrou homem bom, mulher má, cama de palha, casa vazia e doença por onde entra por aí sal.”

Como notou o leitor na primeira dessas benzeções aparece Santa Apolônia, cuja crença de protetora contra as dores de dentes, nos veio de fora.

Em *Folklore de La Beauce e de Perche*, encontramos:

“Pour guerir le mal de dent:

Sainte Apolline, assise sur une pierre de marbre, Notre Seigneur passant par là, lui dît:

— Apolline, qui fait-tu là?

— Je suis ici par mon chef, par mon saint, pour mal de dent.

Apolline, retourne-toi, si c'est une goutte de sang, elle tombera: si c'est un ver, il mourra.” Cinco Pater et cinco Ave em honra de Nossa Senhora.

Idêntica passagem se encontra em *Le Folklore des Hautes-Vosges*, par L. F. Sauvé.

“Saint Apolline est invoquée contre le mal de dent. L'oraison suivante, recitée d'un coeur fervent, n'est jamais dit-on, restée sans effet”. Em seguida vem a oração referida acima. (Pág. 35). Eduardo Campos, em seu interessante trabalho *Medicina popular*, superstições, crendices, mezinhas, — recolheu uma história que considero versão desta. Vejamo-la: “Andava Nosso Senhor no mundo, mais São Pedro. Um dia, chegara numa casa, na horinha em que o dono dela ia botando o pé no estribo do cavalo, pra partir de viagem. Aí São Pedro olhou pro homem e lhe disse: “Nós queremos pousada”. O homem que era bom, mais ia viajar, disse: — Pode falar com minha mulher. Mas a mulher quando o homem saiu, recebeu N. Senhor e S. Pedro muito mal. E quando São Pedro perguntou se tinha um lugarzinho pra comerem, ela disse que tinha um, lá no chiqueiro de cabra. Aí S. Pedro perguntou se tinha qualquer coisa pra eles forrarem o chão pra dormirem. Ela respondeu zangada que lá no chiqueiro tinha uma esteira velha. E foi nessa esteira velha e no chiqueiro de cabra que N. Senhor e São Pedro dormiram. No outro dia Jesus e São Pedro agradeceram a hospedagem e viajaram. Quando o marido da mulher ruim voltou, encontrou a mulher engasgada com uma espinha. Aperreou-se procurando um remédio e num achou pra livrar a mulher dele daquele aperreio. Então se lembrou de pedir a ajuda daqueles viajantes que tinham dormido em sua casa. Montou no cavalo e correu até se encontrar com N. Senhor e São Pedro. N. Senhor diz, volta e diz pra tua mulher.

Homem bom  
Mulher ruim  
Esteira velha  
Chiqueiro de cabra.

Com se vê, a narrativa é quase igual, embora nesta figure o motivo da espinha de peixe, em vez de dor de dente.

## PARA AFUGENTAR COBRAS

“Santana é mãe de Maria e Maria é mãe de Jesus.

Palavras santas,  
Palavras certas  
Fique esta casa  
De cobras deserta.

Salam de nove a oito, de oito, a sete, de sete a seis, de seis a cinco, de cinco a quatro, de quatro a três, de três a duas, de duas a uma, até ficar cobra nenhuma.”

Esta última parte é uma herança de processos europeus, de cura de mordeduras de víboras, citados por João Ribeiro, à pág. 116 de sua importante obra o *FOLCLORE*:

Nine double is he  
Now from nine double to eight double  
And from eight double to seven double  
And from eight double to six  
And from eight double to five  
And from eight double to one  
No double hath ne.

## PARA O GADO NÃO ESTOURAR

Santo Antônio dizia missa  
Jesus Cristo benzia o altar  
Santo Antônio benze este gado  
Para êle não estourar.

Estender-nos-famos ainda muito se estampássemos aqui numerosas práticas mágicas com imagens de Santo Antônio, Crucifixos, e Rosários.

Falta porém estudá-las convenientemente, razão por que reservo para outra oportunidade.

— Em Goiás como em Minas, certamente noutras regiões do país, quando a criança, que está mudando os

dentes, arranca um, para garantir o nascimento de outro, é preciso que o atire sôbre a casa, dizendo três vêzes:

Dandão, Dandão  
Tome seu dente pobre  
E me dá um são.

Êste costume nos velo de Portugal, onde J. Leite de Vasconcelos em *Ensaios Etnográficos*, volume III, página 223, registra semelhante magia:

Telhadão, telhadão  
Tome la mê dente podre  
E dá cá o tô são.

१५

### III — TEMAS PURAMENTE MAGICOS

Presságios diversos ligados a aves, animais.

1 — Acauã — Quando canta perto da casa pressagia a morte e desgraça. Para conjurar o agouro, queima-se-lhe o bico; toma-se um tição em brasa, aponta-se no rumo do canto, e reza-se um Creio em Deus Padre.

Nota I — No Amazonas, segundo Barbosa Rodrigues, o canto desta ave exerce fascinação sôbre as mulheres histéricas, que em seus acessos reproduzem-no fielmente. Confer. *Revista Brasileira*, tomo II, páginas 24 a 47.

Nota II — Na Argentina, segundo Ambrozetti, a Acauã é igualmente agoureira, usando-se lá também queimar o bico com tição aceso. *Supersticiones e Leyendas*, página 56.

2 — Cachorro uivando, quando há doente em casa é mau agouro. Quando se espoja no chão, é hóspede que chega para o dono. Quando dorme de patas para cima é sinal de chuva.

Nota I — “En Andaluzia, — quando um perro ahubla cerca del lugar donde se encuentra un enfermo, anuncia a este su proxima muerte, y si escarba en un mismo sitio, durante tres dias, señal es de que se prepara la sepultura para el enfermo.

El Folklore Andaluz, organ de la sociedad de este nombre, pág. 59.”

Nota II — “No Território das Missões, na Argentina, — los perros anunciam la visita de personas extraias revolcando-se en nel suelo. *Supersticiones e Leyendas*, Ambrozetti, pág. 57.

Nota III — Entre as populações da região de Buenos Aires, — cachorro preto dormindo de patas para cima, anuncia chuva. Obra citada, pág. 219.

Nota IV — Entre as populações da Asia Menor, igualmente — “si un chien aboie horriblement durant la nuit

en regardent une maison, c'est qu'il va mourir quelqu'un dans cette demeure." *Traditions de l'Asie Mineure*, par Henry Carnoy et Jean Nicolaidès.

Nota V — Também na Alta-Bretanha — "si les chiens aboient avec force, quelqu'un de la maison mourra prochainement." O mesmo se crê na Ilha de Córsega. *Coutumes Populaires de la Haute Bretagne*, P. Sébillot, pág. 150.

Nota VI — Ainda em Lesbos — "Les aboisements plaintifs du chien annoncent la mort de quelqu'un dans le quartier. On dit alors tout bas: Mange-toi la tête."

*Le Folklore de Lesbos*, pág. 340, de G. Georgeakis.

Como se verifica a crença no agouro dos uivos do cão é por assim dizer universal.

De fato deixam profunda impressão aquêles ulvos prolongados no silêncio da noite.

3 — Galinha que canta como galo, pressagia desgraça; mata-se logo ou corta-se a ponta do pé direito.

Nota I — Ambrozetti entre *Los Signos de Desgracia* da região de Buenos Aires, aponta — "Cuando la galinha canta como gallo."

Nota II — Em Andaluzia — "Cuando una gallina canta como el gallo debe matar-se, porque as uno aguero muy malo. Existindo ainda o provérbio: Gallina que canta como el gallo, pone al dueño á caballo; esto es, hace que el dueño muera." Página 202, de *Supersticiones Populares Andaluzas*.

Nota III — Na Alta Bretanha. "Quand les poules chantent le coq, on dit qu'elles sentent la mort de leur maitre."

P. Sébillot, obra citada, pág. 151.

Nota IV — S. V. Sauvè, em *Le Folklore des Hautes-Vosges*, regista semelhante crença do mau agouro do canto da galinha entre os habitantes de Tillot e Vécoux: "Défiez-vous de la poule qu'imité le chant du coq. Elle annonce des contrariétés, des querelles interminables dans la maison de son maitre, dit-on au Thillot; — elle atire la malédiction sûr la famille et les biens de celui-ci, assurent le gens de Vécoux. Vous ferez sagement de la tuer sans tarder. (Pág. 20).



Nota V — Já entre as populações de Lesbos o agouro depende da direção para a qual a galinha está voltada quando canta como galo. Se está voltada para o Oriente — é presságio de felicidade para a casa; se está voltada para o Ocidente, de desgraça; neste caso a mata, e o chefe da família é quem deve comê-la porque seria a êle que se destinaria a desgraça.

G. Georgearkis, ob. cit., pág. 353.

4 — Sapo morando debaixo da cama, a pessoa adocece. Se não fôr expulso o doente morre.

5 — Coruja piando nos arredores da casa pressagia a morte.

Nota I — Já entre os romanos ela predizia desgraças:  
*Saepe malum hoc-nobis, si mens non laeva fuisset*  
*De caelo tactes memini praedicere quercus*  
*Saepe sinistra cava praedixit ab ilice cornix.*

Virgílio, *Bucólica*, Égloga I.

6 — Quem mata urubu tem sete anos de atraso. O urubu em Golás não é uma ave agourelra, mas azarenta quando ofendida, ou morta. Já entre os bretões, quando o corvo grasna voltejando junto uma casa, prenuncia a morte.

*Coutumes Populaires de La Haute Bretagne*. Pág. 150.

7 — Quando o gado faz marria em conjunto perto da casa, é mau agouro: o fazendeiro está para morrer.

8 — Beija-flor, quando adeja sôbre uma pessoa está anunciando alguma notícia. Se é pardo, é de morte. Se é preto, notícia sem importância.

Nota I — No Território Missioneiro da Argentina, entre os Kaigagnes, — “el pica-flôr es considerado animal sabio.” Quando voa perto dos ranchos, é indício de novidades.

Ambrozetti, ob cit., pág. 60.

---

NOTA — A respeito da canção carnavalesca — Quando o galo canta fora de hora, é môça roubada que val dando o fora, — encontramos na Andaluzia: “Cuando un gallo canta antes es señal de que sí pierde una embarcación ó una muchacha huy de sua casa.” Certamente o trecho da canção se inspirou nesta superstição bem disseminada na Europa. *El Folk-lore Andalus*. núm. 91.

## MAGIAS DO TEMPO

### *Presságios de tempo bom ou mau colhidos em Goiás:*

1 — Acauã pousada em árvores secas indica bom tempo. Em árvore verde — chuva.

2 — Cachorro dormindo de patas para cima, é sinal de chuva.

3 — Gato se lavando com a saliva, anuncia chuva.

4 — Cavalo catiando prenuncia chuva.

### *Presságios de tempo bom ou mau entre outros povos:*

Na Argentina, região de Buenos Aires — Cachorro prêto dormindo de patas para cima anuncia chuva.

Na Inglaterra — “el cuco” prenuncia bom tempo.

Na Andaluzia — “es señal de lluvia el pigar los gatos. Cuando los gatos correm por la casa de um lado a otro es señal de viento.” *El Folklore Andaluz*, Marzo 182, pág. 202.

### *Processos para fazer chover*

— Roubar um santo do oratório dum outro e só reconduzir em procissão, depois da primeira chuva.

— Molhar um cruzeiro: os homens e mulheres carregam cântaros e cabaças de água; chegados ao cruzeiro dão-lhe um banho solene.

— Amarrar um bezerro e dar-lhe um banho.

Nota I — Na Espanha, são muito praticadas procissões com a imagem mais venerada na povoação da zona assolada pela seca.

Em Sevilha entre muitos exemplos, podemos apresentar a do Cristo de Agostim, que é levada em procissão de sua igreja a um grande cruzeiro que existe no campo, regressando depois.

## MAGIAS DE APRISIONAMENTO

— Para se prender um animal comprado leva-se a beber água e o último rastro se vira com o facão.

— Para se prender um cão tiram-se três fios do pêlo do rabo, introduzindo-se na lareira, e cobrindo com três pedras.

— Entre os argentinos há a mesma prática porém com vacas: “lo mejor es cortales un mechón de pelos de la cola y enterrarlos en la tranquera del curral.” Ambrozetti, ob. cit., pág. 60.

— Para ter a fidelidade do marido, espeta-se alfinete em sua roupa.

— Para enrabichar o amante as mulheres da vida dão-lhe a beber café coado na camisola ou calça, e outras beberagens fortes.

Também na Argentina encontramos iguais processos:

Para prender marido: — “el llevar escondida una aguja comprada en viernes. Pág. 53. — Las mujeres, en cambio, una vez que han conseguido amante o novio, dificilmente lo largam para lo qual, pueden usar ciertos procedimientos aconsejados para ligarlos; istos se basan en dar a beber, dissimuladamente, en el mate o em qualquier cosa, y eun en los cigarros, pequeníssimos dosis de sangre de menstruo, o sencilmente hacer que el hombre duerma sin apercibir-se sobre alguna pieza de ropa interior manchada con lo mismo.” Ambrozetti, ob. cit., pág. 54.

E na Andaluzia — quando um jovem está enamorado cegamente de uma mulher pouco digna é devido a que esta lhe deu a beber uma *bebida composta*. Com este nome indica o povo tóda a beberagem repugnante de ativos resultados.

## MAU-OLHADO

E' outra credence universal. Na antiguidade tinha muita voga também: Plínio na História Natural, 28º, ensina: *veniam quoque a deis spei alicujus audacioris petimus in sinum spuendo.*

E Teócrito regista em Idílios 6.º, outra maneira de evitar o mau-olhado — bater três vêzes na barriga.

Em Virgílio, a Damoetas, que narrava a magreza do seu rebanho responde Menalcas:

*His certe neque amor causa est: vix ossibus haerent  
Nescio quis teneros oculus mihi fascinat agnos.*

*Bucólica, égloga III.*

O efeito do mau-olhado é o quebranto.

Essa fôrça estranha é deixada na pessoa pela jettatura.

O caboclo defende a prosperidade de sua roça do mau-olhado pelo chifre-de-boi, segundo vimos.

Entre outras práticas preventivas do quebranto, correntes em Goiás, vou citar esta muito comum: Quando se elogia uma criança pela beleza ou robustez, deve-se acrescentar: “benza-o Deus” — isto corta o quebranto.

Se a pessoa não o disser, a mãe deve acrescentar baixinho — “belja no cu dela”.

A primeira fórmula é corrente entre muitos povos europeus. Na Andaluzia, por exemplo, ao cruzar-se na rua com uma mãe que leva um menino de pelto, ao se elogiar a criança, que se acrescenta: Deus te benza. Se a pessoa não disser isto, a criança apanha quebranto.

Para cortar o quebranto a mãe repete: Deus te benza, até que a pessoa se distancie. Entre os povos da Asia Menor — se uma pessoa dotada de mau-olhado diz a uma criança, sem acrescentar a expressão: Mas “por Allah” — como é bonita! A mãe do menino diz a esta pessoa: “Que teu olho esteja no cu do meu menino.”

Graças a esta forma grosseira o menino se torna imune dos efeitos do mau-olhado.

Dai certamente procede a fórmula goiana, trazida pelos numerosos sírios estabelecidos no Estado.

## PRATICAS MEDICINAIS

Encerro esta última parte do meu trabalho sobre Goiás, com a enumeração de algumas interessantes mezinhas da medicina popular.

1 — Chá de estrume de cachorro que se denomina “jasmim-do-campo” cura cachumba.

2 — Estrume fresco de cavalo, cura qualquer ferida rasa.

3 — Chá de lagartixa cura sarampo.

4 — Estrume de coelho — pílulas de São Jorge, cura tersol.

5 — Engasgo se cura cruzando três tições.

6 — Para abreviar um parto — o marido corre três vêzes seguidas em volta da casa, segurando na mão um machado pesado.

7 — Para curar soluço em criança nova — prega-se um fiapinho de baeta na testa.

Nota I — O “jasmim-do-campo” encontramos também na região Missioneira da Argentina, porém, aplicado à varíola: “a estos pobres enfermos (variolosos) se les administra tambien brebajes conteniendo el famoso azucar del campo, o excremento blanco de perro.”

Ambrozetti, ob. cit., pág. 78.

Nota II — O emprêgo da baeta na cura do soluço achamos em Andaluzia: “Cuando un niño de pecho tiene hipo, para que se le pase es bueno arrancar un pelo de la bayta encarnada de la mantila, mojarlo en saliva y ponérselo en la cabeza.”



## ÍNDICE DAS OBRAS CONSULTADAS OU CITADAS NESTE TRABALHO

- ALVARENGA (Onelda), *Cateretês do Sul de Minas Gerais*, Rev. do Arq. Municipal, Volume XXX, São Paulo.
- AMARAL Jr. (Amadeu), *Reisado, Bumba-meu-boi e Pastoris*, Rev. do Arq. Municipal, Volume LXIV, São Paulo, 1940.
- AMBROZETTI (Juan R.), *Supersticiones y Leyendas*.
- AMERICANO DO BRASIL (A.), *Cancioneiro de Trovas do Brasil Central*, ed. M. Lobato, São Paulo, 1940.
- AMERICANO DO BRASIL Jr. (Ig.), *Lendas e Encantamentos do Sertão*.
- ANDRADE (Mário de), *Música, Doce Música*, L. G. Miranda, 1934. *A Nau Catarineta*, in Rev. do Arq. Municipal, n.º LXXIII, São Paulo, 1941.
- BARROSO (Gustavo), *O Sertão e o Mundo*, Rio, 1923. *Colunas do Tempo*.
- BLADÉ (M. Jean François), *Contes populaires de la Gascogne*, 1.º e 2.º volumes. Ed. Maison Neuve. Paris, 1881.
- BOAS (F.), *Les méthodes de la ethnologie*, en *El Antropologista Americano*, N. S. XX, 1920.
- BRAGA (Teófilo), *História da Poesia Popular Portuguesa*. O Povo Português — II.
- BRANDÃO (Geraldo), *Revista Folclore*, n.º 2, 1952.
- CÂMARA CASCUDO (Luís da), *História da Literatura Brasileira*, literatura oral, volume VI, 1952. *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Instituto do Livro, 1952.
- CAMPOS (Eduardo), *Medicina Popular — Superstições, Crenças e Mezinhas*, 1951.
- CARNOY (E. Enri) et NICOLAIDES (J.), *Traditions de l'Asie Mineure*.
- CARVALHO RAMOS (Hugo de), *Tropas e Botadas*, Ed. M. Lobato, São Paulo.
- CASTRO (Derval de), *Páginas do meu sertão*, São Paulo, 1930.
- CHAPISEAU (Felix), *Folklore de la Beauce et du Perche*.
- COELHO (Adolfo), *Revista de Etнологia e Glotologia*, fasc. I.
- COMPARETTI (D.) ed ANCONNA (A.), *Conti e Racconti del popolo Italiano*.
- DELLAGE (F.), *Contes de Charles Perrault*, avec notices, notes e variantes. Paris, 1890.
- DURANT (Will), *História da Civilização*, Tomo I. Comp. Ed. Nacional, 1954.
- FOLK-LORE ANDALUZ (El), *Organo de la sociedad de estro nombre*. Ano I — N.º 1.
- FRAZER (J. G.), *Le Rameau d'Or*, 3 volumes, Tr. Francesa. Paris, 1913.
- FREITAS (João A. de), *Lendas e superstições do Norte do Brasil*.
- GALLET (Luciano), *Estudos de Folclore*, Rio, 1934.
- GENNÉP (A. Von), *La Formation des Légendes*. Paris, 1920.
- GEORGEAKIS (G.), *Le Folklore de Lesbos*.
- GIFFONI (Maria Amália), *Danças Folclóricas Brasileiras*, 1955.
- GUERNATIS (Angelo de), *Mythologie zoologique*, 2 volumes. Tr. Francesa, Paris, 1874.

- KROEBER (A. L.), *Totem e tabu: uma psicoanálise etnológica*.
- LANAG (André), *Mythes, Cultes e Religion*. Tr. Francesa, Paris, 1896.
- LA SALLE (Laisnel de), *Le Berry*.
- LIMA (Francisco P. de), *Folclore Acreano-Brasília*, ed. Rio.
- LOPES NETO (J. Simões), *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*.
- MACHADO (Aires da Mata), *O negro e o garimpo em Minas Gerais*. José Olímpio, Rio.
- MAGALHÃES (Basílio de), *O Folclore no Brasil*. Imprensa Nacional. Rio, 1939.
- MALINOWSKY (B.), *Repression sexual y sociedad salvaje*. Londres, 1927.
- MELO MORAIS, *Festas Populares do Brasil*. Rio.
- MOTA (Leonardo), *Violetos do Norte*.
- MÜLLER (Max), *Nouvelles Leçons sur la science du langage*. Tr. Francesa. Tomo II. Paris, 1886.
- ORICO (Oswaldo), *Mitos Americanos*, 2.<sup>a</sup> edição. Rio, 1930.
- PARIS (Gaston), *Le Petit Poucet et la grande ourse*. Paris, 1875.
- PEIXOTO (Afrânio), *Miçangas*.
- PIFANO, *História Natural* — XXVIII — 7.
- RAMOS (Artur), *O Negro brasileiro*, 2.<sup>a</sup> ed. São Paulo, 1940. *Estudos de Folclore*, ed. Casa do Estudante. Rio.
- RIBEIRO (João), *O Folclore*. Rio, 1919.
- RIBEIRO (Joaquim), *A Tradição e as Lendas*. Rio. *Introdução ao estudo do Folclore Brasileiro*. Ed. Alba. 1946. *Folclore dos Bandeirantes*. José Olímpio. Rio.
- RICARDO (Cassiano), Conferência sobre Castro Alves, na Academia Brasileira de Letras.
- RIVERS (V. H.), *Instinto e Inconsciente*. Cambridge, 1920.
- RODRIGUES (Barbosa), in *Revista Brasileira*, Tomo II.
- RODRIGUES DE CARVALHO, *Canotneiro do Norte*. Paraíba do Norte, 2.<sup>a</sup> ed., 1928.
- RODRIGUES (Nina), *Os africanos no Brasil*. São Paulo, 1837.
- ROLLAND (E.), *Rimes et jeux de l'enfance*.
- ROMERO (Silvio), *Cantos Populares do Brasil*. 2.<sup>a</sup> edição. Rio, 1877.
- SANTYVES (P.), *Les Liturgies populaires*. Paris, 1919. *Essais de Folklore Biblique, Magie, Mythes et Miracles dans l'ancien et le Nouveau Testament*. *Les contes de Perrault*, Paris, 1923.
- SAUVE (S. V.), *Le Folklore des Hautes Vosges*.
- SEBILLOT (Paul), *Coutumes Populaires de la Haute-Bretagne*. Ed. Maisson Neuve. Paris, 1886. *Le Folklore, des Pêcheurs*, idem. Paris, 1884. *Littérature orale de la Haute-Bretagne*, idem, 1881.
- SCHMIDT (P. Guillermo), *História comparada de las Religiones*, Espasa-Calpe S.A., 1932.
- STEINEN (Karl Von den), *Entre os aborígenes do Brasil Central*. Rev. do Arq. Municipal. Volume XLVIII. São Paulo.
- TEÓCRITO, *Idílios-VI*.
- TYLOR (Edward B.), *La civilisation primitive*, 2 volumes. Paris, 1876-78.
- VASCONCELOS (J. Leite de), *Ensaio de Etnografia* — Volume III.
- VEIGA MIRANDA, *Mau-Olhado*. São Paulo, 1925.
- VIRGÍLIO, *Bucólica* — égloga — I-III.
- WINSON (Julien), *Le Folklore du Pays Basque*.





FORMOSA — Grupo de "Curraleira".



O célebre cantador Adolfo Mariano, de  
Goiandira. Ao seu lado, o autor d'este  
livro.



SANTA LUZIA — Sobrado colonial.



URUTAÍ — Moçambiques na celebração de Reis.



JARAGUÁ — Início da dança dos Tapulas.



JARAGUÁ — Aspecto da segunda parte da dança dos Tapulas.



JARAGUÁ — Aspecto da terceira parte da dança dos Tapuias.



JARAGUÁ — A celebração da vitória, quarta parte da dança dos Tapuias.



JARAGUA Outro aspecto da primeira parte da dança dos Tapuias.



CATALÃO — Grupo de Moçambiques na festa de Reis.



CATALÃO — Congados na celebração de Reis.



URUTAI — Congados em dia de Reis.





**BELA VISTA** — Grupo de cantadores (de pé) em companhia do prefeito e do autor deste trabalho (arrentados). Ancondes é o 1.º à esquerda.



PIRINÓPOLIS — Vista de uma rua.



PIRINÓPOLIS Calif.